

Viver e/é contar Histórias

Narrativas autobiográficas
de professores

ORGANIZADORES

EVERARDO PAIVA DE ANDRADE

PATRÍCIA TEIXEIRA DE SÁ



Pedro & João
editores

VIVER E/É CONTAR HISTÓRIAS
Narrativas autobiográficas de
professores

**Everardo Paiva de Andrade
Patrícia Teixeira de Sá
(Organizadores)**

VIVER E/É CONTAR HISTÓRIAS
Narrativas autobiográficas de
professores

Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Everardo Paiva de Andrade; Patrícia Teixeira de Sá [Orgs.]

Viver e/é contar histórias – Narrativas autobiográficas de professores. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. 315p. 16 x 23 cm.

ISBN: 978-25-265-0029-3 [Impresso]

978-65-265-0030-9 [Digital]

1. Viver. 2. Contar histórias. 3. Narrativas autobiográficas. 4. Vivências e experiência docente. I. Título.

CDD – 370/900

Arte da capa: Emmanuelle Nascimento

Capa: Petricor Design

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/ Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/ Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luis Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2022

... bonito é o que captamos enquanto passa ...
(Muriel Barbery, *A elegância do ouriço*)

Sumário

Apresentação: Viver e/é contar histórias	11
Patrícia Teixeira de Sá e Everardo Paiva de Andrade	
Prefácio	17
Inês Ferreira de Souza Bragança	
Tanto nas encruzilhadas profissional e pessoal quanto entre a História e a Filosofia	23
Alexandre Taran Sobrinho / Ecce Homo	
Minha história com o ensino de história: Experiências com o passado e com a educação a distância	51
Camila Amorim Mariano	
Passado presente, futuro passado – Narrativa autobiográfica de um professor de História	61
Everardo Paiva de Andrade	
Eu, Professor	73
Fabio André Corrêa Alves	
Memorial	91
Felipe Frazão da Silva	
Vivências e Experiências na Docência	95
Flávia Jovelino da Silva	

Encontros com a docência: memórias de uma professora em (re)construção Hosana do Nascimento Ramôa	109
Trabalho, lar e botequim – Memórias de um professor interiorano de História Ivan Luís Marques Maia	125
Eu e a educação, um compartilhar de experiências Jean Pierre Borges de Souza	137
A Escola foi meu mundo e no seu chão me tornei professora Juliana Pacheco de Oliveira	161
Meu despertar docente Kessy da Silva Costa Nascimento	179
Hoje retomo o passado Lorena Silva Tato	185
Meu quintal é maior do que o mundo Luã da Silva Marins Felipe	197
Memórias de um professor arrastado pela aprendizagem Marcus Vinicius Rocha Vieira	217
Escritas da trajetória de professora em múltiplos tempos Patrícia Teixeira de Sá	227
Minha história do ensino de história: história vivida, ensinada e contada Pedro Henrique Ferreira Baptista Barud Casqueiro	241

Entre histórias e memórias: a caminhada incessante de um educador	259
Ronilson Oliveira Paulino	
Minha história do ensino de história: história vivida, ensinada e contada	277
Rubens da Silva Pinho	
Histórias e trajetórias de uma professora	293
Silvia Oliveira Cardoso	
Sobre as autoras e os autores	311

Apresentação: Viver e/é contar histórias

Patrícia Teixeira de Sá
Everardo Paiva de Andrade

Em parte como resposta aos esforços realizados pela universidade, em sua busca por uma relação menos verticalizada e mais dialógica com a escola, um número cada vez mais expressivo de professores de História da Educação Básica vem buscando experiências formativas na interface com a universidade, em tempos recentes: por que isso e o que encontram?

Tradicionalmente, o núcleo duro das ofertas da pós-graduação stricto sensu, com seus rituais sofisticados e suas linguagens altamente especializadas e formalizadas, não pareceu seduzir professores mergulhados no dia a dia do trabalho escolar, sobretudo aqueles com um tempo mais longo de dedicação ao ofício, comprometidos com uma outra especialização, construída na experiência corporal e cognitiva com estudantes da escola. O que haveria de novo nesse cenário antigo da formação continuada de professores?

Sim, com todas as indecisões, acertos e erros inerentes ao começo, um Mestrado Profissional em Ensino de História – o Profhistória – e somando-se a ele, mais recentemente, novas perspectivas abertas pela expansão de experiências em história pública no Brasil. Uma das muitas frentes promissoras desse cenário vai se constituindo no aprofundamento do diálogo entre história e educação na Universidade Federal Fluminense, particularmente em torno de dois dos mais antigos núcleos de pesquisa e formação ainda ativos no país – o Laboratório de Ensino de História (LEH) e o Laboratório de História Oral e Imagem (LABHOI).

Com os fios que entrelaçam o Profhistória, o LEH e o LABHOI – ao lado de outras importantes políticas públicas de formação docente, como o PIBID e o Residência Pedagógica – vem se constituindo, desde meados da década passada, a rede Trajetórias Docentes, reunindo em publicações e acervo digital narrativas autobiográficas de professores em diferentes momentos de vida e formação, a partir da escrita de memoriais e de entrevistas públicas em história oral. Um vasto material em vídeo já se encontra disponível em <https://www.youtube.com/channel/UCuMib85fptWUchES3Xzg9SA>.

Em um momento recente desse processo de construção de narrativas autobiográficas, professoras e professores inscritos na disciplina de História do Ensino de História, no núcleo do Profhistória da UFF – confrontadas/os com a sugestão de que seriam criadoras/es de um capítulo secreto da história da história escolar, isto é, aquele que escrevem no cotidiano de suas aulas – foram convidadas/os a narrar essa história.

Entre dúvidas e uma certa desconfiança sobre a natureza ou mesmo o valor dessas histórias, professoras e professores iniciaram a escrita de seus memoriais de vida e formação, reunindo-se numa data previamente agendada para o que chamaram simbolicamente de *entrega pública* de seus memoriais. Esse encontro, organizado a partir de sínteses orais daquelas narrativas, livremente pronunciados por elas e eles, foi registrado em vídeo pelo LABHOI e incorporado ao acervo Trajetória Docentes.

O que é possível *pensar com* essas narrativas, previamente rascunhadas ou roteirizadas em textos ou nos celulares, em parte oralizadas e gravadas ao longo de uma tarde, no começo de julho, no acolhimento do Auditório Paulo Freire da Faculdade de Educação da UFF (sala 318, bloco D), sob o olhar amoroso do Patrono da Educação Brasileira surpreendido no pequeno retrato em preto e branco no fundo da sala? Certamente é possível localizar ali um contexto, ouvir muitas histórias sendo contadas, identificar alguns pontos em comum entre os diversos enredos – não sendo as dificuldades familiares de origem o menos importante deles –, mas também perceber uma

história comum percorrendo a tarde inteira, porque as lembranças de uns marcavam presença nas lembranças dos outros.

De que envolvimento e lembranças se faz esse enredo coletivo? Do pertencimento a uma família de professores, aqui; das necessárias homenagens rendidas às lutas das mulheres que cuidam e educam seus filhos enquanto trabalham, ali; da importância de políticas de permanência estudantil e de programas de iniciação à docência, acolá... Claro, além de muitas outras *singularidades plurais*, de movimentos de reconstrução da identidade profissional, diante de questões pessoais – o nascimento de um filho, o adoecimento de um familiar – de configurações de trabalho favoráveis ou problemáticas – o enfrentamentos de autoritarismos e a retirada de direitos, a violência urbana, resistências diante de limitação da autonomia...

Presente em quase todas as falas, lá estava o contexto da pandemia, traído, de resto, pelas máscaras ainda de uso obrigatório em ambientes fechados dentro da universidade, mas também pelo fato de que uma outra metade das narrativas teve que ser tomada em modo remoto, por meio do *Google Meet*, como tem sido, aliás, uma parte significativa das atividades educacionais nesses últimos dois anos.

Também presente em boa parte das narrativas esse outro contexto de formação: o Profhistória, o que é isso e como aconteceu em cada cotidiano de vida e trabalho? Por que optaram pelo Profhistória para suas experiências de formação, o que prometia a dimensão institucional? Como foram selecionados, o que diz um edital de seleção e o que se cobra nas provas? E além disso, a disciplina de História do Ensino de História, a sugestão de que talvez exista mesmo um capítulo secreto dessa história, oculto no modo como cada um/a deles/as constrói e conduz suas aulas no cotidiano de trabalho, e a sugestão de que assumam a autoria dessa narrativa sob a forma de um memorial de vida e formação, seguida da entrega pública desses memoriais e a oferta oral de cada própria narrativa autobiográfica aos colegas.

A condição de itinerância, a pluralidade de contextos escolares e a forte imbricação da dimensão pessoal para a construção da profissionalidade docente podem nos oferecer pistas para compreendermos a quase ausência de conflitos e dilemas em torno do conhecimento histórico? Teria o público escolar um papel em estruturar desafios com complexidades diferentes daquelas enfrentadas no interior da comunidade disciplinar? Se todos estão, nesse momento, imersos em um processo de formação continuada, por que estão? O que aparece como mais valorizado no sentido que os professores dão às suas vidas? As perguntas, nesse caso, valem mais do que as respostas, de resto sempre provisórias.

Juliana Pacheco de Oliveira decidiu contar sua história a partir da relação pessoal com a escola, uma história pessoal marcada pela violência e grande dramaticidade: “por mais que eu não tivesse casa, eu tinha a escola”. Depois de formada, faz concurso e retorna à escola de toda a sua vida, substituindo sua antiga professora, já aposentada, e então chora, antes de concluir: “a escola é muito importante, realmente, pra transmitir conhecimento, mas a escola é muito mais que isso: a escola salva vidas”. Kessy da Silva Costa Nascimento inicia sua narrativa pelo reconhecimento de que nunca teve uma relação boa com a História, talvez porque aquela história nada tinha a ver com ela, era só conteúdo. Aos poucos vai compreendendo o preconceito, mas só se percebe negra no Ensino Médio.

Silvia Oliveira Cardoso se apresenta como uma professora feliz, com fortes influências familiares, filha de mãe também professora de História; depois de uma primeira tentativa que qualifica como ruim, se encontra hoje numa ótima experiência como professora da escola pública, em Saquarema. Ronilson Oliveira Paulino localiza suas primeiras marcas como professor: o enfrentamento pessoal do racismo, a família de trabalhadores rurais, o sonho infantil de ser professor e a história de vida do avô paterno; reconhece-se na negritude apenas nos tempos da universidade, iniciando sua luta contra o silenciamento e acomodação em relação aos temas sensíveis.

Felipe Frazão da Silva narra uma relação de amor com a Educação, sem renunciar à denúncia da desvalorização e dificuldades que o colocam no “olho do furacão” em tempos de crise democrática. Experiências com monitorias, pré-vestibulares populares, programas de iniciação à docência criam condições para seu movimento em direção à construção de sua profissionalidade docente, firmado a partir de seu ingresso como professor da rede pública. As situações de contato inicial com o universo da profissão docente foram semelhantes para Lorena Silva Tato e para Pedro Henrique Ferreira Baptista Barud Casqueiro, que também transitaram pelo PIBID durante o tempo de formação inicial. Lorena, atravessada pela maternidade e pelo seu autorreconhecimento como mulher negra, atribui à Educação a criação de condições para sua identificação étnica e se coloca hoje no ProfHistória como pesquisadora comprometida com uma perspectiva antirracista para o ensino de História. Pedro Henrique, ao narrar suas primeiras experiências docentes, destaca as fortes lembranças da trajetória de sua família na luta pelo acesso à educação formal, ativas principalmente no momento em que atuava em um pré-vestibular popular na Universidade Federal Fluminense.

Jean Pierre Borges de Souza, entre modelos idealizados de docência e situações concretas de trabalho, vivencia os primeiros anos de sua prática com forte senso de responsabilidade pessoal diante de seus alunos. Em diferentes contextos de trabalho, constrói sentidos para a docência que vão além do ensino de conteúdos, em direção a uma humanidade mais afluada, uma profissão que tem possibilitado que Jean reescreva sua própria história. Hosana do Nascimento Ramôa escreve sobre seu contínuo fazer-se professora, entre incentivos familiares, formação inicial localizada como estudante do Curso Normal seguida de imagens de situações como licencianda em História e pós-graduanda em Educação na Universidade Federal Fluminense. Ao oferecer alguns *retratos narrativos* de encontros com a docência, Hosana apresenta como cotidianamente e constantemente se reencontra na profissão, na pesquisa em Educação e no diálogo outros professores.

São muitos passados presentes nas aulas de História das/os autoras/es. Convidamos à leitura e ao diálogo com as histórias vivas narradas nas próximas páginas, capítulos da História do Ensino de História escritos por professoras/es na transição para o retorno presencial de atividades de estudo e trabalho, em seus movimentos de reencontro com a docência e com a educação brasileira.

Prefácio

Inês Ferreira de Souza Bragança

Seja como for, é a ausência de nome para o tesouro perdido que alude o poeta ao dizer que nossa herança foi deixada sem testamento algum... Sem testamento ou, resolvendo a metáfora, sem tradição – que selecione e nomeie, que transmita e preserve, que indique onde se encontram os tesouros e qual o seu valor – parece não haver nenhuma continuidade consciente no tempo, e portanto, humanamente falando, nem passado nem futuro, mas tão-somente a sempiterna mudança do mundo e do ciclo biológico das criaturas que nele vivem.

(ARENDDT, 1972, p.31)

Com imensa alegria, recebi o convite para a escrita do prefácio deste livro. Agradeço aos queridos professores Everardo Andrade e Patrícia de Sá, às autoras e autores. Um livro que consiste em uma preciosa coleção de histórias de professoras e professores de História! Tessituras narrativas que nos dão a sentir itinerâncias de vida, formação escolar, acadêmica, experiências profissionais, em cada um dos memoriais de formação aqui partilhados.

Nossas histórias importam, ensinam, (trans)formam. Histórias de professoras e professores guardam tesouros, heranças da docência. Arendt (1972) adverte “sobre uma herança sem testamento, uma herança que pode ser perdida, se não houver quem a nomeie, transmita, preserve. A memória apresenta-se, assim, como riqueza que precisa de “testamento” e nós somos convocados para assumir essa herança, escrevendo o testamento, transmitindo-o” (BRAGANÇA, 2012, p.101). Acompanhando a escrita de memoriais de formação, tanto na formação inicial, como continuada, é muito comum nos depararmos com questionamentos por parte das professoras e dos professores sobre a importância dos

seus textos. Alexandre Sobrinho faz esse questionamento e ele próprio nos ajuda na reflexão: “como tornar atrativo para o leitor uma vida errante e comum? [...] O que posso oferecer à leitora e ao leitor é o que me formou, o que me trouxe até aqui e o que desejo daqui por diante”. Sim, nossas vidas são errantes e comuns, ordinárias, como nos ensina Certeau (1998), e, por estarmos nesse lugar do comum, trazemos a potência dos fazeres cotidianos, das resistências, das táticas que produzimos e, assim, vamos nomeando testamentos que contam a história da formação e da docência.

Com Paulo Freire (1992), aprendemos a partilhar nossas narrativas com os estudantes, dizer do que sabemos e também dos nossos não saberes, nos abrimos escuta de suas histórias, revalorizamos saberes cotidianos, ancestrais. Luã Felipe faz esse momento de partilha: “no primeiro dia letivo, conto aos/as alunos/alunas minha trajetória pessoal e profissional. Também abro espaço para os/as que se sentirem à vontade contem um pouco sobre si. Esse momento, além dos já citados benefícios, me ajuda a disfarçar o frio na barriga, as pernas trêmulas, por encarar todos/todas aqueles/aquelas alunos/alunas”. A partilha o aproxima dos estudantes, visibiliza o círculo virtuoso entre narrativa e escuta, aponta para desafios comuns.

Contar nossas histórias favorece, também, a constituição de um saber pedagógico que transcende a nós mesmos, que transborda em sentidos sobre os modos de organização da sociedade brasileira, movimentos de tantas exclusões, desigualdades, injustiças, lutas, resistências, traz a presença de tantos outros...

Minha mãe que sempre trabalhou muito duro como empregada doméstica, mas sempre me incentivou a buscar os estudos. (Camila Mariano)

Minha mãe era professora primária na escola pública, desdobrando-se para cuidar dos seis filhos nascidos em um intervalo de menos de 10 anos. (Everardo Andrade)

Filho de pai balconista de farmácia que depois se tornou trocador de ônibus, e de uma trabalhadora doméstica, que depois se tornou merendeira de escola municipal, desde muito cedo tive que trabalhar para ajudar em casa ou para ter acesso ao mínimo, como poder sair com os amigos, ou comprar gibis, vinis, CDs, fitas demo de bandas de Heavy Metal e ir ao cinema, sendo paixões que me acompanham até os dias de hoje. (Rubens Pinho)

Famílias que não pouparam esforços para que seus filhos estudem, sigam suas trajetórias de vida e formação. Em “Vidas de professores”, com Nóvoa (1992, p.15), nos confrontamos com uma proposição tão simples, mas tão necessária - “o professor é uma pessoa, e uma parte importante da pessoa é o professor”. Sim, somos pessoas singulares e plurais, carregamos tantos outros conosco, contextos sociais e políticos entrelaçam-se ao nosso ser e estar no mundo, como gente e como docentes.

A escrita dos memoriais de formação, apesar de já termos algumas décadas de trabalho e de significativa produção acadêmica na área, segue como um desafio para quem escreve e para a pesquisa em educação. Sua escrita implicada nos convoca a outros modos de viver a pesquisa, assumindo que estamos dentro dos processos de formação e de pesquisa, como docentes pesquisadores, construímos não o distanciamento necessário, mas a boa proximidade.

Produzir um memorial para relatar minha história causou-me um misto de sentimentos que gerou uma grande dificuldade para iniciar a narrativa da autobiografia profissional. [...] Mas, narrar a própria trajetória tirou-me de um pedestal típico dos historiadores que quase sempre estão dispostos a produzir uma rigorosa análise de conjuntura com um olhar crítico sobre infinitos fatos históricos em dimensões temporais diversas e sempre mantendo uma certa distância do objeto. (Fabio Alves)

Assim como Fábio Alves, as autoras e autores deste livro enfrentaram a página em branco, questionaram-se sobre a

pertinência no que se refere à dimensão teórica e metodológica da pesquisa acadêmica. Felizmente, aceitaram o desafio! Como professores de História, assumiram-se como narradores da docência e foram nomeando a herança e constituindo um testamento e contribuindo na abertura para os atravessamentos de vida e pesquisa.

Os memoriais contidos na presente coleção, organizada pelos professores Everardo e Patrícia, também falam de brechas instituintes que vamos construindo, coletivamente, para habitarmos a escola de outros modos. Como convite à continuidade da leitura, partilho alguns lampejos...

Foram diversos trabalhos desenvolvidos, como atividades interdisciplinares que dialogavam com os conteúdos de História e sustentabilidade, até a organização de aulas-passeios e pesquisa em campo. Destaco a visita a Santa Teresa, bairro do município do Rio de Janeiro, que foi uma experiência singular, uma vez que muitos daqueles educandos nunca haviam vivenciado uma aula-passeio, nem conheciam a cidade do Rio de Janeiro. (Flávia da Silva)

Embora estivesse me aprimorando em sala de aula, passei a sentir grande frustração ao longo do tempo: trabalhava muito, estudava pouco e, principalmente, percebi que o alcance em relação à educação que eu realmente almejava nem sempre se concretizava. Fui me adaptando e, muitas vezes, para sobreviver em meio às adversidades, tinha posturas pragmáticas, por vezes rígidas e autoritárias, reproduzindo um comportamento pouco humanizado, apesar da autocrítica e de momentos em que tentava furar esse ciclo. (Ivan Maia)

A experiência na escola estadual de Rio Bonito foi a melhor que eu tive: tivemos inúmeros resultados positivos. Trabalhos maravilhosos, destacando o que fiz com uma turma de 3º ano do Ensino Médio nos 50 anos do golpe civil-militar no Brasil. Muitos alunos aprovados para a Universidade pública. Alguns para História, Psicologia, Relações Internacionais, Medicina, entre outros. Lembra aquela Universidade branca em 2004? Estávamos contribuindo para colorir, torná-la mais pública. Momentos especiais que vivi até 2017. (Marcus Vieira)

Tenho paixão pela leitura de histórias de vida de professoras e professores e me sinto honrada com os memoriais deste livro, pois cada um deles vai nomeando a herança, acrescentando mais palavras, experiências e saberes em uma coleção de histórias que se avoluma, e, nos presenteia. As histórias de docentes, além de constituírem um movimento importante de autoformação reflexiva e compartilhada, compõem fontes de saberes tecidos desde os cotidianos da vida, da formação inicial e dos movimentos na profissão, sendo, desse modo, importante dispositivo de formação como de pesquisa em educação.

Retomando uma palavra usada por Alexandre Sobrinho, considero que a docência tem sido vivida pelos docentes como uma errância, perspectivamos a docência, como processo, que se faz no caminhar, com idas e voltas; estamos sempre em busca da formação. Nas narrativas, vemos a construção permanente de modos de ser e estar, como professoras e professores.

Referências

- ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. SP: Perspectiva, 1972, p. 28-42.
- BRAGANÇA, I. F. S. *Histórias de Vida e Formação de Professores: Diálogos entre Brasil e Portugal*. Disponível em: Rio de Janeiro: EDUERJ/FAPERJ, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9788575114698>
- CERTEAU, Michel de. *As artes de fazer: invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- FREIRE, Paulo. (1992). *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- NÓVOA, António (Org.). *Vidas de professores*. Portugal: Porto Editora, 1992.

Ecce Homo – Tanto nas encruzilhadas profissional e pessoal quanto entre a História e a Filosofia

Alexandre Taran Sobrinho

Se queremos progredir, não devemos repetir a história, mas fazer uma história nova.

(Mahatma Gandhi)

Numa sexta-feira santa chega através de mensagem do WhatsApp comentários sobre os memoriais citados da aula anterior da disciplina “História do Ensino de História” no programa de mestrado Profhistória da UFF. Lembro subitamente que deveria encontrar a última pessoa que queria encontrar: eu mesmo. Remeti ao título do último livro escrito pelo filólogo alemão Friedrich Nietzsche pouco tempo antes de ser tomado pela loucura, conforme ele escreveu: “Prevendo que precisarei, dentro em breve, enfrentar a humanidade (...), parece-me indispensável dizer quem sou”¹

Não é fácil selecionar o que se deve colocar de uma vida e das experiências. Como também de que maneira não quebrar o encanto e tornar banal detalhes de sua própria personalidade. Ao mesmo tempo, é todo um conjunto de sentimentos que irão aflorar e que se deve controlar para que os detalhes que devem ser resguardados não sejam os que irão se exhibir com maior evidência. E isso me faz encontrar tudo que - para o bem ou para o mal - estava enterrado (ou melhor: esperava que estivesse) mas que me mobiliza.

E como tornar atrativo para o leitor uma vida errante e comum? No momento que escrevo não tenho muita certeza de como começar, de como contar e aonde quero chegar ao longo das

¹ NIETZSCHE, Friedrich W. *Ecce Homo*: Como se chega a ser o que se é. Trad.: Antônio Carlos Braga. SP: Lafonte, 2017 - p 11.

linhas seguintes. O que posso oferecer à leitora e ao leitor é o que me formou, o que me trouxe até aqui e o que desejo daqui por diante. Isso é comum em toda humanidade. Qual a diferença? Tentarei colocar questões pessoais para que compreendam o que uma pessoa, que já teve sua primavera e o seu verão, reflete no início de seu outono: tão intenso e impetuoso quanto o frio vento sudoeste de hoje em um dia iluminado.

O Começo - O Taran

O dia que eu nasci tem como uma referência a Praça na cidade de Caxambu (MG) que faz menção à data que marca a emancipação da cidade; e nesse mesmo dia nasceu BB King. O primeiro local irei retomar o significado adiante. Sobre o Rei do Blues, aprendi a admirá-lo bem antes de saber da coincidência de datas através de um ritmo que, segundo Jimi Hendrix, é fácil de tocar e difícil de interpretar: eu tinha 13 anos e nunca fui de muitos amigos. Gostava de leituras, em especial de leituras de geografia. Na literatura dois livros me chamaram atenção: Nada de Novo no Front e Papillon.

Nada diria que eu gostaria de qualquer coisa vinculada às humanidades ou aos estudos. Nada me mobilizava. Aliás, quando estive nos dois primeiros anos do ensino médio era notoriamente conhecido por fugir da escola. E ninguém sabia (nem mesmo eu) como conseguia obter bons rendimentos em quase todas as disciplinas (eu era um fracasso em física e matemática). Eu preferia aproveitar o tempo fora da escola.

Nos momentos das aventuras ao longo do centro e zona norte do Rio me lembrava do que se colocavam nas aulas de História e Geografia (e quando eu assistia) sobre: o crescimento das cidades, o papel do comércio, a divisão do trabalho, o movimento pendular, o tempo do relógio.... isso me fez amadurecer uma ideia de tentar compreender a realidade ao redor e daí surgiu a pergunta: o meu destino seria aquele em que eu via todas as pessoas presas a compromissos e que não podiam muitas vezes ter o tempo de ver a luz do sol? E você só terá o final de semana para aliviar a tensão

de uma semana maçante com os amigos numa praia da zona sul ou da Barra da Tijuca?

“Você está satisfeito em trabalhar aqui?” - O Momento da Escolha - de Taran a Lennon

Entre 1993 e 1996 posso dizer que foram os mais cruciais. Adquiri o vício em fumar e nas drogas. E trabalhei num emprego que eu detestava, ainda que me vissem como uma pessoa que tinha potencial a desenvolver mas que era bastante displicente em tudo. Tirando o segundo vício, o outro - por ser tolerável - ninguém se importava. Foi nesta época que conheci uma menina (Doriane), estudante de Filosofia na UERJ, que morava junto com Ezequiel (este trabalhava na baixa de cheques compensados). E por eles estabeleci contato com um mundo jamais imaginado por mim aos 19 anos: a universidade.

No final de 1993, uma insatisfação dos funcionários da administradora de imóveis sobre a assinatura do ponto motivou uma reunião em que todos e todas (eu e mais quatro pessoas) escutamos um sermão do tipo: vocês erraram gravemente em nos afrontar; e veio a pergunta: “Você está satisfeito em trabalhar aqui?” Daí respondi que não sabia. E na semana seguinte perguntaram se eu saberia responder, e disse que ainda não sabia: fui despedido com todos os direitos pagos.

Foi um momento que pensei que me afundaria nas drogas. Por sorte, eu decidi tentar estudar por conta própria (talvez inspirado em Kant), e tentava absorver o conteúdo da área de exatas. Passei o ano de 1994 vivendo de um curto dinheiro de indenização e estudando. Não deu certo, ainda mais porque tentei Estatística e zerei em matemática na segunda fase da UERJ e da Cesgranrio.

No ano seguinte, Ezequiel me falou sobre um curso pré-vestibular que existia aos pés do morro da Mangueira, e que era gratuito: o Mangueira Vestibulares. Esperei duas semanas para poder iniciar o curso, uma vez que não fui aprovado na entrevista (feita por uma estudante de História). Lá, devido ao cabelo

comprido e o óculos de plástico e aro redondo, o apelido veio imediato: Lennon.

Eu estava certo em 1995 que iria tentar Filosofia. Ainda mais depois de ter participado do Corefil na UERJ e de ter ficado para a festa (até hoje não sei como consegui chegar em casa - e boa parte dos futuros filósofos ficaram preocupados comigo). Próximo do processo de pedido de isenção ao vestibular da UFF, entrou no curso um professor de História: Aristóteles Berino². Apresentei a ele as anotações dos professores antecessores: Bismarck (que a gente chamava de Zé Ramalho devido a semelhança com o cantor nordestino) e Marcelo (na época graduando na FFP e cria do local). Eu gostava dos detalhes que apareciam na História, e confesso: enchi bastante o saco dele. E como era botafoguense, a identificação foi imediata.

Eu não via expectativas na UFF e estava com a cabeça na Filosofia. Foi quando o professor Aristóteles fez a pergunta crucial: O que você pretende fazer? Respondi: Filosofia. Daí ele disse: Tem certeza? Fiquei em silêncio. Foi quando disse: acho que você poderia aproveitar mais se fizer História. Pense bem nisso. Levei essa questão por quase seis longos meses. Na primeira fase, se não fosse uma questão de física anulada no vestibular da UFF jamais eu teria ido para a segunda fase (e na UERJ eu fui tranquilamente para a segunda fase); e se não fosse o toque do despertador numa manhã escura e preguiçosa de domingo eu jamais teria ido para Niterói e feito a segunda fase, que foi uma prova discursiva muito tranquila. Acabei ficando na reclassificação em Filosofia, e resolvi optar pela História na UFF apesar da distância (a UERJ ficava a 10 minutos a pé; a UFF tinha vezes que não conseguia o dinheiro da passagem).

² Atualmente professor do Departamento de educação da UFRRJ.

“Você tem Certeza Disso?” A decisão mais arriscada - Do Lennon para Xamã

Iniciava o curso da UFF sem expectativas de ninguém: minha mãe me questionou (por conta de uma indagação da minha tia) por certo tempo o porquê de estudar longe já que tinha passado para UERJ e faculdade era “tudo a mesma coisa”; e meu pai escutava todas as pilhas de seus “amigos” de bar sobre o filho escolher ser professor. E eu precisava trabalhar para me manter na faculdade. Isso tudo no início da maioridade em 1996.

Fiz um concurso no SENAC e passei no cargo de Assistente Administrativo. Fui chamado para trabalhar em janeiro de 1997. Pagava o suficiente para eu ter uma certa autonomia. Mas o local de trabalho era Copacabana de 10 às 19 horas e eu, no terceiro período, apenas podia cursar as disciplinas do horário das 20 horas. Tentei ser transferido da Tesouraria para um local mais perto da UFF, mas sem sucesso.

Quando se tem pouco mais de 20 anos, pode ser que o risco seja válido, certo? Bem, quando se tem um pouco mais de idade, podemos atestar as loucuras e vermos as hipóteses possíveis. Ninguém recomendaria a alguém sem eira nem beira (e muito menos sem praticamente nada na algibeira) largar, numa tarde de início de julho, um emprego que prometia estabilidade (apesar de ser CLT). “Tem certeza disso?” Perguntou a Chefe de Tesouraria na época ao olhar o papel que eu mostrava com minha assinatura e que pedia demissão. Respondi: Sim. Ela desviou o olhar na hora e eu não desabei da minha frágil coragem³.

Entre 1996 e 1997 faltavam professores de História no curso Mangueira Vestibulares. Os compromissos profissionais dos demais professores impediam a dedicação ao curso. Resolvi começar. Não sabia como começar, como trabalhar, como planejar, ... Eu achava que apenas o meu conhecimento seria

³ Inexplicavelmente, ao narrar esta parte da minha vida muito tempo depois acabei desabando pela emoção.

suficiente para informar e formar alguém, independente de didática. O quanto errado eu estava. Mas eu via que o magistério tinha muito mais espaço de fluidez do que um escritório fechado. E que me seduzia a tentativa de entender melhor o desenvolvimento da História e a pretensão de ajudar alguém a ter o mesmo sucesso que eu.

Os riscos que corri refletiam muito mais a ideia de que eu não sabia muito bem o que queria, mas sabia bem o que eu não queria. Apesar das dificuldades e de uma limitação que carreguei comigo, ao mesmo tempo que tinha a vontade de fazer diferente, enfrentei os desafios. E no sonho utópico de um mundo melhor acabei sendo levado para o mundo do movimento estudantil, com um apelido surgido a partir de uma brincadeira: Xamã.

As faces de uma Mesma Moeda - O Movimento Estudantil e a visão do Xamã

Assim como não tinha experiência nenhuma e achava que o talento bastava por si só para lecionar História, também carreguei esse achismo no Movimento Estudantil. Foi no final de 1997 que me envolvi num grupo que discutia uma chapa para o Centro Acadêmico de História cuja tônica era superar a experiência da Gestão Livre. Nunca vi o que tinha envolvido no que se referia a disputa de ideias, domínio, controle, diálogo, participação,.... enfim: só não esqueço porque ficava por conta própria para aprender e enfrentar muitas questões que surgiam.

Fui arrivista. E esse arrivismo me fez perder muitas oportunidades. Fui olvidado e nada fiz que durou por muito tempo. Se teve um lado positivo, foi ver muitas pessoas revelando seu lado negativo, tanto no curso Mangueira Vestibulares (um dos professores quis fazer minha imagem de sindicaleiro e baderneiro - e isso fez com que o Lennon se afastasse aos poucos do curso) quanto nas instâncias da UFF. Me lembro de uma entrevista na Analítica na qual participei, e que fui um dos desclassificados para realizar as

pesquisas eleitorais por “ter problema político”. Em 1998 tive que trancar por um semestre a matrícula na UFF por falta de dinheiro.

Mas foi atuando no Movimento Estudantil que conheci pessoas que estenderam a mão, e por trabalhar fazendo levantamentos para uma tese de doutorado por indicação de um professor de Brasil III na UFF que pude reatar o vínculo com a faculdade. Mas o Movimento Estudantil chegou a me absorver por demais, pois achava que ajudaria um dia (quem sabe?) a transformar a sociedade. Era isso mesmo! Fica a cargo do leitor imaginar como bem quiser sobre essa ideia. O que eu achei? Ora, caro leitor, você tem a resposta sobre isso (independente de qual seja - sua resposta é a minha também).

O Desencanto com a Academia - Quando fui Bolsista PIBIC - do Xamã para Alexandre

Paralelo ao período que estive no Movimento Estudantil, foi logo depois do EREH em Vitória de 1999 (cujo ponto alto foi o protesto contra o famigerado relógio de 500 anos da Globo) que fui chamado para uma entrevista de Bolsa PIBIC para um projeto de pesquisa na FIOCRUZ. Ao mesmo tempo, participei de uma entrevista numa ONG em Botafogo através da Fundação MUDES. Maldito Momento: Fui aprovado nas duas entrevistas. Optei por Manguinhos.

Foi uma pesquisa orientada por um agora Professor de História das Ciências na FIOCRUZ. Era um projeto que eu inicialmente me senti atraído. Aos poucos fui perdendo o encanto, uma vez que alguns problemas de personalidade tanto minha (reconheço meu erro) quanto do então orientador fizeram aos poucos perder o ímpeto inicial. A forma como sugeriu de fazer a monografia da graduação em função do tema da Bolsa me fez afastar de qualquer trabalho sobre o tema. Passei a trabalhar apenas para custear minha ida à UFF.

Escutei certa vez desse mesmo pesquisador que se eu não quisesse fazer esforço, “vá trabalhar lá numa escola (...) que [com

certo ar de desdém] não deixa de ser uma profissão digna”. Ao escutar isso, eu firmei duas certezas pétreas em meados do ano de 2000: a primeira, que eu poderia não ser a melhor pessoa para se tornar professor; a segunda: que eu queria me tornar professor.

Segurei o quanto pude a Bolsa PIBIC, e aproveitei o tempo que tinha para fazer Prática de Ensino com o Professor Aristóteles Berino (que trabalhava no Colégio Graham Bell - próximo ao Museu Nacional, onde eu fazia levantamentos de um documento para a pesquisa da FIOCRUZ). Foi no início do estágio, que o orientador, ao me procurar, não conseguia me achar nos locais aonde eu deveria estar (Lembre-se: o celular ainda estava se popularizando e eu não tinha fácil acesso a este objeto). Levei uma bronca por telefone que me deixou bastante constrangido, foi como se eu não tivesse trabalhando. Teve que a Diretora do Projeto Memória no Museu Nacional na ligação seguinte dizer que eu estava indo regularmente para lá. Mas não houve nenhum pedido de desculpas....

Isso não esqueci quando, em meados de 2001, respondi por telefone, numa noite de domingo em casa (era o horário que costumeiramente ele me ligava) que eu não faria a monografia da graduação com o tema da Bolsa. Senti a melancolia do outro lado da linha, mas o gosto de ouvir foi de vingança. Poderia talvez ter atalhado a minha pretensão de mestrado e doutorado, uma vez que haviam recém-criado na FIOCRUZ o Programa de História das Ciências e Saúde. Porém nada tirava meu desencanto e rancor. Não queria nada mais de instituição nenhuma na Academia. Aliás, queria ir para bem longe de tudo....

Se querem saber qual foi minha monografia? O título foi: “Conquistas, Controles e Conformismos - Os trabalhadores durante o Welfare State na Europa Ocidental”, cujo orientador foi Bernardo Kocher. Eu buscava compreender porque a ideia de Revolução foi sendo deixada de lado e quais os impactos disso. Tinha muito a ver com o que eu tinha de Movimento estudantil, e absolutamente fora do que trabalhei como Bolsista na FIOCRUZ. Muito mais do Xamã do que do Alexandre esteve presente na monografia.

A Escolha de “Sophia” - Da Conclusão a Convocação em São Pedro da Aldeia - O Alexandre entre a Filosofia e a História

Colei Grau como Bacharel e Licenciado no dia 14 de junho de 2002 na UFF. Felizmente, o tempo no Museu Nacional acabou me levando a uma indicação para uma Bolsa de Apoio Técnico da FAPERJ e pude equilibrar um pouco o meu orçamento num projeto coordenado via Arquivo Nacional que era criar um Portal de Ciência e Cultura para o estado do Rio de Janeiro. Infelizmente, pouco se avançou neste belo projeto mas serviu para custear os concursos que ora apareciam para mim.

No início de 2003 surgiu a vaga no Pré-Vestibular para Negros e Carentes (PVNC) no Jacarezinho. Era para lecionar História do Brasil. Entrei no lugar de uma professora que havia ingressado no doutorado (não me lembro para onde). O nome da minha antecessora: Andréa Prestes. Foi um desafio que era enorme diante do peso e do carisma da professora. Talvez eu tenha sobrevivido sem um arranhão porque os alunos e alunas já me conheciam no Jacarezinho, e a indicação foi da conhecida da minha então namorada Neuzimar (Cassandra, que estava recém-casada com um camarada de militância estudantil – Leonardo Coreicha). Retomarei adiante essa minha gratificante experiência.

Em fins de 2003 tive o meu primeiro contato com uma escola pública, num contrato temporário no Estado, no Colégio Estadual professora Dilma Madeira, em Parque Anchieta. Aprendi nessa escola que, antes de conhecimento, era fundamental ter jogo de cintura. O primeiro, foi a tentativa de constranger dos alunos a mim quando, ao iniciar a aula de Filosofia no noturno (minha primeira experiência no ensino público parecia uma ironia do destino) tentaram folhear uma revista adulta, no qual retruquei: “com tanta mulher bonita aqui na sala [e o público feminino adorou] vocês preferem uma mulher de papel?” para infelicidade um aluno disse: “Ela é nossa ídola professor”, ao que não pensei duas vezes: “então vocês só pensam nela.... [e num movimento repetido de braço] vocês fazem tudo por ela, né?” Ao perceberem o ridículo que

caíram, chamei-os no canto e conversei para que guardassem a revista e consegui o respeito ali. O segundo foi a diretora quase implorar para que eu reduzisse a cobrança sobre os alunos.

Em janeiro de 2004 soube da gravidez de Neuzimar (já estávamos juntos há cerca de quatro anos). Me determinei: Era necessário criar e estabelecer uma vida. O problema era como? Pouco tínhamos para começar, e conseguimos alugar um apartamento em Higienópolis. Foi um dos tempos mais emocionantes o que vivemos lá, pois nunca faltou esperança. Era muito pouco o que tínhamos: um computador, uma geladeira velha, um fogão a prestação, uma TV de 14 polegadas antiga, uma escrivaninha, uma cama e uma mesa de bar. Ao nascer minha filha, no dia 6 de setembro de 2004, apenas tinha a hora de um cursinho em Jardim América e a metade das aulas de filosofia de um professor que não queria abrir mão de sua matrícula em Nilópolis (que na época pagava o pior salário do Rio de Janeiro) para a FAETEC⁴.

Cerca de um mês e meio depois do nascimento de Sophia (a escolha foi da mãe e foi prontamente aceita por mim), fui chamado para fazer exames médicos em São Pedro da Aldeia. Era o lugar para começar de maneira efetiva, e o salário ajudaria a construir uma vida em conjunto. Ainda havia uma ajuda de custo para custear a passagem entre o Rio de Janeiro e São Pedro. Não imaginava que haveriam inúmeros percalços; a visão de educação seria forjada nesse e em outros locais. Me arrependo de não ter tido os três primeiros anos junto com minha filha, fardo que carrego com certo amargor. Se tem o lado positivo disso tudo foi ver que era sempre adiante o caminho a seguir.

⁴ Esta parte do Memorial, até pouco tempo, não conseguia ler sem me emocionar. Comentei um dia sobre isso com minha esposa, e a resposta dela foi de lembrar que, apesar dos percalços a gente sempre lutou sem depender de ninguém, o que nos fez ter vontade de sempre querer ter mais, valorizar a vida e nunca se acomodar facilmente.

Como Foi Forjado o Professor Alexandre

O período que estive trabalhando na Escola Municipal Luiza Terra de Andrade, em Campo Redondo, deparei com uma comunidade carente em tudo e com uma escola que era alvo de disputa entre diretoras. Ao mesmo tempo, uma das diretoras não nutria muitas simpatias, pelo fato de querer que sua amiga (também professora de História, recém-formada na Universo) trabalhasse nas turmas. Sentia o boicote nos menores detalhes, desde a confecção de horários (que fazia de tudo para que eu desistisse - mas fiz questão de resistir) até a questionar minha prática.

Contei com a ajuda da professora Ana Néri, de português, que era uma pessoa antiga e respeitada na Rede Municipal. “Não deixe furos” disse ela, sobre a questão burocrática (diários e Conselhos de Classe eu tive - e tenho até hoje - ojeriza) e sobre a atenção. Ela viu uma pessoa determinada, que sucumbiria (e eu quase sucumbi) num local que era uma espécie de clube de amigas. Incentivaram inclusive a questionar sobre minha opção sexual, por ser o único a não se envolver com ninguém (e nunca foi meu interesse, e o limite profissional acaba quando isso ocorre dentro do ambiente escolar - nunca vi com bons olhos e acho no mínimo um comportamento antiético).

Além da questão ética, me preocupava o conteúdo. Enquanto os que eram admirados na época faziam brincadeiras ou “enrolavam” sem maior cerimônia, eu (e, claro, a Ana Néri) éramos os considerados “caxias”. Faziam de tudo para transformar nossas reprovações em aprovações, alegando excessos e rigidez. Faço atualmente uma autocrítica por exigir demais conteúdos e não dar espaços para discussões ou participações. Se eu conseguiria ter maior amplitude didática se fosse mais flexível? Bem, sinceramente não sei, mesmo com as dificuldades impostas naquele ambiente.

Enquanto morei no Rio de Janeiro, também lecionei para o Pré Vestibular para Negros e Carentes na comunidade do Jacarezinho, entre 2003 até início de 2008. Ganhava apenas o custeio da passagem, mas foi um dos locais onde vivi os maiores momentos

da minha vida profissional. Aprendi a preparar aulas e a pesquisar sobre os temas a serem trabalhados e a serem ensinados. Também foi lá que aprendi a dar voz aos alunos para incentivar a aprendizagem. Enfim: lá eu vi na prática que Paulo Freire tem razão na proposta de uma educação que aproxime os educandos do objeto a ser ensinado. Me lembro que saiu uma entrevista no Jornal Folha Dirigida⁵, após o sucesso do Curso, no Vestibular de 2007. Anos depois, em 2013, um dos alunos falou que havia caído “tudo o que o senhor disse em aula” durante a segunda fase dos vestibulares das públicas.

O Amadurecimento do Professor Alexandre e a volta do Taran em Maricá e em Cabo Frio

Prestei concurso em 2005 para Cabo Frio e, por não apresentar títulos, fiquei em 9º lugar. Aguardei ser chamado, e isso ocorreu em 2008; Em 2006 prestei concurso para Maricá e, mesmo sem apresentar títulos, fiquei em 2º, sendo chamado para trabalhar em 2007. Em Maricá, escolhi a Escola Municipal Marcus Vinícius Caetano Santana, que fica no bairro do Jacaroá, e que tenho bastante simpatias ao curto tempo que estive ali: a única foto do homenageado era ele sentado em cima de uma mesa com um copo de cerveja. Teve uma vida curta, morrendo de forma estúpida aos 23 anos no dia de São Jorge.

A primeira vez que reconheceram minha prática e empenho foi em Maricá. Eu trabalhava no turno da noite e dependia da carona para o Rio do pessoal que trabalhava na principal escola: Joana Benedita Rangel. Mas os alunos tinham o gosto de aprender e eu procurava aproximar ao máximo possível a realidade com o conteúdo. Muitos chegavam a mim com a vontade de aprender, mesmo um aluno que era tido como o bandido mais perigoso da região (Leandro), que morreu com 18 facadas no dia de seu

⁵ Ver: “A conquista de um sonho numa dura realidade”. JORNAL FOLHA DIRIGIDA - Caderno de Educação – 22 a 28 de fevereiro de 2007 – p. 1.

aniversário de 18 anos. Ele ficava no canto e só me dirigiu a palavra uma vez: “Não fiz o seu trabalho professor. Posso te entregar na próxima semana?” “Sem falta” disse eu, sem saber de quem se tratava, e se era letra dele ou não até hoje não sei, mas o trabalho sobre Revolução Industrial descrevia bem os principais fatos.

O contato com o professor Leonardo Brito, que trabalhava no Joana, me incentivou a tentar a especialização “lato sensu” em História do Brasil na UFF. Eu o conheci no Movimento Estudantil e éramos de lados opostos, mas longe daquele agito tivemos um diálogo intenso. Foi ele que ressaltou a necessidade da atualização e de não perder o contato com a academia. Percebi que poderia realizar o curso e apresentei a carta de intenção em meados de 2007. Ao longo do curso foi reavivando a ideia de um dia poder voltar a tentar fazer uma pós a nível “stricto sensu”. Pensei o que poderia fazer e foi amadurecendo a ideia de se trabalhar com Patrimônio e Memória.

A convocação para trabalhar em Cabo Frio marcou o adeus doloroso do curso PVNC e o início da construção da vida em São Pedro da Aldeia. Foi em meados de março que resolvi levar a família para morar aonde dizem que as pessoas passam férias (e quem inventou essa frase sinceramente não tem noção o quanto é complicado aqui os períodos de alta temporada).

Iniciei os trabalhos no CEM Marli Capp, que fica em Unamar (2º Distrito Cabo Frio). Fui direto para o Ensino Médio e lecionei em turmas cheias, com no mínimo 35 alunos. Foi daí que, a partir de materiais trazidos por alunos, eu comecei a pensar em trabalhar com o patrimônio local e com as histórias da região, cujo mote inicial era a Fazenda Campos Novos, que se encontrava em estado de abandono. Isso me fez pensar como o Patrimônio e a Memória tinham um poder de facilitar a transmissão de conhecimentos (ainda mais nos últimos horários de quinta e sexta-feira à noite, cuja concorrência com o ambiente externo era bastante desleal - mas ninguém abria mão das aulas, a ponto de não poucas vezes o inspetor pedir: “Taran, termina logo. Até o diretor já foi”).

Momentos quando se sente que não está em lugar nenhum

Em 2009 apresentei minha monografia da Lato Sensu orientada por Ana Mauad: “O Patrimônio e suas possibilidades para a História: Contribuições ao ensino e a pesquisa local e regional”. Avalio atualmente que a crítica foi bastante generosa e que fiquei receoso de citar aqui como parte da minha trajetória. Deveria ter tido maior substância e ter sido melhor escrito. Enfim: um daqueles temas que a expectativa fica aquém do que era previsto. E a crítica roedora dos ratos e das traças fará um imenso favor.....

Pouco tempo depois faleceu meu pai, em 26 de outubro de 2009. Uma morte repentina mas não de todo inesperada (tabagismo e falta de cuidados - o vício do tabagismo eu herdei dele, mas larguei o vício em cigarro a duras penas em 2003 - e ele nunca conseguiu largar), mas uma morte que mexeu bastante comigo e me provocou por algum tempo uma maneira reflexiva e melancólica na prática, pois não conseguia trabalhar entre Cabo Frio e São Pedro sem ter a introspecção em mente e a sensação de ter esquecido de dizer algo ou perguntado sobre.

O fato agravou uma situação bastante chata ocorrida anteriormente: saí do Luiza Terra logo após a mudança de direção (a equipe diretiva anterior foi removida tão logo mudou a prefeitura - coisa do interior) quando, na porta da escola, meu carro teve o capô arranhado. As pessoas estavam olhando. Fui para delegacia formalizar queixa e deixei a par a escola sobre o fato. Ao chegar na Secretaria de Educação a diretora questionou minha queixa e retruquei sobre o crime e o que significava (a inscrição na lataria de uma sigla de facção criminosa). Ela me pediu para retirar a queixa, pois “ocorreu do lado de fora da escola, você não tem provas de quem fez” e - palavras dela - “eu quero ganhar a comunidade para o projeto da escola”. Me senti desamparado. Decidi retirar a queixa e falei: “nunca mais ponho os pés lá. Para nada!”. Previ na delegacia que eles ainda iriam escutar falar da escola. Demorou apenas três semanas para a escola aparecer no noticiário do telejornal Intertv de que quase explodiram a escola

numa tentativa de incêndio (detalhe: cortaram a mangueira de gás de um cilindro cheio - a escola fedia a gás, só não explodiu porque usaram álcool em gel, que apaga rapidamente).

Fui para o Bairro da Cruz na Escola Municipalizada Capitão Costa entre 2009 a 2011, e nesse meio tempo consegui transferir minha matrícula para a Escola Municipalizada Paineira, onde fiquei entre 2009 até 2014. Ambas comunidades problemáticas em termos de carência, criminalidade e estrutura. Ao mesmo tempo, eu via um pedido de ajuda dos alunos buscando superar as dificuldades persistentes do abandono do poder público e da vontade em se livrar de certos problemas: No caso do Capitão Costa, dos alunos repetentes e próximos da criminalidade (um dia, ao abastecer meu carro o frentista que foi meu aluno disse que todos tinham se envolvido com o crime e foram mortos pela polícia) e, no caso do Paineira, o corte de custos ao extinguir o curso noturno.

Nessa época pensava que algo deveria ser feito para combater o estado de coisas reinante e que presumia que iria se agravar: a falta de interesse do poder público na educação, o conformismo, a perda de respeito pelo trabalho do professor e a excessiva valorização da questão burocrática. Achei que poderia lutar por dentro. Segui um conselho e resolvi aceitar a proposta de me candidatar a diretor-adjunto em 2011. De um iminente duelo entre duas chapas acabou apenas existindo uma única chapa e obtivemos cerca de 800 votos de um universo de pouco mais de 1000 pessoas.

Se nessa época achei não estar em lugar nenhum, na direção do Marli Capp, como o Diretor-Adjunto Taran eu tive certeza absoluta diante de uma guerra de vaidade, centralização das questões administrativas pelo diretor (que três anos mais tarde foi fatal para ele devido a uma sindicância da Secretaria de Educação envolvendo questões administrativas e a merenda escolar), boicote ao trabalho, isolamento, antipatias,

Se fiquei um ano inteiro de 2012 como Diretor-Adjunto foi porque fui bastante teimoso. Com profundo desgosto, pedi para sair da direção e da escola, no qual eu nutri um amor e que tinha uma expectativa de fazer um trabalho que pudesse melhorar a

qualidade da escola. Só não sabia lidar com os indivíduos que a compunham. Me convenci que não se muda se as pessoas não se dispõem a mudar. Antes mesmo de ocorrer certos fenômenos na atual política brasileira, eu via ali as sementes já enterradas esperando o momento de adubar e germinar.

O Início da Longa Travessia (que ainda não foi concluída) aonde estão o Taran e o Alexandre

O ano de 2013 pode ser considerado o ponto de partida para uma longa travessia que no momento da publicação deste memorial ainda não concluí. Dois fatos bastante relevantes: o primeiro, minha transferência para a Escola Municipal Professora Márcia Francesconi Pereira; a segunda, minha convocação para assumir a matrícula no estado, iniciando no CIEP 146 Prof. Cordelino Teixeira Paulo e, pouco tempo depois, fui transferido para o Colégio Estadual Miguel Couto. Tanto no Márcia quanto no Miguel Couto eu permaneço até os dias atuais e tenho uma dívida com ambos por consolidar o profissional que hoje sou.

Ao chegar no Márcia, eu tive que reaprender a lecionar para turmas de 6º ao 9º ano. E enfrentei dificuldades iniciais, no qual eu contei com a equipe diretiva em duas ocasiões: a primeira, um boicote liderado por uma aluna na minha primeira avaliação alegando que eu não tinha ensinado a matéria. Quando o diretor adjunto analisou um caderno (sendo ele professor de História), viu que toda a matéria tinha de fato sido dada. Pedi a convocação do responsável ao descobrir sobre como ocorreu o fato, mas logo me arrependi da maneira que a mãe tratou a menina na minha frente - e eu tive de intervir para não haver agressões maiores⁶; a segunda foi o Orientador Educacional querer forçar a barra de alterar a nota de um aluno especial devido a um erro dele em

⁶ Anos depois a reencontrei como minha aluna no Miguel Couto nas turmas do NEJA e lá nos lembramos do fato. No momento que escrevo sei que ela está cursando Direito na Estácio de Sá.

repassar uma informação (e por ele ter informado aos pais que a nota na minha matéria seria alterada). A diretora interveio para que eu não alterasse.

No caso do município, era a primeira vez que eu trabalhava numa escola com perfil de classe média e com uma demanda pontual por ensino de qualidade que se diferenciava das demais na região e na rede municipal. Talvez por isso de uma relativa antipatia inicial (pois entrei no lugar de um professor contratado) acabei sendo imediatamente aceito, pois eu apresentava relativa experiência e didática, no qual sempre coloquei em evidência junto com uma ética que levo até as últimas consequências. Lá, na primeira festa que participei, a diretora me disse: “você não deveria trabalhar para o fundamental com seu nível de conhecimento”. Estranhei, pois nunca tinha tido a dimensão disso.

Um dia, no Miguel Couto, um professor de matemática que tentaria o mestrado em profmatemática me perguntou: “por que não tenta o mestrado?” Achava que seria impraticável iniciar um percurso acadêmico aos 40 anos⁷. Aos poucos fiquei insatisfeito com o conhecimento que eu tinha. E ao mesmo tempo estavam surgindo problemas que apareceriam pouco tempo depois: falava-se de Olavo de Carvalho e eu achava uma piada de mau gosto; o Escola sem Partido eu não levava a sério diante do que diz a Constituição e a LDB. Só fui levar a sério anos depois em uma Mesa organizada numa semana de discussão escolar sobre o tema, em que a escola em 2017 me fez o convite para debater sobre o assunto: ao ver os panfletos feitos pela turma responsável sobre o tema eu - que era e montei a minha apresentação contrário a este nefasto projeto - disse: Meu Deus! Em que fria fui me meter! E quando entro num auditório repleto pronuncio outra: Minha Nossa Senhora! Duas interjeições de um mesmo ateu.

O que me fez ser reconhecido nos locais onde trabalho foi nunca ter fechado o debate para qualquer tipo de opinião. Com

⁷ E o que eu diria na época se soubesse que iniciaria um mestrado próximo dos 50 anos?

isso, no Miguel Couto eu consegui ter um certo respeito dos alunos e alunas. Nunca tive medo da minha posição. No momento do segundo turno da eleição de 2018 para presidente, ao chegar na escola eu ostentei o adesivo da candidatura de Haddad. Habilidosamente, antes de chegar em sala, retirei e coloquei o adesivo no avesso da camisa. Minutos depois, um grupo de alunos veio à porta, e perguntei o que queriam, daí eles me viram sem o adesivo e perguntaram o que eu tinha feito e ficaram sem reação. Se precisava de exemplo para falar de democracia e ética – tema da aula de História sobre a redemocratização - eu disse: “Todos sabem minha posição; mas da porta de sala para dentro eu sou o professor; aqui eu tenho que falar sobre democracia e quero mostrar para vocês como se discute de maneira reflexiva”. Bem, francamente não sei se consegui atingir a todos e todas naquele dia.

Uma inquietação que amadureci nesse tempo partiu de como eu via o tratamento das questões de memória e patrimônio no município de Cabo Frio. Há um acervo que conta com estruturas das mais diversas épocas, desde a pré-história até a modernidade. E muitos acervos se encontram bem conservados, como também muitos testemunhos históricos de fatos importantes na História do Brasil e da população local. Ao mesmo tempo, muito pouco se aproveita esse potencial como elementos didáticos e de valorização do lugar. Como fazer com que esse material não se perca e, ao mesmo tempo, sirva para a construção de movimentos que coloquem em questão que tipo de sociedade queremos? Assim, talvez, possa combater a alienação além de criar relações que contribuam para a valorização local.

Tanto no Miguel Couto (aonde sou o Taran) quanto no Márcia Francesconi (onde me chamam por Alexandre) vi uma ansiedade e expectativa quando se apresentam os elementos de Memória e patrimônio de Cabo Frio. Uma excursão feita pela escola sobre os pontos turísticos em 2015 para duas turmas do 9º ano eu tive que improvisar em algumas explicações (pois só soube de última hora sobre o passeio organizado pela professora de Artes). Mas o improviso naquele dia serviu para que uma aluna anos mais tarde

optasse pelo curso de História na Estácio; e quando eu falo no Miguel Couto sobre a arquitetura atemporal da escola há um certo atrativo, e não raro se pergunta como era a região e o local na época, sendo que muitas vezes para responder eu tenho que fazer pesquisas para tentar responder. Com isso coletei muitos materiais e informações interessantes para serem prontamente socializados.

Quando ouvi falar do Prof História e quando resolvi arriscar

Acho que foi em 2016 quando ouvi falar a primeira vez sobre o Prof História. A pessoa que me falou comentou que participou do primeiro concurso mas não tinha sido aprovado. Ele falou com certo amargor sobre a reprovação e desistiu de outras tentativas. Essa mesma pessoa me faria uma desfeita anos depois quando repassei um texto do Boaventura Souza Santos a respeito da pandemia do COVID-19, discutido brevemente numa aula de História do Ensino de História.

Em 2017 pensei em tentar. Dias antes de encerrar a inscrição para o concurso, estive numa mesa de bar em Cabo Frio com uma mestranda do programa na época, a esposa de um vereador e Reginaldo (contemporâneo de Movimento Estudantil da UFF). Me lembro de Reginaldo dizendo que iria arriscar. Eu falei que iria me inscrever e trocamos numero de “whatsapp”. E fomos juntos fazer prova na UERJ, concorrendo a uma das vagas na UFF. Ele passou e eu, por ter alterado duas questões certas, acabei “aguardando vaga”.

No ano seguinte, tentei para o mesmo lugar mas a classificação ficou muito aquém do esperado. Pensei em desistir e me conformar com a contagem vagarosa dos dias e anos. Talvez viajar para locais diferentes, me aventurar pelo sul fluminense e Minas Gerais. Precisei respirar por um tempo o ar da montanha (tecnicamente seriam morros e serras, mas a metáfora da montanha serve para descrever o que precisava para refazer o pensamento). Não me senti preparado e ainda era marcante a frustração do ano anterior, daí deixei passar a seleção feita em 2019. Mas um fato mundial afetou tudo....

Havia uma pedra no meio do caminho/No meio do caminho havia uma [pandemia] e o encontro com Nietzsche em Caxambu

O ano de 2020 começou com uma viagem a aprazível Caxambu (MG), local onde um dia sozinho meditei na simpática praça da cidade sobre as leituras indicadas por um amigo de longa data (Alexandre Imbroisi) de um filósofo misterioso e impetuoso: Friedrich Nietzsche. Foi nessa belíssima praça (só pelo nome ela se torna linda!) que descobri o significado de *“amor fati”*⁸. A Filosofia a partir dali me absorveu de uma maneira que eu nunca havia sentido antes, nem mesmo nos tempos de pré-vestibular (talvez o silêncio meu na época se explicasse no momento - daí foi fácil me convencer para o lado de Clio).

No momento da volta de Caxambu já se chegavam notícias sobre o que ocorria a partir de Wuhan. “Fico preocupado sobre essa pandemia afetar os mais pobres e a África”, assim disse Marcos, um tio da minha esposa ao nos visitar no carnaval daquele ano. Nunca imaginamos que o descaso dos responsáveis pelas políticas públicas de saúde eram tão avassaladores quanto a miséria no continente (tal como faltar luvas descartáveis nos hospitais, UPAS e prontos-socorros pela justificativa de corte de custos): cerca de dois meses depois, o COVID vitimou a ele e a seu irmão (Luís) num prazo de quatro dias.

Na pandemia acabei absorvido pela Filosofia. Ainda mais que no estado eu tinha que trabalhar para as turmas do 3º ano lecionando a disciplina. A pandemia suspendeu o ensino presencial. E aí? Como passar conhecimento para um grupo que estava concluindo a formação? No caso do estado, implementaram o sistema do “google” sem maiores discussões. Passei a preparar

⁸ Este foi o terceiro momento que me emocionei. Isso mostra que jamais eu conseguirei ficar para além do bem e do mal, jamais serei o Super-Homem. Mas descobri que aonde estou é o lugar que devo partir para transformar se quero construir uma história diferente seja para mim seja para os demais. Seguindo uma consideração intempestiva, não me sobrecarregar com o passado, mas pretender construir bases que possam ser melhoradas em momentos oportunos

textos em filosofia com respectivos exercícios a serem respondidos e comentados. Não arriscava “lives” por pura vontade de não querer aparecer e ao mesmo tempo eu via os colegas bastante frustrados ao realizarem devido à audiência.

Meses depois, em agosto, Cabo Frio chamou as pessoas que participaram na discussão da BNCC para elaborar a plataforma educacional e o programa municipal a ser lecionado na Rede. Montei parte dos objetivos do 8º junto e todo o objetivo do 9º ano; montei as apostilas dos módulos 1, 4, 7 e 10. Em setembro, recebi a notícia do processo de seleção ao mestrado acadêmico da UERJ por um professor que trabalha comigo no Márcia Francesconi. Eu achava que era uma chance de poder retornar ao mundo acadêmico...

A pedra no caminho se mostrou bastante pesada para o meu colega de trabalho: eu senti que ele sofreu com o resultado pífio do processo de seleção após a entrevista. Pedi para não desanimar e rever o que ficou faltando. Resolvi seguir um conselho dele: tentar no ano seguinte para o programa da FFP. Um ano depois procurei retribuir o favor e enviei a ele a notícia sobre a seleção mas me respondeu que estava sem ânimo. Eu revi meu projeto que era sobre trabalhar o contexto histórico da construção do prédio do atual Colégio Estadual Miguel Couto, sua influência para a formação de gerações e o impacto sobre a cidade de Cabo Frio.

Percebi aos poucos que a pedra no caminho poderia ser eu mesmo. Isso consistia superar temores, ressentimentos e letargia: isso era o “*amor fati*”? No início de 2021, na mudança de prefeitura, ainda havia a pandemia. Estava fazendo compras quando recebi um toque no WhatsApp: uma pessoa que havia entrado na Secretaria de Educação me pediu para entrar na equipe que iria elaborar os módulos do ano letivo a serem montados através de resumos e exercícios do ano anterior. Eu ainda estava sentindo os efeitos da entrevista feita para UERJ. Não sabia o que responder. Olhei para minha esposa e perguntei. Ora, eu deveria saber de imediato: se eu não sabia quem dirá ela.... As chances entre o sim e o não eram iguais. Resolvi investir nos 50% do sim.

A Seleção do Prof História 2022 e o desejo de ir além de onde estou

O ano de 2021 exigiu de mim que, antes de mais nada, era fundamental a autocrítica. Refleti sobre a minha prática até antes da pandemia, voltada primordialmente ao conteúdo e com poucas aberturas para escutar; a preocupação com fatos e locais sem permitir maiores diálogos de ideias. Era culpa da carga horária semanal? Sinceramente, não sei. Mas fato é que o curto tempo e a cobrança sobre o currículo impede a meu ver não só a História se desenvolver, mas (não sejamos egoístas) com certeza deverá impedir também o desempenho da Geografia, das Ciências, das Artes (estas últimas então bastante sacrificadas)...

Aos poucos as escolas foram voltando. E nelas os problemas mal resolvidos de antes da pandemia: a intransigência do uso da máscara pelos alunos (que não se resumia apenas a questões típicas de juventude - se é que me entendem...), a desordem aliada a “burrocracia” (todos estavam perdidos sobre o que fazer e o que cumprir) e, na desordem, eu vi pessoas usando do direito a ficar em casa por atestado e ao mesmo tempo se sentindo na obrigação de cumprir outros compromissos para sustentar a família (um dos autores desse tipo de proeza, em uma das reuniões pedagógicas virtuais apareceu se desculpando pelo atraso devido a estes compromissos)⁹. Daí me convenci que precisava ir além de onde estou.

Minha esposa reclama não poucas vezes sobre minha ideia de achar que encontrarei algo melhor fora dos locais onde atualmente trabalho. Até hoje não consegui justificar para ela que não gosto de me conformar diante de minha insatisfação, em especial diante do corporativismo tipo: “aos amigos pode tudo”. A frase de Mahatma

⁹ Mas de consequência trágica para a pessoa, pois sofria de pressão alta (atestado que garantia o afastamento do trabalho presencial) e parou de tomar medicamentos, ao mesmo tempo que estava num trabalho que prejudicava sua saúde diretamente. Isso resultou na sua morte em fins de janeiro de 2022, deixando esposa e filho.

Gandhi na epígrafe ilustra bem como penso. Não tenho medo do novo e quero sempre buscar mais. Talvez precise me organizar melhor e ser mais paciente. Coloquei como meta tentar no ano de 2021 e até mais tardar no ano seguinte a conseguir passar nas provas de mestrado que fossem abrir, na expectativa de ver um mundo novo e dar notícias do mundo de cá.

Foi nesse íterim que me preparei para dois programas: o Prof História e o acadêmico de História da FFP. Outro maldito momento: passei em ambos e tinha que optar novamente. O pesar de preterir uma escolha dessa vez foi pelo fato de que as perguntas feitas durante o processo de seleção pelos professores foram no sentido de melhorar o projeto apresentado e demonstrar que eu não deveria desistir da ideia inicial. Ficava para trás naquele momento o meu desastroso processo de seleção feito na UERJ no ano anterior.

Comentei com uma amiga contemporânea do Movimento estudantil que reencontrei recentemente num grupo de “whatsapp” (viva a tecnologia?) sobre a escolha que eu deveria fazer e a indecisão. Ela me disse: não adianta. A UFF será sua escolha. Daí perguntei o porquê, já que eu não teria receio de estar na FFP (pois ela havia sido de lá), foi quando disse a frase que motivou a escolha final: porque sua vida está vinculada lá, seu pensamento também. Por mais que queira, sua história está lá. Resumi tudo numa frase: seu umbigo está enterrado lá. Realmente, se conseguiram acompanhar esse longo texto, verão que tudo flui direta ou indiretamente para a UFF. E por que não podemos tentar escrever uma história nova no mesmo lugar?

Sem Final Final

Elaborei boa parte deste memorial entre a sexta-feira santa e o sábado de aleluia (alguns diante do longo texto já devem ter encontrado o judas). Foram 35 anos (desde os 13 anos) resumidos e ainda estou esperando a passagem (e não a ressurreição), para um novo momento e uma nova história. Agora eu vejo que não basta

saber o que não quer, e precisa-se saber muito bem o que se quer. A única dúvida é ter ciência de que não está perdido. Qual o caminho a seguir? Tenho certeza que o caminho não termina enquanto houver vida.

Atualmente me preocupa o papel da história como um elemento fundamental para promover uma sociedade plural, com respeito e tolerância, onde os indivíduos poderão exercer seu papel sem constrangimentos do tipo que ocorreu na cidade de Cabo Frio na sexta-feira santa quando um turista jocosamente fez um comentário em uma sessão de fotos na praia de uma menina de 10 anos fantasiada de sereia da seguinte forma: “eu nunca vi uma sereia preta”.

Isso se torna naturalizado quando existem pessoas que não refletem ao reproduzir a ideia de “capitão do mato”¹⁰. E torna isso tão banal quando não se valoriza o local onde vive. Por causa disso estou nesse momento tendendo a trabalhar com a questão da memória e do patrimônio e saber de que maneira isso poderá dinamizar o ensino. Seria retomar de outra maneira o que eu fiz há 13 anos atrás (antes de mais nada a simbologia desse número não faz referência a questões políticas - a não ser quando associo com 22).

Sem finalizar: Eis o Homem! O veredicto deste iludido pescador de ilusões que prefere o singelo Professor Alexandre, tolera o Taran e sorri quando alguém redescobre o Xamã fica a cargo de vocês...

¹⁰ Em fins de abril de 2021 o SEPE, ao publicar um cartaz questionando ações da gestão do então secretário de educação de Cabo Frio, que é negro, colocaram um cartaz metaforizando-o como um “capitão do mato” através da famosa gravura de Rugendas, usando claramente um racismo que foi reproduzido por muitos professores e professoras em protestos feitos até sua saída da Pasta pelo sindicato da categoria.

Posfácio: O Professor Alexandre, o Taran e o Xamã Gostaria de Agradecer

No dia 08 de julho de 2022, logo após a aula de História do Ensino de História retomei este Memorial. Lembrei que não falei o local do meu nascimento: O dia 09 de julho coincide com o local aonde eu nasceria, mas acabei nascendo na Beneficência Portuguesa. A data marca dois fatos históricos separados por cerca de quatro séculos de diferença que ocorreu numa importante cidade do país. Ainda que eu seja atualmente um notório papagoiaba e botafoguense desde 1989, não nasci no Rio de Janeiro. Deixo outro enigma aqui.

Assim que concluí este Memorial, considerei impossível reler e revisar. No dia do curso eu disse horas antes que havia concluído. Mentir! E se a mentira é justificável (acredito que não seja) é porque depois adquiri sabedoria para compreender tudo o que aconteceu e consegui reunir coragem para revisar todo esse memorial. Segui a partir de então uma ideia: não precisamos nos entristecer e muito menos nos amargar. Revisei por conta de acertar algumas contas com o passado sem ter que encarar com frustração e ódio o presente e construir assim um futuro de sucesso e paz de espírito.

Ao longo desses seis primeiros meses de curso (e também por conta deste Memorial) encarei traumas e complexos que julgava ser impossível superá-los. Posso dizer que ao redigir esse texto e interpretá-lo fez a estrutura que sustentava esta pessoa que vos fala desmoronar porém acabou provocando o desejo de reconstrução. Assim, fui vencendo muitos obstáculos - inclusive a da fatídica COVID-19 que ousou em me enfrentar com seu arsenal de sintomas que me apresentava a cada dia da doença. Minha vitória pessoal porém seria impossível sem a ajuda dos que direi aqui:

Antes de mais nada deixar registrado minha gratidão a Sacha. Uma cadela de estimação que apareceu numa segunda-feira de carnaval com cerca de um mês de vida e bastante debilitada; a veterinária tinha dúvidas se sobreviveria. Já foram 4 anos e acho

que acompanhando a aula comigo através do Remoto ela também aprendeu bastante sobre História.

Registro minha gratidão pela amizade do professor Alexandre Imbroisi por fornecer conversas e trocas de ideias interessantes e sempre precisas. E por ter me apresentado ao grupo de WhatsApp Resistência Democrática, cujos participantes não sabem o quanto eu tenho de gratidão por me aturarem por tanto tempo, em especial aos camaradas Herly, Erick, Verônica, Iris e Carlos. Não os conheço pessoalmente, mas tenho afinidades como se fosse de há muito tempo.

À minha esposa Neuzimar, que compreende meu esforço em eu tentar me tornar um Mestre e que me deu forças desde o início. Se houver um paraíso no além vida, ela com certeza terá um lugar garantido por ter me aturado. E olha que é todo dia! Junto com ela, minha sogra, Dona Neuza (aqui em casa eu subverto o papel do genro e da sogra: sou eu que perturbo), minha filha Sophia, que deve ficar por vezes uma arara com um pai chato e sem paciência para esse tal de K-Pop, e ainda seu pai achar que isso é uma coisa arquitetada intencionalmente pela Coreia ... do Norte.

A Professora Maria Helena Versiani, que, ao longo da disciplina ministrada para dois cursistas (eu e o Fábio - um grande colega que ensinou a tolerância para um ateu) não deixou de acreditar em mim e desfez bloqueios intelectuais que eu tinha. Como agradecimento, a escolhi como orientadora do Projeto de Mestrado.

Ao professor Daniel Pinha e à Professora Márcia Gonçalves do Núcleo UERJ; ao Professor Everardo Paiva Andrade e à Professora Patrícia Teixeira de Sá por terem aturado um mestrando pedante, irritadiço, prolixo, emotivo e desorganizado. E que, neste aspecto, espero que o coordenador do Curso - Professor Rodrigo Almeida - me perdoe pelos inúmeros correios eletrônicos e transtornos provocados por mim.

A Professora Larissa Viana por me proporcionar a sua experiência docente ao falar enquanto a sala era inundada por um sol vespertino de outono e que me despertou uma linda imaginação naquele dia. E no dia 7 de julho de 2022 ter permitido minha

presença na aula dada pela Professora Martha Abreu que foi um reencontro bastante proveitoso.

Aos Professores e Professoras colegas de curso do Núcleo UERJ e da UFF, pois o convívio mostrou que o Mestrado não é um val de egos e vaidades e ninguém se precisa fechar para a convivência comum. As trocas de experiências eu levarei comigo pelo resto da vida. Estimo sucesso para todos e todas nos projetos que estão colocando adiante.

E finalmente aos que cruzaram o meu caminho ao longo do tempo descrito aqui. Muitos ao longo do texto decidi proteger e não coloquei diretamente o nome; os que coloquei foi porque tiveram uma importância sem igual para eu decidir qual o caminho a seguir. Os demais que apareceram nesta caminhada que eu fiz, se cruzaram para o bem porque constituíram minha ética e estética; para o mau porque acabaram fazendo com que eu visse a força que imaginei jamais possuir.

E, claro, a leitora e leitor que, se não consegui entreter neste longo texto espero pelo menos que possa tirar lições de alguém que tem muito ainda para aprender e que tenta ensinar e assimilar em todas as encruzilhadas que a vida me apresenta.

Minha história com o ensino de história: Experiências com o passado e com a educação a distância

Camila Amorim Mariano

Me movo como educador, porque, primeiro, me movo como gente.

Paulo Freire

Não sou uma pessoa que fala muito, menos ainda de mim mesma, entretanto ao descobrir que teria que criar um memorial aceitei humildemente a tarefa de escrever um pouco sobre minha breve trajetória, que imagino ser muito parecida com a de muitos professores, apesar de suas especificidades. Sou Camila, tenho 35 anos, casada, sem filhos, vegetariana há dez anos e 11 meses. Tenho uma irmã gêmea chamada Priscila, que queria ser professora, mas virou psicóloga. Quanto a mim desde os meus 8 anos de idade, já sabia que queria ser professora, ao participar de um concurso na escola fui interrogada sobre qual profissão seguiria quando adulta, respondi sem nenhuma dúvida seria professora, e no 5º ano do Ensino Fundamental decidi que seria professora de História, foi uma decisão tomada de forma precoce, sem influência familiar, mas que prevaleceu viva dentro de mim por muito tempo.

Natural da Serra Fluminense do município de Nova Friburgo, uma bela cidade porém muito estratificada socialmente, cresci em um bairro periférico da cidade chamado Cordoeira, sempre com muito orgulho de ter tido a educação pública em minha trajetória, em todos os seus níveis básico e superior e também de ter sido a primeira pessoa da minha família a ingressar no Ensino Superior. Porém ao terminar o Ensino Médio no ano de 2005 no Colégio Estadual Canadá não tive a oportunidade de ingressar prontamente na graduação, por conta das circunstâncias da vida, não ter como arcar com uma faculdade privada, por ter pouco conhecimento sobre a universidade pública e por achar que era

algo impossível e muito difícil ser alcançado para as pessoas que viviam na minha realidade. Por isso logo comecei a trabalhar e o sonho da faculdade de história ficou adormecido dentro de mim.

A experiência do CEDERJ

Quando já tinha desistido do meu sonho adormecido tive a oportunidade de realizá-lo. Depois de 8 anos de espera, pude ingressar no Ensino Superior, no ano de 2013 começa minha experiência na Graduação em História pela Faculdade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), na modalidade semi-presencial no polo de Cantagalo/ RJ, município localizado no interior do estado do Rio de Janeiro. Passei no vestibular sem curso preparatório, na primeira tentativa depois de alguns anos afastada da escola, foi uma grande vitória não apenas para mim, mas para toda minha família, e para minha mãe que sempre trabalhou muito duro como empregada doméstica, mas sempre me incentivou a buscar os estudos.

Seria o início de uma longa e apaixonante caminhada, estar em Cantagalo é estar rodeado por resquícios do passado todo o tempo, a rua do polo do CEDERJ, na época a Rua Chapot Prevost era a mais antiga da cidade, o prédio onde funcionava o polo também era um dos mais antigos da cidade, construções arquitetônicas antigas espalhadas pela região central do município, a tradicional igreja, o palácio maçônico, a câmara dos deputados foram locais que tive o privilégio de visitar, as longas caminhadas no sol escaldante ao observar o solo degradado, me remetia ao passado cafeeiro da região, visitas guiadas nas lindas e estonteantes fazendas históricas eram como voltar no tempo, ressaltando que enquanto estudante em Cantagalo tive acesso a vários locais que na minha cidade natal jamais tive.

O sistema de tutorias nos permitiu tecer um imaginário de como eram as universidades na modalidade presencial, muitos tutores contavam histórias, experiências para nos incentivar e nos fazer sentir parte da universidade, pois estávamos longe e muitos

sem o sentimento de pertencimento. Dois professores em especial compartilham da minha profunda gratidão, a professora Airan Borges de Oliveira, professora da UFRN (Universidade Federal do Estado do Rio Grande do Norte) que atualmente faz seu pós doutorado na UFF, por ter me incentivado em um momento difícil da perda do meu pai, e que tive o prazer de ter como coordenadora em Cantagalo, o professor Douglas Mota da UFOPA (Universidade Federal do Oeste do Pará), também aos professores Lair Amaro, Vanessa Codeço, que tive o privilégio de serem meus tutores no curso de graduação, quando iniciava minha atividade como aluna no Ensino Superior, todos os tutores e toda a coordenação maravilhosa.

Ao receber nosso material de estudo ficávamos encantados ao saber, mesmo que pouco, da trajetória dos professores que os escreveram. Um exemplo bem simples, era como se os professores que escreveram o material fossem vistos como celebridades pelo imaginário dos estudantes, nas vezes em que tive a chance de estar na UNIRIO e na UFF pude me deparar com alguns deles, foi um enorme prazer conhecer pessoalmente a professora Larissa Viana e atualmente ser sua aluna no mestrado, depois de ter estudado por um módulo escrito pela mesma na graduação. Foram anos dedicados exclusivamente à graduação, com muita dedicação e esforço, mesmo com meu casamento no ano de 2015, ainda na metade da graduação, não perdi meu foco nos estudos. Chegada ao fim minha experiência da graduação, apesar da sensação de conclusão e alívio, hoje tenho muitas saudades daquele universo que se abriu pra mim, e agradeço a todos que direta ou indiretamente contribuíram para minha formação.

Experiências de formação

Foram dois anos intensos de Estágio Supervisionado, com muita correria, burocracia e greves. Tive a oportunidade de realizar meu primeiro estágio no Instituto de Educação de Nova Friburgo (IENF), uma das escolas públicas mais tradicionais de Friburgo,

conhecida por sua qualidade e pela Formação de Professores. Foram 6 meses intensos, redescobrimo a rotina da sala de aula. Mesmo que o primeiro estágio não tivesse programado observação em sala de aula, a coordenadora recusou assinar os papéis caso não fizesse, pois tinha medo que eu estivesse desrespeitando alguma regra. Assim consegui realizar o primeiro estágio em uma turma de formação de professores. Com dificuldades de horário, pois ainda trabalhava em um emprego com horário integral, tive que continuar o estágio em outra escola.

Passado o semestre iniciei meu segundo estágio na Escola Estadual Dr. Marcílio Dias, nesta nova etapa tive o prazer de trabalhar com (EJA) Ensino de Jovens e Adultos, era gratificante ver aqueles jovens e adultos correndo atrás de conhecimento e muitos querendo recuperar o tempo perdido, eu de certa forma me identificava com eles por ter passado algum tempo afastada da escola antes de ingressar na graduação, e assim foi durante todo o segundo estágio que durou mais um período de seis meses.

Iniciei o terceiro estágio na mesma instituição, entretanto foi iniciada uma greve e as aulas da professora Rogélia, que virou uma grande amiga, foram paralisadas. Por um lado eu entendia a greve e a situação dos professores, por outro ficava preocupada pois qualquer falha burocrática me renderia mais um semestre de faculdade. Para minha sorte, outro professor de História, Betão, como era chamado, mantinha suas aulas mesmo com o movimento da greve, me aceitou em sua turma e pude terminar meu estágio, pois tive alguns colegas de polo, que tiveram que fazer mais um semestre de faculdade por questões burocráticas de estágio, por conta da greve. Entretanto com a greve a evasão escolar ficou muito forte, a escola foi fechada no turno da noite e os alunos remanejados para o Colégio Estadual Dr. João Bazet. Segui também para o colégio Dr João Bazet, para minha felicidade o professor regente era o professor Orlando, que tinha sido meu tutor de Teoria da História no polo CEDERJ de Cantagalo, a movimentação das escolas ainda sofria reverberações da greve, mas aos poucos os alunos foram

retornando e as salas se enchendo. Pude finalizar meu último estágio, com sensação de aprendizado, gratidão e dever cumprido.

Experiências como docente

Nos anos vividos em sala de aula tive a oportunidade de lecionar em escolas públicas, privadas, cursos preparatórios (Pré-Militar) e EJA (Educação de Jovens e Adultos), todas as experiências foram gratificantes e contribuíram para o meu fazer enquanto professora. Minhas primeiras experiências lecionando foram durante os estágios da graduação, tive a oportunidade ainda enquanto estudante de substituir um professor e foi um primeiro contato assustador e maravilhoso no espaço da sala de aula, além da experiência de lecionar para jovens e adultos.

Posteriormente no ano de 2017, ingressaria na rede privada de ensino no colégio IPC (Instituto Pátria e Cultura), colégio antigo na minha cidade Nova Friburgo, no qual permaneço até meados de 2022, tive a oportunidade de ampliar minha área de atuação por todo o ciclo, desde o 6º ano do Ensino Fundamental II, até o 3º ano do Ensino Médio Também pude ministrar aulas das disciplinas Filosofia e Sociologia. Comecei de forma tímida, aos poucos fui me soltando e ficando à vontade para trabalhar. O perfil dos alunos era dinâmico, urbano e cosmopolita, muitos gostavam de ciências humanas, arte, dança. Aprendi muito com o trabalho, tive o privilégio de ter autonomia, não sofrer intimidação ou censura na convivência com a direção, coordenação e com as turmas, suas demandas, potenciais e dificuldades no ensino de História. Além de poder trabalhar temas relevantes como racismo e suas estruturas, machismo, homofobia, através de brechas no currículo.

O período da pandemia foi difícil para todos, porém conseguimos nos organizar rapidamente para que as aulas continuassem de forma remota, foi um período de muito aprendizado, acesso aos novos conhecimentos e ferramentas, mas também foi um período difícil de adaptação com aulas ao vivo, escolha de vídeos, atividades intermináveis e com a ansiedade

batendo muito forte. Apesar de todos os contratemplos foi formado um sistema eficiente e conseguimos trabalhar relativamente bem de forma remota durante dois longos anos afastada da sala de aula, as outras escolas retornavam e o colégio IPC muito consciente preferia esperar para o retorno presencial, que voltou apenas no início do ano letivo de 2022, foi um enorme alívio voltar para o espaço da sala de aula.

A experiência docente no pré- militar EZAP, se inicia no ano de 2018, como um verdadeiro desafio, permaneci até o início da pandemia do covid- 19, foi diferente de todas as experiências anteriores, o material e a estrutura do curso foram pensadas de forma tecnicista, através de procedimentos mecanicistas de observação, memorização e objetividade, focando em aprovações e resultados, assim tive um desafio de trazer para o espaço das aulas a questão interpretativa e a questão do debate na ambição de buscar um equilíbrio com tal proposta pedagógica. Era estranho assistir ao processo de recrutamento, os jovens em marcha, fazendo flexões, em posição de sentido. O pré- militar era destinado para alunos do 7º ano em diante, para os alunos menores existe um projeto chamado Militarzinho, destinado como um treinamento para as crianças pequenas.

O perfil dos alunos não é homogêneo, alguns de origem humilde viam o curso como uma promessa de futuro, outros estavam por imposição familiar. A questão do controle dos corpos, da postura, vestimentas e penteados dos alunos eram motivo de orientação e preocupação da coordenação pedagógica, pois queriam incentivar que já tivessem uma postura militar ainda enquanto estudantes. Todos os alunos deveriam estar uniformizados, com sapato preto, calça jeans ou preta, cabelos cortados e as meninas com cabelo preso. Como lecionava em três polos de municípios diferentes (Nova Friburgo, Cachoeiras de Macacu e Papucaia e atualmente Cordeiro), a adesão às regras oscilaram de acordo com costumes, cultura local e perfis da turma. Entretanto o trabalho da equipe foi abruptamente interrompido quando as aulas foram suspensas por conta da pandemia, eu fui a professora a ministrar a última aula

antes de parar. Agora no segundo semestre de 2022, as atividades retornam e eu estarei de volta.

O retorno ao pré- militar no ano de 2022, no município de Cordeiro, no interior do Rio de Janeiro, me faz refletir sobre a atual situação do país, a extensão da proposta com o curso MILITARZINHO, destinado para as crianças do Ensino Fundamental I, se materializou diante de meus olhos, crianças desde a mais tenra idade sendo influenciadas para busca de uma futura carreira militar, como a salvação de uma vida de pobreza e precarização, além da promessa de futuro, a questão da disciplina e controle sobre os corpos das crianças se torna elementos para adesão dos pais, que fazem sacrifícios para arcar com os custos de transporte, mensalidade do curso. Porém sigo no desafio de equilibrar a proposta pedagógica do curso com a interpretação e debates históricos.

O início da trajetória no colégio PENSI, unidade de Nova Friburgo, em meados de 2022 é marcada pela organização, foco no ensino, turmas de Pré-vestibular e Medicina. Um sistema preparado para sucesso e aprovação dos alunos no ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) e aprovação em medicina, através de metodologias, simulados, projetos pedagógicos etc. Iniciei com a grande tarefa de substituir um professor com altas taxas de aprovação entre os alunos, turmas grandes e até o presente momento sigo em um processo positivo de adaptação, por ser um sistema pedagógico diferente dos outros que pude experienciar, sendo muito bem recebida por toda equipe e coordenação de área. Atualmente estou tendo o privilégio de estar organizando e analisando um Projeto Integrador, uma prática de educação antirracista que abrange as turmas do 6º, 7º e 8º anos do Ensino Fundamental, o projeto consiste na pesquisa de especificidades de etnias indígenas e sua contribuição para preservação do meio ambiente. A pesquisa será realizada pelos alunos e a apresentação culminará em uma exposição a ser contemplada por toda a comunidade escolar.

Identidade e aprendizado

Minha maior felicidade foi receber o e-mail de convocação de matrícula para fazer parte do PROFHISTÓRIA, finalmente tinha conseguido entrar no sonhado mestrado profissional, que já era desejado desde os tempos finais da graduação. Por ter me formado no CEDERJ, e estar distante dos grandes centros, achava quase impossível conseguir ingressar no Mestrado. Felizmente consegui entrar na segunda tentativa, ao chegar na UFF no primeiro dia de aula estava em estado de choque, pois não acreditava que eu tinha conseguido, não conseguia falar, estava com frio na barriga, hoje é um grande alento estar no curso. Além de realizar meu sonho, ainda me aprimoro todos os dias enquanto ser humano e profissional ao repensar minhas práticas e ser uma professora melhor.

As discussões presentes na UFF, no PROFHISTÓRIA me abriram os olhos para questões profundas de identidade, trouxe à tona coisas que eu já estava quase esquecendo, e aprendizado de muitas coisas novas. Primeiramente aprendo profundamente na disciplina a pensar sobre o que é ser professor, a questão dos discursos e trajetórias na valorização docente, todo esse aprendizado fez de mim uma professora melhor, mais dedicada, mais feliz, como se despertasse alguma chama dentro mim, além de ouvir a voz do Everardo quando entro em sala de aula.

No processo inicial de delimitação do projeto a questão da ancestralidade indígena principalmente por parte da minha avó veio à tona, minha avó tinha os traços indígenas fortíssimos fazia reza nas pessoas e apesar dela ter ficado doente muito cedo lembro de alguns de seus relatos falando sobre antepassados, vida no mato, lendas da floresta, entretanto quando me tornei professora ela já tinha perdido o dom da fala, por isso como não poderia usar suas memórias acabei me fechando em relação à temática para pesquisas, pois era difícil ter que aceitar que ela estava doente e aceitar que assim ela permaneceria, assim por não aceitar o destino da minha avó, não quis fazer nenhuma pesquisa de temática indígena pois doía muito tocar no tema. A figura tão cultuada do

colono alemão na minha cidade, fez uma ponte com esse passado, no relacionamento entre minha avó e meu avô. Entretanto, minha mãe fruto desse relacionamento não carrega o sobrenome da tradicional família de origem alemã, essa exclusão traz mais lacunas para minha trajetória familiar. Rememorar todas essas questões está sendo um pouco doloroso, mas também necessário para me sentir mais completa, gratidão ao PROFHISTÓRIA por me fazer encarar e reescrever a minha própria história.

Considerações finais

O relacionamento com alunos de diversas faixas etárias contribui para meu processo de aprendizagem, reciclagem, atendimento de demandas, entendimento de rotinas, canal de comunicação com os pais e abertura para possíveis sugestões. Apesar de não ter uma experiência tão extensa, tenho profunda gratidão por ter vivido e continuar a viver essas experiências maravilhosas de construção de conhecimento no âmbito da sala de aula, ter me realizado na profissão que escolhi e que pretendo levar por toda vida.

Passado presente, futuro passado – Narrativa autobiográfica de um professor de História

Everardo Paiva de Andrade

Tenho contado partes da minha história em diferentes oportunidades, isso é um privilégio, ter a quem contar! O que contar todos temos, posto que, como dizem, viver é contar histórias... Conte histórias ao coletivo em História do Ensino de História, na turma do Profhistória de 2016; depois contei ao Polifonia, grupo da Inês Bragança na UERJ/FFP e na Unicamp. Outras partes quase apócrifas têm aparecido aqui e ali, em escritos avulsos e ouvidos amigos, senão complacentes. Conto agora de novo, mais uma vez no Profhistória, entre professores de História, meus iguais.

[1] Passado presente

*Peço desculpas ao tempo pela quantidade de mundo que por segundo omito.
(À luz de uma estrela pequenina. Wislawa Szymborska)*

Por onde começar? – talvez esta seja uma dúvida comum aos narradores. Bem, meu nome é Everardo, faço parte de uma verdadeira *troupe* de seis irmãos, dois dos quais pouco falam sobre o que fazem na vida: os outros quatro são professores. Também meu pai e minha mãe foram professores. Não acredito nisso, mas penso às vezes que ser professor é uma espécie de “dom” – ou talvez de “sina” – na família. Fosse qual fosse o rumo que nossas vidas tomassem, cedo ou tarde descobriríamos que, lá em casa, todos os caminhos vão dar no magistério.

Mas – e daí? – quando começou a *minha parte* nessa história, quando *exatamente* comecei a me tornar professor? Difícil dizer, ainda mais dizer *exatamente*, esse advérbio tão definitivo. Talvez nem haja mesmo uma resposta certa, do tipo que uma vez

descoberta passa a valer como explicação. Afinal, a resposta que encontrar, nessa altura da vida e da profissão, seria a mesma para qualquer outro momento? Valeria para aqueles anos em que vivia o dia a dia na educação básica, mergulhado nas escolas, e para o que ainda viverei daqui a algum tempo, no recesso da aposentadoria? Seria a mesma resposta nos bons e nos maus momentos da profissão, na alegria e na tristeza, nos tempos ditos normais ou em plena pandemia?

Esse é o problema da busca pelo começo – como dizia o Gato da Alice, no País das Maravilhas, o começo também é móvel, depende de onde você quer chegar...

Para hoje talvez tenha uma resposta provisória: comecei a me tornar professor ainda dentro da minha família, uma família... Ia dizer uma família pobre, mas me contive: pela medida de pobreza que testemunhamos hoje em dia, tristemente exibida nas ruas das grandes cidades, pobre de que pobreza? Certamente não era de uma família pobre além da linha que não garante acolhimento, alimentação, saúde e educação. Menos ainda uma família pobre de afeto ou de experiências compartilhadas. Direi então: uma família numerosa e de limitados recursos econômicos.

Minha mãe era professora primária na escola pública, desdobrando-se para cuidar dos seis filhos nascidos em um intervalo de menos de 10 anos. Meu pai era desenhista prático do DER-RJ (Departamento de Estradas de Rodagem do Rio de Janeiro), complementando a renda familiar em exaustivos serões sobre a mesa da sala, às voltas com projetos de edificações. O que lhe valeu, aliás, o convite para lecionar Desenho em escolas públicas e privadas de Itaperuna, mesmo sem ter qualquer formação superior. Com ele aprendi, desde os 14 anos, a fazer *planta de casa*, como dizíamos então.

O estudo dos filhos era um dos valores mais cultivados na família! Como bons alunos na escola, começamos cedo a ocupar uma parte do nosso tempo com aulas particulares. A demanda cresceu e a velha casa ganhou uma garagem de família sem carro, fazendo as vezes de sala de aula: o quadro negro, a mesa com seis cadeiras, giz

e apagador. O irmão mais velho, campeão em Matemática, tinha muitos alunos. Embora eu não fosse de todo ruim em Matemática, não tinha tantos alunos quanto ele, acolhendo várias matérias, de várias séries e em variados contextos, sobretudo naquela época do ano em que a reprovação parecia iminente.

Cedo saímos de casa para estudar fora, eu e o irmão mais velho. Nos planos estava a Engenharia e o começo, vale dizer, parecia uma história saída dos contos de fada. Ainda no 2º ano Científico, uma senhora que não conhecíamos, lá da Laje do Muriaé, tia do professor Renato Garcia, um dos donos do Colégio Gay Lussac, em Niterói, ofereceu duas bolsas de estudo aos filhos estudiosos do Aquiles e da Isabel. Pura filantropia ou estratégia de mercado naqueles tempos artesanais? Dizia-se que estava encarregada de prospectar estudantes promissores do interior do estado. Minha mãe vendeu umas poucas joias para o enxoval – coisa miúda, anéis e umas pulseirinhas –, o pai encontrou uma pensão barata na Rua São Sebastião e lá fui eu, ser *gauche* na vida. Algum tempo depois me mudei para a Casa do Estudante Fluminense.

Prestei vestibular em 1972, nos tempos do unificado da Cesgranrio, no Maracanã. Comecei a cursar Engenharia, primeiro na Universidade Gama Filho, em Piedade, pouco depois na UFF, no *campus* da Boa Viagem. Bem no finzinho da adolescência, por volta dos 17 anos, indeciso entre a música e o futebol, inquieto com a poesia e o desenho, me vi de repente aluno bolsista, convivendo com jovens da alta classe média carioca, na Universidade Gama Filho, estudando Cálculo e Física no curso de Engenharia! E morando na Casa do Estudante Fluminense, entre iguais, estudantes pobres vindo do interior, em busca de algum futuro.

A solução dos muitos conflitos – entre sentidos da vida e ambientes vividos – veio de onde menos esperava: para ganhar algum trocado, o Diretor da Casa do Estudante me ofereceu uma vaga de professor no antigo Colégio da Polícia Militar (depois CE Brigadeiro Castrioto), no Fonseca. Ainda não sabia, mas aquela seria a origem do meu primeiro vínculo de trabalho na escola pública. Sem entender muito bem o que acontecia, com 18 anos, me

vi numa sala de professores e diante de uma turma de adolescentes, quase da minha idade, tentando ensinar Desenho.

Do Desenho passei à Matemática, depois Ciências e Física; da escola pública passei também à rede privada e fui me tornando professor por intuição, na prática. Quando dei por mim era tarde, a Engenharia estava muito distante. Na segunda metade dos anos 70, já fora da Casa do Estudante, morando numa república estudantil no bairro da Boa Viagem, seguindo de perto a luta de muitos contra a ditadura, criamos entre nós um grupo de estudos em história e filosofia para entender – e transformar! – o mundo ao redor, como dizíamos. A sorte estava lançada!

Foi dali – e não *exatamente* das práticas no magistério (de novo o advérbio!) – que, no remoto ano da graça de 1977, surgiu a decisão de largar Engenharia e começar tudo de novo, no curso de História. Aos poucos, muito lentamente, sem abandonar a zona de conforto das aulas de Matemática, fui acrescentando a História, junto com OSPB e Moral e Cívica. Por fim, em meados dos anos 80, fiz concurso para História na rede estadual e vivi outras experiências na coordenação de escola, na implementação de currículos e na direção de CIEP.

Enfim, por que escolhi este começo? O que haveria nele de passado ainda presente ou de futuro antecipado? Não tenho ideia de como estará o mundo daqui a dois anos, como será a vida das pessoas, se estarei vivo ou não, mas uma coisa hoje eu sei, como um futuro já presente, que pode ou não se concretizar, mas nem por isso deixa de estar comigo: em 2024 estarei celebrando minhas bodas de ouro – comigo mesmo e com as companhias em que estive e estou – no magistério!

[2] Futuro passado: confesso que vivi!

Às vezes me lembro da existência do futuro e basta isso para que sinta algum alívio, e para que consiga afirmar a mim mesmo, bobamente, como se fosse preciso: isso tudo vai passar.

(Lembremos do futuro. Julián Fuks.)

A epígrafe acima foi pensada pelo autor, imagino, na perspectiva de um fim da pandemia, por isso está aqui. Para escrevê-la, seu autor pensa em si mesmo, mas também em seus amigos, nos familiares, naqueles que sentiram a dor da perda, no país combalido e seus dirigentes soturnos, e então a lembrança do futuro emerge na forma de uma certeza, quase um grito: tudo isso vai passar! Mas ela também está aqui quando penso, não sem tanto pânico quanto alívio, que mais coisas irão passar – e dar-se por terminada – nos próximos dois anos. O que mais eu tenho hoje antecipado desses próximos dois anos, além do encerramento da nossa tragédia sanitária comum?

No Prefácio de “Futuro passado”, Reinhart Koselleck afirmava que, para além das modificações ocorridas ao longo de sucessivas gerações históricas, também as circunstâncias biológicas do envelhecimento humano modificam as relações da vida individual com a experiência (o passado) e a expectativa (o futuro), “seja por meio do recrudescimento de uma e desaparecimento da outra, seja por meio de um mecanismo em que ambas se compensem mutuamente, seja ainda pela constituição de horizontes situados além da biografia de cada um, que ajudem a relativizar o tempo finito de uma vida individual” (KOSELLECK, 2012, p. 16). Pois bem, estou aqui na feliz companhia de professores de História vivendo momentos variados da vida e da carreira, e isso me faz pensar uma segunda vez sobre o sentido da narrativa autobiográfica que procuro articular com eles, neste memorial.

Talvez eu enfatize nele muito mais experiência do que expectativa, para me convencer, afinal, de que valeu a pena, e repetir com o poeta: confesso que vivi! Talvez busque um modo de compensar a escassez de expectativa – o curto tempo que ainda me resta na profissão – com esse excesso de experiência: confesso que vivi! Talvez, enfim, busque inscrever minha própria narrativa autobiográfica em um cenário ampliado do tempo histórico, quiçá uma transcendência, atribuindo à experiência um sentido que não se resuma a ela mesma: também nesse tempo singular coletivo,

confesso que vivi! Me apanho indagando, então, qual é o substantivo – e conseqüentemente qual é o adjetivo – na expressão que dá título à presente seção: futuro ou passado?

Bem, antes de mais nada, antecipo o difícil aprendizado de uma vida fora da sala de aula. Foram até aqui 48 anos de trabalho, menos um, porque em 2018 eu estive em um período sabático, fazendo dois estágios de pós-doutoramento, um na UERJ/FFP, com a Prof^a Inês Bragança, outro no IH/UFF, com a Prof^a Juniele Rabêlo. A consciência se sentindo culpada me fez trabalhar dobrado em tudo que aparecesse: comissões, bancas, orientações, escritas, ufa! Em ambos aprendi a importância das narrativas autobiográficas em percursos profissionais, na docência: narrar a si mesmo, na vida e no trabalho, é aprofundar-se na própria formação, é tornar-se ainda, um pouco mais professor. Enfim, estive fora da sala de aula como espaço físico, mas não como espaço existencial.

Tenho até aqui evitado falar em voz alta – e, mais ainda, evitado escrever – a palavra aposentadoria. Mas não há como negar que cinquenta anos sinalizam um horizonte razoável de conclusão e encerramento de um percurso. Nada compulsório, senão que venho percebendo aos poucos um certo descompasso de linguagem, uma certa postura mais de corpo que de espírito, descortinando tempos diversos: somos mesmo todos, meus colegas, meus alunos e eu, contemporâneos? Numa pequena frase que digo de viés, num olhar que não se quis destinar ao ponto em que chegou, num gesto obtuso, rude e estúpido, que se desprende do corpo sem querer, na imperícia com os artefatos digitais e no cansaço com o excesso de informação, no imponderável desses sinais talvez seja impossível deixar de lado a impressão de que o mundo está mudando.

Cheguei à UFF como professor há 13 anos, mas esse futuro nunca estive lá, estático, me esperando, senão que pouco a pouco foi se descortinando no horizonte desde que, após 25 anos de trabalho na escola, retomei os estudos de pós-graduação, agora em Educação. Desde então tenho me dedicado com exclusividade ao trabalho institucional na formação de professores. Aliás, fui

concurado para isso, professor de Pesquisa e Prática de Ensino, componente do currículo das licenciaturas vinculado à Faculdade de Educação, acompanhando percursos de formação e reflexão pedagógica dos estudantes no curso de História, supervisionando seus estágios na escola e em outros espaços educativos. A partir de 2012 me vinculei ao PIBID, em 2013 ao PPGE (Programa de Pós-Graduação em Educação) e em 2014 ao Profhistória. A melhor parte de minha pequena produção intelectual acadêmica desde então esteve vinculada a isso: aulas e orientações na graduação e na pós-graduação, acompanhamento de iniciação à docência e encontros de formação continuada de professores.

Em certa medida, o trabalho na UFF deu continuidade a uma trajetória no ensino superior que praticamente acompanhou todo o meu trabalho na educação básica, quase sempre na formação de professores. Iniciei a experiência com as licenciaturas em 1984, na antiga Faculdade de Filosofia de Itaperuna (FAFITA), onde permaneci pelos primeiros 10 anos, depois mais 15 anos na Faculdade de Filosofia de Campos (FAFIC). De tudo isso restou um profundo respeito por esse capítulo especial da história da educação brasileira, responsável pela constituição de uma extensa rede de faculdades de filosofia fundacionais, criadas nas localidades, sem fins lucrativos, formando e colocando nas salas de aula, sobretudo interioranas, os professores que as universidades públicas, pelo menos até a virada do século, não conseguiam prover. A certa altura cheguei mesmo a supor participar da configuração diversa e paradoxal de uma *universidade local*.

Claro que a exclusividade que a universidade pública me impôs, ainda que às vezes possa parecer um privilégio, foi decisiva para uma certa qualificação específica do trabalho com a formação. Na verdade, não vejo isso como um imerecido prêmio, mas como um compromisso reconfigurado com a profissão. Sem negligenciar a dimensão prática, mas também sem mistificar a preparação teórica, o dia a dia em um departamento universitário como o SSE, reunindo um coletivo refinado de professores formados nas áreas específicas de conhecimento e estudos de pós-graduação quase

sempre na Educação, uma espécie de *terceira margem* de formação pedagógica aberta na Faculdade de Educação da UFF em direção às áreas de conhecimento e seus cursos de licenciatura, me levou a considerar mais incisivamente a articulação entre teoria e prática.

Dois capítulos à parte nesse enredo, que mereceriam desenvolvimento um pouco maior do esse que registro aqui, sem dúvida, seriam o PIBID, na formação inicial, e o Profhistória, na formação continuada de professores. Não tenho dúvidas de que as políticas públicas não vêm para ser “implementadas” pelos sujeitos praticantes, mas para serem reinventadas por eles, segundo tradições e contextos próprios, daí a diversidade de experiências que a partir delas se engendram. Quando ambos os programas apareceram no cenário das políticas públicas brasileiras de formação docente, no final da primeira e no começo da segunda década deste século, respectivamente, alguém que acreditou que todos os caminhos na família iriam dar no magistério, que pensou, mesmo, ainda que sem fundamento teórico, que o magistério era “sina” ou “dom” familiar, não poderia deixar de pensar que talvez estivesse no lugar certo, na hora certa: eram percursos incontornáveis e talvez conclusivos de uma história iniciada há tantos anos...

O PIBID começou na UFF em 2010, nas chamadas *áreas duras*, e a História só participa do Programa a partir do ano seguinte, iniciando suas atividades em 2011. Num primeiro momento, a Faculdade de Educação e todo aquele conjunto de professores da *terceira margem* foram deixados de fora, posto que a coordenação institucional entregou as coordenações das áreas aos institutos específicos. Minha adesão pessoal ocorreu na grande expansão de 2012, permaneci até a última edição (2020/22), com uma passagem pela Residência Pedagógica (2018/20), e ainda faço parte do grupo que apresentou candidatura ao edital Capes 2022/24. Entre algumas concepções prévias e projetos futuros, pouco a pouco as ideias foram amadurecendo. A rigor, o PIBID não se enquadrava com perfeição no que a universidade compreendia como sendo sua missão: era um programa de formação docente construído no percurso de idas e vindas entre a universidade e a escola, mas não

exatamente um programa de ensino ou de pesquisa ou de extensão. Trazia implícita a compreensão de que a universidade sozinha não dá conta da formação porque precisa da escola e seus professores, e que, nesse sentido, não apenas os estudantes, mas também os professores, da universidade e da escola, se encontravam em um processo contínuo de formação.

O conceito de *reorquestração de saberes* entre formação inicial e prática profissional foi um desses pressupostos que ajudaram a descrever o movimento segundo o qual alguém se torna professor pela mediação teórica e profissional. Mas era preciso rever também o papel dos professores universitários na formação, aprofundando a parceria e o diálogo com a escola básica e iniciando um movimento de formação continuada dos formadores universitários de professores. Por tudo isso, compreende-se que a experiência do PIBID consiste em um processo circular em que todos se formam, formando-se mutuamente: o professor para a educação básica, o formador de professores na escola e também o formador de professores na universidade. Nesse percurso vislumbra-se o sentido de um *movimento de transformação* em que, por fim, se são todos bolsistas do Programa, comprometem-se todos com um percurso de *protagonismo compartilhado* que, para além de reconhecer a diferença de papéis, que não se apaga sob o signo da formação, reconhece também as múltiplas formas pelas quais cada qual assume sua responsabilidade e seu compromisso com esse contexto formativo.

As articulações para a institucionalização do Profhistória na UFF, por outro lado, começaram ainda em 2013, em diálogo com outras instituições, sob a coordenação geral do núcleo da UFRJ. O Programa apresentava-se como uma rede nacional destinada à formação continuada de professores de História em efetivo exercício na Educação Básica, conferindo o título de Mestre em Ensino de História. Candidatei-me à linha de pesquisa *Saberes históricos no espaço escolar* com um projeto denominado “Política, currículo e cotidiano no ensino de História”. O edital de chamada para a primeira turma apareceu no primeiro semestre de 2014 e as aulas

tiveram início logo no semestre seguinte. Ministrei a disciplina História do Ensino de História, obrigatória no currículo, em quatro ocasiões, a partir de 2016, concluí cinco orientações e tenho uma ainda uma em curso. Paralelamente, o trabalho no PPGE seguia em frente, com 12 orientações de mestrado e doutorado concluídas ou em curso e outras 6 disciplinas ministradas no Programa.

Foi principalmente nesse contexto de experiências e expectativas – na confluência entre o PIBID, o Profhistória e o PPGE; entre as aulas de PPE, na graduação, e a oferta de disciplinas variadas na pós-graduação; entre a relação com os orientandos e a inserção nos grupos de pesquisa (CDC e LEH, especialmente) – que emergiu o interesse pelas histórias de vida e formação, em perspectiva autobiográfica, partindo do pressuposto de que, na profissão, as aprendizagens são narrativas e inscritas em histórias de vida, e não meros percursos cognitivos de aquisições teóricas. Tal interesse talvez tenha se explicitado mais claramente em uma disciplina oferecida no PPGE, em 2015-2, em parceria com a Prof^a Sandra Selles – Memória e narrações em educação (Experiência, memória e narrativas de professores) –, e logo em seguida se concretizado na disciplina de História do Ensino de História, em colaboração com o Prof. Marcos Barreto, na turma do Profhistória de 2016, resultando na organização e publicação do livro “Trajetórias docentes: professores de História narram suas histórias na profissão”, em 2019. Nessa mesma nebulosa de práticas e sentidos foi-se estruturando a Rede Trajetórias Docentes, em parceria com a Prof^a Juniele Rabêlo, reunindo narrativas escritas de licenciandos e professores de História, além de entrevistas públicas gravadas e disponibilizadas na página do LABHOI, dando origem ao projeto de pesquisa “Trajetórias Docentes: narrativas da profissão na formação (inicial, continuada) de professores”, vinculado ao duplo pós-doc de 2018, mencionado anteriormente, e também adaptado para o PIBIC e contemplado com bolsas de iniciação científica.

Visto daqui, deste mirante, neste momento em que às vezes experimento a sensação de que a pandemia amplificou sentimentos

de solidão e abandono, não posso deixar de concluir, no entanto, que jamais andei sozinho, que caminhei com muitas e solidárias e preciosas companhias. Nesse sentido, além de formativo, este memorial talvez seja ainda terapêutico!

Para não concluir

A memória traz do abismo a recordação para restituir-lhe a presença...
(Poemas. Giuseppe Ungaretti)

Quando tudo parecia mais ou menos decidido, porém, veio a pandemia. Que fazer, antecipar o fim ou aprender a começar de novo? Como fazê-lo, porém, com a interdição do encontro? Como estar na educação, como estar na formação sem estarmos juntos, corporalmente e presencialmente juntos? Desde então, e ao longo desses últimos dois, quase três anos, iniciei a dolorosa aprendizagem de trabalhar sem sair de casa. Acordava cedo, cumpria rituais de corpo e de espírito, controlava a ansiedade para o restante das horas não pensando nelas, mergulhando na rotina de trabalho. Devo agora reaprender, como quem se alfabetiza por outros signos, a marcar o tempo de outras maneiras, a preencher os espaços da casa por outros modos. Quem sabe recomeçando as aulas de meditação e yoga no aplicativo do celular? Quem sabe tentando horário de volta com a terapia, abandonada quando mal comecei, por força do afastamento social?

A epígrafe que aparece logo acima faz pensar na recordação que a memória acessa no abismo à nossa frente (ou seria às nossas costas?) como *passados presentes*, mas também como *futuros passados*. Nela o poeta parece se referir à natureza singular do *momento poético*, situando o tempo fora da ordem cronológica, um tempo que *jamais escorre em uma única direção*, podendo-se remontar seu curso até qual fonte inacessível, no entanto imediatamente presente em nós (UNGARETTI, 2022, p. 265). Imaginei muitos futuros, mas em nenhum deles constava a pandemia, o afastamento social e o trabalho remoto. Agora preciso reconquistar passados esquecidos.

O presente memorial segue nessa direção, procurando outros começos para, quem sabe, pressupor e encontrar outros fins...

Referências

ANDRADE, Everardo Paiva de; BARRETO, Marcos Pinheiro. *Trajetórias docentes: professores de História narram suas histórias na profissão*. Rio de Janeiro (RJ): E-papers, 2019.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; SANTANA, Rodrigo Luiz de Jesus (Orgs.). *Memoriais, pesquisa formação e modos outros de escrita acadêmica*. São Carlos (SP): Pedro & João, 2020.

FUKS, Julián. *Lembremos do futuro: crônicas do tempo da morte do tempo*. São Paulo (SP): Companhia das Letras, 2022.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. 3ª reimpressão, Rio de Janeiro (RJ): Contraponto; Editora PUC-Rio, 2012.

UNGARETTI, Giuseppe. *Poemas* (Edição bilíngue). São Paulo (SP): Editora da USP, 2022.

Eu, Professor

Fabio André Corrêa Alves

Produzir um memorial para relatar minha história causou-me um misto de sentimentos que gerou uma grande dificuldade para iniciar a narrativa da autobiografia profissional. A priori me senti como um médico cirurgião que foi obrigado a fazer uma operação em seu próprio corpo. Dramático? Sem dúvidas. Mas, narrar a própria trajetória tirou-me de um pedestal típico dos historiadores que quase sempre estão dispostos a produzir uma rigorosa análise de conjuntura com um olhar crítico sobre infinitos fatos históricos em dimensões temporais diversas e sempre mantendo uma certa distância do objeto. É claro que a escrita da história hoje está totalmente diferente de tempos atrás, correntes novas surgiram e ganharam como a história oral, por exemplo trouxe uma visão diferenciada para a produção e o objeto historiográfico. É notório que é impossível descartar a subjetividade tanto na vivência quanto na produção científica. A relação com o objeto histórico ficou diferente, mas o rigor metodológico permanece referendando aquilo que é academicamente produzido.

Revisitar meu passado acabou gerando uma estranheza de me tornar o próprio objeto de minha narrativa. Me recordo de ouvir de um pastor evangélico muitos anos atrás a seguinte frase: o emissor tem que ser a própria mensagem. A princípio não me senti confortável em colocar os holofotes sobre minha própria vida, mas também vejo que é uma bela oportunidade de expurgar e superar sentimentos esquecidos, traumas adormecidos e relembrar momentos belos e alegres de minha vida e trajetória docente. Produzir solilóquio, em um momento chave de minha vida pessoal e profissional, trouxe sentimentos ruins e até mesmo angustiantes, mas também sentimento de esperanças, e por que não algumas utopias, mas no fim redescobrir um sentimento que ao longo do dia

a dia acabou ficando esquecido e que eu confesso achei que até já tinha desaparecido, um certo orgulho de poder dizer: Sou Professor. Sou um profissional vocacionado para influenciar e impactar vidas diversas que passam diante de mim em sala de aula e fora dela, e me sinto um privilegiado de ser também impactado por cada uma delas, e de fazer parte de suas vidas assim como eles fazem na minha. Um tanto piegas com uma pitada generosa de clichê, mas revisitar e rememorar minha vida e minha carreira na educação realmente trouxe um sentimento de orgulho de toda a minha trajetória e de quem eu sou.

Filho de Alice

É impossível iniciar a narrativa de minha vida profissional sem antes fazer um breve comentário sobre a minha querida mãe. Mulher de luta, mãe solteira, uma grande guerreira que teve a coragem de enfrentar a sociedade para criar dois filhos e ainda se desdobrar para cumprir as tarefas domésticas e trabalhar em vários empregos. Sei que esse roteiro é conhecido em nossa sociedade, infelizmente, mas foi através dela que tive contato com o chão da escola. Sim, ela também dedicou sua vida à educação como professora de Educação Física e fez sua carreira basicamente na rede estadual, mas atuando também na rede privada. Além de professora, ocupou cargos de direção em escolas públicas na cidade de Niterói-RJ e de forma inevitável, minha infância foi acompanhando minha mãe em variados momentos de sua carreira. Colônia de férias, festas típicas, sala de aula, desfiles cívicos entre outros momentos que aqueles que trabalham com educação conhecem bem. Sem dúvidas as histórias da minha mãe na educação dariam um memorial com muitas páginas e cheio de história. Quando conversamos sobre suas experiências profissionais, que hoje seria impensável, acabamos em bons risos com as diversas situações como uma vez que entrou em uma comunidade, que possui um grande histórico de violência, no bairro do Fonseca em Niterói e mandou chamar o poder local para

reclamar o baixo número de matrículas na escola. Resultado? Foi tratada com extremo respeito e o número de matrículas cresceu nos dias seguintes. Em uma outra época, uma outra sociedade, outras relações sociais, mas sempre entendi que de uma forma ou de outra o professor vai muito além dos muros físicos da escola.

Em um outro momento onde os professores eram mais uma vez colocados em xeque em sua profissão tanto pela sociedade quanto pelo governo. Lembro-me dos movimentos e greves impulsionados pelos sindicatos nos anos conturbados da década de oitenta pós ditadura militar. Em uma dessas greves, o governo do estado do Rio de Janeiro ordenou o corte de salários dos professores criando uma revolta muito grande e apertando as coisas em minha família. Minha mãe sempre contava que no início de sua carreira os professores eram muito valorizados financeiramente e possuíam uma boa qualidade de vida e que o jogo tinha virado na crise econômica dos anos oitenta e noventa.

Foi neste contexto, apesar de todas as dificuldades que eu via na carreira e na vida de minha mãe, que a possibilidade de atuar na educação permeou minha cabeça apesar de muita resistência dela. É legal pensar que ao me autoavaliar como profissional consigo lembrar minha amada mãe atuando como professora. Sinto que o jeito dela influenciou, obviamente, meu jeito de ser professor. Quando estou em ação em sala em minhas explicações, exigindo o respeito e a disciplina dos alunos, na relação com os colegas de profissão ou na conturbada relação com as instituições sinto seu forte gênio e seu enorme carisma fluindo através de mim. Esquisito? Confuso? Não acho. Na verdade, antes de ser professor sou acima de tudo, e com muito orgulho, o filho de Maria Alice. Me recordo de uma música chamada Espelho de João Nogueira que é uma grande ode à sua infância e a seu pai. No meu caso aquela que é digna de toda admiração é minha mãe:

*Mas tão habituado com o adverso
Eu temo se um dia, aí, me machuca o verso
E o meu medo maior é o espelho se quebrar.*

Uma dupla formação

Certa vez ouvi que a profissão de professor é uma das mais complexas porque envolve uma constante formação e exige uma dedicação de vida que não é típica em várias outras ocupações. O professor nunca para de estudar e nunca para de se formar, logo, é impossível falar de uma formação completa já que a própria educação tem esta característica de estar em constante movimento em busca do saber. Se o conhecimento não é pleno, e nem pode ser para não se tornar dogmático, assim também é o professor. Aquele que pensa ter alcançado e dominado plenamente todo conhecimento torna-se um pedante perante seus alunos. A longa estrada que eu percorri até alcançar o diploma de graduação foi de muita luta, dor, surpresas e alegrias. Considero o início desta estrada o momento que entrei no mercado de trabalho com dezesseis anos de idade, por vontade própria, tendo a experiência de cursar o ensino médio na consagrada luta de muitos, que é dividir sua vida e seu tempo entre escola e trabalho. Lembro-me de minha mãe extremamente relutante com minha decisão, mas o anseio de ser produtivo e ajudar de alguma forma me levou a esta decisão do qual não me arrependo. Aos dezoito anos fui convidado para trabalhar na Biblioteca Central do Gragoatá onde tive o primeiro contato com o ambiente acadêmico com os renomados professores de várias faculdades, os graduandos e os funcionários que vivenciaram as experiências que somente a universidade pode proporcionar. Na época vivíamos um momento político extremamente marcante do primeiro mandato de FHC e sua política neoliberal que impactava a sociedade com o controle da inflação com os efeitos do Plano Real e gerava graves problemas sociais para as camadas mais baixas da sociedade e esta foi a primeira vez que de forma consciente participei de um movimento político que contestava politicamente o governo. Falo de forma consciente porque me recordo de um outro momento marcante em minha vida, ainda no ensino fundamental, na época chamado primeiro grau, quando a sociedade parou com o movimento Fora

Collor no processo de *impeachment* do presidente. Lembro-me de todas as turmas da escola irem ao pátio exigindo que o diretor abrisse os portões para os alunos ingressarem em uma grande manifestação política. Sem saber direito a importância daquele momento, sem grande consciência política, ainda adolescente, com um certo medo, mas com uma grande cobrança de fazer algo gerado por ouvir a geração anterior e suas experiências do período ditatorial. Costumo falar para meus alunos que eu fui um meio cara pintada, pois me faltava a consciência que somente obtive quando trabalhei na UFF e acessei a universidade, mas a oportunidade de participar de um importante movimento político impactou minha trajetória. Quando ingressei na faculdade de história na Faculdade de Formação de Professores da UERJ minha expectativa era enorme para debater, aprender e participar de forma ativa daquele momento. O primeiro período foi difícil e assustador por causa da grande quantidade de leitura no qual eu não estava habituado, foi a única vez que eu fui para verificação final em duas matérias em minha graduação. Mesmo com muito sacrifício passei pelo conturbado período de adaptação e me tornei algo que em minha trajetória escolar jamais tinha experimentado: um bom aluno com boas notas. Como nunca antes em minha vida passei a ter um enorme prazer na leitura, na aquisição de conhecimento e, por que não, nos resultados positivos. Nesta empolgação, fui contratado para trabalhar na Fundação Biblioteca Nacional na qual eu considero um marco em minha trajetória pessoal, profissional e acadêmica. Nos anos finais da década de noventa, uma era antes dos smartphones, a internet ainda não era acessível a todos e os computadores tinham um valor elevado. Juntando a isso, o campus da Faculdade de Formação de Professores não possuía uma biblioteca que atendesse os alunos. Por mais incrível que pareça, as dificuldades do momento foram importantes para minha formação acadêmica pois me tornei uma referência para os amigos de graduação que me pediam ajuda em suas pesquisas já que eu trabalhava na biblioteca. Isso possibilitou uma abrangência de assuntos bastante interessantes. Minha

passagem pela biblioteca durou mais tempo do que eu imaginava e passou até o tempo da graduação, ao todo foram sete anos participando de projetos em mais de um setor. O projeto mais marcante foi como pesquisador no setor de iconografia do “Tratamento técnico e descrição de álbuns fotográficos da Coleção Thereza Christina Maria”, projeto financiado com recursos da Getty Foundation. Considero que a minha formação passou por várias vertentes que se conectaram como pequenas figuras geométricas que unidas formam um verdadeiro mosaico. É impossível falar da UERJ sem relacionar com a Biblioteca Nacional. Porém, faltava mais uma peça do meu mosaico, à docência.

Fabio André ou Fabinho?

Lá se vão vinte anos desde a minha colação de grau e de forma imediata ingressei no mercado de trabalho atuando na rede privada em Niterói. Lembro-me da enorme ansiedade e nervosismo que eu senti quando entrei pela primeira vez como professor em sala de aula. O ano era 2002, em uma escola de classe média no bairro de Icaraí. A primeira turma foi a 1ª série do ensino médio lotada e extremamente agitada, tinha chegado a hora do filho de Alice entrar em ação, e eu não decepcionei. Foi um “bom dia galera” com voz de trovão, assim eles falaram, que ecoou em toda sala gerando um misto de espanto e risos. O meu nervoso fez com que minha voz grave atingisse alguns decibéis acima do normal, na hora que vi a reação deles pensei ter descoberto uma nova ferramenta. Toda a vez, naquele primeiro contato, que a turma se agitava eu aumentava a minha voz em busca de respeito e disciplina. Resultado? Fiz isso nas outras turmas e fiquei rouco, mas também recebi o primeiro elogio da minha carreira. A própria diretora da escola foi em minha direção ao final da manhã, junto da coordenadora pedagógica, e me encheu de afagos inflando meu ego. Exaltou o fato de eu ter o tal domínio de turma e que os alunos ficaram impressionados com minha atitude. Interessante é que em nenhum momento foi falado em relação à matéria ou ao meu

desempenho pedagógico, só para registrar minha formação acadêmica tinha uma enorme defasagem em história antiga matéria típica do primeiro ano do ensino médio. Nas outras semanas eu mantive a minha postura, afinal como diz o ditado em time que está ganhando não se mexe. Mais elogios da coordenação, dos alunos, dos pais e na minha opinião de forma surpreendente, de outros colegas professores. De forma inocente, típica do início de carreira, pensei: nasci para isso! Sou professor! Estou pronto! Creio que todo profissional que inicia sua carreira recebendo muitos elogios deve passar pelo mesmo sentimento que eu senti na época. Outras portas foram se abrindo de forma natural nas cidades de Niterói e em São Gonçalo e novas escolas começaram a fazer parte de minha trajetória engrossando meu currículo. Alguns dos convites para trabalhar veio seguido de uma fama de um professor disciplinador com o tal domínio de turma. Lembro-me de uma entrevista onde a coordenadora pedagógica de uma instituição informou-me que havia uma professora concorrendo a vaga comigo, tinha um currículo muito superior ao meu, mas que ela precisava de um homem disciplinador para dar conta de turmas extremamente agitadas. Incrível como fui passivo e me calei diante de uma estrutura sexista já que eu estava sendo beneficiado por ela. Trabalhei por três anos na instituição, mas nunca esqueci o dia da minha contratação. Hoje a coordenadora receberia uma resposta à altura da sua fala e do seu preconceito.

Já com uma boa experiência de sala de aula fui convidado para atuar em um curso preparatório para o vestibular, onde me deparei com uma outra realidade da educação. Para começar o valor da hora aula me deixou extremamente satisfeito, sinceridade ainda deixa, pois jamais tinha recebido pelo meu trabalho tão bem. O primeiro salário que recebi alcançou o triplo do que eu recebia nas escolas. Depois me deparei com outra realidade, que me agradou muito, o fato de não ter todo o trabalho burocrático exigido pelas instituições de ensino. Sem provas para elaborar e corrigir, sem as intermináveis reuniões pedagógicas, sem as reuniões de pais, sem as intermináveis cobranças típicas de várias instituições. Senti uma

liberdade que jamais tinha experimentado na profissão: posso finalmente dar minha aula em paz e com o público focado e interessado. Cheguei a pensar que tinha encontrado meu lugar. A grande quantidade de elogios para massagear meu ego não foram suficientes para impedir uma inevitável reflexão sobre que tipo de professor eu era. Eu era, e em menor escala ainda sou, o professor disciplinador com excelente domínio de turma, que não faltava e entregava tudo em dia, ainda que virando noites para tal, e extremamente conteudista. Porém, este perfil profissional foi colocado em xeque pelo oásis do cursinho já que a demanda era totalmente outra.

Um consenso social bem famoso é que o homem possui um enorme poder de adaptação em diversas situações, pois bem, foi o que eu fiz. O Fabio André virou Fabinho. A cobrança pela disciplina não fazia mais sentido, o domínio de turma era desnecessário. Era preciso uma boa explanação com muito conteúdo, que eu sempre tive, e de preferência muito carisma para cativar a turma, ou seria a plateia? Minhas aulas viraram um verdadeiro show de conteúdo e de bons risos. Em paralelo, a demanda administrativa teve uma brusca redução, proporcionalmente tive um aumento de tempo livre e qualidade de vida. Como é bom o professor ser bem remunerado e ter tempo para pensar sua profissão e produzir intelectualmente. Tornei-me professor de filosofia, uma grande paixão, e sociologia aumentando ainda mais minhas possibilidades de atuação. Mas nunca abandonei a minha graduação original.

A questão em minha carreira neste período era um questionamento que atravessava minha cabeça: será que o Fabio André pode dar espaço para o Fabinho nas escolas também? A resposta a esta pergunta veio na prática. Me lembro de uma frase que eu ouvia no início da faculdade: “não há educação sem empatia”. Aos poucos comecei a deixar de lado a visão de um professor disciplinador e passei a ser um professor, mas conectado com os alunos buscando sempre a afetividade. Na verdade, posso afirmar, baseado em minha experiência em sala de aula

obviamente, que o respeito e a disciplina são alcançados em sala de aula muito mais facilidade com a afetividade do que com uma postura autoritária. Fabinho alcança alunos muito mais fácil do que Fabio André.

Lembro-me de uma experiência marcante em minha trajetória. Fui contratado para dar aula em uma escola de classe média baixa de Niterói com graves problemas de disciplinas dos alunos. Ao iniciar o trabalho já recebi da coordenadora a seguinte orientação: - tome cuidado com a turma do terceiro ano porque eles são impossíveis e não permitem ninguém dar aula direito lá. Pensei comigo, vou entrar lá e como diz o ditado popular *colocar para quebrar*, mas me recordei de como é desgastante o embate com uma turma com vários alunos adolescentes insatisfeitos com o modelo escolar que nós temos. Resolvi seguir o caminho do diálogo e da negociação que somente os professores sabem fazer com os alunos. Na primeira semana não dei nenhuma matéria e busquei um bom papo sobre assuntos diversos como futebol, lutas, política entre outros. Na semana seguinte fiz uma roda para continuar o papo só que agora sobre as insatisfações deles com a educação e a escola. Não foi surpresa ao ouvir que os professores, a coordenação e direção não respeitavam eles e não ouvia as suas necessidades. A escola em sua postura tradicional esquece que seu foco principal é o aluno, claro que não acredito em uma educação formulada para atender as vontades dos alunos, porém, negá-las ou deixar de ouvi-las é um erro recorrente que cria um afastamento entre a instituição e os professores dos próprios alunos. Na terceira semana eu propus um acordo com a turma, claro que sem anuência ou conhecimento da coordenação, de duas aulas eu explicaria a matéria em uma hora e deixaria quarenta minutos livre para os alunos. Isso foi um sucesso enorme e a hora de aula estipulada foi altamente produtiva. Para minha surpresa duas coisas aconteceram que me marcaram muito, a primeira que o tempo livre que eu propus tornou-se um tempo de diálogo, como nas primeiras aulas, e até mesmo de questões pessoais dos alunos. A segunda, para a minha surpresa na época, foi um levante da coordenação, professores e

direção quando descobriram o método que eu estava aplicando nesta turma específica. Tive que me expor em uma reunião para explicar minha estratégia e mostrar que os resultados nas relações pessoais e nas notas tinham evoluído. Mesmo a muito contragosto a escola foi obrigada a aceitar me enchendo de advertência e ordens. Não segui nenhuma e me tornei o professor mais popular entre todos os alunos mesmo de outras séries.

Este revisionismo profissional, que na minha opinião é essencial em qualquer área de atuação, causa um abalo nas estruturas pessoais de cada um, mas também, possui um poder libertador das amarras que criamos com nosso modo de ser e agir. Hoje me sinto livre dos meus próprios dogmas pedagógicos, muitos criados por mim e outros assimilados em contato com várias instituições, diversos alunos e colegas de profissão. Passar por uma graduação, ingressar no mercado de trabalho, ser aprovado em um concurso público ou seguir uma carreira acadêmica não faz de ninguém um verdadeiro professor. Entendo que tornar-se professor passa por uma construção profunda e principalmente por uma desconstrução pessoal. Um processo, muitas das vezes, longo e até mesmo complicado que leva a muitos a optarem em não o seguir. É muito mais confortável a acomodação do que a transformação.

Ser professor vai além de ser apenas um profissional, é sem dúvidas uma decisão para se colocar à disposição de influenciador de vidas no processo de aprendizagem ajudando o aluno com ferramentas poderosas para decodificar a sociedade e o mundo ao seu redor. Aprendi muito com as experiências dos meus alunos ao longo dos anos. Depois de ouvir um relato de uma aluna que foi drogada e violentada sexualmente, aprendi que meu papel era muito mais do que passar o conteúdo proposto pelo currículo. Foi doloroso orientá-la a conversar com os pais e buscar a delegacia para denunciar os agressores. Sentir a dor de um aluno e manter a calma como adulto e profissional, isto se ensina na faculdade? Tomara que sim, mas em minha formação acadêmica nunca tive orientações para este caso. São coisas que acontecem na vida de

qualquer professor, por isso afirmo que a formação pessoal é tão importante quanto a formação acadêmica.

Com outro aluno me deparei com algo que para mim era inimaginável, ele apareceu com uma foto no celular do seu quarto cheio de símbolos nazistas, e falando com muita naturalidade que a coleção era do pai dele. Um misto de sentimentos se avolumou dentro de mim, com muita dificuldade segurei minha indignação e procurei ser profissional diante de um assunto extremamente grave. Informei para a coordenação que nada fez e fui orientado de que aquela situação deveria ser esquecida já que o aluno não tinha feito nada de errado no espaço escolar e que nem a instituição e nem eu como professor tinha alguma coisa a ver com aquilo. A raiva aumentou, foi difícil me controlar diante da omissão e principalmente em uma tentativa clara de silenciamento. Pensei em procurar a direção, mas sabia que a resposta seria a mesma, assim como denunciar às autoridades e causar um longo caso jurídico. Resolvi fazer aquilo que estava em meu alcance, ou seja, o próprio aluno. Iniciei com a turma, mas focando nele, um longo processo de desconstrução do imaginário fantástico que algumas matérias de história possuem. Muitos ficam eufóricos quando chegam no nono ano do ensino fundamental II, para estudar Hitler, o nazifascismo e a segunda guerra mundial. O professor pode e deve usar isto a seu favor, mas não pode deixar passar a oportunidade de demonstrar quão terrível foram estes momentos da humanidade. Sei que a influência em casa é muito mais poderosa do que na escola, mas ao final do ano ouvi deste mesmo aluno que ele não concordava com a coleção do seu pai. Resolvi considerar isso uma vitória na esperança de que ele tenha se tornado uma pessoa livre destas ideologias e de que meu papel como influenciador tenha gerado resultado.

Comecei a entender na prática que o professor é um grande referencial para todos e qualquer tipo de situações que ocorrem nas vidas dos alunos. Um conselho, uma orientação, um abraço, um ombro amigo ou uma refutação de uma ideia preconceituosa, tudo isto é sim papel do professor. Atender este tipo de demanda é

muito comum no chão da escola, mais até do que um conteúdo específico de qualquer matéria.

Carrego comigo que a situação mais difícil da minha profissão é a relação extremamente conturbada com as instituições de ensino da rede privada. Eu sei que para toda regra existem várias exceções, eu mesmo cheguei a trabalhar em lugares com tratamentos diversos aos professores. Em muitos lugares fui muito bem tratado e respeitado por toda comunidade escolar, em outros nem tanto. Acredito que a desvalorização do professor no mercado de trabalho tem vários motivos e vários responsáveis. Acima de tudo o próprio professor que se sujeita a condições de trabalho deploráveis em troca de uma remuneração irrisória e muitos usam a desculpa de que emprego é extremamente difícil e que é preciso aceitar certas condições. A falta de consciência da classe dos professores é sem dúvidas um dos motivos que levam a esta relação de exploração que todos da rede privada sofrem. Horas a mais trabalhadas sem remuneração, festas e sábados letivos que o professor tem que participar, professores como auxiliar administrativo com um volume absurdo de tarefas ditas pedagógicas, exposição aos pais de alunos que fazem cobranças como verdadeiros clientes cobrando resultado do próprio professor e principalmente a falta de posicionamento institucional que, em muitos lugares, é evidente não gerando um bom ambiente de trabalho. Conheço uma grande quantidade de colegas de profissão que adoeceram e desenvolvem síndromes diversas por causa desta relação que considero abusiva. Uma vez ouvi de uma diretora de escola que ali não era lugar para ganhar dinheiro, em uma reunião com mais de cem profissionais ela terminou a frase dizendo que aquele que almejava ganhar dinheiro tinha que abrir uma padaria. Um grande silêncio na sala e diversos rostos demonstrando indignação, porém todos quietos e até amedrontados, afinal, a escola proporciona uma boa remuneração. Minha fala não é de julgamento dos outros profissionais até porque eu estava na reunião e também nada falei.

Mas isto me remete a pior experiência na minha carreira docente e uma das piores de minha vida. Como professor recém

chegado em uma escola meu jeito extrovertido e brincalhão rapidamente chamou atenção de todos, e graças a Deus tem sido sempre assim. Mantendo uma boa relação com todos os funcionários, equipe pedagógica e alunos sigo minha trajetória com muito mais vitória do que percalços. Porém nesta instituição, acabei ganhando um apelido racista, que eu me recuso a repetir e registrar neste memorial. Para minha surpresa, o apelido não tinha partido dos alunos, se assim fosse seria facilmente resolvido, mas sim da própria diretora e dona da escola. Reclamei algumas vezes com os alunos e com a direção, mas nada foi feito. Me senti muito humilhado e pela primeira vez em minha vida impotente. Sobre a alegação de que era um apelido carinhoso e que não tinha nada de mal nisso todos permaneceram me chamando mesmo com sucessivos pedidos. Naquele exato momento eu estava passando por uma crise financeira e precisava muito daquele salário, então fiz aquilo que muitos fazem, fiquei em silêncio diante da existência do racismo. Pensava em minha família, no recurso financeiro que eu tinha que captar para sustentar a casa. Meu silêncio me magoa até hoje muito mais do que a atitude de todos envolvidos e como sempre pode piorar nestas situações, isso alcançou outras unidades da escola e outras instituições. Levei anos para superar emocionalmente os efeitos causados por aquele momento e também para me livrar do apelido já que muitos alunos anos depois me encontravam em outras escolas ou cursos. A minha necessidade financeira fez com que eu ficasse em silêncio me levando a pensar em abandonar a profissão. O racismo causa marcas profundas em suas vítimas enquanto diverte os seus agressores. Não deveria ser assim em um local sagrado de saber, mas se foi comigo tenho certeza que acontece com muitos. Busquei minha cura na fé e evolui minha posição como professor sem perder minha essência e minhas características.

O professor do século XX tem que se construir como pessoa e como profissional e firmar posição ante a sociedade e seus sistemas estruturais que exercem coerção sobre os indivíduos. Firmar posição contra a proletarização da docência, contra a narrativa da

história oficial excludente, contra aos interesses escusos da classe dominante que tenta monopolizar o sistema educacional com suas ideias, contra um currículo que marginaliza mas do que integra e por fim firmar posição a favor das reais demandas sociais como o combate à homofobia, ao racismo, a desigualdade sociais, ao feminicídio, a necropolítica, a qualquer tipo de preconceito em busca de uma real democracia onde todos verdadeiramente possam alcançar seus reais direitos.

A forma que eu canto a canção

É possível ser um professor de história e filosofia e mesmo assim ser cristão? A resposta é sim. E afirmo que é mais comum do que se pensa. Retornando aos tempos de graduação fui convidado para visitar uma Igreja evangélica e isto mudou minha vida. Em Cristo encontrei todas as respostas as minhas dúvidas, anseios e angústias que me atrapalhavam a caminhada da vida, além das respostas, encontrei também direcionamento e um propósito. Mas algo aconteceu que na minha inocência já tinha superado os estereótipos impostos pela sociedade que atuam sobre a vida de todos e comigo não foi diferente, influenciando diretamente a minha prática docente. Afinal, é comum os alunos criarem uma expectativa com relação ao professor como um radical comunista e um convicto ateu. É incrível como a sociedade se agita e se incomoda quando não atendemos as determinações e perspectivas impostas por ela sem considerar a nossa liberdade de seres subjetivos capazes de fazer suas escolhas independente dos estereótipos. Já passei por momentos constrangedores na sala de aula quando os alunos descobrem minha fé, não somente os alunos como também os colegas de profissão que se mostram indignados acusando-me de incoerência. Já ouvi de um aluno que era impossível ser evangélico e professor de história, e da mesma forma ouvi de um colega professor que eu não era plenamente confiável já que minha fé era uma exaltação de uma estrutura opressora. Intolerância? Sem dúvidas.

Todas as vezes que penso sobre isso me recordo de uma canção, que sempre gostei muito, de um músico evangélico cantor de reggae que sofreu muita perseguição e preconceito pelo seu jeito totalmente diferente, usava dreadlocks e impactava o meio gospel com uma forma diferenciada de fazer o seu louvor a Deus. Em uma de suas famosas canções, resumiu bem o que ele sentia e como eu me sinto perante aos questionamentos com relação a uma suposta incoerência entre a minha fé e a docência. Salomão do reggae em sua obra intitulada Igual a você, canta assim:

*A forma que eu canto essa canção
Não altera o que eu tenho no coração
Para o meu Senhor
Minhas tatuagens, meu jeito de ser
Não espantam, não botam pra correr
Aqueles que querem a verdade
Eu já sei o que vai dizer
Eu sou diferente pode crer
Só que dentro de mim
Existe um ser igual a você.*

Infelizmente esta prática não é exclusiva da escola e não é um triste privilégio meu. A mesma motivação que causa dúvidas e estranheza em alunos e professores com relação a minha fé, também leva vários cristãos ao mesmo sentimento. Constantemente tenho que firmar posição como um professor historiador cristão que também se posiciona contrário ao racismo, a intolerância, a necropolítica, ao fascismo e outras nojentas estruturas que atingem nossa sociedade. Chego a uma triste conclusão que ser tolerante em uma sociedade intolerante torna o homem um alvo muito mais de críticas dos que de apoio ou mesmo elogios. Somos iguais, porém de forma constante produzimos desigualdades e naturalizamos cada uma delas pela força do hábito ou pela acomodação de não querer se chocar com uma estrutura muito maior que cada um de nós, eu simplesmente digo não.

Aliás, ao rever minha vida vejo que sempre fui alvo de preconceito e racismo. Ser um adolescente negro de classe média baixa estudando em uma escola tradicional de Niterói de classe média alta foi desafiador, mas também me fortaleceu para a vida. Ser o único aluno negro de uma sala com mais de quarenta alunos e um dos poucos da escola me fez reconhecer cedo a minha negritude ao passar por alguns casos de racismo e preconceito. A cor da minha pele, que para a sociedade é um estigma, para mim tornou-se um motivo de orgulho e um chamado constante para resistir e lutar contra as estruturas e os estereótipos impostos.

Considero como parte importante de minha docência, e mesmo de minha vida, o compromisso social de promover respeito e tolerância ainda que seja um alvo do oposto de ambas. Sempre na tentativa de levar o aluno a refletir com racionalidade este mundo que vivemos cheios de imposições sociais e preconceito. Ajudar cada um no seu próprio percurso em busca de uma identidade autêntica e não de um consumo alienado de ideias e ideologias prontas e reproduzidas em larga escala. Mas acredito que o exercício da docência sai dos muros da escola e alcança todos os lugares que eu frequento. A cada conversa, na igreja, em casa, em uma oficina, no condomínio, em família, em reunião com os amigos eu sempre vou ser um professor responsável pelo ensino e pela defesa da ciência como conhecimento. Cada vez mais passo por isso em minha vida e vejo que a sociedade, em época de *fake News* e radicalismo religioso e político, precisa da figura do professor para combater os equívocos produzidos de forma intencional por uma determinada parcela da sociedade.

Se a história é viva e está em constante transformação, o professor também tem que estar disposto e preparado para todos os tipos de situações. Quantas vezes fui parado por pessoas conhecidas, e as vezes não, para explicar alguma situação que estava acontecendo na sociedade, – Já que você é professor me explica uma coisa aqui... acredito que todo professor uma hora ou outra já ouvi esta frase e já se deparou com esta situação, em minha vida isto é rotineiro, dentro do ambiente escolar e principalmente

fora dele. Mas encaro isto como uma excelente oportunidade de levar as pessoas a refletirem sobre o senso comum com mais racionalidade.

Gosto de pensar que minha profissão possui características singulares, sendo uma das poucas que possuem a missão e a possibilidade de influenciar e impactar vidas. Me sinto extremamente honrado quando escuto relatos de alunos e ex-alunos dizendo que lembram de mim e me agradecem pela minha atuação em um momento de suas vidas. Considero uma vitória profissional e pessoal. Ainda que eu não esteja no lugar que eu desejo, sou grato pelo lugar que eu cheguei. Grato por tudo que eu passei de ruim ou bom, grato por cada aluno, cada colega de trabalho, cada instituição que trabalhei ou trabalho. Sinto um enorme orgulho ao ouvir relatos dos meus filhos na escola que eles estudam, na qual eu trabalho a um bom tempo, que são chamados como filho de Fabio. O espelho não se quebrou! O filho de Maria Alice tornou-se professor, mas também é preto com muito orgulho, evangélico por amor e convicção, flamenguista por raça, amor e paixão, pai altivo do Tito, da Anne e marido da minha amada Lailana. *A todos tenho a oferecer minha presença. Talvez até confusa, mas real e intensa.*

Memorial

Felipe Frazão da Silva

Introdução

Sou Felipe Frazão, professor de História, e costumo dizer que minha relação com a educação é de amor e ódio. Amor pelo ofício, pelo estudo que este o requer, amor por lecionar; ódio pelo descaso com a educação, com a falta de infraestrutura, falta de valorização profissional, e principalmente a desvalorização por parte de alguns alunos.

Como comecei a gostar de História

Lembro-me pouco da disciplina de história até meu sétimo ano (atual oitavo). Lembro-me das dificuldades em Brasil Colônia, no sétimo ano(atual oitavo); vagamente de um filme sobre jogos das sociedades ameríndias no quinto ano (atual sexto); alguns flashes das aulas de Estudos Sociais, no quarto ano do fundamental I. Que inclusive era a aula que mais gostava: sociedades, mapas, “misturas de raças”, nomenclaturas e conceitos, que nem usamos mais, dos idos anos 90. Até o sétimo ano (atual oitavo) tinha algumas dificuldade com a disciplina história. A partir do oitavo ano (atual nono), passei a compreender e não a decorar mais a matéria, e isso explodiu minha cabeça. Eu conseguia tirar boas notas sem estudar, porque compreendia a matéria, as conexões históricas. Claro que isso muito tem a ver com alguns professores que tive, com as memórias afetivas a eles ligadas. Como a tia Marly do quarto ano e o professor Luís Felipe do oitavo ano, que me fizeram gostar de História. Daí a ser professor....

Como virei professor

Daí a ser professor são outros quinhentos. Nunca pensei em sê-lo. Mas, a vida dá voltas. Terminei o ensino médio novo, mas não sabia o que queria fazer. Ensaiei um primeiro período de Letras, depois um outro primeiro período de Direito, quando decidi por História já tinha uns 25 anos e trabalha numa empresa de TI que prestava serviços ao BNDES. Pois bem, passei paras algumas faculdades e escolhi a UFF (Universidade Federal Fluminense). Comecei o curso no 2º semestre de 2011, e quando comecei achei tudo muito diferente, um universo novo, inusitado e desafiador. Queria ficar cada vez mais na faculdade e fazer tudo que podia, de cursos extras a Congressos. Tanto foi, que pedi para me demitirem para poder melhor aproveitar o tempo na graduação. Entrei em acordos e consegui as indenizações cabíveis por ser mandado embora, e também o seguro-desemprego. Tudo isso me manteria por pelo menos um semestre na faculdade. Mas o semestre acabando e eu precisaria do dinheiro de passagem para ir à faculdade, xerox, alimentação...foi quando surgiu a oportunidade de fazer um concurso para monitoria do Colégio e Curso PH. Fiz a prova no início de 2012, passei....e eu não acreditava, parecia um sonho, pois poderia me manter na faculdade, ter horários flexíveis de trabalho e fazer o que gosto. E aqui considero o ponto inicial da minha trajetória como professor.

Trajectoria profissional

Considero meu início de carreira como professor, quando comecei como monitor em História no colégio PH, lá muito aprendi. Logo depois, me tornei Monitor em História da África na UFF, foi quando tive contato mais direto com o professor que viria a ser meu orientador, Alexandre Ribeiro. Assim, pude participar como organizador de alguns eventos relacionados à área, como a Semana de Filmes Africanos e o III Encontro de Estudos Africanos.

Ministrei, também, aulas no Pré-Universitário Oficina do Saber, ligado à Faculdade de Educação, onde também era bolsista, mais tarde fui bolsista do PIBID -programa de iniciação à docência, no qual, sob a orientação da professora Jaqueline Ventura, atuava com uma equipe interdisciplinar na EJA do Colégio Guilherme Briggs.

No final da faculdade, estagiei no Arquivo Nacional (AN), lugar em que tive oportunidade de trabalhar com diversos documentos e fontes da nossa história, e que foi de suma importância também para minha formação como professor, pois muito me agregou valor ao saber docente, não obstante, se pararmos para pensar que toda aula é uma pesquisa, o AN muito me ensinou.

Bom, todos esses projetos, empregos, monitorias e estágios foram o que me mantiveram na universidade e que me ajudaram a formar o profissional que sou. Terminei a graduação em 2015, então fiquei naquele limbo entre terminar a faculdade e arranjar um emprego. Desempregado, em 2018 fiz uma Especialização em Ensino de História da África pelo Colégio Pedro II (CP 2). Estava estudando para concursos pois era o que eu poderia fazer para mudar minha situação, pois pelo menos, em concurso eu me garantiria, diferente de tentar emprego em escolas particulares, em que sabemos que rola o famoso QI (Quem Indica). No ano de 2019, prestei uma série de concursos públicos, passando em primeiro lugar para a prefeitura de Silva Jardim e em quinto para a prefeitura de Araruama, ambos no Estado do Rio de Janeiro. No ano seguinte, tomei posse nos respectivos municípios.

Considerações finais

Considero minha carreira tendo começado em 2012, lá no segundo semestre de graduação, tendo assim, 10 anos como professor. Mas volto ao começo deste memorial, quando digo que minha relação com a educação é de amor e ódio. Não tem um dia que não reflita sobre a educação, ou sobre se quero estar nela ou

não. Como diria o poeta: “dias de Lutas dias de glória” ou como diria a famosa canção interpretada pela fabulosa Elis Regina:

Vivendo e aprendendo a jogar
Vivendo e aprendendo a jogar
Nem sempre ganhando
Nem sempre perdendo
Mas, aprendendo a jogar

Pois é isto, a profissão docente se aprende no dia a dia, no chão de escola. A faculdade pode te ensinar a história como disciplina, a entender as fontes, a ser pesquisador, a analisar as sociedades, suas conjunturas e estruturas, mas ser professor se aprende na prática, se jogando na profissão. Isto a graduação não tem como te ensinar.

Termino com a frase de um amigo, professor de história também. Quando eu ainda nem lecionava e nem tinha ideia das adversidades do dia a dia de ser professor, sempre que eu o perguntava como estava, ele me respondia:

- “No olho do furacão, mas bem!”

Hoje eu o entendo perfeitamente.

Vivências e Experiências na Docência

Flávia Jovelino da Silva

Assim, como tantos jovens, quando estava no ensino médio havia muitas dúvidas sobre o que fazer, qual curso escolher, onde estudar, entre outros pontos de interrogação que pairavam em meus pensamentos. Entrementes, no decorrer deste processo de escolha foram fundamentais as aulas (“envolventes e reflexivas”) de dois professores: Nelson e Frida, que transformaram uma matéria que antes via como um “emaranhado de palavras, datas, eventos decorados e sem sentido”, como algo compreensível e agradável. Desta forma, a escolha foi feita, sabia para qual curso prestaria “vestibular”.

Logo após o Ensino Médio, já decidida, iniciei o curso de licenciatura em História, na Faculdade de Formação de Professores (FFP), unidade da UERJ, no Campus de São Gonçalo -RJ.

O primeiro semestre foi difícil, não conhecia a dinâmica da acadêmica, não possuía notebook, a internet doméstica era precária. Assim, para estudar e fazer pesquisas recorria aos livros e fotocópias disponibilizadas pelos professores nas pastas das disciplinas na faculdade.

Mas, aos poucos, consegui “pegar o ritmo”, adquiri um computador, o acesso à internet foi se modernizando e no terceiro semestre consegui uma bolsa do PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica). Ufa! Foi um alívio. Durante dois anos trabalhei na pesquisa sobre: *Sermões do Auto da Fé* (como instrumentos de ratificação da “pedagogia do medo” dos Tribunais da Inquisição, no século XVII).

Os semestres passaram, as greves e paralizações apareceram durante a trajetória acadêmica, além da dificuldade em escrever o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) que perdurou alguns meses. Mas, a colação de grau ocorreu em 2004, enfim, uma etapa vencida.

Logo iniciou-se um outro momento em minha vida, e novas interrogações e incertezas surgiram, mesmo sendo uma faculdade de formação de professores, a minha experiência em sala de aula era pequena e questionava-me se tinha feito a escolha certa, se estava preparada para atuar na docência, como seria, onde seria e como ocorreria este processo. Enfim... dúvidas comuns a profissionais iniciantes.

Após colocar alguns currículos em escolas de “bairro” (pequenas escolas particulares, próximas a minha residência), fui chamada para atuar em sala de aula, trabalhando com alunos do ensino fundamental e da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Trabalhava em todos os turnos e locais que tinha oportunidade. Foram os primórdios da minha trajetória como docente.

Ao entrar em sala de aula não mais como aluna e sim como professora, buscava lembrar das aulas de Educação na faculdade, porém minhas memórias logo me remetiam às aulas de história ainda no ensino básico, com aqueles docentes que foram elementares na minha escolha do curso.

Entrementes, não estava satisfeita profissionalmente, o salário era pouco, *entendia que para atuar em escolas que pagassem melhor da rede privada precisaria procurar fazer uma especialização e pelo fato de estar distante do meio acadêmico, compreendia que seria necessária uma dedicação mais intensa, uma vez que a elaboração de um projeto demandaria, tempo, leitura e uma orientação prévia.*

Desta forma, não me sentia motivada em manter-me nas unidades de ensino que atuava. E após quase dois anos trabalhando em pequenas escolas particulares em São Gonçalo, iniciei o meu período de “corrida aos concursos”.

Cogitei em mudar de profissão e ingressei, no segundo semestre de 2005, no curso de Direito, por já possuir uma graduação adquiri uma bolsa de estudos em uma universidade privada na cidade de Niterói -RJ.

Porém, não me afastei da docência, pois fui convocada para tomar posse como professora de História da rede Estadual do Rio. Assim, no início de 2006 passei a atuar na Escola Estadual de Magé,

uma unidade de ensino localizada na cidade de mesmo nome, que fica na Baixada Fluminense, região metropolitana do Rio de Janeiro.

A escola naquele período possuía 3 turnos e compreendia turmas de ensino médio e pós-médio. Foram quase 5 anos de muita satisfação, realizações e vivências. Iniciei no turno da noite com turmas cheias e em sua maioria que apresentavam alunos comprometidos, com idade entre 15 e 50 anos.

Foram diversos trabalhos desenvolvidos, como atividades interdisciplinares que dialogavam com os conteúdos de História e sustentabilidade, até a organização de aulas-passeios e pesquisa em campo. Destaco a visita a Santa Teresa, bairro do município do Rio de Janeiro, que foi uma experiência singular, uma vez que muitos daqueles educandos nunca haviam vivenciado uma aula-passeio, nem conheciam a cidade do Rio de Janeiro.

Destaca-se também a atuação e o engajamento de muitos profissionais daquela unidade escolar, os quais buscavam promover atividades diferenciadas como amostras de trabalho de História, Biologia, Economia e a organização de projetos de história oral junto à comunidade de pescadores locais. Foram momentos de muita aprendizagem, “uma vez que interagindo com o outro nos conhecemos cada vez mais.”

No entanto, mesmo atuando de forma ativa e satisfatória na escola, a demanda de trabalho e estudo aumentou consideravelmente, pois durante os anos que estive naquela unidade escolar, além das disciplinas e estágios do curso de Direito, iniciei uma pós-graduação *lato sensu* em História do Brasil e fui convocada para atuar como professora na rede municipal de ensino do Rio de Janeiro.

Desta forma, no segundo semestre de 2011, pedi remoção para o município de São Gonçalo, onde residia e despedi-me da Escola Estadual de Magé, unidade de ensino que há anos não tenho notícias, mas que mantenho em minhas memórias como um local de muita afetividade e relevantes experiências como docente.

Assim, concomitante ao Estado, iniciei minhas vivências na rede municipal de ensino, na Escola Municipal Bahia, localizada no

bairro de Bonsucesso e que atende (atualmente) alunos do segundo segmento do ensino fundamental, que moram em sua maioria no Complexo da Maré.

Era abril de 2009, quando entrei pela primeira vez na escola, e conforme descreve Roberto Cardoso de Oliveira em seu artigo *Trabalho do Antropólogo*, primeiro “olhei, depois ouvi e, por fim, escrevi”, ou seja, fiz minhas considerações sobre aquele ambiente e os agentes que ali se encontravam. (Oliveira, p. 14)

O primeiro olhar foi de “espanto”, uma vez que a escola parecia uma “prisão” com portas pesadas de ferro (que depois entendi serem necessárias para evitar a ação dos cupins), a sala dos professores era sempre trancada nos horários das aulas para evitar possíveis furtos, os alunos não tinham recreio, o lanche era oferecido dentro de sala, no horário de alguma aula a ser ministrada (situação que posteriormente foi alterada). Além disso, o calor era insuportável, havia turmas com mais de 40 alunos e em muitas destas salas só existia um ventilador funcionando, “não precisava fazer esforço para o suor escorrer”.

Os questionamentos eram muitos: como aqueles alunos conseguiam estar ali naquelas condições, qual a perspectiva deles em relação à educação, como estudaram em anos anteriores, uma vez que durante a gestão do prefeito anterior, existia uma espécie de “aprovação automática”.

Após o ato de “ver”, passei a “ouvir” e compreender que a escola mesmo com todas aquelas adversidades, era muitas vezes um local “seguro” e onde os alunos podiam ter “voz”. Para alguns deles, aquele local era um espaço de convívio e diálogo. Além disso, em certos casos via aqueles educandos como verdadeiros “heróis”, pois conviviam com tantas dificuldades cotidianas em sua vida privada que estar na escola era um ato resiliência.

A demanda de trabalho, estudo e o desgaste físico e psicológico me fizeram buscar uma terapia para tentar lidar com tais realidades, equilibrar minhas “forças” e lidar com certas frustrações, já que diversas vezes abdicava do meu tempo livre (fora da escola) para planejar aulas mais estruturais, buscando

meios de motivar os educandos a participarem das aulas e atividades propostas, mas muitas das vezes sem êxito.

Porém, mesmo com todo o meu esforço e dedicação, compreendi que nem sempre as aulas se desenvolviam conforme o meu intento e tive que aprender que os “problemas escolares, devem permanecer no ambiente escolar” e que mesmo com toda minha dedicação o meu papel era de educadora, não sendo possível ultrapassar certos limites que estavam no âmbito de outros profissionais.

Os anos passaram e em 2012 pedi uma licença na rede estadual de ensino para concluir o curso de Direito (nunca exerci a carreira, mas casei-me com um advogado).

Dois anos mais tarde, tive uma experiência que me fez reviver a empolgação de lecionar, a partir do Projeto de Iniciação à Docência de licenciatura de História que chegou até a E.M. Bahia através da Professora Carina Martins da UERJ (Campus Maracanã), a qual me apresentou o projeto e perguntou se estaria disposta a fazer parte do mesmo como supervisora, logo aceitei o convite e semanalmente passei a ter a companhia de graduandos que participavam com bolsista que foram marcante para as aulas de História serem mais “produtivas”. Estes participavam das aulas ativamente, ora como ouvintes, ora planejando e outras vezes vivenciando outras práticas da docência.

A condição de professora supervisora do Pibid me possibilitou reavaliar meu trabalho como docente, buscar nossas possibilidades e instrumentos de ensino-aprendizagem, além de me possibilitar o retornar ao espaço acadêmico, uma vez que havia encontros e a leitura direcionada de textos na UERJ/Maracanã, juntamente com a professora Carina e os bolsistas.

Foram dois anos de muitos frutos, além das mudanças em minhas práticas docentes, a troca de experiências e aprendizagem com a professora orientadora e os bolsistas foi fundamental no meu repensar docente.

Passei a trabalhar de forma mais elaborada e sistemática com livros de literatura/ obras infanto-juvenis nas aulas de História,

desde contos de Machado de Assis (como a Igreja do Diabo) até o livro *Quando a Escrava Esperança escreveu uma Carta*.

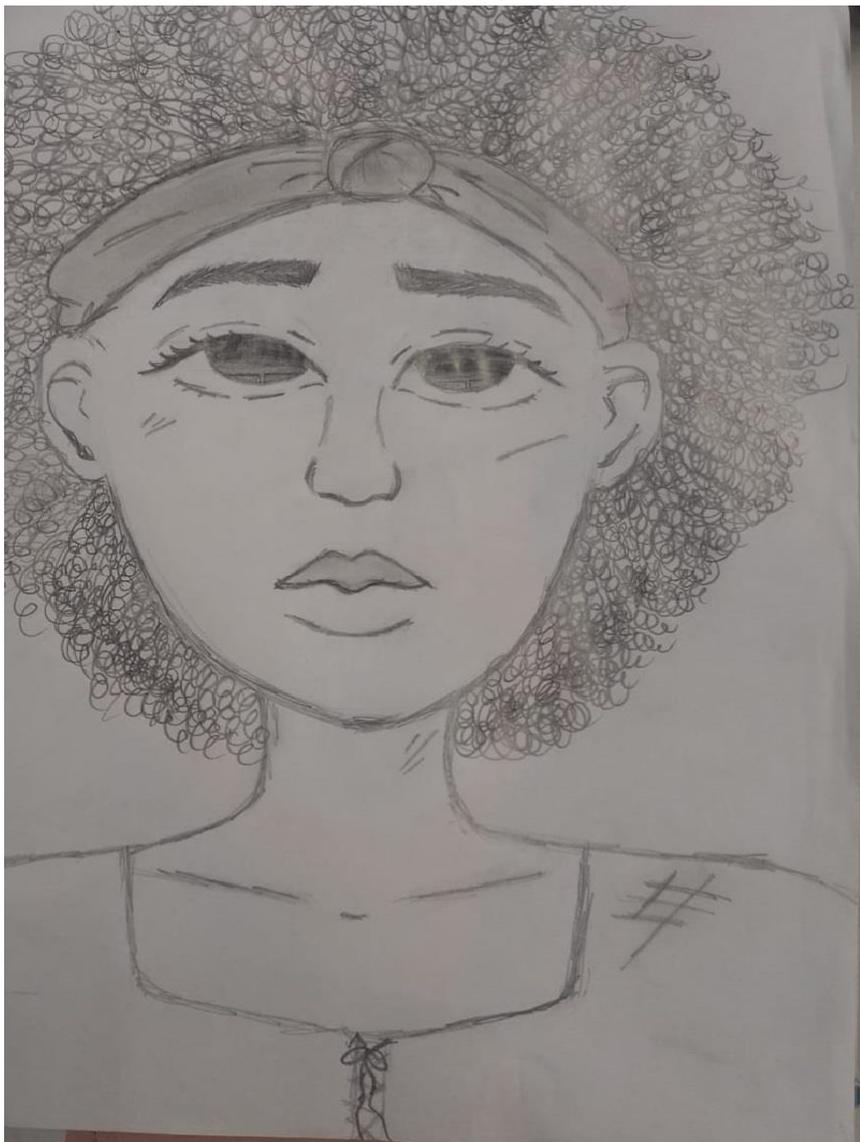


Imagem da escravizada Esperança Garcia,
feita pela aluna Kamily (8 ano)

Além disso, trabalhamos a temática da Ditadura Militar com alunos do nono ano, a partir de letras de músicas populares como *Cálice* e *Apesar de Você*, ambas de Chico Buarque. Circunstância que permitiu aos educandos compreenderem as canções como relevante mecanismo de mensagem à sociedade. O projeto teve como proposta a elaboração de letras de músicas pelos próprios alunos, que se organizaram em grupos para tal atividade. A temática estudada em sala dialogou como o contexto que vivenciavam naquele momento - a ocupação dos militares (dos “periquitos”, como diziam) no Complexo da Maré.

Este projeto, intitulado *Cantando e Ouvindo na Aula de História*, teve “frutos” tanto dentro, quanto fora da escola. Em abril de 2015, apresentei as produções elaborados pelos alunos no IX Encontro Nacional Perspectiva do Ensino de História, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e algum tempo depois este mesmo trabalho foi publicado na Revista *História Hoje*, Volume 6, n. 11 de 2017.

Título: A Realidade

Turma: E. M. Bahia/ 8801

Grupo III

Data da produção: 2015

Gênero musical: Funk escola/

Curiosidade: crítica à violência e a condição da pacificação pelas Forças Armadas dentro da comunidade da Maré. observações e curiosidades sobre a composição musical: utilização de termos e expressões comuns dentro da comunidade, que estão presentes no cotidiano dos moradores, seja através de conversas ou de inscrições em muros e paredes como as palavras: “facção”, “boladão” e “periquitos”, ou da frase “Jesus é o dono do lugar”.

A Realidade

Na nossa comunidade tem facção

Nossa segurança é Deus

Quem sabe, sabe. Sabe da realidade,

Que muitos não colocam na televisão.

Os periquitos ficam boladão
Só pensam em judiação
São sem noção, são sem noção
Não precisa de divisão.

Nós queremos paz, amor e consideração...
Jesus é o dono do lugar
O melhor está por vir
Sem previsão, sem previsão de uma nova nação.
(Repetir a música)

Mas, o meu tempo nos trabalhos no PIBID e na Escola Municipal Bahia foram interrompidos, em 2016 devido a questões pessoais e horário, solicitei cessão para uma outra escola da rede, que ficava em Brás de Pina, bairro da Zona Norte do município do Rio de Janeiro.

Ao mudar de escola já estava familiarizada com a estrutura e dinâmica de escolas da Secretaria Municipal de Educação (SME-RJ), entretanto, não sabia o que me esperava nesta nova unidade escolar.

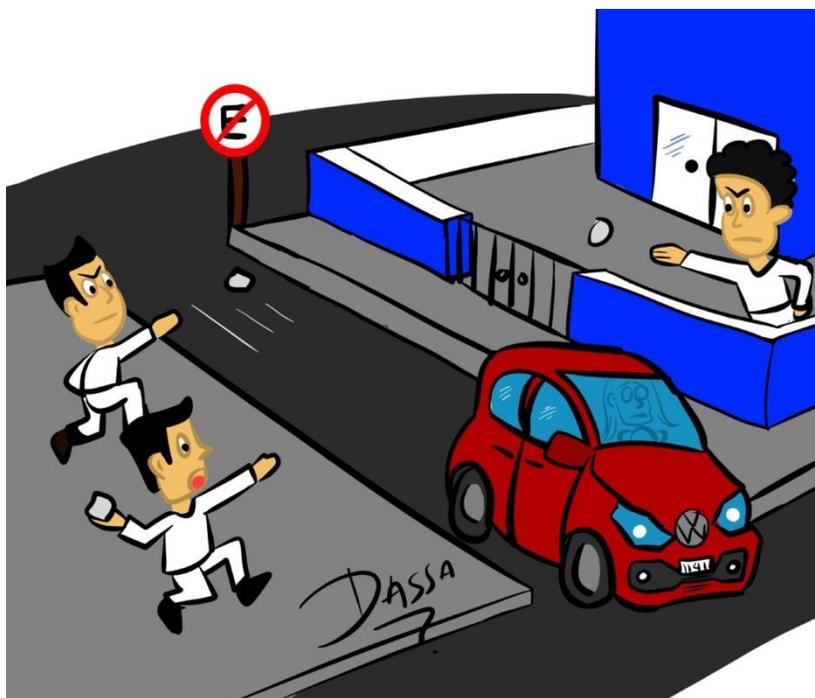
Entre os anos de 2015/2016 a escola que estava chegando passara a adotar o regime de turno único, em acordo com a Lei 5.225 e a meta seis do Plano Nacional de Educação (PNE 2014-2024), ambos os documentos preveem a ampliação do número de escolas que ofereçam jornada de 7 horas diárias para os educandos.

Porém, mesmo com todo o trabalho da SME-RJ, que promoveu a reestruturação da rede por níveis de ensino, construiu novas unidades escolares, reorganizou a matriz curricular, muitos foram os impasses e problemas enfrentados nas unidades que passaram a adotar o regime de turno único.

Dentre os problemas podemos destacar a carência de novos cargos públicos tanto de docentes, quanto de agentes educadores para atuar nestas unidades. Circunstância que atingiu a nova unidade escolar a qual passava a trabalhar.

Logo no início do ano letivo, apareceram as dificuldades de se atuar naquele cenário. Ao chegarmos e saímos, não sabíamos o que nos esperava. Em um desses momentos, ocorreu uma “chuva de pedras” (alunos jogando pedras e outros objetos para dentro da escola e os que estavam no interior da escola revidavam). Este fato e tantos outros que o antecederam levaram a uma intervenção da 4º CRE naquela unidade escolar.

Neste contexto, a comunidade escolar (direção, coordenação, professores, funcionários e responsáveis) solicitou o envio de funcionários, especialmente agentes educadores a fim de buscar uma solução para o “caos” vivenciado naquele ambiente.



Alguns meses se passaram e aos poucos a situação foi sendo amenizada, salvo alguns imprevistos e apesar das dificuldades, o corpo docente, composto em sua maioria por professores recém-

chegados na rede, mostravam-se capacitados e comprometidos em desenvolver projetos relevantes para aquele ambiente escolar.

Professores buscavam levar palestrantes à escola como o Projeto “Papo Resposta”, desenvolvido por membros da Polícia Civil, além do planejamento de aulas-passeios a instituições como o MAST (Museu de Astronomia e Ciências Afins), Planetário e o Museu do Amanhã, entre outros. Além de auxiliarem na criação de salas específicas para as disciplinas de Artes, Música e um auditório reformado.

Os dois anos que passei naquela unidade escolar foram de grande aprendizagem, pois além das experiências e convívio com docentes e discentes, conheci mais de perto a realidade de alunos como a Patrícia, adolescente vinda do Congo, que aprendeu a língua portuguesa e que imigrou para o Brasil, sem seus pais (a mãe permaneceu no Congo e o pai estava na França). A partir da conversa com a educanda, soube quais eram suas percepções sobre a escola carioca, como o Estado tratava a sua situação e de seus familiares, além de instituições religiosas que “abraçavam” e auxiliavam estes indivíduos.

Em 2018, retornei para minha escola de origem, E.M. Bahia, revendo colegas de trabalho, conhecendo outros professores e alunos. Além disso, a escola mudara de Direção e já adotara o regime de turno único, seguindo o ritmo de outras unidades da 4º Coordenadoria.

Mas aquele ano, foi um momento de mudanças e transformações, principalmente na minha vida privada, meu pai passou a precisar de mais atenção, uma vez que se recuperava de AVE hemorrágico ocorrido em dezembro de 2017 e durante este período fiquei grávida.

No ano seguinte, iniciei a licença maternidade, só retornando em 2020, ano que “mudou nossas vidas”. Mal iniciei as atividades, a pandemia fechou escolas, cinemas, teatros, igrejas, praias, cidades...

Parentes, amigos, vizinhos, conhecidos se foram sem podermos nos despedir... tempos difíceis para todos nós.

As redes públicas de ensino buscavam uma “solução”, pelo menos para apresentar à mídia, uma vez que nem as escolas, nem os profissionais da educação, muito menos o corpo discente estava preparado para o ensino remoto.

Neste período de pandemia, alguns termos passaram a fazer parte da minha rotina de trabalho como “atividades síncrona e assíncrona”, “aulas remotas”, “plataformas de educação”, entre outras palavras.

No entanto, a realidade dos alunos nestes quase dois anos de ensino remoto, foi de total exclusão, uma vez que a grande maioria não possuía acesso à internet e quando era possível ficar “online”, havia outro empecilho: um único aparelho celular que precisava ser compartilhado por toda a família, muitas vezes compostas de 2 ou mais filhos em idade escolar.

Mesmo “postando” atividades constantemente “nos espaços de trabalho remoto” disponibilizadas pelas instituições públicas de ensino, o instrumento mais viável de alcançar os alunos era a entrega de material impresso e, em alguns casos, o uso do WhatsApp, que se tornara um mecanismo relevante para fazer a “busca ativa” de alunos evadidos ou mesmo possibilitava o envio e a correção de atividades.



Para onde vou?

Consequências desse cenário? Em 2022, recebemos em nossas escolas da rede pública, alunos que após distanciamento da escola, “aprovação automática”, perdas em suas famílias tanto no campo afetivo, quanto no financeiro, apresentavam além das dificuldades na aprendizagem e concentração, graves problemas de comportamento e de relacionamento interpessoal em sala de aula e no ambiente familiar, transtornos de ansiedade, depressão, entre outros.

Assim como Antônio Nóvoa declara, acredito que a escola tem como intuito a “formação da pessoa e não promover ações assistencialistas, uma vez que este não é o papel principal da ESCOLA”. Mas, não podemos nos esquivar diante do atual cenário e a da necessidade de partilha e diálogos entre profissionais da educação, especialmente aqueles que estão no “chão da escola” e que entendem as especificidades da sua comunidade escolar, para criar estratégias e mecanismos para buscar soluções não somente provenientes do atraso escolar, fruto das aprovações automáticas e exclusão digital, mas “resgatar” este indivíduo não somente para a escola, mas para a vida em sociedade.

Apesar dos desafios na prática docente, o ano de 2022 iniciou com grandes esperanças e oportunidades, uma vez que fazer o mestrado profissional, especialmente na Universidade Federal Fluminense (UFF) era algo que almejava há alguns anos. A construção desta nova etapa da minha vida está sendo um período de relevante aprendizagens e compartilhamentos. Um momento de verdadeira “construção de redes de trabalho coletiva que possibilitam o suporte de práticas de formação baseados na partilha e diálogo profissional”.

Finalizo este memorial, com trechos do poema *Eu sei, mas não devia* de Marina Colasanti, que em diversos momentos me faz refletir sobre o meu cotidiano durante um ano letivo, minhas práticas docentes, o espaço escolar ocupado por mim, pelos demais profissionais de educação e pelos discentes.

Eu sei, mas não devia

Eu sei que a gente se acostuma. Mas não devia

(...)

A gente se acostuma a acordar de manhã sobressaltado porque está na hora.

A tomar café correndo porque está atrasado.

A comer sanduíche porque não dá pra almoçar.

A cochilar no ônibus porque está cansado.

A deitar cedo e dormir pesado sem ter vivido o dia.(...)

A gente se acostuma a pagar por tudo o que deseja e o de que necessita.

E a lutar para ganhar o dinheiro com que pagar.

E a ganhar menos do que precisa. (...)

A procurar mais trabalho, para ganhar mais dinheiro, para ter com que pagar nas filas que se cobra. (...)

A gente se acostuma se à poluição.

As salas fechadas (...)

À luz artificial de ligeiro tremor.

Ao choque que os olhos levam na luz natural. (...)

A gente se acostuma a coisas demais para não sofrer.

Em doses pequenas tentando não perceber, vai se afastando uma dor aqui, um ressentimento ali, uma revolta acolá (...)

A gente se acostuma para poupar a vida que aos poucos gasta e, que gasta, de tanto acostumar, se perde de si mesma.

(<https://www.escritas.org/pt/t/13438/eu-sei-mas-nao-devia>)

Esta é a minha trajetória de vida, até o momento....

Referência

Roberto Cardoso de Oliveira. O trabalho do antropólogo. Olhar, Ouvir, Escrever. *Revista de Antropologia*, Vol. 39, n. 1, pp. 13-37, 1996.

NÓVOA, António. Formação de professores em tempo de pandemia. Webconferência transmitido ao vivo em 23 de jun. de 2020. Disponível em <https://youtu.be/ef3YQcbERiM>.

NÓVOA, António et al. Pesquisa em educação como processo dinâmico, aberto e imaginativo: uma entrevista com António Nóvoa. *Educação & realidade*, v. 36, n. 2. Porto Alegre – RS, maio/ago 2011. p. 533-543. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/21170>.

<<https://www.escritas.org/pt/t/13438/eu-sei-mas-nao-devia>> julho de 2022

Encontros com a docência: memórias de uma professora em (re)construção

Hosana do Nascimento Ramôa

Encontro-me, novamente, em frente a folha em branco com o cursor aguardando as palavras, enquanto os dedos ziguezagueiam de uma letra para outra, formando seus desenhos. Não é a primeira vez que me debruço sobre o difícil exercício de mergulhar em minhas memórias, selecionando-as e tornando-as acessíveis à outras pessoas. Nem por isso, o desafio se torna menor. Por onde começar? O que compartilhar? Como escrever? Essas são sempre questões incômodas e que, talvez, nunca sinta que foram totalmente respondidas. Provavelmente, nem precisem ser.

Escrever sobre a própria trajetória pode ganhar ares de tarefa simples, mas, de fato, não o é, e por um bom tempo me perguntei o que teria de importante para narrar. Falar sobre minha vida, experiências e escolhas não era algo que parecia merecer destaque quando cheguei ao curso de História. Aliás, fui ensinada a escrever no plural, incentivando a impessoalidade do texto e priorizando o que os autores tinham elaborado sobre um determinado assunto. Como cheguei até a temática dissertada ou a relação que tinha com ela, não eram informações tidas como necessárias de serem explicitadas.

Aprender outras formas de narrar, no entanto, é algo possível e me vejo, pouco a pouco, caminhando com o “eu” na escrita. Recentemente, fui percebendo que, em meio a esse movimento de olhar para minha trajetória, existe um trabalho que envolve as certezas das lembranças vívidas, mas também, as incertezas daquilo que deixamos atenuar, e que, por vezes, podem emergir. É o caso das memórias compartilhadas neste texto. Algumas delas, nítidas e já visitadas em outros memoriais, junto de outras que

foram (re)surgindo nesse processo e que começo a registrar e, assim, dividir com quem esteja lendo.

Se nas linhas anteriores disse que era preciso selecionar minhas memórias, sigo fazendo esse exercício consciente de olhar para o passado, despertando lembranças que foram adormecidas ou abafadas por demandas e interesses de outros momentos. Distante da ideia de tentar conter toda uma vida – ainda não tão longa – nas poucas páginas a seguir, permito-me escolher e contar alguns *retratos narrativos* de encontros que tive com a docência, sem me preocupar excessivamente com a linearidade e nem com o inventário de uma grande variedade de experiências formativas em minha trajetória.

Começo com uma lembrança recente – um encontro atual – que envolve a escrita dessas linhas. Em agosto do ano de 2022 – tempo que demarca minha condição de aluna do doutorado em Educação na Universidade Federal Fluminense –, constantemente me deparo com o impulso da rememoração, seja no processo de investigação da pesquisa que realizo, nas conversas com meu orientador, no grupo de pesquisa Currículo, Docência e Cultura (CDC), nas conversas com meus colegas de curso ou, ainda, durante o estágio docente nas turmas de Pesquisa e Prática de Ensino (PPE) do curso de História e na turma da disciplina de História do Ensino de História do ProfHistória.

Nos espaços citados, a narrativa em primeira pessoa, evocando a autobiografia e a inserção na docência (principalmente, mas não unicamente), vem me confrontando e me desafiando a falar de quem sou. Acostumada a falar do outro (personagens e grupos históricos), virar o dedo, colocando a minha pessoa em cena, apesar de não ser fácil, tem se revelado uma tarefa formadora. Esse mergulho me mostrou e continua mostrando o quanto pessoas, lugares e situações foram marcantes para a professora que sou hoje.

Não se trata apenas de olhar para trás, é antes, uma costura entre os passos que estou dando, o quanto já andei e os próximos passos a dar. Esse movimento, nem sempre uniforme, me fez perceber o quanto a educação foi atuante na minha vida, me

possibilitando novos caminhos. Foi a educação que me trouxe ao doutorado, algo que sequer poderia imaginar alguns anos atrás. Na verdade, a menina de São Gonçalo adentrando a universidade pública no ano de 2011, nem sabia o que era um mestrado ou um doutorado, e, só foi ter conhecimento disso depois de alguns semestres como graduanda. Por falar em São Gonçalo, uma cidade grande e com uma densa população, mas, que infelizmente segue até hoje com pouco incentivo à educação e cultura. Por sorte, em casa esse incentivo sempre foi presente.

Filha única de um pintor e uma vendedora, lembro-me de escutar que estudar era fundamental e que eu precisava me dedicar a isso. Meus pais faziam questão de enfatizar o quanto a educação era importante, mas não só no discurso. Na prática, quando pequena, eles me ajudavam a estudar para as provas, olhavam meus cadernos e eram presentes na escola. Não sei dizer se o gosto pelo estudo já estava comigo ou se foi aprendido, só sei que, apesar de encorajada, não era forçada e por vezes, quando queria faltar e ficar em casa, não havia objeção.

Com esforço, meus pais me mantiveram numa escola privada até a antiga segunda série, o Centro Educacional Paulo Freire (CEPAF), que enquanto eu frequentava, era nomeado por Balão Mágico. Mesmo não tendo permanecido tanto tempo quanto gostaria – me lembro claramente da minha mãe conversando comigo sobre minha mudança para outra escola e eu dizendo que não queria sair –, o CEPAF construiu boas lembranças da infância.

Feiras da primavera, onde conheci a “Aquarela” do Toquinho e do Vinícius, tomadas de tabuada, corridas com os colegas de turma para saber quem terminava os exercícios primeiro e minha primeira formatura, o CEPAF foi um lugar de vivências coletivas para uma criança sem irmãos. Não só na infância, mas em outros momentos de minha trajetória, a escola em que iniciei meu trajeto acadêmico, também teve papel fundamental para alguns encontros com a docência já na graduação e depois, no mestrado.

A segunda escola que frequentei foi a Escola Municipal Visconde de Sepetiba. Hoje, ela permanece, mas a arquitetura que

eu e tantos alunos conheceram não existe mais. Se agora ela é um prédio quadrado e completamente azul, quando lá cheguei, as salas eram uma ao lado da outra, em formato circular. No centro do pátio existia um enorme pé de tamarindo que acompanhava os alunos nos recreios. Quando ele produzia seus frutos, sempre era servido suco de tamarindo no refeitório.

Nos anos em que estive no Visconde fui bastante ativa, gostava das novidades que não tive na escola anterior, então topava participar de atividades como o grêmio estudantil, estar num coral (uma iniciativa extraclasse da professora de Ciências) e a competição anual de jogos entre turmas. Estar nessa escola também possibilitou me reconhecer enquanto leitora. Quando estava na sexta série (atual sétimo ano), houve um projeto de incentivo à leitura na rede municipal, assim foram distribuídos dois tipos de kits com cinco livros sortidos entre os alunos. Como todos, eu também recebi um kit. Dentre os livros, havia uma edição para o público infanto-juvenil de “A Odisseia”, adaptada pela Ruth Rocha. Lembro-me de devorar o livro. A história e sua narrativa me prenderam por horas. Eu já havia lido outros livros, mas esse é o que guardo a lembrança mais vívida, por isso o tenho como minha primeira leitura.

Naquele mesmo ano, a professora de Produção Textual passou um trabalho para minha turma. Ele consistia na leitura de um livro e na resposta a uma lista de elementos, como personagens principais, a trama da história, um resumo, etc. O livro era de escolha livre de cada aluno e eu decidi trabalhar com o difícil retorno de Ulisses para a Ilha de Ítaca. O trabalho me rendeu um dez e o entendimento do quanto a leitura abria a possibilidade de conhecer outros mundos. Não acho que nessa experiência tenha algum tipo de gênese para o curso de História nos anos vindouros, mas também não posso negar o impacto que a viagem de Odisseu, na narrativa da Ruth Rocha, teve num autoconhecimento de alguém que ainda estava em crescimento.

Se no Visconde descobri o gosto pela leitura, foi ao sair dele que isso se intensificou. Ao longo da sexta série, minha mãe estava

apreensiva quanto aos anos seguintes. Como a escola era municipal, ela não englobava o Ensino Médio e naquela época, conseguir vaga num colégio estadual não era tarefa simples. Era comum escutar sobre a necessidade de dormir na fila para conseguir uma vaga, de tão poucas que eram. Então, meus pais decidiram tentar minha mudança de escola naquele momento, antes que finalizasse a antiga oitava série e se tornasse ainda mais dificultoso.

Depois de muitas idas ao Colégio Estadual Frederico Azevedo (CEFA), meus pais, finalmente, conseguiram a tão desejada matrícula. Para eles, um alívio, para mim, uma tristeza. Não queria sair do Visconde. Porém, convencida de que, mais cedo ou mais tarde, deveria mudar de escola, dei uma chance e fui conhecer o CEFA. O Visconde era uma escola menor, se comparada ao Frederico. Isso o fazia ter uma “cara” mais acolhedora, enquanto o CEFA era bem maior, atendendo desde a Educação Infantil até o Ensino Médio.

Havia, no entanto, uma coisa que o Frederico tinha e o Visconde não: uma biblioteca. Não foi possível ficar indiferente a isso. Era a primeira escola que estudava que tinha uma biblioteca de verdade. Não era enorme, mas era o suficiente. Logo, os horários do recreio passaram a ser dentro da biblioteca, vendo os livros que havia ou pegando alguns para levar para casa. Cheguei ao CEFA na antiga sétima série, tímida e cheia de receios, já que seria a estranha numa turma que se conhecia há muito tempo. Ainda bem que foram só receios infundados e os colegas me receberam e acolheram, esse é um dos motivos pelo qual defendo a escola pública. Eu vivi na escola pública. Conheço suas fragilidades, mas também suas potencialidades.

Próximo ao encerramento do ano letivo da oitava série, atual nono ano, uma funcionária da secretaria foi até minha sala levando um formulário para ser preenchido pelos alunos. Nele, havia a escolha a ser feita entre a formação geral ou o Curso Normal nos anos do Ensino Médio. Ali começavam alguns encontros com a docência. Entre os colegas de turma havia vários burburinhos: “Quem faz Curso Normal gasta muito dinheiro”; “O Curso Normal tem um ano

a mais, quem vai querer estudar mais um ano?"; "Formação geral é melhor porque termina antes e tem todas as matérias", e mais algumas conversas entrecortadas. Eu não sabia como funcionava a Formação de Professores e imaginava que a formação geral seria apenas mais do mesmo, mas sabia que em casa, teria apoio no que escolhesse. Assim, marquei Curso Normal no papel e aguardei para saber como seriam os próximos quatro anos.

Algumas coisas diferenciavam os alunos da Formação de Professores, a começar pelo uniforme. Mesmo estando em uma escola pública, o uniforme do Curso Normal não era ganho (como o uniforme dos alunos da outra modalidade de Ensino Médio), era preciso comprá-lo. Uma blusa branca e que na maior parte do tempo era usada como jaleco pelas alunas – mesmo sob os protestos da diretora, que reafirmava constantemente que aquilo era uma blusa e, portanto, deveria ficar abotoada – demarcava nossa condição de professores em formação. Diferentemente da maioria das escolas com o Curso Normal, no CEFA, não usávamos saia. Era comum, no primeiro ano, as meninas perguntarem sobre a falta desse item no uniforme e a resposta da direção era direta: em breve, vocês estarão trabalhando diretamente com crianças, é mais confortável usarem calça comprida. No geral, o que as meninas queriam era apenas pela estética e a direção, desconfiava eu, buscava evitar possíveis problemas para resolver.

Outra característica que nos marcava era a sala ser povoada majoritariamente por alunas. Se no primeiro ano havia cinco meninos na turma, no último restava apenas um. Se existe, no senso comum, uma ideia de rivalidade feminina num ambiente com muitas mulheres, na prática, eu não via isso acontecer. A dinâmica na turma ultrapassava a convivência de sala. Muitas meninas já trabalhavam como professoras auxiliares e era corriqueiro ver algumas colegas ajudando-as com alguma atividade do trabalho, como recortar papeis, preparar algum exercício, colar imagens, etc. Além disso, por mais que houvesse duplas ou grupos com mais proximidade, nos estágios – que eram feitos sempre em duplas ou trios – era regra não escolher quem seria a companhia, era a

professora quem organizava, o que permitia um convívio maior com diferentes colegas de classe.

A sensação de apoio era uma constante na minha turma ao longo dos quatro anos, o que com certeza, ajudou bastante na realização de todas as tarefas que faziam parte do currículo. Talvez, essa forma de experienciar a formação tenha tido certo impacto ao vivenciar a graduação em História. Uma jornada, em sua maior parte, solitária. O historiador escreve sozinho e o professor de História planeja suas aulas sozinho. A mesma sensação de cooperação e proximidade do Ensino Médio veio surgir novamente algum tempo depois, quando cursei o Mestrado na Educação.

Durante o Curso Normal os dias eram longos, começavam cedinho, acordando às seis horas para chegar às sete horas na escola. A manhã era uma mistura de aulas das disciplinas já conhecidas, como Português e Matemática, e outras, da área educacional, que foram sendo apresentadas aos poucos, ano a ano, e que viriam a constituir a maior parte do currículo nos anos finais. O período da tarde era reservado aos estágios. Lembro-me de acompanhar professores em diferentes espaços, no próprio CEFA, em algumas escolas particulares e na Educação Especial, mais especificamente, na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) e na Associação de Pais e Amigos de Deficientes Auditivos (APADA).

Na APAE houve um significativo encontro com a docência. No primeiro dia, minha colega de estágio e eu, fomos levadas a conhecer o ambiente. Vimos as salas, o refeitório, o pátio e observamos os trabalhos realizados pelos alunos adultos. A coordenadora explicou como era a organização e o funcionamento do espaço. No outro dia, fomos iniciar nosso estágio com uma professora, mas ela não pôde dar aula. Ela estava grávida e precisou entrar em licença maternidade mais cedo do que esperava. Nas três semanas seguintes assumimos sua turma. Os alunos eram pequenos, estavam na faixa dos quatro anos de idade, e a turma era composta por cerca de seis a sete estudantes, o que facilitou nosso trabalho. Todo dia, ao chegar, nos eram entregues as atividades do

dia, enviadas pela docente em licença, e ali, começávamos a nos exercitar como professoras.

A rotina era cansativa. Saía cedo e voltava ao final da tarde, a sensação que guardo é a de que a maior parte dos dias eram dentro de uma escola, fosse a que estudava ou a que estagiava. Na APAE, mesmo recebendo o apoio da docente em licença e das professoras das outras turmas, eu era professora, ainda adolescente. Nos outros estágios, todos com professoras, eu não assumia as turmas, mas cada uma delas me levava a ser participante nas aulas, ensinando o que, para elas, era importante de ser compartilhado em/sobre seu trabalho. Se quando criança gostava de brincar de escolinha, foi na adolescência que aprendi que ser professora não tem a ver com vocação ou destino, é uma escolha. Foi entre planejamentos, estudos e idas e vindas de aulas que descobri o que era ser docente e me vi como professora. Aprendi que a profissão requer estudo e dedicação.

Ainda que a carga horária destinada a essas atividades fosse maior, o Curso Normal não se resumia apenas em aulas e estágios. Havia, também, a confecção de relatórios sobre cada tarefa realizada, a preparação de aulas, e toda uma carga horária fora da escola em atividades culturais. Grande parte da aprendizagem da profissão, porém, veio observando minhas professoras. A Maria Helena Nascimento, professora de português, e a Márcia Mattos, professora de Práticas Pedagógicas e Iniciação à Pesquisa (PPP) e do Estágio Supervisionado. Elas eram docentes que ensinavam a profissão. A primeira com sua dedicação e atenção aos mínimos detalhes, e a segunda, com sua notável organização e apego ao trabalho que desenvolvia com cada aluna. A forma como cada uma atuava despertou meu interesse em ter proximidade com características que julgava ser de uma “boa” professora, além de me ajudar a perceber modos de ser docente que desenhavam uma imagem de profissional da docência.

O fim do Ensino Médio se aproximava e com ele, dúvidas pairavam. O que fazer a seguir? Na escola, não escutava comentários sobre o vestibular e a única vez que vi menção a faculdade foi com o

funcionário que trabalhava na xerox e estava distribuindo folders da Universo, uma faculdade privada. Na minha turma, apenas eu e poucas colegas procuraram um pré-vestibular, não sei dizer se esse movimento foi maior ou menor nas turmas de formação geral. Mas, era quase regra se formar como professora e logo, estar atuando em escolas privadas. Eu sabia que estar nesse espaço me renderia muito trabalho e pouca remuneração, já conhecia seu funcionamento. Eu queria algo diferente.

Para muitas pessoas, o último ano do Ensino Médio significa uma grande interrogação no curso a ser escolhido no vestibular. Eu tive que adiar essa pergunta por alguns meses, já que minha primeira grande questão era conseguir um pré-vestibular. A maioria dos pré-vestibulares tinha mensalidades com valores altos e seria difícil arcar com seus custos. Duas colegas de turma encontraram um pré-vestibular social, totalmente gratuito, no Colégio Estadual Walter Orlandini, mas o início das aulas iria ocorrer somente no meio do ano. Aquilo me incomodava, seriam meses perdidos, principalmente para quem não tinha a maioria dos conteúdos cobrados nas provas.

Estávamos em janeiro do ano de 2010. Era um sábado de manhã, quando meus pais chegaram animadíssimos em casa. Eles haviam passado em frente ao Colégio Estadual Doutor Adino Xavier e perceberam uma intensa movimentação. Perguntando as pessoas que circulavam ali, foram informados que iria acontecer uma reunião em poucos minutos sobre um pré-vestibular social. Professores da rede pública e estudantes de algumas universidades apresentaram a proposta das aulas para um auditório cheios de responsáveis, explicando como funcionava o site com as apostilas e o pagamento da mensalidade, um valor simbólico, que ajudaria na passagem e alimentação desses professores durante os sábados e domingos daquele ano. Meus pais me contaram tudo com um entusiasmo de quem descobriu ouro naquele dia.

Comecei o pré com muitas dúvidas, era difícil acompanhar alguns conteúdos e foi preciso condensar três anos dentro de um. Ao longo dos meses, me equilibrava entre aulas, estágios e o pré-

vestibular, o que ajudava a deixar a cabeça ocupada para não pensar no curso que escolheria. Mas esse momento foi chegando aos poucos. Primeiro na inscrição do vestibular da Universidade Federal Fluminense. Optei por arquitetura, gostava de desenhar e achei que seria uma boa oportunidade para tentar algo diferente. Obviamente, não dei conta de matemática e de física na prova. Depois, ao me preparar para o Enem, me perguntava se iria gostar de jornalismo ou de história e sabia que não queria pedagogia. No final, não foi tão complicado decidir.

Junto ao gosto pessoal pela História, eu buscava uma experiência nova. Não evitava o magistério, apenas queria ampliar o leque de possibilidades. Além disso, parte dessa escolha se deve à minha professora de História. A docente Simone Marques esteve em minha formação no Ensino Fundamental e Médio no CEFA. Mais tarde, no meio da graduação, descobri que ela foi uma “professora marcante” (MONTEIRO, PENNA, 2011) na minha trajetória. Olhando para trás, sua inspiração era um amálgama da profissional e da pessoa que constituía a professora Simone. Eu, aluna na Formação de Professores, pensava: quero ser inteligente e independente como a professora! Ela chegava em seu carro, sempre muito arrumada, ministrava aulas interessantes e conseguia prender a atenção de todos. Era simpática e amável, mas não deixava de cobrar dos alunos, sua disciplina era a que mais tinha trabalhos, provas e exercícios, e, dificilmente alguém deixava de fazê-los.

No meu último ano do Ensino Médio, contei para a professora Simone que estava estudando para o vestibular. Com muita dedicação, ela trocava seu horário de almoço, entre um turno e outro, para me ajudar a estudar. Levando questões de vestibular e do Enem, sentávamo-nos em uma das salas da escola e as resolvíamos juntas. Dentro e fora da sala de aula, a professora Simone me proporcionava um encontro com a docência e hoje, vejo o quanto sua performance me ajudou a constituir a professora que sou ao me ensinar alguns dos muitos contornos que a docência pode ter.

Na História, minha graduação teve um início arrastado. Entre Antiga, Medieval, Moderna e Contemporânea, eu dava passos

incertos e tropeçava nas tentativas em entender o que era me formar em História e ser uma historiadora. Levei alguns semestres para me encontrar no curso, e, curiosamente, foi fora do departamento de História que isso aconteceu. Nas quatro disciplinas de Pesquisa e Prática de Ensino (PPE), vinculadas ao departamento de Educação, tanto a docência, quanto a pesquisa, fizeram parte de meu cotidiano e contribuíram para me encontrar no curso e na minha história.

Em minhas memórias, as atividades de sala de aula se mesclam com a orla do Gragoatá da Universidade Federal Fluminense e o azul da Baía ao fundo. Fosse entre as carteiras das amplas salas do bloco A ou comendo bolo sentada na grama, é a imagem da professora Nívea Andrade discutindo alguns textos do Jacques Rancière junto ao professor Everardo Andrade recitando uma de suas poesias, que marcaram algumas das principais lembranças da graduação. Na época, ao vivenciar esses momentos, pensava o quanto a universidade podia ser um lugar para novas experiências, e, como a docência também se constituía num espaço para a criação.

Foi pelas PPEs que também comecei a vislumbrar a possibilidade de continuar no ambiente acadêmico. Numa daquelas voltas que a vida dá, voltei ao colégio em que fui alfabetizada, o Centro Educacional Paulo Freire, para realizar o estágio de PPE II. Lá acompanhei as aulas do professor Carlos Henrique. Cada manhã junto do docente me deixava cada vez mais intrigada com sua forma de trabalhar. Além de brincadeiras e piadas com os alunos, ele sempre circulava pela sala, usava diferentes entonações, fazia algumas encenações e realizava debates com temáticas propostas pelos estudantes. Durante minhas aulas na faculdade não faltava o que comentar sobre seu trabalho. Com isso, o professor Fernando Penna – que era o responsável pela disciplina –, sugeriu a gravação das aulas do docente. O professor Carlos aceitou e se divertiu com a proposta, pegando o gravador e pendurando em seu pescoço como um microfone, enquanto dava aula. Ao final desse período, ele ainda

nos cedeu uma entrevista e contou um pouco mais sobre sua história e como chegou ao magistério.

Iniciada de forma simples e sem saber no que ela se desdobraria, essa experiência me levou a frequentar o grupo de pesquisa ¹ coordenado pelo professor Fernando, a apresentar trabalho pela primeira vez na ANPUH ² e, principalmente, a descobrir um campo de pesquisa ao qual queria me dedicar a estudar. Aprender a observar aulas de História, a trabalhar com áudio e transcrição e a organizar uma empiria, fazia sentir que estava dando passos mais largos na minha formação. Até aquele momento, entrar na faculdade já era uma grande conquista, ir além disso não era algo que havia pensado e sequer acreditava que seria aprovada em uma seleção para uma Pós-Graduação. No entanto, depois dessas vivências, o Mestrado não parecia estar tão distante.

Intentando ter mais de uma chance de entrada no Mestrado, participei de duas seleções, uma para o Programa de Pós-Graduação em Educação na UFF e outra no Programa de Pós-Graduação em História Social na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), no campus da Faculdade de Formação de Professores (FFP). Apesar das incertezas, fui aprovada em ambas e acabei optando pela UFF. Costumo dizer que estar num Programa de Pós-Graduação em Educação foi uma das escolhas mais acertadas que fiz. Isso se refletiu na pesquisa que desenvolvi, na maneira com que lidei com as cobranças da pós-graduação e, principalmente, na forma como me senti pertencente aquele grupo formado por professores e alunos.

Com o início do primeiro semestre de 2017, eu vivenciava uma nova turma, outras disciplinas, o processo de orientação com o professor Everardo Andrade e a inserção em um novo grupo de

¹ Entre 2013 e 2016, o grupo empreendia a pesquisa “Negociando a distância entre passado, presente e futuro em sala de aula: a relação entre o tempo histórico e a aprendizagem significativa no Ensino de História”.

² Associação Nacional de História, que realiza regularmente Simpósios Nacionais e Estaduais de História. É comum nos referirmos aos simpósios também como ANPUH.

pesquisa. Estar no Grupo Currículo, Docência e Cultura (CDC) fazia das sextas-feiras, dias solares. Reunidos em uma sala com cara de laboratório de ciências, em mesas duplas ou triplas e com banquinhos altos, mas que, por vezes, doíam as costas com a ausência do encosto, o CDC conciliava professores e estudantes com as formações mais diversas. Entre o gosto dos bolos e biscoitos e o cheiro de café passado na hora, discutíamos textos, política, educação e planejávamos as jornadas do grupo.

Foram incontáveis sextas de CDC pela manhã, almoços no “Docas”³, e, entre um semestre e outro, aulas no período da tarde. Em uma das atividades daquele mesmo ano, me deparei com um novo desafio proposto pelo grupo: a escrita de memoriais. Foi assim que percebi que minha trajetória é parte importante e fundamental do processo de pesquisa. Esse encontro com uma docência múltipla, colorida por diferentes áreas de formação e com tonalidades provenientes de distintos momentos da vida, segue ecoando na professora que venho me tornando. Assim, as solares sextas-feiras ficaram registradas no referencial teórico da pesquisa que desenvolvia (e na que venho desenvolvendo) e na minha forma de escrever, corroborando, ainda, para reflexões na sala de aula, oportunidade que surgiu no meio do meu mergulho no campo de pesquisa.

Nos dois intensos anos de Mestrado, eu buscava entender como despontava a produção de presença no Ensino de História. Para chegar até essa presença do passado nas aulas, fui acompanhar o cotidiano de professores de História. Durante minha estadia em uma das escolas, a professora, uma das sujeitas da investigação, entrou em licença maternidade. Convidada a assumir suas turmas, fui tomada pelo nervosismo e a empolgação, me sentia pressionada a conseguir ser uma professora à altura e constantemente me perguntava se, comigo, os alunos poderiam estar perdendo algo. E se não desse conta? Mas a sala de aula possui uma aura e uma autenticidade que não nos deixam distanciar daquilo que somos, e, naturalmente, a pressão pela comparação se perdeu.

³ Um restaurante na entrada do Gragoatá.

Cada turma era um mundo e, assim, fui desenvolvendo meios diferentes de me aproximar. Em uma delas, caracterizada como apática por alguns professores, propus a confecção de jogos de tabuleiro baseados na chegada da Família Real ao Brasil, aprendizagens da época de PPE III. Dividi a turma em grupos e no dia combinado para a entrega, a aula seria apenas para que um grupo jogasse o jogo do outro. O resultado? Alunas e alunos aproveitaram a atividade, riram, brincaram e gritaram. Já os professores, ficaram curiosos sobre o que estava fazendo aquela turma se empolgar tanto.

Atuar como professora de História e pesquisar o Ensino de História ao mesmo tempo, me mostraram as possibilidades de diálogo entre esses dois movimentos. Eu pude ver, bem de perto, as minúcias e desafios que permeiam esses dois caminhos, mas, também, a forma como esse trânsito me impactou. Lembro-me de passar um dia inteiro entre a preparação de aulas e a escrita da dissertação. Em um determinado momento, envolta pelo cansaço, me perguntei se todo aquele esforço realmente valia a pena. Sem resposta, fui dormir frustrada. No dia seguinte, ao adentrar a sala de aula e começar a lecionar, me recordei de meu monólogo da noite anterior. Depois de poucos minutos tinha a resposta, valia muito a pena. Encontrar-me com a docência é me reencontrar nela. Cotidianamente. Constantemente. Em diferentes tempos. Em diversos contextos.

Segui para os meses finais do Mestrado com a certeza do desejo, mas com a incerteza (novamente) da aprovação no Doutorado. Por isso, enfrentei a dupla seleção, de novo. Dessa vez, entretanto, não me dividi entre História e Educação. Tanto na UFF, quanto na UERJ-FFP, me inscrevi nos seus respectivos Programas de Pós-Graduação em Educação. Para minha alegria, pude escolher entre eles, selecionando a UFF, mais uma vez. O desejo de estudar na UERJ acabou resultando numa Especialização em Educação Básica, na modalidade de Ensino de História, que estou finalizando.

Atualmente, aluna do Doutorado e recém qualificada, sinto-me aliviada de estar retornando aos espaços da universidade.

Tendo cursado apenas o primeiro semestre presencialmente, os últimos dois anos foram totalmente à distância daquilo que esperava ser o curso. Com a pandemia de covid-19 – menção quase-impossível de não ser feita –, me afastei das cadeiras das salas de aula, das conversas de corredores, das idas constantes a xerox da Cantareira e do café do trailer que fica próximo ao Bloco D. Conheci uma outra maneira de experienciar a docência. Pelas telas. Conversando com os quadradinhos que compunham um mosaico do que então era a sala de aula, terminei minhas disciplinas, participei de reuniões, qualifiquei e dei aula.

Alguns compromissos não podiam esperar o retorno da normalidade. Desse modo, fiz meu estágio docência com meu orientador, o professor Everardo Andrade, nas turmas de PPE via remota. Mesmo numa outra configuração da sala de aula, inverter minha posição de aluna de PPE para professora, foi desafiador. Um outro encontro com a docência do qual já estou sentindo falta. Como costumava dizer, saía mais inteligente de cada aula. E, também, mais amadurecida, mais professora.

Experimentar as aulas da graduação, observar o professor Everardo se adaptar às demandas desse tempo pandêmico e me colocar num lugar de maiores responsabilidades, trouxe novas características a minha *performance*. Uso esse termo propositalmente para demarcar meus próximos passos. Mas antes, é preciso dizer de onde ele vem. O dito desejo em adentrar o Doutorado não se deteve ao anseio em continuar minha formação, também havia a motivação em entender o que seria uma *performance docente*.

No Mestrado, depois que terminei o período de acompanhamento das aulas dos professores, realizei uma entrevista com cada um. Para minha surpresa, nas entrevistas, ao me contarem sobre suas percepções acerca de seu trabalho, os professores me falaram de suas *performances*. O uso do termo me intrigou bastante, afinal, eu não o havia utilizado e não foi apenas um docente que fez referência a ele. Senti que eles estavam me pontuando algo de extrema importância, quantas vezes dizemos

que o campo fala? Não pude abordar essa discussão na dissertação, não havia espaço e nem tempo hábil para dar a devida atenção a algo de tamanha densidade. E, deixar um apontamento docente tão precioso no esquecimento, estava fora de questão.

Já no Doutorado, eu sentia um incômodo gigantesco em conseguir, não só entender, como explicitar o que seria uma performance docente. Para tentar diminuí-lo, mergulhei em densas leituras e debates teóricos. Sem a possibilidade de estar fisicamente junto de professores de História, era essa a solução que se apresentava como mais viável. Nesse exercício, fui passeando entre as memórias que tinha de outros/as professores/as, na tentativa de apreender o que me foi narrado por suas performances e como elas formaram minhas compreensões da docência. Tudo isso me fez entrever meus encontros com a docência, narrados ao longo dessas páginas.

Finalizo (temporariamente) este memorial aguardando meus próximos encontros com a docência. Em breve, estarei próxima das performances de outras professoras e professores de História, que, ao narrarem suas trajetórias e compreensões da docência, seja em sala ou fora dela, vão estar colaborando para o desenvolvimento de minha própria performance e para a ampliação das memórias que adensarão minhas próximas narrativas, nesse incessante e inquietante caminhar da/na docência.

Referências

MONTEIRO, Ana Maria Ferreira da Costa; PENNA, Fernando de Araújo. Ensino de História: saberes em lugar de fronteira. In: *Educação e Realidade*, v. 36, nº 1. Porto Alegre – RS: jan/abr 2011. p. 191-211. Disponível em: http://www.ufrgs.br/edu_realidade

Trabalho, lar e botequim – Memórias de um professor interiorano de História

Ivan Luís Marques Maia

Sou fruto de uma família acrítica, branca, de classe média, tradicionalmente católica, heterossexual e com diversas outras características que poderiam defini-la, em termos estruturais, como privilegiada. Nunca passei fome ou necessidades materiais que fossem dignas de superação. As boas qualidades que destaco podem ser várias, mas aqui seleciono o amor, a brincadeira, o carinho, o deboche e o companheirismo. Apesar disso, há circunstâncias complexas que sempre me afetaram sobremaneira, devido a instabilidades comportamental e matrimonial de meus pais associadas a peculiaridades nas relações intrafamiliares, que nunca foram simples.

Minha família paterna é originária de Parapeúna, distrito de Valença/RJ, que faz divisa com Rio Preto/MG. Minha mãe é nascida e criada em Volta Redonda/RJ, filha de portugueses. Meu pai se formou em Letras pela Fundação Educacional Dom André Arcoverde (uma dessas faculdades particulares criadas durante a ditadura) em Valença, trabalhou em Volta Redonda, mas logo foi para São Paulo, onde começou como tradutor técnico. Tendo ascendido profissionalmente na General Motors, mudou-se para São Caetano do Sul/SP. Nesse período, ocorreu o casamento e o casal teve três filhos. Nasci em dezembro de 1989, sendo o mais novo dos três com uma diferença de dez anos para meu segundo irmão. De São Caetano do Sul, fomos morar em São José dos Campos e, após três anos, meu pai aderiu a um plano de demissão voluntária. Entre o final de 1998 e início de 1999, com exceção do meu irmão mais velho, que ficou em São José dos Campos já trabalhando, fomos morar em Parapeúna. Meu pai começou a construir uma casa e uma

pequena pousada - sonho do casal-, num terreno comprado do meu avô. Dali em diante, passamos por diversos dramas familiares que culminaram na separação dos meus pais e no desgaste das relações e da saúde mental de todos nós. Meu pai, por todo o processo de divórcio e bancarrota, intensificou seu problema com alcoolismo. Minha mãe se tornou mais instável emocionalmente, meu irmão do meio também teve seus problemas particulares e eu, ainda muito novo, me encontrava confuso.

Por tais fatores, fui tomado por sentimento de isolamento e revolta principalmente durante a adolescência e parte da juventude. Minhas válvulas de escape foram a arte e a amizade: música, literatura, boemia, natureza e boas conversas. Como estudante, não era aplicado, aprofundando-me apenas em assuntos de interesse particular. Muito reflexivo e sonhador, tornei-me radical em opiniões e atitudes como forma de corroborar minha autenticidade. Experiência sempre foi algo muito importante para mim: para me expressar sobre algo, preciso explorar todas as possibilidades, me aprofundar e assim emitir uma opinião crítica, caso contrário, sempre busco a humildade e a compreensão atenciosas. A busca por escolhas centradas se refletiu no rol de minhas amizades, me ajuda a atravessar situações complexas ao permitir um entendimento do todo antes de agir, mas também causa transtornos ao alongar períodos de tomada de decisão.

Quando chegou a hora de escolher um curso para prestar vestibular, resolver que carreira seguir, de imediato pensei em jornalismo, antevendo a possibilidade de me especializar em música. Como era um músico frustrado, mas lia muito sobre o assunto, jornalismo me pareceu um espaço em que se poderiam conciliar carreira e gosto. Tentei ingressar em uma universidade pública na cidade vizinha de Juiz de Fora, não tendo sido classificado para a segunda fase. Como muitos amigos estavam entrando na faculdade particular em Valença, optei por ingressar com eles. Escolhi cursar História e não Letras, por causa deles, meus amigos, meus camaradas.

Minhas maiores influências até a faculdade se limitavam principalmente à literatura tolkieniana, Rubem Alves, poesias em língua portuguesa, inglesa e Arthur Rimbaud. Além de ouvir muito Heavy Metal, Rock n' Roll, MPB (principalmente mineira) e chorinho, eu estava aprendendo a ouvir bastante Samba e Bossa Nova.

Ao longo do curso, me apaixonei por algumas aulas, temáticas e pessoas. Tornou-se costumeiro que as melhores aulas acontecessem após a faculdade, no bar, onde discutíamos questões que aprofundavam os assuntos estudados e transbordavam para música, cultura, literatura, filmes, historiografia, filosofia, teoria da história, enfim. Nesse contexto me tornei amigo de um grande professor, talvez minha maior influência em termos críticos e profissionais, mas que não me autorizou a mencioná-lo.

Identifiquei-me com a História e as Ciências Humanas e continuei a me aprofundar nos assuntos de maior interesse pessoal. Eu me indignava com os professores excessivamente conservadores ou pouco comprometidos com o entendimento amplo dos alunos. Talvez, se eu não eu tivesse perdido tempo com rusgas desnecessárias e me dedicado mais, independentemente do comportamento de alguns desses professores, poderia ter me esforçado para ingressar em uma universidade pública de referência, como a Universidade Federal Fluminense ou a Universidade Federal do Rio de Janeiro. Porém, isso não aconteceu e eu prossegui por aqui, lendo textos de professores dessas instituições.

Apesar dos conflitos, nunca medi esforços para estudar o que me interessava e raramente eu faltava às aulas na faculdade e nunca perdia nenhuma aula no bar, mesmo que no dia seguinte tivesse que trabalhar. Para ajudar a bancar os gastos e a própria faculdade, trabalhei em alguns estabelecimentos comerciais em Valença como restaurantes, bares e lojas, o que me permitiu observar e compreender um pouco melhor o comportamento das pessoas. Não à toa, meu trabalho de conclusão de curso foi sobre a mentalidade da juventude nos bares de Valença nas décadas de oitenta e noventa, no processo de transição da ditadura para a democracia. Apesar de eu ainda ser cientificamente bastante cru e

rudimentar, entrevistei e conversei com algumas personalidades que viveram o período e aprendi muito.

Ao final da licenciatura, além dos clássicos da historiografia e de grandes historiadoras e historiadores brasileiros, minhas leituras perpassavam principalmente entre os estudos culturais e autores que me influenciam até hoje, como Eric J. Hobsbawm e Edward P. Thompson. Ganhei um livro do Josep Fontana que foi muito importante para o meu aprimoramento, mas eu ainda tentava compreender ao mesmo tempo os “Domínios da História” do Ciro Cardoso e o “Mal-Estar da pós-modernidade” de Zygmunt Bauman. Mesmo que incipientemente, eu me esforçava em leituras importantes. Musicalmente falando, por muitos anos ouvia preferencialmente blues, os sons da contracultura psicodélica e o rock progressivo do Brasil e do mundo. Contudo, eu já começava a compreender melhor sobre samba e outras vertentes da MPB que eu também não conhecia ou conhecia superficialmente – baião, o movimento armorial, a milonga, o reggae, entre outras surpresas que a internet me proporcionou.

Pouco tempo depois de concluir o curso de licenciatura, ainda trabalhando em uma livraria e me preparando para possíveis concursos, fui convidado para substituir uma professora no tradicional Colégio Sagrado Coração de Jesus (CSCJ), ou só “Sagrado”. Lembro-me de que veio numa quinta-feira, 06 de setembro, a proposta para assumir sete turmas (do sexto ano do ensino fundamental ao terceiro ano do ensino médio) já na segunda-feira seguinte, dia 10. Desesperado, passei sábado e domingo estudando e preparando aulas para na segunda-feira já pisar no chão de sala.

Minha primeira experiência como professor foi titubeante –as pernas tremiam, literalmente. Usei o mesmo sapato de bico quadrado e calça social que usava na livraria com uma camisa polo dessas ganhadas de presente. Eu lembro que os alunos riam. A primeira aula foi no nono ano, era correção de exercícios da Era Vargas – tentei contextualizar algumas questões durante a correção, mas era estranho. Alguns continuavam zoando, outros

olhavam com cara de tédio ou deboche; minha letra no quadro era ruim (e ainda é), eu estava suando e nitidamente exprimia insegurança. Até que uma aluna em especial sacou um livro qualquer e, na minha frente, começou a ler. Perguntei “Cê vai ler durante a aula, na moral?” e ela respondeu assertiva e firmemente “Sim. Tá chato!”. Acenei com a cabeça e continuei a explicação dos exercícios ainda mais nervoso. Na contextualização sobre o DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) eu fiz a relação com o nazismo, falei sobre propaganda, mencionei alguns conceitos muito timidamente e foi nesse momento que notei que a cabeça dessa mesma aluna que estava com o livro aberto tombava para prestar atenção na aula: bingo! Ali eu brinquei com ela, consegui a atenção da turma e melhorei a entonação ao concluir a explicação. Bateu o sinal e fui para a próxima sala com as pernas tremendo e a insegurança nos ombros.

Pouco me recorro do restante daquele dia. Creio que tenha sido um misto de conversas com algumas explicações do conteúdo e algumas digressões. Ao longo do final de semestre em 2012, como professor substituto, pude ter a mais viva experiência de como era trabalhar lecionando aulas de História, mesmo que em uma escola particular, cujo universo era bastante diferente daquele que eu conhecia da minha parca experiência nos estágios e na minha vida como estudante. Minha atuação no início era bastante ruim, como avaliaram diversos estudantes, mas aos poucos fui me aperfeiçoando.

Mesmo assim, no ano seguinte, fui chamado para trabalhar novamente no CSCJ. Como a professora que eu havia substituído deixou a escola e indicou outro profissional, fiquei somente com o Ensino Médio. Na ocasião, como lecionava para poucas turmas, passei por dificuldades financeiras. Apesar de eu gostar do tempo livre para estudar e melhorar a qualidade das aulas, não tinha condições de me sustentar. Logo a professora que estava no fundamental foi chamada para assumir um concurso e eu comecei a trabalhar com todas as turmas do Fundamental II e o Médio no CSCJ.

Do final de 2012 em diante, sempre trabalhei no tradicional Sagrado e fui me aprimorando e adaptando às aulas tradicionais, uma vez que precisava me ater àquilo que o currículo, os livros didáticos e as regras da escola determinavam. Confesso que o pouco espaço para críticas e projetos mais criativos me incomodava. Como precisava me sustentar, era imperativo não transgredir aquele espaço.

Seguia pensando que, primeiramente, eu deveria me aprimorar em sala de aula para depois voltar a me aprofundar nos estudos acadêmicos. Um dos motivos para tal constatação era o fato de ter me deparado, ao longo da vida, com alguns professores que tinham muito conhecimento sem saber fazer entender. Queria aprender a ser professor de História para, depois, quem sabe, até alcançar a docência universitária. Para isso, precisava alcançar a capacidade de uma das minhas maiores influências: chegar em sala somente com a caneta (ou o giz, no caso do Sagrado) e, sem enrolação, explicar o conteúdo, articular acontecimentos presentes e reflexões conceituais com a aula, usar exemplos palpáveis que servissem para o entendimento e vida prática dos alunos. Tudo isso era muito difícil e eu estava disposto a enfrentar o desafio (acredito que ainda estou disposto, pois continuo nesse caminho). Alguns desses desafios já ficaram mais fáceis, porém surgiram outros. Estamos sempre inseridos num processo inconclusivo – como diria Paulo Freire. Nossa vida é dinâmica, nossas percepções se aguçam e as vontades também têm as suas nuances. Contudo, a ideia de uma educação que transforme a realidade está sempre no intuito das minhas ações.

Eu me uni à minha esposa em 2013 (não somos casados em nenhuma instância, mas temos uma história à parte tão ou mais importante que esse relato). Com o passar dos anos, além de viver momentos maravilhosos com ela e todas as nossas amizades, fui aprimorando minha didática em sala de aula e me aprofundando em diversos conteúdos dos quais descobri ter um déficit surpreendente. Em termos laborais, mesmo que timidamente, meu salário melhorou e eu tinha os sábados livres – coisa que no

comércio era impensável – para passar mais tempo com as pessoas que amo. Só posso dizer que o amor, os amigos, os barezinhos, a relação com as famílias e o trabalho iam maravilhosamente bem. Cultivávamos tempos deliciosos e equilibrados dentro desse microuniverso. Afinal, existem pessoas que tornam a nossa vida verdadeiramente linda.

Em 2015, comecei a dar aulas durante a noite num cursinho que funcionava no último andar do prédio do Sagrado (CSCJ). Essa experiência contribuiu para a minha dinâmica de sala de aula ao estilo bancário: fiquei ótimo em explicar conteúdos, explicar exercícios e questões de vestibulares diversos, provas militares, concursos etc.

Em 2016, surgiu a oportunidade de assumir o cargo na escola que estudei boa parte da minha vida, em Rio Preto/MG. No estado de Minas, existe uma contratação bastante interessante através de um processo de designação com critérios que me permitiram assumir o cargo (apesar de a gestão na educação em Minas estar bastante conturbada atualmente). Foi na Escola Estadual Dermeval Moura de Almeida (EEDMA) que tive minha primeira experiência com o Ensino de Jovens e Adultos (EJA) e alunos de escola pública – muitos da zona rural –, como professor. Até o final de 2016 eu lecionava por volta de quarenta e oito a cinquenta tempos por semana.

No colégio particular, apesar de já ter mais domínio dos conteúdos e da didática e de ter aprendido formas para lidar com aquele universo, eu reproduzia os mesmos conteúdos obrigatórios que a escola impunha, enfrentava os mesmos dilemas que me tolhiam a criatividade. De fato, eu encontrava sentido nas brechas que me permitiam algum grau de problematização com potencial de conscientização, mesmo que tímidos e acreditava, verdadeiramente, estar trazendo reflexões emancipadoras e ofertando conhecimentos preciosos para aqueles jovens privilegiados.

Minha trajetória trabalhando no cursinho foi curta – dois anos durante a noite e aos sábados –, mas, passando pelos preparatórios para PISM, ENEM, provas militares e outros “prés” de outras instituições e universidades, talvez eu tenha me tornado mais

dinâmico, versátil e com um repertório mais amplo. Dei aulas de outras disciplinas das ciências humanas, com mais de um professor na mesma sala e lidei com demandas diversas. Os motivos que aceleraram a minha saída foram, principalmente, o fato de os meus pais já darem sinais de que precisavam de mais atenção e algumas incompatibilidades com a gestão daquele curso. Apesar do pouco tempo, fiz excelentes amizades que cultivo até os dias de hoje.

Na EEDMA, experimentei um turbilhão de experiências e atravessamentos decisivos na minha vida pessoal e profissional. Eu tinha (e tenho) um prazer gigantesco em dar aulas para os estudantes do ensino público. Passando pelos mais humildes até os mais abastados, com dificuldades e sonhos muito diferentes, ali eu busquei com afinco uma educação que fosse mais humana, mas que ao mesmo tempo não perdesse nada em qualidade e conteúdo em relação ao ensino da escola particular. Afinal, muitos queriam alçar universidades e instituições disputadas e eu, por coerência, sempre me esforcei para contemplar essa educação. Posso dizer que honrei esse objetivo. Em diálogo com os estudantes, conseguimos espaço para reflexões, críticas e problematizações pertinentes e transformadoras. Para além da carga horária obrigatória, criamos uma oficina de História, que consistia em mais um espaço para o aprimoramento de conceitos, conteúdos, problematizações e outras demandas dos alunos e dos vestibulares. Apesar de todo o compartilhamento de conhecimento na escola pública, não me abstive de falhas, decepções e problemas diversos. Além disso, sempre tive dificuldades para lidar com a excessiva burocracia e regras rígidas, que me drenavam a energia e me obrigavam a adiar as oficinas.

Embora estivesse me aprimorando em sala de aula, passei a sentir grande frustração ao longo do tempo: trabalhava muito, estudava pouco e, principalmente, percebi que o alcance em relação à educação que eu realmente almejava nem sempre se concretizava. Fui me adaptando e, muitas vezes, para sobreviver em meio às adversidades, tinha posturas pragmáticas, por vezes rígidas e autoritárias, reproduzindo um comportamento pouco humanizado, apesar da autocrítica e de momentos em que tentava

furar esse ciclo. Estava imerso em trabalho, responsabilidades em casa e com a família, válvulas de escape e críticas às estruturas das escolas, do País, e tinha poucas perspectivas. Meus colegas de trabalho, com raríssimas exceções, não conseguiam enxergar que fazíamos parte de uma estrutura opressora e reproduzíamos mais do mesmo dentro da escola: continuávamos a beneficiar aqueles que já tinham condições de se destacar e pouco podíamos fazer por aqueles que apresentavam dificuldades e obstáculos mais profundos. Sentia uma necessidade extrema de voltar a estudar e tudo isso foi acontecendo ao mesmo tempo em que a situação política do País se agravava e os meus pais começavam a dar sinais ainda mais agudos de que precisavam de cuidados frequentes.

Em 2019, eu estava trabalhando somente no CSCJ, então a redução da quantidade de aulas e outras circunstâncias me levaram a retomar os estudos. Porém, no segundo semestre de 2019 eu assumi um cargo na Escola Estadual José Marinho de Araújo (EEJMA), em Santa Rita de Jacutinga/MG. Mesmo com mais trabalho, aproveitei o ritmo de estudo do início do ano e prossegui. Conversando com um amigo e professor do Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ) sobre a necessidade de disseminarmos o conhecimento científico, a democracia e educação frente a todas as questões urgentes no País, ele comentou sobre a pós-graduação em Educação em Direitos Humanos que ele e outros professores estavam organizando no Campus de Pinheiral/RJ. E sugeri que eu me inscrevesse. Passei para a primeira turma da pós-graduação *latu sensu* em Educação em Direitos Humanos do IFRJ de Pinheiral e me organizei para trilhar um caminho de práxis mais satisfatório.

Na virada para o ano de 2020, toda a situação dos meus pais, que se arrastava há anos e que não nos permitia agir de forma mais incisiva, veio à tona. Ambos passaram por processos que culminaram na necessidade de cuidados em tempo integral. Meus irmãos e eu começamos a nos articular para agilizarmos exames, médicos, processos burocráticos e jurídicos que foram parte de um dos mais difíceis desafios de nossas vidas – e de certa forma ainda são. Após muitas dificuldades, em meio a diversos problemas e à

pandemia, estabilizamos a situação por um tempo com nossos pais. Minha mãe ficou com meu irmão mais velho em São José dos Campos e eu trouxe meu pai para minha casa.

Em meio às aulas que passei a ministrar *online* e todas as reuniões, entre outras atribuições que tomavam muita energia junto ao tempo enorme de trabalho em frente ao computador (além das obrigações com meus pais), os colegas da pós-graduação começaram a se reunir online para debater alguns textos – mesmo que de forma desvinculada do Programa, que foi interrompido durante a pandemia. Esses encontros com colegas e alguns poucos professores me permitiram continuar os estudos tendo sido um período bastante rico. Minhas leituras tinham mais consistência e se diversificaram bastante entre educação, currículo, metodologia, pedagogia, sociologia e política. Conheci vários campos, como os estudos decoloniais, a psicologia social, políticas públicas, direitos humanos e tantos autores brasileiros que eu não lia ou sequer conhecia, como Magda Soares, Lélia Gonzales e Abdias do Nascimento. Destaco principalmente as leituras, os debates e belíssimos exemplos de construção coletiva e luta que aprendi com o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI) do IFRJ de Pinheiral. Ouvi muito jazz, afrobeat, estilos regionalistas e rap nesse período.

Ainda em 2020, meu irmão perdeu o emprego em São José dos Campos e decidiu morar com a família em Parapeúna na casa da nossa mãe. Eu também passei por situações complicadas, pois o Colégio Sagrado Coração de Jesus anunciou o seu fechamento abruptamente. Decidimos, então, que meu pai iria se mudar para Parapeúna e, juntamente com minha mãe, seriam cuidados por meu irmão e sua família, e que eu estaria sempre à disposição para dividir as obrigações. Atualmente meus pais vivem juntos sob nossos cuidados.

A partir de 2021, intensifiquei os estudos na pós-graduação em EDH. Mesmo que online, tive aulas brilhantes, trocas extremamente enriquecedoras e amizades que pretendo cultivar para o resto da minha vida – professores e colegas realmente

maravilhosos. Em abril de 2022, após cursar quase todas as disciplinas da pós-graduação, preparar o artigo, apresentar a qualificação (enquanto me organizava para as pesquisas de conclusão) eu ingressei no ProfHistória na UFF (um sonho desde que conheci o programa!). Tive que aprender a descer a Serra das Araras na minha motinha de 125 cilindradas – a mesma que uso para ir trabalhar em Santa Rita de Jacutinga/MG e em Vassouras/RJ, terminar as aulas em Pinheiral/RJ e visitar minha família em Parapeúna. Assisti às primeiras aulas do mestrado com tanto gosto e entusiasmo que, a essa altura, as leituras, raciocínios, elaborações, interações nas aulas e escrita estavam fluindo tão bem quanto a minha prática como professor, muito mais humanizada e potencializada pelos estudos e trocas com professores e colegas.

Tudo ia bem até eu contrair uma pneumonia seguida de Covid-19, que agravou um problema em meu pulmão.

Neste ano de 2022, em que tudo se encaixava para o pleno caminhar de uma nova fase de estudos e possibilidades, fui obrigado a parar para cuidar da minha saúde. Tentei continuar apesar de tais problemas, mas a situação que se sucede é complexa e, além de me impedir de assistir às aulas no primeiro semestre e concluir a pesquisa na pós-graduação, desarticulou totalmente o andamento dos meus estudos e trabalhos, bem como dificultou drasticamente minhas leituras. Agora, concluindo uma fase de exames e sob o uso de remédios para dor, me preparo para uma cirurgia. Conversei com os coordenadores e professores do mestrado na UFF e do curso no IFRJ para decidirmos como proceder diante dos fatos. Apesar de eu ter perdido parte das discussões (da visita de campo no Circuito do Valongo e do encontro no barzinho na Cantareira também!) e de ter saído de fato prejudicado pela situação de saúde, chegamos à conclusão de que eu poderia entregar alguns trabalhos com um prazo dilatado e que, assim que eu estiver bem dessa cirurgia, retomarei de forma plena.

A compreensão, humanidade e solidariedade dos coordenadores, professores, colegas e amigos me permitem agora concluir este memorial, retomar devagar os estudos, me preparar

para os desafios futuros e esperançar. Espero que todo o carinho e consideração sejam multiplicados para todos. Certamente, os carregarei comigo para espalhar por aí. Logo, continuarei os estudos para, enquanto estiver vivo, promover uma educação crítica, democrática, inclusiva e plural. Acredito na educação como prática da liberdade e desejo que, junto às nossas experiências concretas de vida, amor e amizades, possamos mais uma vez brindar por saúde e um mundo melhor para todos os seres vivos!

Eu e a educação, um compartilhar de experiências

Jean Pierre Borges de Souza

Meu Memorial

A minha relação com a educação se dar desde o período da infância; e quando falo de relação com a educação não falo simplesmente a obrigação que a maioria das pessoas enquanto criança de frequentar uma escola, falo de um relacionamento mais profundo onde entendi que a educação poderia ser para mim a ponte entre sonhos e realidade. Foi na infância que percebi o quanto a vida, em um país subdesenvolvido como o Brasil, é difícil, e o quanto de esforço máximo é exigido de uma pessoa para se obter o mínimo para a sua sobrevivência. Percebi que minha mãe como empregada doméstica tinha que se submeter a intensas horas de trabalho pesado para conseguir ao final uma remuneração não tão suficiente e compatível com o esforço por ela empenhado.

Com o passar dos anos, através da análise das histórias de vida e experiência de pessoas com as quais eu convivia e, também, com a educação ofertada a mim através de intensos sacrifícios dos meus pais e grande empenho e maestria dos meus professores, percebi que aquela difícil situação vivida por grande parte dos trabalhadores, e consecutivamente pela minha progenitora, poderia ser mudada com e através da educação, e que a maioria das pessoas só viviam tal realidade por não terem tido acesso a ela ou em algum momento de suas vidas terem esse direito vedado ou restringido. Foi neste momento que compreendi um dos conselhos mais enfáticos que a minha mãe sempre me dava: “Estude! A educação é tudo.”.

A partir de tal constatação e compreensão, empreendi e dediquei a maior parte dos meus esforços aos estudos. A princípio com uma mentalidade ainda tanto quanto limitada e pensando a

partir de valores capitalistas embutidos em minha mente através do mundo em que vivemos, buscava na educação somente uma oportunidade de um dia ter um emprego melhor e com uma melhor remuneração salarial, diferente daquela que meus pais recebiam. Com o passar do tempo e com as transformações causadas pela própria educação em meu ser, passei a perceber o quanto ela é grande e transformadora; pude entender que a educação vai muito além do que somente a possibilidade de uma melhor profissão e de uma melhor condição econômica, a educação é muito mais que isso, ela é transformadora em todos os sentidos, pois te possibilita se descobrir como ser humano, questionar realidades e, acima de tudo, possibilita promover mudanças em tal realidade.

Estudante da rede pública de ensino durante todo o período da educação básica, em diferentes escolas dos municípios de São Pedro da Aldeia e Cabo Frio, onde destaco a E. M. Vidal de Negreiros e a E. M. São Cristóvão, no Ensino Fundamental, e Instituto de Educação Prof. Ismar Gomes de Azevedo no Ensino Médio, descobri ainda nos anos iniciais do Ensino Fundamental a minha paixão pela docência. O amor pela sala de aula; pelo ambiente escolar; pelo quadro negro; pelo giz que rabiscava o mesmo quadro; por toda aquela transformação que existe ali, me fez decidir que a profissão que eu queria para a minha vida era ser professor. A escolha e amor pela disciplina que iria lecionar, só veio nos anos finais do Ensino Fundamental, os quais chamamos de segundo segmento de tal fase de ensino, após ter a experiência de conviver com professores de História que marcaram a minha vida, e, principalmente, após o contato com a didática e forma como a professora Conceição Nazareth, minha professora da disciplina na antiga sétima série, trabalhava os conteúdos. As aulas daquela professora eram fascinantes, era a aula mais esperada da semana. Conceição, como a chamávamos, era dotada de uma humanidade e de uma forma especial de cativar a atenção dos seus alunos. Os conteúdos de suas aulas de História nunca eram trabalhados da mesma maneira, cada aula era uma surpresa que ia desde uma roda de debates até montagem de feiras de história com estandes,

músicas, danças e apresentações relacionados às diferentes temáticas histórias daquele ano escolar. Mas o que levava aquela professora não se contentar com a rotina; não se sujeitava a mesmice; se reinventar sempre que podia; não se dobrar diante das dificuldades enfrentadas? Será que teve uma formação diferente dos demais? Talvez a tua remuneração salarial fosse maior do que a dos outros? Acredito que não. A única certeza que eu tinha era que ela de fato me encantou com o seu jeito de ensinar e despertou em mim um desejo enorme pela História. Entender o processo de evolução do ser humano, compreender o passado e perceber que é neste passado que encontramos diversas respostas para o presente, trabalhar conteúdos de uma forma leve e prazerosa, me fez chegar a conclusão que a disciplina que eu iria lecionar seria História.

Concluída a antiga sétima série do Ensino Fundamental, hoje oitavo ano, a educação brasileira passou por algumas reformulações como mudanças de nomenclaturas e organização dos anos escolares, fazendo com que a oitava série em que eu e minha turma escolar iria cursar no ano seguinte passasse a ser chamada de nono ano. Além disso, o município em que eu estudava passou, a partir daquele época, a dividir o ano letivo em três trimestres e não mais em quatro bimestres como era antes. Foi nesse mesmo nono ano que obtive uma experiência um tanto quanto contrária e adversa no que diz respeito a minha vida escolar: tive a infelicidade de reprovar logo na disciplina que um ano antes eu escolhi como a carreira que eu iria trilhar.

Como poderia isso ter acontecido? O que houve de errado no processo entre um ano e outro? Vários fatores contribuíram para tal reprovação, todos eles de minha inteira responsabilidade, não quero aqui transferir ou me eximir de culpas, mas destaco como um dos principais fatores a grande dificuldade que tive em acompanhar a forma como uma outra professora, agora daquele novo ano escolar, ministrava suas aulas; acredito que não somente eu, mas uma parte considerável da turma, visto mais de sessenta por cento dos alunos terem reprovado tal disciplina. A aula da disciplina de História passou a ser temida por todos, lidar com

aquela docente era de fato uma experiência dolorida. Ela fazia questão de enfatizar seu desafeto pela nossa classe e o quanto estar ali para ela era um desprazer.

Suas aulas consistiam em leituras extensas do livro didático e resolução dos exercícios, sem ao menos a explicação, ao fim de cada conteúdo do mesmo livro. O conteúdo não era debatido; as nossas diferentes formas de aprender não eram percebidas por ela; os exercícios não eram explicados; dúvidas não eram tiradas; e quando questionada por sua difícil forma de ensinar, ou pelas dificuldades que enfrentávamos, recebíamos a resposta de que não éramos mais crianças e precisávamos aprender daquele jeito pois em uma faculdade se ensinava daquela forma. Lembro-me que em algumas de suas aulas ela chegou a separar um grupo de no máximo sete alunos e interagir somente com eles, ignorando o restante da turma, como se somente aqueles sete estivessem ali. Em um determinado dia, após já está convivendo com aquela situação a meses, não contive o meu desespero e tomei a coragem de liberar não só a minha, mas toda a angústia dos meus companheiros de sala, indagando-a se ela não enxergava o restante da turma e que estávamos ali também para aprender.

Como consequência daquele ato de desespero, fui retirado da sala e passei a sofrer uma perseguição por parte da mesma professora. Ao perceber que todo aquele contexto não seria mudado e que mesmo após levar o caso a direção pouca coisa foi feita, não me restava outra alternativa a não ser suplicar por uma mudança de turma ou até mesmo de escola, porém sem sucesso, pois já era metade do ano escolar e não existia mais essa possibilidade.

A experiência da reprovação, em seu momento inicial, foi bastante frustrante, primeiro por ter sido logo na disciplina que eu escolhera para levar comigo além da vida escolar na educação básica e por eu nunca antes ter tirado se quer uma nota vermelha em nenhuma outra disciplina e consecutivamente nunca ter reprovado um ano escolar. Me senti mal em diversos sentidos, achava que com aquela reprovação nunca mais iria alcançar a tão

sonhada mudança de vida que desde a infância esperava; por um instante achei que estava fadado a viver a mesma realidade que constatei na vida dos meus pais; e que o sonho de ser professor de História teria ido por água abaixo, pois se eu não conseguia ter sucesso na disciplina como aluno, como teria uma vez docente.

Com um tempo pude absorver tal experiência negativa e busquei nela forças para continuar. Percebi que poderia usar aquela triste frustração como combustível para alcançar o antigo sonho de ser professor, pois parei para pensar que boa parte dos fatores que me fizeram reprovar tal disciplina foi a dificuldade em acompanhar a aula daquela professora e que em alguns momentos me senti desassistido por ela como docente. Percebi que poderia dar continuidade a tal sonho com o objetivo de que outras pessoas não precisassem passar pelo que eu passei e que eu poderia ser um professor diferente dela, que tivesse um olhar mais humano pelos alunos e se preocupasse com as diferentes formas que diferentes pessoas têm de aprender.

Meu objetivo ao trazer tal relato não é me eximir de tal responsabilidade da reprovação, deixei isso bem claro no início do texto, nem tão pouco avaliar o trabalho daquela profissional, mas de mostrar como essa experiência negativa me impulsionou, e segue me impulsionando, a buscar ser um professor que os meus alunos precisam: um professor que dialogue com eles, que os veja como protagonistas no processo de ensino e aprendizagem; um professor que repense suas práticas escolares a todo instante e momento.

Ao ingressar no ensino médio optei por estudar no turno da noite, pois como já tinha quinze anos de idade poderia trabalhar durante o dia para ajudar minha família. No começo foi uma experiência desafiadora, pois a escola era bem distante da minha casa, em um município vizinho, e eu dependia do transporte público, coisa que aqui na região dos lagos, região onde moro, é bastante carente. Lembro-me de ficar mais de uma hora, entre o horário da saída da escola até o embarque no coletivo, esperando muitas das vezes sozinho aquela única condução.

Saía de casa bem cedo para trabalhar e retornava somente na última hora do dia. O cansaço era meu companheiro, mas junto com ele a vontade de aprender também. O meu trabalho era em horário integral, onde eu entrava às nove horas da manhã e saía às dezenove horas da noite correndo para a escola, pois o portão da unidade se fechava às dezenove horas e dez minutos. Os desafios eram muitos, por algumas vezes até pensei em desistir da vida escolar, mas sempre me lembrava que não gostaria de repetir a história dos meus pais e que, em um país como o nosso, a educação seria a minha única oportunidade.

Foram sete longos anos onde me dividi entre trabalho durante o dia e estudo durante a noite; três anos do ensino médio e quatro anos de graduação no curso de História. Por diversas vezes tive que estudar em meu horário de almoço, e meus finais de semana também passaram a serem ocupados por essa atividade, mas no fundo eu sabia que um dia iria colher o fruto de tudo aquilo que eu estava plantando. Embora eu tenha estudado na modalidade regular, extrai dessa experiência que obtive entre estudo e trabalho, formas e maneiras de compreender os meus alunos que vivem naquela mesma situação que outrora eu vivia, principalmente os alunos da EJA, Educação de Jovens e Adultos, os quais tive a oportunidade de lecionar no ano de 2019 no município de Araruama no interior do estado do Rio de Janeiro. Cada uma das histórias daqueles alunos se pareciam um pouco com a minha e eu buscava a todo instante dar o meu melhor de forma a contribuir no processo de formação de cada um deles.

Ao se aproximar o término do ensino médio, os desafios foram aumentando. Embora eu tivesse claro em minha mente o que eu iria fazer depois daquilo e a profissão que iria escolher, não estava claro ainda como faria e nem os caminhos que precisaria seguir. Busquei junto aos meus professores meios de como ingressar em uma universidade, queria entender ou saber o que eu precisava fazer para entrar em uma, pois entendia que aquele seria o meu próximo passo. Infelizmente não galguei êxito em minha tentativa e constatei mais uma vez que o discurso de estar preparando um

aluno para a vida acadêmica só estava presente na fala de alguns docentes para justificar suas faltas de interesses em repensar suas práticas em sala de aula. Foi de fato um jogo de empurra, alguns professores aos quais eu recorri me disseram que iriam passar essas informações para a turma em um outro momento, outros disseram que a administração da escola era quem iria fazer, e outros chegaram a dizer que aquilo não era responsabilidade deles.

A única coisa que eu sabia era que deveria fazer o tão famoso ENEM, o Exame Nacional do Ensino Médio, e as poucas informações que obtive sobre ele foi através dos anúncios televisivos. Talvez o problema fosse somente meu, pois realmente eu era limitado em uma série de aspectos. Não conhecia quase ninguém que tivesse chegado até aquela fase no meio social em que eu vivia, e os poucos que eu conhecia pareciam não querer ensinar; meu acesso a internet era quase escarço; nunca antes havia se quer pisado em uma universidade; entre tantos outros. Mais uma vez me deparei com uma série de desafios que pareciam ser intransponíveis, mas não me dei por vencido, já que não encontrei respostas na escola e nem auxílio em minhas necessidades, somente com a minha companhia e com a vontade latente em meu ser, a de mudar de vida, me direcionei até algumas das universidades particulares existentes na região onde moro e expus a minha necessidade. Em uma delas fui acolhido e recebi todas as informações necessárias. Foi somente ali que descobri o que era um vestibular e que ele era necessário para o ingresso na vida acadêmica.

Busco aqui relatar essa experiência de vida pois através dela pude perceber o quanto a nossa rede pública de ensino carece, ou carecia pelo menos no período em que fui aluno, de preparo dos nossos discentes para a vida fora do espaço escolar. Me parecia que os professores só estavam preocupados em cumprir um currículo de conteúdos, mas pouco se importavam em o quanto aquele currículo ou a experiência escolar iria se relacionar com a construção dos estudantes como cidadãos. Essa experiência que vivi como aluno me leva a repensar e construir a minha prática diária como professor.

Com todos os desafios a mim impostos, por fim consegui ingressar em uma universidade no tão sonhado curso de História. Contava os dias para me formar e exercer a profissão de professor; sonhava com a sala de aula, em formar cidadãos. Meu maior desejo era ser professor, meu sonho e objetivo com a graduação era lecionar, embora boa parte da minha turma da faculdade quisesse seguir outros caminhos relacionados a pesquisas, não conseguia entender como alguns companheiros de graduação não sonhavam com aquilo.

No período da graduação, ainda dividia a minha jornada diária entre trabalho durante o dia e aulas na faculdade durante a noite; diversas foram as madrugadas e finais de semana que passei estudando. Em alguns momentos, por dificuldades financeiras, tive que deixar de lanchar para usar o dinheiro com xerox de livros; e por falar em xerox, elas foram minhas grandes companheiras durante o período da graduação, pois o pouco dinheiro que recebia do meu salário como estoquista era usado para pagar a mensalidade do curso e o transporte para me locomover até lá; quase nunca sobrava recursos para comprar livros.

Eu me deparei, de fato, com um dilema: o de trabalhar para pagar os estudos e não ter tempo, ou ter tempo porém não ter como pagar para estudar; optei pela primeira opção fazendo inúmeras coisas em um dia com apenas 24 horas e em uma semana que tinha apenas sete dias. Me desdobrava para participar das aulas de campo promovida pela universidade, minhas horas de almoço passaram a ser juntadas semanalmente e minhas férias trabalhistas fracionadas para que eu pudesse fazer os estágios.

Neste período acadêmico, pude perceber a grande diferença de aprendizado entre alunos formados em escolas públicas, como eu, e alunos formados em escolas particulares, estes últimos com capacidades e quantidade de conhecimentos muito maiores que os primeiros. Tal constatação me levou a diversos questionamentos. Será que se investe poucos recursos em nossa educação pública? Será que o sistema de ensino é formulado justamente para haver essa diferença? Talvez os professores da iniciativa privada

receberam uma melhor formação? Ou o salário é mais vantajoso do que no público? E existem professores que desenvolvem suas práticas somente de acordo com o que recebem monetariamente? Óbvio que não encontrei todas as respostas, mas a partir de tais questões pude entender que precisaria, uma vez formado, empenhar o máximo de forças possíveis para diminuir essa distância que existe.

Na minha corrida acadêmica, dividida entre intensas horas de estudos e trabalho mal podia cuidar de mim e com isso acabei desenvolvendo um quadro de depressão enquanto cursava ainda o terceiro período do curso, porém não desisti e fui até fim quando ao final do ano de 2015 concluí a licenciatura em História e estava agora apto a lecionar. Uma grande vitória, não somente para mim, mas para todos aqueles que comigo conviviam e sempre me apoiaram. Lembro-me de ter sido o primeiro da minha família, tanto materna quanto paterna, e também da comunidade religiosa a qual faço parte, a concluir o ensino superior. Cheguei até ser parabenizado por moradores do bairro onde moro desde que nasci, um bairro do interior do município de São Pedro da Aldeia, um município do interior do estado do Rio de Janeiro, pois naquele mesmo bairro podia se contar nos dedos os moradores dali que naquela época tinham chegado até tal fase de ensino.

No início do ano de 2017, um ano após a conclusão da minha graduação, comecei a lecionar na educação pública do município de São Pedro da Aldeia, assumindo turmas do sexto e do oitavo ano do Ensino Fundamental. Mais uma vez estava posto diante de mim diversos desafios, não iguais aos anteriores, mas que necessitavam de muito empenho para serem resolvidos tais como os outros. Estava agora com a responsabilidade de colocar em prática tudo, ou boa parte, do que aprendi na universidade, e principalmente, a responsabilidade de formar cidadãos, além de dar continuidade ao meu processo de aprendizagem.

Dentro do mesmo ambiente e espaço em que passei boa parte da minha vida eu estava inserido novamente: a sala de aula; porém agora em uma posição diferente, a de docente e não mais discentes.

A responsabilidade de guiar e mediar os trabalhos ali agora eram meus. O domínio de uma turma de mais de trinta alunos estava sobre minhas mãos. Eram alunos, adolescentes em processo de construção e reconhecimento do outro e de si próprios, pessoas as quais poderiam ter suas vidas transformadas pelo meu trabalho.

Minha mente estava cheia de ideias, e meu coração pulsava por colocá-las em prática. Confesso que mesmo passando por um estágio, onde pude lidar com a realidade de uma sala de aula, e lembrando de toda a minha trajetória como aluno, me permiti a criar, no período da graduação, um ideal de turma escolar onde tudo funcionaria da melhor forma. Onde a escola era dotada de recursos e materiais pedagógicos; onde os alunos teriam interesse por aprender; onde eu pudesse impor os meus desejos pedagógicos e todos iriam aceitar da melhor forma; onde os alunos respeitassem o professor; entre outras coisas. Porém nos meus primeiros dias de aula como professor pude perceber que aquele modelo realmente só estava em minha mente.

No campo das ideias tudo era perfeito, mas na realidade as coisas eram bastante diferentes, a começar por mim. Percebi-me cometendo os mesmos erros que identifiquei e questionei no Ensino Fundamental. Achava que a sala de aula era somente minha, acreditava que os meus alunos iriam gostar de aprender da mesma forma que eu, olhava para eles e enxergava neles a minha imagem quando aluno. Pensava que as coisas ali teriam que ocorrer somente do meu jeito, pois acreditava que aquilo seria o melhor para eles.

Esqueci-me, por um momento, ou até mesmo não quis perceber para não me frustrar, que a sala de aula é um ambiente composto por diferentes sujeitos, um ambiente plural, de diferentes ideias, diferentes histórias, diferentes formas de interesse e aprendizado, e que o papel de protagonista naquele contexto era do aluno e não meu como professor. O resultado não poderia ser outro; o desinteresse dos alunos por aquela aula planejada por mim, buscando atender somente as minhas expectativas e desejos, que não enxergava aqueles alunos como protagonistas no processo

de ensino, sem se preocupar com as diferentes realidades presentes ali naquele espaço, foi grande. As aulas passaram a ser uma frustração coletiva, tanto para os alunos que não se sentiam participantes do contexto, e também para mim que não colhia os frutos esperados.

No início foi difícil superar essas expectativas e repensar a minha prática, pois pensava ser aquela a única forma de se ensinar e que outras maneiras não iria nos conduzir ao sucesso. Talvez por um tempo fui egoísta; com medo de reconhecer uma frustração, caminhava e contribuía para que ela fosse ainda maior, não adotando meios para promover a mudança que se via necessária, achando que com o tempo os alunos iriam se acostumar com aquilo.

Toda essa problemática se acentuava ainda mais nas turmas onde o grau de descomportamento era maior. Geralmente eram turmas compostas, erradamente, por sistemas de organização de algumas escolas, onde quase a totalidade dos alunos eram repetentes e de difícil postura comportamental e desrespeitosa. Nessas classes os desafios eram ainda mais difíceis.

Percebi, em contato com professores de outras disciplinas, que a situação não era uma exclusividade de minhas aulas e que os mesmos comportamentos se repetia também com eles. Infelizmente essa troca de experiência com outros docentes ao invés de produzir frutos positivos em minha prática escolar, surtiu um efeito contrário, pois passei a pensar que como a situação se repetia com outros, o problema não era meu e logo não precisaria e nem poderia fazer nada para mudar aquilo.

Não seria esse o pensamento de diversos outros profissionais? Não seria essa ausência de responsabilidades que contribui em partes para a bancarrota que estamos vivendo em nossa educação? Talvez seria esse estacionamento na zona de conforto que faz a nossa prática não surtir efeitos? Não pretendo aqui julgar o trabalho do professor, tão pouco culpar-nos pelos diversos problemas na educação do nosso país, sabemos que a origem deles se dá por diversos fatores, mas uso aqui minha experiência e busco

provocar meios ou formas de contribuirmos para a diferença e mudança que tanto almejamos.

Outro problema que também me deparei, foi a ausência de recursos pedagógicos na maioria das unidades públicas de ensino em que lecionei. Faltavam até mesmo materiais básicos como folhas e tintas para caneta de quadro branco. Propor uma aula diferente, que saísse daquela rotina da sala de aula, era quase impossível. Lembro-me de em um determinado ano letivo recebermos em nossa escola um documento enviado pela Secretaria de Educação do Município dizendo que a partir daquele momento estávamos proibidos de fazer passeios ou aulas de campo, a justificativa estava na falta de transporte escolar para locomover os alunos.

Somado a toda essa conjuntura estava a própria falta de incentivo por parte da equipe pedagógica e diretiva das escolas que diziam não ser necessário fazer trabalhos diferentes pois os alunos não iriam valorizar e só iria gerar mais despesas. Lembro-me de outros professores rindo e dizendo ser aquilo desnecessário mas que me entendiam pois eu estava no meu primeiro ano de trabalho e que logo aquela vontade de fazer a diferença iria passar. Parecia, naquele momento, que os valores tinham se invertido, que fazer o errado se tornou normal e fazer o correto era quase um absurdo. Isso me levou a pensar o quanto buscamos uma transformação na educação, mas o quanto não contribuimos para que ela aconteça.

Toda essa situação adicionada ao que percebo hoje como, uma acomodação da minha parte, com um tempo me percebi engessado em uma determinada prática educativa, onde minhas aulas consistiam somente em extensas cópias de conteúdo no quadro, explicações longas e uma grande quantidade de exercícios no caderno. Essa forma de ensinar era muito mais cômoda, exigia muito menos criatividade, recursos e empenho, além de ser a que mais surtia efeito no meu relacionamento com os alunos, pois passei a usá-las como meio de controlá-los: quem não tivesse todo o conteúdo copiado ou o exercício respondido era punido de uma certa forma, em algumas vezes deixando de ganhar pontos que

iriam ser somados as suas médias trimestrais ou até mesmo ficando sem o direito de usufruir do recreio.

Cego pelo comodismo e egoísmo, pensava ter encontrado a melhor forma de se ensinar, porém mal sabia que estava transformando minhas aulas em uma verdadeira tortura, estava contribuindo para a ausência de criatividade dos meus alunos, não estava os permitindo aprender de fato, estava os transformando em meros copiadores e reprodutores de respostas já prontas. O objetivo passou a ser gravar conteúdos para responder às provas e não extrair aprendizados para a vida.

Passei a perceber que os discentes apenas fingiam se importar com o que eu falava, parecia que tudo aquilo ali estava distante da realidade deles; alguns tentavam até prestar atenção, porém bem poucos. As aulas de História, para a maioria, parecia ser um sacrifício, talvez realmente fosse. Confesso que durante um tempo, justificava toda aquela situação, no desinteresse e descompromisso da geração atual de alunos; achava ser aquela a raiz do problema. Com o decorrer do tempo e sem êxitos significativos de mudança em todo aquele quadro, passei a permitir com que alguns questionamentos surgissem em minha mente: Por que tanto desinteresse por parte dos alunos? Qual o motivo de tanta falta de motivação? O que estava sendo feito, ou até mesmo deixando de ser feito, para que aquele problema perdurasse? Todos esses questionamentos foram como chaves que abriram as portas de minha mente me permitindo repensar minhas práticas pedagógicas e me reescrever como docente.

Com toda essa experiência não tão produtiva ou satisfatória, passei a buscar meios que me auxiliassem a promover mudanças significativas em minha prática pedagógica e, consecutivamente, alcançar resultados positivos junto aos meus alunos; resultados esses que fossem muito maiores que apenas uma nota azul ao fim de cada trimestre ou uma aprovação no final do ano letivo. Estava decidido a buscar resultados muito maiores; resultados de aprendizados por parte dos alunos, de fato; formas dos alunos se apropriarem daquilo apresentado a eles; formas de despertar neles

o prazer em aprender e a participar das aulas; formas de inseri-los no processo de ensino e aprendizagem, não somente como receptores de conhecimentos, mas como produtores de tais; formas de se interessarem pela aula de História.

Primeiramente passei a enxergá-los como protagonistas na sala de aula, entendia ser aquele o principal caminho, uma vez que o objetivo era agora conquistá-los. Percebia que ali tudo deveria ser feito para eles e com eles, pois se fosse de outra forma o resultado não seria positivo. Partindo desse ponto de vista, passei a analisá-los, buscando me inteirar do que estava presente na realidade da maioria daqueles alunos e saber quem eram eles; em quais contextos sociais estavam inseridos; quais eram as suas bagagens de conhecimento; Suas perspectivas; o que esperavam daquele espaço escolar e daquelas aulas; o que mais se interessavam em fazer; e o que mais prendiam suas atenções. Tudo isso me permitiu conhecer os meus alunos e a partir de então trilhar caminhos e buscar maneiras de atrair suas atenções.

No ano de 2019, fui admitido como professor em uma unidade de ensino particular também em turmas do Ensino Fundamental; era a minha primeira experiência na iniciativa privada. Uma das ideias que eu tinha presente em minha mente era a de não me permitir ser um professor que me empenhasse mais pelas turmas do particular do que pelos alunos da rede pública. Havia chegado a hora de eu promover, dentro das minhas possibilidades, a contribuição para diminuição da distância entre ensino público e privado; não que eu iria ser um professor que diminuísse a qualidade do ensino particular, não, isso jamais, mas que buscasse naquela nova experiência formas de contribuir para uma melhoria na educação pública.

No Colégio particular, novos desafios me foram impostos, mas com determinação busquei superar cada um deles. Percebi com essa experiência, a grande necessidade que se tem de cumprir com excelência um currículo pré estabelecido pela unidade escolar, geralmente em concordância com alguns sistemas de ensino promovido por editoras de livros didáticos. Naquela instituição a

preocupação maior, muitas das vezes parecia não ser com a educação e aprendizado dos alunos, mas com o cumprimento e uso do livro. Ao final do ano letivo o conteúdo do mesmo material deveria estar totalmente aplicado à turma e todos os exercícios, presentes neles, respondidos. A necessidade excessiva e constantemente cobrada pela administração da escola para o uso deste material era justificada simplesmente pelo alto valor que os responsáveis dos discentes pagaram por ele.

Como a maioria desses materiais já eram programados para todo o período do ano letivo, pouco tempo e espaço restava para a criatividade do professor ou para a implementação de uma outra atividade que não fosse aquela presente no livro. Ao final de cada mês, éramos, eu e os demais professores, cobrados pela execução de uma determinada quantidade de páginas e ao final do bimestre a conclusão de capítulos, e assim sucessivamente até sua conclusão no final do ano. Quando um conteúdo não era bem compreendido ou absorvido por uma turma escolar, me via em desesperos, pois seria obrigado a usar tempos de aulas que já estavam programados para serem usados com outros conteúdos, atrasando assim todo aquele projeto já pré-estabelecido. Parecíamos ter nos tornado apenas executores de cronogramas e deixado de lado todo o restante de recursos que poderiam ser grandes auxiliares no processo de ensino; deixando de lado toda a inventividade e criação que poderia surgir naquele espaço de aprendizagem, embora nos esforcemos para não cair em tal prática.

Lembro-me, de uma certa vez, ser ridicularizado em um conselho de classe de uma turma do sexto ano do Ensino Fundamental, por não ter conseguido cumprir o que estava programado para ser usado do livro didático no bimestre. O grande problema era que aquele determinado bimestre, pelo qual fui punido, era justamente o primeiro do ano letivo de 2020 onde no meio dele tivemos nossas aulas presenciais suspensas em decorrência da pandemia do Novo Coronavírus COVID-19 que abalou e impactou significativamente o mundo. Era um momento turbulento, de incertezas e desconhecimento para todos,

principalmente para os alunos que estavam naquele momento tendo, obrigatoriamente, que reaprender a viver. Alunos que mal estavam começando a se acostumar com a realidade do segundo segmento do Ensino Fundamental onde agora existiria um professor para cada disciplina escolar, uma carga horária de estudo maior, além de diversos outros desafios. Eles estavam agora, também, tendo que se adaptar e aprender a aprender através de um celular. Não poderia como docente, deixar de permitir que minha humanidade e preocupação com o aprendizado daqueles adolescentes fossem colocados de lado, por isso me preocupei muito mais em os ajudá-los a lidar com todos aqueles desafios impostos por aquela nova realidade, embora eu também estivesse aprendendo, do que simplesmente cumprir o que estava estabelecido em um material didático.

Aquela experiência me fez pensar a prática em sala de aula e a relação estabelecida entre professor e material didático. O material não deveria ser somente um auxiliar no processo de ensino? Estaria o professor sujeitando-se e subordinando-se ao livro didático? Uma vez comprovado tal fato seria então o material didático o grande regente do espaço e prática escolar? Encontra-se naquele material as respostas necessárias às necessidades de aprendizado dos alunos? O que se sabe é que em grande parte destas instituições seguem esse modelo de educação onde a cobrança excessiva pelo uso deste material é feita constantemente.

Embora eu esbarrasse nesta grande dificuldade, que era a escassez de espaço e tempo para executar outras atividades, consegui desenvolver, com muita dificuldade, outras práticas nesses locais que foram enriquecedoras no processo de ensino.

Também no ano de 2019 comecei a trabalhar com turmas da EJA (Educação de Jovens e Adultos), que foi para mim uma experiência maravilhosa. Lecionei em turmas desta modalidade de ensino no ano de 2019 na cidade de Araruama, localizada também no interior do estado do Rio de Janeiro. Posso dizer que foi uma experiência de grandes descobertas que me reescreveram como docente e ser humano. No começo, tive um pouco de receio, pois

no período eu tinha apenas vinte e cinco anos de idade e passaria agora a ministrar aulas não mais para adolescentes, como já estava fazendo antes, e sim para pessoas adultas e até mesmo com mais idade do que eu.

Eram pessoas de diferentes perfis e com diferentes objetivos de estarem ali. Algumas devido ao grande número de repetência e com isso não poderiam mais serem mantidas no ensino regular; outros menores infratores que por terem cometido algum delito tinham a obrigação de frequentar o espaço escolar como uma das medidas punitivas; uns que já estavam a décadas fora da sala de aula devido a impossibilidade do acesso e permanência na educação em suas infâncias e juventudes, buscavam agora nos estudos uma possibilidade de melhoria em suas condições de vida; outros que, por assim como eu em anos anteriores, escolheu estudar no terceiro turno para poderem trabalharem durante o dia; e até mesmo alguns que só estavam matriculados ali para terem o direito de se alimentarem com a merenda servida naquele local.

Diversas realidades presentes em um mesmo espaço. Diferentes perspectivas, ou até mesmo a ausência dela, estavam presentes ali. A maioria daquelas pessoas partilhavam de uma mesma condição social: moradores de uma comunidade carente buscavam na escola uma solução para seus problemas, sejam eles quais fossem. Uns com muito interesse em aprender, outros nem tanto; alguns com um alto índice de indisciplina comportamental, outros que vencidos pelo cansaço do dia pareciam, em alguns momentos, não terem forças nem para falar; muitos com uma vontade enorme de aprender e diversos outros sem vontade alguma; essas eram as principais características de uma sala de aula da educação de jovens e adultos em qual tive a oportunidade de trabalhar.

Uma das maiores dificuldades encontradas por mim naquela experiência foi a impossibilidade de cumprir um currículo pré estabelecido, algo bastante contraditório com a daquele professor que questiona a obrigatoriedade do cumprimento de um cronograma na rede particular de ensino em que lecionou, porém

falo agora de um currículo mínimo necessário para aquela série escolar. Em aulas divididas entre as quartas e sextas feiras, vivia um grande dilema, pois nas sextas as aulas de História eram nos dois últimos tempos e com isso boa parte dos alunos faltavam. Ao chegar na quarta era impossível dar continuidade ao conteúdo sem antes ter que revisar tudo novamente com os alunos que faltaram a aula anterior. Tive que aprender a ensiná-los no tempo próprio de aprendizado dos mesmos. Objetivando não perdê-los para a desmotivação, fui obrigado a deixar o meu ego de lado, pois considerava um absurdo as justificativas das faltas, e passei a entender que se não fosse daquela forma muitos não iriam continuar mais.

Diante desta nova experiência, me reinventar era necessário mais uma vez. Percebi que ensinar, por exemplo, o que foi a Revolução Francesa para uma mulher que trabalhou durante o dia todo faxinando a casa de seus patrões e que após aquela aula ainda iria cuidar de sua casa e família, não era uma tarefa fácil. Passei a procurar relacionar o máximo cada conteúdo com a realidade daqueles alunos de modo que os mesmos pudessem absorver aquilo em suas mentes e construíssem, a partir dali, aprendizados para suas vidas. Procurava sempre deixar claro que cada coisa ali falada ou trabalhada seria de importância para suas vidas fora da escola, me preocupava a todo instante em levá-los a pensar o quão necessário, para as suas vidas fora da escola, seriam as minhas aulas.

Nesta experiência a minha humanidade foi ainda mais aflorada e percebi o quanto a nossa profissão de professor ultrapassa somente ao ato de ensinar conteúdos. Ali fui amigo para alguns, pai para uns, e até mesmo filho para outros. A carência emocional e a dificuldade imposta pelas realidades de suas vidas eram enormes e gritantes, em cada aula eu tinha a difícil missão de levá-los a perceber suas capacidades e valores, além de convencê-los a não abandonar os estudos. Ser humano era bastante necessário naquele contexto.

Era uma tarefa desafiadora. Ao mesmo tempo que eu queria proporcionar em minhas aulas um espaço leve e atrativo para

aqueles alunos, precisava também ser rude e enérgico com os que, por tanta liberdade e amizade, por algumas vezes tentaram transformar aquele local em um espaço sem leis. Lembro-me de um dia ter que parar a minha aula para ter que combater a venda de entorpecentes. Não foi fácil, mas em pouco tempo eu consegui conquistar o respeito e admiração daqueles alunos, a ponto dos mesmos passarem a controlar os mais indisciplinados.

Iniciei o ano de 2020 com diversas expectativas, sonhos e projetos para todas as áreas da minha vida, e com a vida profissional não seria diferente. Desejos de implementar novas formas de ensino em minhas aulas, cursar o Mestrado no qual tinha sido aprovado no final do ano anterior, o ProfHistória UFF, e extrair daí diversos aprendizados para serem colocados em prática na sala de aula. Tudo começou bem, parecia ser mais um ano letivo normal como qualquer um dos anteriores que eu havia vivido. Estava tendo a experiência de ser admitido em duas novas escolas particulares de grande prestígio na região em que resido, além de continuar trabalhando na prefeitura do município de São Pedro da Aldeia em turmas do Ensino Fundamental.

As perspectivas e projetos eram muitos, porém boa parte deles foram tragicamente interrompidos logo no mês de março com a triste propagação da pandemia do Novo Corona Vírus COVID-19. Algo desconhecido em sua totalidade, até então, pela grande massa popular, parou com grande brutalidade o cotidiano de nossas vidas. Pouca coisa se sabia em relação ao novo problema que se instalara sobre nossa sociedade naquele triste mês de março; mas das poucas certezas que tínhamos, a de que deveríamos nos manter afastados uns dos outros era a maior delas. Isso provocou uma série de problemas que impactou e segue impactando a vida humana até os dias atuais.

Para a educação os impactos foram diversos e dos mais distintos significados, alguns positivos, e outros muitos, negativos. Impactos esses que refletem em consequências que perduram na atualidade e podem ainda durar por anos; e como na maioria dos problemas enfrentados pelo nosso país ao longo de sua história, os

mais impactados são aqueles membros da sociedade menos favorecidos economicamente.

A pandemia da COVID-19 nos mostrou mais uma vez o quanto a preocupação com a educação pública do nosso país não é a principal pauta da maioria dos nossos governantes. Na região em que moro, a começar pela prefeitura do município de São Pedro da Aldeia, onde resido e também trabalhava como docente, logo no primeiro mês de duração do contexto pandêmico, a administração municipal daquele período decidiu demitir todos os profissionais da educação que trabalhavam por contrato temporário de serviço. Do auxiliar de serviços gerais ao professor, todos foram lançados às suas próprias sortes em meio a uma pandemia nunca antes vivida onde as incertezas eram muitas, sem assistência alguma por parte do governo. Descartados como se não tivessem utilidade alguma, somente no município anteriormente citado, mais de seiscentos professores foram dispensados; e infelizmente esse triste ocorrido foi tomado como exemplo pela maioria dos municípios vizinhos que seguiram despedindo seus profissionais da educação.

Tal fato evidenciou o quão pouco a educação pública é tida como prioridade. Aquelas demissões em massa não significavam somente uma falta de humanidade com os profissionais que estavam sendo demitidos, mas uma desvalorização do ensino público, uma vez que centenas de alunos passariam agora a estarem sem professores. Não é de se assustar em perceber o quanto parece existir uma necessidade de se destruir o que é público justamente por pessoas que estão dentro do serviço público e que deveriam lutar por sua manutenção e qualidade, como já disse ... cabe uma citação

Enquanto eu percebia as unidades escolares da rede privada em que eu trabalhava, se organizando de forma rápida e buscando maneiras de não desassistir seus alunos, os gestores da rede pública de ensino em que eu lecionava, por mais bárbaro que isso possa ser, parecia comemorar o descanso que iriam passar a ter com questões relacionadas à educação, ou pelo menos com a facilidade que poderiam ter agora em não se importar com a qualidade do ensino,

a final as atenções estavam, naquele momento, voltadas todas para outra área, a área da saúde.

A demissão em massa foi justificada pelo poder público municipal devido ao fato da suspensão das aulas presenciais e com isso não precisariam mais dos professores. Mas e aqueles alunos, o que seria feito deles? E a educação, que afinal é um direito deles estabelecido pela carta constitucional? O que se viu na realidade foi de fato uma grande maquiagem onde alunos, já com diversos outros problemas impostos pelo novo momento, tiveram mais uma vez suas necessidades renegadas, características ignoradas e direitos vedados.

Como forma de prestar conta com o cumprimento do ano letivo, a secretaria municipal de educação passou a explorar ainda mais o trabalho do professor, ou seja, daqueles que pela lei, para a infelicidade de muitos políticos, foram aprovados e admitidos ao serviço público por meio de um concurso que os garante estabilidade em seus empregos. Esses profissionais passaram a ter que produzir conteúdos não somente para suas turmas, mas também para aquelas que tiveram seus professores dispensados. Sem um programa coeso em toda a rede, os mais de treze mil alunos passaram a ser ensinados por apostilas produzida por esses profissionais e retiradas nas escolas, contendo atividades que deveriam ser respondidas em casa e devolvidas posteriormente.

Não houve a criação de uma plataforma virtual unificada de ensino por parte da organização municipal. Os professores que por maestria e humanidade passaram a criar por conta própria meios de se comunicarem com seus alunos. Uns com grupos em aplicativos de WhatsApp, outros pelo aplicativo Google Meet, entre outros; mas nada unificado que mantivesse uma organização a nível municipal e também preservasse a imagem dos alunos e professores, visto haver denúncias de profissionais que tinham suas aulas invadidas por pessoas de fora do contexto escolar devido a fragilidade desses aplicativos tecnológicos.

Se por um lado nas redes públicas de educação com as quais eu tive contato, não mostravam uma grande preocupação com a

qualidade do ensino ofertado, exceto alguns profissionais que, sem estrutura adequada por parte do poder público, se reinventaram e dedicaram-se ao máximo por seus alunos, na rede privada, as escolas em que eu trabalhava buscava meios de ofertar um ensino de qualidade diante de todas barreiras impostas.

As primeiras semanas da quarentena foram marcadas por um alto teor de reuniões on-line via aplicativos que para muitos de nós docentes ainda eram desconhecidos. Os objetivos de tais encontros virtuais era traçar metas e meios para tentar superar, ou ao menos amenizar a nova problemática em relação ao funcionamento das instituições e ofertas do ensino. Talvez por pressão dos pais, ou medo desses mesmos responsáveis deixarem de pagar as mensalidades da escola, ou até mesmo pela facilidade ao acesso a tecnologias digitais por parte dos alunos dessa rede, vimos as unidades particulares se organizarem em um tempo muito rápido em relação à rede pública de ensino.

Ao mesmo tempo que ensinamos, também aprendemos a usar e lidar com todas aquelas novas tecnologias. O celular, outrora visto e percebido como um grande inimigo no processo de ensino e aprendizagem e como concorrente do professor pela atenção dos alunos, se transformou agora em um importante aliado no processo educacional. O país que contava até com leis para proibir o uso desses aparelhos no ambiente escolar, se viu agora rendido a esta tecnologia, pois a mesma se mostrava naquele momento a única possibilidade de interação entre professor e aluno. Cabe-nos perguntar: Seria mesmo o celular um grande inimigo do professor ou nós docentes que não nos preocupamos em desvendar suas possibilidades como recurso pedagógicos antes? A introdução de novas tecnologias no ensino pode auxiliar no processo de aprendizagem ou atrapalha?

Se existe alguma contribuição positiva que a pandemia nos deixou em relação à educação, foi mostrar o quanto necessitamos repensar nossas práticas escolares e nosso trabalho como docentes. O afastamento social imposto pelo vírus nos fez mergulharmos ainda mais no cotidiano dos nossos jovens e adolescentes, nos

mostrando o quanto se faz necessário nos aproximarmos de suas realidades e perspectivas . Usar as mesmas antigas práticas de ensino era quase impossível, precisávamos nos reescrever a todo custo, e fizemos isso com maestria percebendo ao final que o grande inimigo do professor é o seu medo diante do desconhecido e o comodismo que o sistema nos impõe sutilmente sem ao menos percebermos.

Sigo minha caminhada na docência mantendo esse relacionamento íntimo com a educação, que no início era percebida por mim somente como uma forma de conquistar um melhor emprego e consecutivamente uma melhor remuneração salarial, hoje se define como uma série de outras possibilidades, me permitindo escrever e reescrever a minha história.

A Escola foi meu mundo e no seu chão me tornei professora

Juliana Pacheco de Oliveira

*Você não sabe o quanto eu caminhei
Pra chegar até aqui
Percorri milhas e milhas antes de dormir
Eu nem cochilei
Os mais belos montes escalei
Nas noites escuras de frio chorei*
(Bino Farias, Lazao, Paulo Gama, Toni Garrido)

Dedico este memorial à minha mãe, Suely Pacheco,
minha tia Suely Abreu e minha madrinha Eunice Pacheco
(*in memoriam*)

Abertura do baú das memórias

Na primeira aula de Ensino de História do mestrado profissional de História na Universidade Federal Fluminense (UFF), soube que deveria fazer um memorial para mostrar os caminhos que me conduziram a escolher a docência. O fato me assustou bastante. Como contar essa história? Pensei em omitir boa parte dela, mas refletindo cheguei à conclusão que foi essa história que me transformou na educadora que hoje sou e foi ela que me fez lutar tanto pelos meus objetivos. Porém, confesso que selecionar os recortes da memória que usaria nesse desafio não foi tarefa fácil. É doloroso demais abrir o baú da memória e relembrar tantos sentimentos guardados.

Posso dizer que sobrevivi e me reinventei muitas vezes ao longo desses 38 anos de vida e que cada momento de dor e desespero me fez mais forte, mais determinada e mais perseverante

em acreditar que podia (e posso) fazer alguma diferença na vida dos meus alunos. Tenho certeza de que a minha escolha pelo curso de História vem desse sentimento, dessa crença de que poderia transformar e formar cidadãos conscientes. Entretanto foram essas convicções também que me fizeram frustrar algumas vezes com o magistério.

A vida pessoal foi marcada por muitas amarguras. Por 17 anos, minha mãe e eu vivemos em um quase cárcere privado e sofremos vários tipos de violência por parte de meu pai. Hoje eu sei que cada um desses momentos que vivi construiu a pessoa que sou, a educadora que acredita ser possível através de encontros fazer a diferença na vida de alguém, porque a vida é feita de encontros que formam e transformam os seres humanos.

O Colégio Estadual Antônio Francisco Leal em minha vida

A maioria das minhas memórias remetem ao Colégio Estadual Antônio Francisco Leal que era nosso principal contexto de convívio social. A escola representava muito para mim e vem daí o meu grande amor por ela, para onde retornei anos depois como professora de História. O espaço de tempo entre ser aluna e depois servidora concursada da escola foi um caminho difícil a ser percorrido.

Considerava o Leal meu verdadeiro lar e lá passava bastante tempo, já que minha mãe tinha duas matrículas como servidora nessa escola, que foi aonde ela estudou, e eu também estudava. Era o meu refúgio, era o lugar onde eu me sentia livre e feliz, onde eu desenvolvia cada vez mais meu amor pelos livros e a habilidade de escrever poesias. A poesia era minha terapia.

Minha mãe era uma professora respeitada e conhecida em Tanguá-RJ. Era muito dedicada à escola e aos alunos, até hoje é a minha referência como profissional da educação. Quando criança vivia grandes dificuldades ao lado da irmã Eunice e do pai Ary, que eu não cheguei a conhecer, e as duas foram acolhidas e criadas por Suely Abreu Germano, madrinha de sua irmã. Apesar de ter

muita dificuldade nos estudos, ela teve o apoio da família Abreu e conseguiu se formar.



Imagem 1: Refeitório do Colégio Estadual Antônio Francisco Leal, minha mãe na cabeceira da mesa.

Fonte: Acervo de fotos do Colégio Estadual Antônio Francisco Leal.

O Leal foi a Primeira escola da cidade e nas nossas vidas, era o lugar do afeto, lugar de ver gente, lugar de segurança, porque no momento que estávamos ali não sofreríamos nenhuma violência.

Nessa época, minha mãe começou a ter problemas de saúde e foi diagnosticada com um câncer raro nos vasos linfáticos. Começava aí um novo capítulo de sofrimento em nossas vidas, ela foi encaminhada para quimioterapia no Hospital Geral de Bonsucesso, no Rio de Janeiro, e lá quase nunca tinha medicação necessária para o tratamento.

A despedida: Um paradoxo em minha vida

Depois de um período de espera, minha mãe conseguiu uma consulta com um grande especialista na Cidade do Rio de Janeiro que havia retornado da Alemanha. Lembro-me como se fosse hoje,

minha mãe entrando no carro para nunca mais voltar. Depois dessa consulta, ela foi internada imediatamente no Instituto Nacional do Câncer (INCA) e lá ficou cerca de um mês. Do diagnóstico do câncer até sua morte foi um curto espaço de tempo. Sem dúvida foi o pior momento da minha vida e os acontecimentos que vieram a seguir sem dúvida foram determinantes para a mulher que me tornei e pelo caminho que percorri até chegar ao ProfHistória.

Enterrei minha mãe no dia 12 de abril de 2001, ela tinha 50 anos e eu estava no 3º ano do Ensino Médio com 17 anos. Tinha tido a mãe mais amiga e amorosa do mundo. Ela acreditava tanto no meu potencial, tinha orgulho das minhas poesias e nós nos amávamos incondicionalmente.

Foi muito difícil enterrar minha mãe, mas nesse dia prometi que me tornaria a mulher que ela sonhou que eu fosse e que ela sentiria muito orgulho de mim. Essa promessa me guiou e guia por todos os dias da minha vida; eu sempre acreditei que ela estaria olhando por mim. Lutei incansavelmente, porque as minhas conquistas eram por nós duas.

Nos dias seguintes à sua morte, sofri um novo episódio de violência por parte de meu pai e nesse momento eu abri a porta e saí de casa. Não é fácil para uma adolescente sair de casa aos 17 anos com a roupa do corpo, sem um porto seguro para atracar. Meu pai queimou nossos pertences e eu não pude guardar objetos de infância e recordações de minha mãe. Eu literalmente precisei recomeçar do zero.

Passei por algumas casas de pessoas que me acolheram, apesar do medo que tinham do meu pai. Vivi alguns meses com uma tia da minha mãe, depois com a família que havia criado minha mãe, depois algum tempo na casa dos meus padrinhos e por último fui acolhida na casa dos pais do meu namorado, meu atual companheiro e pai da minha filha.

Contei com a ajuda de amigos da minha mãe, professores e professoras e, principalmente, com a família Abreu, que considero minha família e que, literalmente, me sustentou, já que minha pensão demorou anos para ser liberada.

O Curso de História

Aos 19 anos já morava em Araruama-RJ, com meus padrinhos Eunice Pacheco e Elço Batista, e trabalhava em um mercado para pagar um cursinho pré-vestibular. Aos 20 anos, ingressei no Curso de História da Universidade Veiga de Almeida (UVA), em Cabo Frio-RJ. Sempre gostei muito das matérias de humanas na escola, principalmente História.

Tinha o sonho de cursar Ciências Sociais, na UFF, como não tinha condições para isso, optei pelo curso de História que era o que mais se aproximava do que eu queria, na Região dos Lagos. Achava que sendo professora de História poderia transformar o mundo e formar cidadãos conscientes. Nessa época já morava com meu companheiro e financeiramente nossa vida era muito difícil. Eu ainda não recebia a pensão de minha mãe, mas ao mesmo tempo tinha que estar matriculada numa graduação para que 'continuasse' recebendo uma pensão que ainda nem existia. Eu me matriculei na faculdade com o auxílio funeral da minha mãe que recebi do Estado e não tinha dinheiro para passagem, para me alimentar, para fazer cópias dos textos das disciplinas.

Como sempre aconteceu na minha trajetória, encontrei pessoas que me ajudaram muito. Não foram poucas as vezes que amigos me emprestaram as cópias dos textos, pagaram lanche e almoço para mim. Sem contar que eu ia para a faculdade com camisa de uma escola estadual que tem perto do campus da UVA, me passando por aluna para viajar de graça no ônibus. Era a forma que eu tinha para conseguir chegar até a Universidade.

Na graduação, me destaquei, tirava sempre excelentes notas. Era muito dedicada e comprometida. Acredito que por isso fui indicada pelo coordenador de História para ocupar a vaga de estagiária nos cursos de Direito e Pedagogia. Em troca do meu trabalho, recebia cinquenta por cento de desconto na mensalidade de minha licenciatura. Atuei como estagiária em 2005 e depois optei em me desvincular da função, já que havia sido eleita para Presidente do Centro Acadêmico de História Sebastião Lan.

Como representante dos estudantes, organizei algumas manifestações contra os valores exorbitantes de estacionamento e cópias xerocopiadas, como também empreendemos uma batalha para que fosse inserido no currículo do Curso de Licenciatura em História a disciplina História da África. Além de organizar diversas palestras na Universidade sobre o tema, conseguimos a inserção da disciplina e a oferta de um curso de extensão sobre o assunto.



Imagem 1: Assembleia do Centro Acadêmico de História Sebastião Lan
Fonte: Acervo pessoal da própria autora.

Cheguei à Universidade sabendo que queria estudar Revolução Cubana e me inquietava o fato de nunca ter estudado sobre isso na escola. O tema me foi apresentado por uma amiga que fazia Ciências Sociais, na UFF, depois de conhecê-lo, acreditei que poderia revolucionar a minha realidade e a das pessoas à minha volta. Tive muito êxito em meu trabalho de conclusão de curso e me formei em 2006.

Acho que esse momento é aquele crítico que todo recém-formado passa na vida. E agora, José? Parafraseando Carlos Drumond de Andrade. O que fazer agora? Como sobreviver? Onde trabalhar?

E agora, José?

Como citei anteriormente, encontrei pessoas maravilhosas em meu caminho, e foi uma dessas pessoas que foi responsável pelo meu primeiro emprego na Prefeitura de Armação dos Búzios. Graças a uma amiga, em 2007, já estava em sala de aula, cheia de esperança, querendo revolucionar a educação do país.

Minha primeira experiência em sala de aula foi traumatizante, minha vontade era de sair correndo. Lembro até hoje de ter preparado uma aula super filosófica com uma lenda indiana e, ao chegar à sala de aula, eu não fazia ideia do que estava fazendo e os alunos não entenderam nada. É aí que percebemos a distância da teoria que estudamos na graduação e a realidade de sala de aula.

O meu primeiro ano de magistério foi terrível. Fui perseguida pela diretora que era contratada como eu e, por mais que tentasse acertar, nada que eu fazia era suficiente para ela. Nesse mesmo ano iniciei minha Pós-graduação em História e Cultura Afro-Brasileira na Faculdade de Educação da Região dos Lagos (Ferlagos). Como o tema estava sendo debatido por causa da lei 10.639/2003, achei que ter uma especialização no assunto poderia me abrir portas.

Realmente a Pós-graduação foi fundamental para a mudança que aconteceria no ano seguinte. A Secretaria de Educação me transferiu de escola e eu assumi a disciplina de Cultura Afro-Brasileira numa escola em território quilombola no município de Armação dos Búzios, Escola Municipal João José de Carvalho, recém inaugurada. Lá eu tive contato com a Associação de Mulheres Negras e Afrodescendentes da Rasa (SOMUNEAR), diversas lideranças quilombolas e pude desenvolver vários projetos com a participação da comunidade.

Tudo o que vivi ali marcou o início da construção da professora antirracista que passou a estudar e buscar caminhos de conscientização acerca do assunto. Eu lembro que o meu querido diretor na época, Everaldo Pedro da Silva, me dizia que eu não seria a mesma depois de tudo que havia aprendido e realizado na escola. Hoje refletindo, sei que os primeiros projetos que desenvolvi eram

uma tentativa de uma professora iniciante, sem muito conhecimento sobre o assunto. Sei que cometi erros tentando acertar e, ao longo da minha trajetória, fui refletindo e buscando caminhos de como abordar a temática em minhas aulas.

O ano de 2009 veio como um balde de água fria, com a troca de prefeito meu contrato não foi renovado e eu estava desempregada. Foi um ano de muita decepção porque eu acreditava que realizar um bom trabalho seria suficiente. Os meses seguintes foram terríveis, eu estava desempregada e cursando uma Pós-graduação em História Contemporânea na Universidade Federal Fluminense (UFF), que era paga. O curso era maravilhoso, mas eu me via naquele momento totalmente sem condições financeiras.

Consegui um aluno particular com problemas de aprendizagem e todos os dias o ajudava com as lições de casa. Foi com esse dinheiro que dei continuidade ao curso na UFF durante os seis meses que fiquei desempregada. Apesar de ter sido um momento difícil, ele foi crucial para que eu realizasse meu sonho de retorno ao Colégio Estadual Antônio Francisco Leal. Prometi para mim mesma que nunca mais ficaria desempregada e, como uma fênix que renasce das cinzas, passei em 1º Lugar no Concurso Público para o cargo de Professor de História - Metropolitana IX - SEEDUC/RJ.

Lar doce lar

É claro que minha escolha foi o Colégio Estadual Antônio Francisco Leal, para a vaga de minha professora de História do Ensino Fundamental que havia se aposentado. Sem dúvida, foi um dos momentos mais felizes da minha vida, estava voltando para a casa que amava e sentia a minha mãe em cada tijolo daquela construção, em cada corredor e até no sinal que tocava para organizar o tempo da escola. Era sempre emocionante olhar para a biblioteca da escola que possui seu nome, professora Suely Pacheco.



Imagem 2: Muitos projetos acontecem dentro da Sala de Leitura Prof^a Suely Pacheco.

Fonte: Acervo pessoal da própria autora.

Foi no Colégio Estadual Antônio Francisco Leal que me tornei professora nos 11 anos que lecionei na Instituição. Nesse tempo todo, sentia que, além de ministrar conteúdos, eu tinha a função de mostrar aos meus alunos que superar os obstáculos era possível e que minha presença ali era a prova disso. Estar no Leal era minha terapia e minha missão de vida.

Durante os anos trabalhados na escola coordenei o Projeto Conscientizar é Preciso, que acontecia todos os anos e cuja culminância ocorria em novembro. Foram muitos os trabalhos produzidos pelos alunos nos anos em que ele aconteceu sob minha organização. Foi no chão dessa escola que tive a certeza do que eu queria realmente desenvolver e estudar, minha prática não conseguia mais se dissociar da luta antirracista. Ao mesmo tempo, sei que muitas atividades eram tentativas de uma professora inexperiente que queria fazer da escola um agente social de transformação e foi errando e acertando que fui me tornando professora. Foi no chão do Leal que eu aprendi, como bem disse

Paulo Freire, que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, p.47, 1996).

Trabalhei mais alguns anos como contratada em Araruama, até que em 2017 assumi mais uma matrícula como servidora concursada na Rede Municipal de São Pedro da Aldeia e fui lotada na Escola Dulcinda Jotta Mendes, num bairro marcado pelo tráfico e com alunos bem carentes. Desde 2012, também atuava numa escola particular de Araruama, como professora de Geografia.

Amar e mudar as coisas me interessa mais

Na Escola Dulcinda, continuei com minha trajetória dos projetos ligados à Cultura Afro-Brasileira. Em 2018 me aproximei da luta sindical e fizemos a maior greve da história da rede municipal de São Pedro da Aldeia, culminando na ocupação da prefeitura, conforme imagem 3.



Imagem 3: Ocupação da prefeitura em 2018.

Fonte: Facebook do SEPE Costa do Sol

De minha escola, apenas 4 professores aderiram a essa greve e nos transformamos em parceiros e parceiras de luta, tanto sindical como no cotidiano da escola. Nesse mesmo ano, desenvolvemos juntos o Projeto “Um só amor, um só coração”, título inspirado numa canção de Bob Marley. Foi um momento de grande reflexão sobre a luta e resistência do Povo Negro e a importância da representatividade.



Imagem 4: Painel feito pela turma 802 e usado como cenário para a peça sobre a vida de Cartola.

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Dessa nossa união, resultaria também na criação do Grêmio Escolar Prof^o Átilas Melo, através de uma Assembleia em que foi formada a 1^a Comissão eleitoral. Os alunos clamavam para serem ouvidos e desejavam uma maior participação. Aos poucos, se organizando e politizando, eles começaram a ganhar espaço.

Nessa época a professora Juliana Pacheco também ia se transformando, mais experiente e buscando ler autores e autoras negras, passei por um momento de autoavaliação necessário para que eu pudesse buscar de fato a Educação Antirracista que eu almejava.

No final de janeiro de 2019, tomei posse em mais um concurso para professora de História, dessa vez na Rede Municipal de Cabo Frio-RJ e fui lotada no CEM Professora Marli Capp, em Unamar. Após uma semana lecionando na escola, a tragédia da pandemia do Covid-19 entrou em nossas vidas e com ela todos os desafios do Ensino Remoto.

Sem dúvida uma das decisões mais difíceis da minha vida foi exonerar a matrícula do Estado e deixar de lecionar no Colégio Estadual Antônio Francisco Leal. Mas, mesmo longe fisicamente, os momentos vividos lá estão presentes na minha memória e em meu coração.

Novos caminhos se abrem: a Educação Quilombola invade a minha vida

Numa tarde de julho de 2021 recebi um telefonema do então Coordenador de História da Rede Municipal de São Pedro da Aldeia, dizendo que eu havia sido selecionada com mais dois professores para concorrer à vaga de Coordenadora de Educação Escolar Quilombola. Eu que não tinha nenhuma pretensão de ser Coordenadora, me vi atraída por um desafio novo. No dia seguinte, compareci para a entrevista e no dia 11 de agosto assumi a Coordenação junto com a também professora de História Silvia Rohem. Nossa principal tarefa seria a Construção de um currículo diferenciado e a Formação Continuada dos professores da Escola Municipal Quilombola Dona Rosa Geralda da Silveira, no quilombo Caveira/Botafogo, em São Pedro da Aldeia, que atende crianças quilombolas e não Quilombolas da Creche ao 5º ano.

Essa oportunidade foi um divisor de águas na minha vida, além da felicidade pelo reconhecimento do meu trabalho, ao assumir essa função eu acreditei ser possível novamente voltar a sonhar e lutar para conquistar esses sonhos. Ao acreditar no meu potencial, meu coordenador da História mudava o curso da minha vida.

Além da tarefa de auxiliar a Comunidade Escolar de Caveira na construção do Currículo diferenciado para a EM Quilombola

Dona Rosa Geralda da Silveira passamos a oferecer formação para os professores da escola e depois ampliamos para toda rede, na tentativa de ajudar na construção de uma prática pedagógica antirracista e decolonial. Também passamos a atuar auxiliando a Escola Quilombola nos seus Projetos Pedagógicos e na reformulação do Projeto Político Pedagógico.



Imagem 5: Nesse 1º ano como coordenadoras, também participamos de várias Formações e eventos na Secretaria de Educação de São Pedro da Aldeia.

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Na nova função mergulhei na pesquisa sobre o Quilombo de Caveira e sobre o que é a Educação Escolar Quilombola e isso fez renascer o desejo de cursar o mestrado. Queria muito voltar para a Academia e desenvolver uma pesquisa sobre a Comunidade de Caveira e o trabalho que eu agora realizava.

Ser aprovada no Prof História foi uma grata surpresa e apesar das angústias de como seria cursar um mestrado após 15 anos de formada, tem sido uma experiência de grande reflexão da minha

prática docente, através de aprofundamento teórico e de encontros com professores e professoras que acreditam na Educação Pública.

No primeiro semestre tive a grande oportunidade de conhecer professores incríveis como Larissa Viana, Everardo Andrade e Patrícia Teixeira. Além da enorme satisfação em ser orientada pela Professora Martha Abreu que tão generosamente aceitou caminhar comigo.



Imagem 8: Dia em que conheci pessoalmente minha orientadora Martha Abreu.

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Em Março de 2022, realizamos o I Seminário de Educação Escolar Quilombola de São Pedro da Aldeia, em parceria com a Faculdade de Educação da UFRJ e a Faperj. Foram dois dias de muito aprendizado com mesas de debate e rodas de conversa

compostas por especialistas e comunidade escolar conforme as imagens abaixo.



Imagem 6: Folder do I Seminário de Educação Escolar Quilombola.



Imagem 7. Ser mediadora no Seminário foi uma experiência marcante.
Fonte: Acervo pessoal da autora.



Imagem 8: Foto do 2º dia do Seminário, na E.M.Q. Dona Rosa Geralda da Silveira.

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Epílogo

E foi assim que eu cheguei até aqui, realizando aquela promessa que fiz a minha mãe no dia 12 de abril de 2001. Tenho cada vez mais certeza de que fiz a escolha certa quanto a minha profissão. Não saberia ser outra coisa a não ser professora. Não querendo romantizar todas as dificuldades que vivemos no magistério, mas é realmente no cotidiano da escola que eu me realizo. Apesar das dificuldades que tem sido esse retorno após a quarentena de aproximadamente 2 anos, eu continuo acreditando e tentando me reinventar. Eu tenho esperança, porque segundo o professor Paulo Freire “a esperança é necessária, mas não é suficiente. Ela, só, não ganha a luta, mas sem ela a luta fraqueja e titubeia. Precisamos de esperança crítica, como o peixe necessita de água despoluída.” (FREIRE, p.10, 1992)

Recentemente, o encontro com um ex-aluno na entrada da UFF todo feliz cursando Biologia e tantos outros que me enviam mensagens compartilhando a realização de estar cursando uma

graduação me dão um afago no coração de que minha dedicação não foi em vão.

Cada vez que eu piso no Campus Gragoatá, eu respiro fundo e seguro minhas lágrimas, porque só eu sei como foi chegar até aqui. É esse o legado que quero deixar para minha filha Julia, para que ela veja por meio de meu exemplo que uma mulher pode ser o que ela quiser, que a Educação pode transformar as pessoas e quem sabe transformar o mundo.

*Tenho sangrado demais, tenho chorado pra cachorro
Ano passado eu morri, mas esse ano eu não morro.*
(Belchior)

Referências

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Meu despertar docente

Kessy da Silva Costa Nascimento

*Mesmo que já tenhas feito uma longa caminhada,
há sempre um novo caminho a fazer.*

(Santo Agostinho)

Nunca pensei que minha história fosse algo importante para alguém, sempre achei a minha vida muito normal. Sou filha caçula de duas irmãs, sempre tive um comportamento muito tranquilo e sempre fui boa filha e boa aluna.

O meu encontro com a História aconteceu no Ensino Médio. Nas minhas aulas do Ensino Fundamental eu não gostava de História, cheguei a ficar de recuperação uma vez. Confesso que dormia em algumas aulas literalmente e não conseguia me concentrar. O meu professor era muito previsível, suas aulas tinham sempre a mesma dinâmica: ele nos mandava abrir o livro e em toda aula ele se sentava e lia com os alunos enquanto explicava a matéria, era muito difícil eu não dormir. Meu Ensino Fundamental foi realizado no Colégio Alcântara, situado no município de São Gonçalo, RJ. Possuía uma educação muito rígida tanto no conteúdo quanto no comportamento. Fila, oração, hinos eram características de disciplina rígida e permanentes para composição da educação cidadã que se esperava naquele período. Eu como criança não entendia aquele sistema de educação influenciado pela ditadura militar recentemente extinta pois era década de 80 e a escola ainda adotava o antigo perfil de ministrar suas aulas e manter sua ordem.

Eu nesse contexto era uma menina negra, em uma escola particular de maioria branca e não me sentia excluída. A escola não permitia xingamentos e ofensas entre os alunos, mas isso não me isentou de passar por alguns pequenos constrangimentos por conta

da cor da minha pele e da estrutura do meu cabelo. Eram as “brincadeiras” que hoje sabemos como fazem mal a uma criança no momento de se descobrir e se perceber diferente no meio dos outros.

No meu Ensino Médio fui para uma outra escola no centro de São Gonçalo, Colégio Cenecista Orlando Rangel, lá encontrei mais alunos de origem afrodescendentes e o público era bem diferente do que eu estava acostumada. Confesso que senti saudade da disciplina rígida da minha antiga escola, mas também achei interessante a mudança, eu estava mudando, então muitas foram as experiências que vivi naquela escola. Lá eu percebi como o racismo pode ser velado e como as pessoas têm dificuldades de reconhecerem que pessoas negras podem ser muito competentes. Como eu era uma aluna muito aplicada e comportada sempre obtive o respeito dos professores e alunos. Fui representante de turma durante os dois últimos anos do meu Ensino Médio, e a questão étnica incomodava alguns alunos.

Meus pais, sempre conversaram comigo e minha irmã sobre questões de racismo. Sempre fizeram o possível para estarmos à altura dos lugares onde frequentamos, que sempre eram de maioria branca. Apesar de meus pais serem negros eles nunca foram militantes nem adotavam uma postura de reivindicação mais incisiva. Pelo contrário, tentavam branquear nossa educação para que a questão da cor não fosse um problema, já que a boa instrução “apagariam” esse peso. Eles não verbalizavam dessa forma mas sempre chamavam a atenção para o fato de que ser negro já poderia ser um problema para a sociedade e que estudando estaríamos isentos de dificuldades e constrangimentos futuros.

Quando terminei meu Ensino Médio em Técnico de Contabilidade já tinha em mente que queria fazer Direito. Tentei o Vestibular no ano seguinte, mas não entrei na primeira tentativa. Fui fazer um pré vestibular comunitário na UFF (Valonguinho) e nos últimos 6 meses um professor de História desse cursinho, Marcelo, ofereceu para mim e um grupo de cinco alunos uma bolsa para fazermos um cursinho todo sábado o dia inteiro em Niterói. Nesse cursinho da UFF encontrei uma menina que se tornou minha

amiga e irmã e ela me convenceu a tentar História na FFP-UERJ com ela, pois se não conseguisse em Direito conseguiria em História e eu poderia pedir, após um tempo, transferência interna de curso. Confesso que não gostei muito da ideia pois minha experiência com História não era das melhores, mas no cursinho eu tive um professor (infelizmente não lembro o nome) que posso dizer era quase o Che-Guevara. Ele explicava a História tão bem que eu me sentia parte dela. A História que ele ensinava era viva, tinha personagens que pareciam muito reais e isso muito me chamou a atenção. Então acabei me inscrevendo para o curso de História na UERJ e Direito na UFRJ. Pois bem eis que saiu o resultado na UFRJ eu fiquei para as reclassificações e na UERJ eu entrei logo de primeira, confesso que ser professora não estava nos meus planos mas eu comecei o curso com a intenção de conseguir uma transferência interna depois. Minha entrada na graduação aconteceu no segundo semestre de 1999.

Eis que durante o meu curso, em 2001, eu engravidei, foi um susto pois não foi planejado, eu tinha outros planos e de repente tudo mudou. Me casei, criei família e os planos de mudar de curso ficaram pelo caminho. Me agarrei a minha graduação ainda com um pouco de medo, pois lecionar nunca foi minha meta. Precisava me formar, ter uma profissão, me graduar, com o diploma, depois eu pensaria no que iria fazer. Minha família me apoiou muito para que eu terminasse minha graduação. Minha filha nasceu, e a partir de então passei a me dedicar mais à minha família do que à minha formação. Em 2004, comecei a atuar como professora na escola que eu trabalhava como Auxiliar de Secretaria, quando surgiu uma oportunidade eles me promoveram. Foi muito bom pois, muitos terminam a faculdade sem trabalhar e eu antes de me formar já estava trabalhando, comecei a ganhar confiança e me familiarizar com a prática docente.

Confesso que tive várias experiências boas e ruins, mas lecionar parece cachaça, você vai se acostumando com a dinâmica das aulas das turmas e quando percebe não sabe fazer outra coisa.

Em 2008, me mudei com minha família para a cidade de Ubatuba, SP. Minha vida acadêmica ficou paralisada bastante tempo, pois só pensava em trabalhar. A cidade de Ubatuba não possui cursos presenciais e eu não me adaptei aos cursos de aperfeiçoamento que iniciei no EAD. Em 2009, passei no concurso do estado para a cidade de Paraty, RJ onde leciono desde de 2012.

Minha prática docente se mistura muito com as mudanças que a maturidade vai ocasionando em nós, inicialmente eu era uma professora muito rígida e autoritária, fruto da educação que eu recebi e que sempre foi referência da minha educação. Confesso que essa educação era excludente, os alunos que não tinham um desempenho escolar satisfatório eram considerados um nada, não se avaliava outras habilidades, somente aquela que o desenvolvimento cognitivo conseguia atestar. Durante muito tempo eu reproduzi essa forma de educação, aos poucos fui observando e avaliando minha docência acerca de que oportunidades eu estava dando aqueles jovens e a todos os jovens que passavam ou passariam por mim. Minha prática começou a me incomodar, foi então que tudo mudou.

Em 2015, o governo federal introduziu o PROEMI, Programa Ensino Médio Inovador, sistema de Educação Integral nas escolas do estado do RJ e do Brasil. Foram introduzidas aulas com o objetivo de desenvolver as habilidades socioemocionais dos alunos. Com o objetivo de aumentar minha renda acabei aceitando algumas aulas desta disciplina, mesmo ciente do processo de desestruturação da educação brasileira, através desses programas. Comecei a lecionar Projeto de Vida, um componente desta nova proposta de educação.

Quando iniciei as atividades deste componente me chamou a atenção o fato dela trabalhar com resgate da história pessoal dos alunos para iniciar o processo de autoconhecimento, então os alunos devem falar sobre sua vida, suas vivências, sua identidade em transformação. Percebi que enquanto planejava e ministrava as aulas ia fazendo o mesmo exercício que os meus alunos sobre autoconhecimento. Aos poucos comecei a observar alguns

comportamentos, projetos que havia abandonado, me deparei com o meu posicionamento étnico de me perceber militante mesmo sem ser atuante, me tornei referência dos meus alunos a partir do meu envolvimento com a vida pessoal de cada um. Esse momento foi de extrema importância pois fui de encontro a uma forma de lecionar totalmente nova para mim. Conhecer o perfil dos meus alunos me levou a pensar em novas práticas docentes e a necessidade de criar significados para as minhas aulas de História. A formação do cidadão pessoal e social passa pelo encontro da sua história pessoal com a sociedade de que ele faz parte. As questões que trazemos acabam interferindo no nosso cotidiano social, foi então que comecei a pensar como a História disciplina ganha um outro significado. Comecei a ver a prática docente com muito mais entusiasmo e a partir de então iniciei vários projetos com meus alunos na escola e estou sempre em uma roda de conversa produtiva em que eles se colocam e se percebem fazendo parte da História não só como alunos mas como agentes da transformação. Foi a partir dessa prática que eu tomei coragem para tentar o ProfHistória e continuar minha jornada acadêmica que adiei durante um tempo acreditando que não era mais para mim, mas reavaliando meus processos percebi que abandonei meus projetos profissionais. O ProfHistória é um marco na minha vida, não somente pela qualidade dos conteúdos mas pelas trocas docentes que para mim só confirmam mais a minha opção que virou paixão.

Enfim, eu costumo dizer que a minha profissão me escolheu. Hoje eu não me percebo fazendo outra coisa. Gosto de estar com meus alunos, gosto de ajudar eles a pensarem que podem ir além, que são capazes e que devem acreditar num futuro onde eles são protagonistas.

*O que nos encanta no outro é o que ele
nos conseguiu fazer enxergar em nós mesmos!*
(Padre Fábio de Melo)

Hoje retomo o passado...

Lorena Silva Tato

Não há nada como regressar a um lugar que está igual para descobrir o quanto a gente mudou.

Nelson Mandela

Hoje retomo o passado. Hoje retorno a um dos meus espaços de aprendizado, com a certeza que 8 anos lecionando me transformaram em outra Lorena Tato.

Dois mil e vinte dois é um ano de muitos presentes. O Programa PROFHISTÓRIA me trouxe de volta a um universo o qual nunca achei que iria retornar, seja por questões pessoais, as quais vou atravessar nesse memorial, seja por achar que não seria merecedora de tal ensejo.

Assim como em nosso cotidiano como professor/historiador, fazemos recortes e seleções para nossas aulas. Aqui preciso fazer um recorte mais complexo. Refere-se ao meu crescimento como profissional de educação e sobre todas as vivências e experiências que me fizeram chegar aonde cheguei.

Nosso ofício como historiador/professor perpassa diversos caminhos, muitas vezes íngremes e tortuosos, mas sempre sobre o OUTRO. A sociedade Romana, a classe trabalhadora, os reformadores ou o movimento operário. Sempre o OUTRO, com certo distanciamento e todos os cuidados que devemos ter em momentos políticos obscuros como o atual, mas sabemos que todas essas demandas são simplórias perto do desafio de falar sobre SI. Falar de si, dentro da nossa perspectiva de oralidade, se insere num espaço de produção que é ao mesmo tempo construção de memória e buscando um historicismo passadista para dimensionar e justificar tudo que somos hoje.

Isso soa perigoso em vários sentidos. Primeiro qual recorte foi feito, o saudosismo ao passado, que nem sempre é saudável e principalmente, a tentativa quase impossível de se comprometer com a imparcialidade, se tratando de uma produção que fala sobre nós.

A Lorena que é apresentada ao público é a Lorena do Instagram: 32 anos, professora de história da rede privada de ensino, decoradora de casamentos, música nas horas vagas, apaixonada por astrologia, mãe da Alice (uma pré-adolescente que diz desde os 5 anos de idade que vai ser a presidente do Brasil!). Sempre batendo no peito pra dizer que sou formada pela melhor universidade de História da América Latina e que lecionar história é uma das maiores certezas que tenho nessa vida. Assim como nas redes sociais, essa é a epígrafe de uma foto posada, depois de tirada 37 vezes, dotada de toda a superficialidade que tal rede social pode oferecer. Todos sabemos que por trás de cada epígrafe ou apresentação inicial há luta, há preconceitos, há abandonos, há violências e tantas outras questões que nos fazem ser o que somos hoje, muito além do que apresentações prontas são capazes de descrever. Revisitar essas memórias está sendo tarefa árdua. Adiei até o último segundo. Ainda sim, como uma boa brasileira, não desisto jamais e vou levar esse diálogo interno até o final!

Parte I: Família

Essa história começa no meu nascimento, no bairro da Barra da Tijuca¹, no dia 12 de janeiro de 1990. Filha de uma funcionária pública e um taxista, passei uma infância relativamente tranquila, sem grandes rupturas e mudanças. Sempre moramos na casa da minha avó, no bairro de Vila Valqueire, junto com um monte de gente da família (tios, tias, irmãos). A casa é muito grande e confortável e sempre tive tudo ao meu alcance, apesar de nunca ter viajado pra fora do país nem tido regalias que alguns amigos com melhores condições tinham, mas como uma família de classe média

¹ Bairro de classe média alta do Rio de Janeiro

qualquer, nunca faltou comida na mesa e nem o restaurante do final de semana. Minhas memórias datam sempre de uma mãe preta² com dificuldades financeiras, que minha avó sempre salvava no final. Digo à minha avó porque meu pai saiu da nossa casa quando eu tinha 4 anos e se casou mais 6 vezes! Não tenho irmãos desses relacionamentos, tenho 2 irmãos que são do primeiro casamento do meu pai, e um irmão que mora comigo, filho da minha mãe e meu padrasto. Apesar de tudo isso, uma casa com poucas referências de formação acadêmica, tendo em vista que ninguém era formado (minha mãe se formou em direito tempos depois).

Na família do meu pai tinham alguns professores de referência mas lecionar não passava pela minha cabeça, definitivamente.

Além da casa da minha avó materna, frequentava muito a casa do meu avô paterno, e considero relevante trazer esse paralelo da minha infância porque é de lá que datam as minhas primeiras memórias de racismo.

A Família do meu pai é construída a partir da mistura de imigrantes europeus aqui no Brasil: Espanhóis e Alemães. Todos eram muito brancos, de olhos claros, meu avô era da Aeronáutica, minha avó, dona de casa, e eu era a neta “nequinha” da família. A de pele mais escura em relação aos demais, apesar d'eu não ser retinta. A princípio ficarei por aqui nessa temática pois tenho um capítulo especial para essa questão.

Parte II: Trajetória escolar

Minha trajetória escolar é muito caótica. Estudei em muitos colégios privados (na grande maioria católicos). Isso porque minha mãe (preta e candomblecista) achava que estudando em colégios católicos, eu teria uma postura mais contida e socialmente aceita, dentro das perspectivas da nossa querida sociedade brasileira (conservadora e cristã). No sexto ano passei em 24º lugar do

² Preta que não se vê como preta apesar de ser neta de uma ex-escrava e de pele retinta.

concurso do Pedro II e dali em diante, minha vida mudou. Eu sou uma defensora ferrenha do Cp2³ porque é a minha maior referência de educação pública de qualidade. Tinha aulas de música, francês e fui apresentada aos movimentos estudantis já muito cedo, como tradição na escola.

No ensino fundamental estudava na unidade Engenho Novo e no ensino médio fui para a unidade Centro. Que lugar lindo para um futuro historiador! Prédio da primeira metade do século XIX, com todo aquele ar histórico! Uma biblioteca linda com um piano de cauda (que eu gostava de ir muito mais pra tocar do que pra estudar). É exatamente aqui nesse trecho, que revisito lembranças de quando começou a vir a vontade de lecionar.

Sempre gostei muito de política e meu sonho sempre foi ser jornalista, mas entrei no ensino médio e minhas perspectivas começaram a se modificar. Minhas disciplinas preferidas sempre foram história, geografia, sociologia e filosofia, então apesar das dúvidas, uma coisa eu tinha absoluta certeza: eu era de humanas! Cogitei Relações Internacionais, Economia, Geografia e Ciências sociais, mas foi na história que me encontrei e nela fiz estrada, desconstruindo e me construindo, como mulher preta, professora, candomblecista e mãe.(todos processos lentos e dolorosos).

Quando cheguei ao último ano do ensino médio (2008), pedi à minha mãe para complementar o colégio com um cursinho pré-vestibular. Minha mãe enrolada de dinheiro como sempre, disse que não poderia pagar, então resolvi pedir ao meu avô paterno. Ele de pronto disse que pagaria, mas disponibilizou um valor baixo. Fui ao curso negociar e a única turma que daria pra fazer seria a turma da noite (que tinha uma carga horária menor, portanto era mais barato). O curioso da história desse curso é que é o lugar que eu construí toda a minha trajetória docente (também terei um capítulo só isso!). Quando disse ao meu avô que faria história, ele

³ abreviação carinhosa do Colégio Pedro II. Colégio Federal criado em 1838, no período regencial e que até hoje é referência em educação na cidade do Rio de Janeiro.

ficou bem decepcionado e disse pra eu não me envolver com essa gente porque era perigosa (se referindo aos comunistas).

Minha rotina era um caos: Saía do Valqueire, ia pro colégio no Centro. À tarde eu saía do colégio para visitar meu irmão mais velho (que estava em coma no CTI) num hospital na Gávea e depois ia pro cursinho em Madureira, estudar até as 22:40 da noite, todos os dias.

Abrindo um parêntese para falar do meu irmão: ele fez uma cirurgia bariátrica em 2004 que deu errado e ficou por 5 anos lutando pela vida no hospital. Ele fez mais de 40 cirurgias e ficou em coma induzido em muitos momentos ao longo desses 5 anos. Pouco antes dele falecer, lembro de uma das visitas ao hospital, antes de ir pro cursinho. O médico disse à família que ele tinha saído do coma e que poderíamos conversar com ele. Suas palavras foram muito pontuais. “O que você está fazendo aqui? Você está em ano de vestibular, vai estudar! Quero você na universidade ano que vem. Acho que essa foi nossa penúltima conversa. Até hoje eu não sei como consegui passar no vestibular naquele ano. Sempre cansada, física e emocionalmente, noites de sono mal dormidas e todas as dificuldades que um ano de vestibular poderia trazer.⁴

Finalmente comecei na Fluminense, nova fase, morando em Niterói, novas pessoas e o peso de começar o curso um mês depois da morte do meu irmão.

Lembro como se fosse ontem das primeiras calouradas e lembro de achar que naquela época eu era muito adulta. Aqui retomo a frase inicial do memorial trazendo a reflexão do retorno. É incrível retornar a um espaço que fez parte da sua trajetória e perceber o quanto você se transformou! Sabe aquela sensação de acompanhar o crescimento de uma criança? Quando você convive diariamente, é mais difícil enxergar a progressão, mas quando é um parente distante, que fica 10 anos sem ver, se assusta com o quanto aquela criança cresceu, o quanto ela mudou! A sensação hoje é

⁴ À época os vestibulares eram individuais. Cada universidade tinha o seu próprio processo seletivo, com provas discursivas.

exatamente essa: a universitária é a criança, que depois de quase uma década de trajetória docente, volta à universidade para ver a adulta que se tornou!

Parte III: Maternidade

Nesses 11 anos que se passaram muita coisa aconteceu, mas os eixos centrais são a docência e a Alice. Acho que nunca tive vocação para ser mãe, se é que isso existe, mas é claro que minha Alice teria um capítulo à parte!

Alice nasceu no dia 13 de agosto de 2011. Eu estava cursando o quinto período quando engravidei. Já tinha um relacionamento longo com o pai dela, desde a adolescência, e agora era uma jovem de 21 anos, grávida, no meio da graduação, achando que era adulta.

Quando retornei à UFF, minhas primeiras lembranças remetiam a minha gravidez. Foi o espaço que eu mais passei todas as dificuldades que passam as mulheres grávidas. No meu caso especificamente a gravidez foi muito desgastante porque eu passava mal diariamente, dores e não me sentia nem um pouco confortável com aquela barriga imensa enquanto meu ex-sogro dizia que eu estava indo a faculdade para namorar.

O que eu ouvia sempre é que eu era uma coitada porque não conseguiria concluir o curso e nem poderia trabalhar, já que tinha que ficar com a criança. Mestrado e doutorado então, impossível, para uma mãe jovem, sem estrutura e com um marido que tinha tão pouco ou até menos.

O que seria de mim sem a minha rede de apoio? Aquela casa, que mencionei no primeiro capítulo, cheia de gente, tias e tios, mãe, avó...então, esses são até hoje a rede de apoio que me possibilita trabalhar, estudar e fazer todo o necessário.

Quando a Alice nasceu fiquei um semestre trancada. Ainda tentei fazer 2 matérias à distância, mas o cansaço era tanto que não consegui ler uma única linha de nada naquele semestre. Voltei em 2011.2 pegando muitas matérias no mesmo dia (para facilitar a rotina) e entrando em um programa de iniciação à docência

chamado PIBID, com o professor Everardo Paiva como orientador. Inclusive acho fundamental deixar registrado o quanto o professor Everardo sempre acreditou em mim, independente das dificuldades que a maternidade poderia me proporcionar. Deixo aqui os meus mais genuínos agradecimentos.

Hoje minha filha tem 11 anos e muito diferente do que muitos disseram, não foi obstáculo em absolutamente nada, muito pelo contrário, todo dia ela me ensina a ser um pouquinho melhor e a ter profunda admiração pelo ser humano gigante que ela é, sempre preocupada com as questões sociais, raciais e sempre muito questionadora sobretudo.

Parte IV: Ser professor

Essa história começa no PIBID. Nesse espaço tive meu primeiro contato de fato com alunos e sala de aula. Comecei a entender o que era a rotina de um professor e entender o sentido de lecionar. Nesse mesmo período fiz alguns estágios obrigatórios pela própria UFF. Consegui o estágio no Pedro II de Realengo, acompanhando uma turma de EJA. Ali vi um mundo que eu não conhecia. Para alguém que sempre estudou em escola privada e numa escola pública federal, lidar com a educação para jovens e adultos semianalfabetos foi único. Mas ali, meu âmbito de atuação era muito passivo. Por acaso, nessa mesma época, fiz uma prova para ser monitora do cursinho que eu fiz o pré-vestibular. Prova cheia de “conteudismos”, coisa que a universidade nos afasta, mas que, por ironia do destino, acabei fazendo a pontuação necessária.

Nesse momento começa minha rotina pesada: PIBID, monitoria no curso, mãe e filha de alguém, que até agora não havia mencionado em detalhes, não aceitava o caminho o qual eu estava percorrendo e dizia sempre não se conformar de investir na educação de um filho pra no final ele virar professor.

As atividades no PIBID tinham um caráter mais experimental, na monitoria do curso (acho que até agora não mencionei o nome né), Elite Rede de Ensino, era a história factual, nua e crua, cheia

de datas e tratados, que eu poderia dizer que estava distante, mas que na verdade nunca tive!

Na empresa sempre foi muito comum que os monitores substituíssem os professores faltosos, e no primeiro dia, pra meu azar, fui colocada pra dar aula numa turma de 8º ano. Foi me passado que a aula era sobre a independência dos Estados Unidos.

Lembro como se fosse ontem meu sentimento naquele dia: nunca havia pisado numa sala de aula com a responsabilidade de dar a aula efetivamente. Eu me tremia dos pés à cabeça. Vocação para professor é igual vocação para mãe. A gente só aprende com o tempo.

Essas situações de substituições eram muito comuns e todo dia era uma roleta russa. Eu não sabia sobre o que teria que dar aula, qual turma teria que entrar e o que exatamente teria que fazer. Passei a estudar como uma louca, decorar todas as datas e nomes possíveis (o que nós historiadores abominamos) mas é a realidade no mercado de trabalho. E acrescentando-se a isso, ser mulher faz termos que ser três vezes melhor que qualquer outro para provar nosso valor.

Em determinado momento a sala de aula foi se tornando um ambiente natural, um ambiente de conexão com os alunos e um espaço que ia para além de vomitar tantos conteúdos quanto o planejamento exigia.

Depois de um ano como monitora, vivendo na tensão máxima, acabei indo trabalhar como auxiliar na coordenação da escola. Ali assumi algumas poucas turmas e experienciei situações ímpares. A coordenação pedagógica exige um jogo de cintura e um trato com pais e mestres que o professor muitas vezes não faz ideia. A experiência foi válida para meu crescimento profissional, mas não era o que eu queria pra mim.

Em 2017 saí da coordenação pedagógica e assumi mais turmas no colégio. Nessa época eu lecionava em muitas turmas de preparatório militar e tive que lidar com os mais profundos conservadorismos e preconceitos sem perder o equilíbrio e o emprego. O ano de 2018, por conta do processo eleitoral, foi fatídico nesse aspecto.

Veio a pandemia. 2020 foi um ano de grande aprendizado. Começamos todos cheios de gás, novas turmas, aquela euforia de início de ano letivo, pulamos carnaval e veio a notícia de um possível vírus que nos pararia por alguns dias. Férias extras, quem não queria? Um sentimento misto de medo e dúvidas e o que seria apenas uma semana, se estendeu até o fim do ano.

Trabalho numa escola privada. Diferente dos meus colegas que atuam no ensino público, a escola privada de pronto arrumou solução para a questão pandêmica. Gravações, google meet, google sala de aula. Foi um curso de tecnologia para educação forçado. Nunca trabalhei tanto na minha vida! E o afeto, através de uma tela de computador? Como seria possível? Neste ano a COVID levou uma pessoa muito especial pra mim. No dia de sua morte (essa pessoa tinha um cargo de chefia na empresa), recebemos pelos grupos de WhatsApp a mensagem de que ela gostaria que trabalhássemos pelos alunos. De todas as situações de falta de humanidade às quais passei ao longo da minha trajetória docente, essa está no topo. Foi um dos piores dias da minha vida.

Veio o “pós-pandemia” e todas as questões que uma educação limitada poderia trazer. Os alunos retornaram com uma maturidade muito inferior à série a qual estão enquadrados, com um grande vácuo de conteúdo, devido às provas online, e com uma falta de senso de certo e errado fora do comum. Esses são os desafios de ser professor atualmente.

A luta tem sido grande. 2020 foi muito difícil, 2021 com ensino híbrido foi um grande desafio, afinal não é fácil lidar com alunos online e com alunos presenciais, ao mesmo tempo, e 2022 tem trazidos percalços cotidianos, tendo em vista que todos os alunos voltaram presencialmente, as salas de aula estão lotadas (algumas chegando a 80 alunos) e a indisciplina e a falta de interesse estão muito grandes. Esse, definitivamente, tem sido meu maior desafio como professora de ensino médio e pré-vestibular: buscar mecanismos para atrair esse novo alunado, que voltou da pandemia com demandas completamente novas.

Nesse sentido, o PROFHISTÓRIA caiu como luva. Temos aqui a oportunidade de debater e dialogar com outros profissionais de educação, todas as nossas angústias e todas as nossas demandas como professores de história. Tem sido incrível poder colocar em prática os elementos teóricos que temos abordado e principalmente, suprimindo uma lacuna particular, que era o distanciamento da academia, desde que me formei na graduação em 2014.

Parte V: A Negritude e o Candomblé

Dentro da cronologia da minha história, essa temática entra quase na conclusão porque é uma demanda atual.

Sinto um incômodo muito grande de entender a minha negritude tão recentemente. Isso deveria estar no primeiro capítulo da minha história. Deveria fazer parte do que sou desde o meu nascimento, mas não é. Essa construção é social e nossa primeira convivência em sociedade é com a família. A Pauta negritude nessa minha família tem duas versões. Na família de parte de pai, todos descendentes de europeus, o racismo era e é muito explícito até hoje. Em uma das minhas reflexões sobre ser negra, me dei conta de que eu sofria racismo. A lembrança não é recente, recente é a consciência da questão racial. A educação teve uma contribuição GIGANTE que eu pudesse desenvolver minha identificação étnica.

A questão religiosa vem em paralelo à questão étnica porque elas são quase concomitantes. A intolerância religiosa na escola é cotidiana, muito em parte pelo próprio programa de história, ou pela lei 10.639 não dar conta dessas questões. Evitei durante muito tempo assumir o que era para não me indispor com alunos e pais.

Nesse momento faço a interseção com o PROFHISTÓRIA. E faço dentro do capítulo de negritude.

Desde que completei meu ciclo na graduação, gostaria de ter dado continuidade no mestrado. A maternidade e a pesada rotina de trabalho me afastaram da academia por alguns longos anos. Da forma mais despreziosa possível, entrei para o programa, com a mais absoluta certeza que era em ensino de história que eu daria

continuidade aos meus estudos, e depois das primeiras aulas, com educação antirracista.

Parte VI: Conclusão

O bom filho à casa torna. E que bom que demorou 8 anos. Como eu pensaria em ensino de história sem ter ensinado história por quase uma década. Cada contribuição, cada ideia e cada reflexão vem a partir das minhas experiências e sem elas, eu não seria a Lorena de hoje. Todas as questões que permearam os primeiros capítulos deste memorial fizeram parte da construção da Lorena cidadã. Esses últimos capítulos constroem a Lorena PROFESSORA. Digo constroem porque é um processo em andamento. Começo minha vida acadêmica com a certeza de lecionar história e começo o PROFHISTÓRIA com a certeza de lecionar história dentro de uma perspectiva anti racista. Deixo aqui minha perspectiva de contribuição para a sociedade e deixo também a conclusão do memorial em aberto pois ainda há um longo caminho de dizeres e aprendizados sobre o meu ser (cidadão) e meu ser educador.

Meu quintal é maior do que o mundo

Luã da Silva Marins Felipe

Introdução

Em muitas das dinâmicas que participo, sempre acontece um momento onde todos os envolvidos precisam se apresentar. No meu trabalho, em virtude da atividade que desenvolvo, integrando pedagogicamente novas escolas espalhadas pelo Brasil ao grupo educacional ao qual pertenço, constantemente sou obrigado a falar sobre a minha trajetória de vida e profissional. Considerava esses momentos de exposição constrangedores por não conseguir compreender com clareza o que vale ser compartilhado. Me indagava, porque as pessoas gostariam de saber algo sobre mim? Quais momentos devo selecionar para gerar maior empatia? Tenho realmente uma boa história para contar?

Pela necessidade do ofício, vencia minhas dúvidas e me resumia em 10 minutos, no máximo. Acontece que não rara às vezes, era abordado por alguém interessado em saber um pouco mais sobre um outro ponto que tratei na minha apresentação. Ou alguém só queria mandar um recado para minha mãe - sempre presente nas minhas falas - parabenizando-a pela minha educação. A partir dessas abordagens uma outra chave de análise se apresentou, contando aquelas histórias consegui conectar as pessoas a mim, humanizando um processo burocrático e difícil de aproximação.

Resolvi levar essa experiência para a sala de aula. No primeiro dia letivo, conto aos/as alunos/alunas minha trajetória pessoal e profissional. Também abro espaço para os/as que se sentirem à vontade contem um pouco sobre si. Esse momento, além dos já citados benefícios, me ajuda a disfarçar o frio na barriga, as pernas trêmulas, por encarar todos/todas aqueles/aquelas alunos/alunas.

Lançando mão da mesma tática, pretendo começar esse memorial me humanizando, falando sobre a minha trajetória pessoal. Com isso, espero que você, meu leitor, se aproxime e seja generoso comigo. Afinal, o frio na barriga e as pernas trêmulas também estão presentes ao encarar todas essas páginas em branco. Vamos lá?

Embora cultive há algum tempo a artimanha de dividir com determinados públicos minha caminhada, nunca fui provocado a torná-la um texto. Inclusive, até o dia em que esse texto finalmente tomou forma, essas histórias e o jeito de contá-las foram mantidas em segurança na minha cabeça.

O estopim que me fez mudar de ideia foi a necessidade de escrever um memorial docente para a disciplina História do ensino de História, ministrada pelo professor Everardo Paiva de Andrada e pela professora Patrícia Teixeira de Sá. O curso faz parte do programa de Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória) da Universidade Federal Fluminense (UFF).

A proposta do trabalho é compreender o potencial formativo contido nas trajetórias docentes. Presunçosamente achei que a tarefa não seria árdua, uma vez que existia o roteiro bruto, só faltava lapidá-lo. Ledo engano. A escrita fez emergir histórias inexploradas e complexas de organizar emocionalmente. Assim, remexer o próprio passado para escrever minha trajetória docente também me autoformou.

A sugestão inicial era dividir minhas experiências como professor. Imaginei falar sobre os desafios em sala de aula, principalmente nesse governo tão destrutivo para a educação; dos aprendizados que tive; das experiências ruins e não recomendadas; das vezes em que silencieei quando deveria ter falado e das vezes que deveria ter silenciado mas falei; da sala dos professores como um ambiente muitas vezes tóxico e adoecido, etc. Entretanto, quando dei partida na escrita, os caminhos que tomavam a mente eram diferentes do habitualmente contado em sala de aula ou em apresentações.

Reprogramar a rota não estava no planejamento inicial. Como disse, já tinha um texto estruturado na minha cabeça e seria muito mais fácil apenas transcrevê-lo. Cheguei a passar alguns dias forçando a barra. Inútil. Em uma dessas tentativas de ocupar uma página em branco, tocou a música “Deus me proteja de mim”. Seguindo os ensinamentos de Chico César, autor da canção, resolvi abraçar a narrativa que surgia enquanto o texto era escrito junto às histórias que nem eu mesmo lembrava.

Que caminhos afinal resolvi seguir? Aqueles que evidenciaram a presença marcante de pessoas especiais que me permitiram sonhar em ser professor. Mulheres, em sua maioria, que acreditaram no poder transformador da educação e investiram suas energias físicas, financeiras e espirituais para que eu pudesse estar aqui hoje escrevendo essas linhas. A essas mulheres inspiradoras dedico esse texto: Marina, Jurema, Geilda, Ana Paula, Zezé, Dani, Facina.

O texto resultante dessa experiência fala sobre como cheguei até a sala de aula e me tornei o professor Luã ou o tio Luã. Não é um manual. É um desabafo. Uma homenagem. Uma celebração.

Parte I

Meu nome é Luã da Silva Marins Felipe, sou filho da dona Marina, casado com o Ygor, “pai” da Dora e do Chico (nossos cachorros), professor de História e mestrando em ensino de História, ambos pela Universidade Federal Fluminense (UFF), e gerente pedagógico na Inspira Rede de Educadores. Essa é a forma breve que utilizo para me apresentar.

Gosto de começar fixando que sou filho da dona Marina porque esse é o meu título mais importante, com maior prestígio. Refiro-me como uma titularidade, pois foi preciso conquistá-la, uma vez que o registro oficial de nascimento nos fez avó e neto; a vida nos tornou mãe e filho. Se não fosse essa mudança de rota, certamente estaria contando uma outra história aqui. Por isso, nossa relação é o marco zero, o ponto de partida, do meu memorial.

Saí da maternidade direto para casa da dona Marina e lá fiquei até os meus dezoito anos, quando saí de casa. Assim me tornei filho da minha mãe.

Vivi uma vida muito humilde com minha mãe Marina, meu pai (avô) Paulo, minha tia Ana Paula e meu pai biológico Leonardo, em Guadalupe, Zona Norte do Rio de Janeiro. A casa era modesta, com dois quartos, sala, cozinha e banheiro. Além desse núcleo fixo, várias pessoas iam e vinham da nossa casa, principalmente as namoradas que o Leonardo trazia para morar conosco.

Minha mãe estudou até a antiga quarta série e sofreu muito na vida pela falta dos estudos. Por isso, valorizava a escola e a figura do professor, dizendo constantemente que “estudo era prioridade”. Essa opinião não era compartilhada entre os demais integrantes do meu núcleo familiar, todos abandonaram os estudos para dedicarem-se a outras atividades, apesar de não terem a benção da minha mãe. Na minha casa, ninguém cruzou a fronteira de conclusão do Ensino Médio. Então, desde sempre minha mãe depositou em mim o sonho de um filho formado.

Até a minha quinta série vivíamos uma vida humilde, sem espaços para luxos, mas também sem passar fome. Nunca nos faltou comida, o que não significa dizer que poderíamos escolher o que colocar no prato. Minha mãe era a responsável por administrar o salário do papai já que ele não tinha destreza para tal. Apesar do salário modesto, sempre estudei em escola particular, uma prioridade para mamãe. Lembro dela dizer: "Eu deixo de comprar uma roupa nova para mim, mas meu filho não vai deixar de estudar”.

A situação ficou delicada quando meu pai sofreu uma isquemia cerebral e entrou de licença pelo INSS (Instituto Nacional do Seguro Social). Esse afastamento reduziu o soldo e a nova condição de saúde trouxe a necessidade de remédios caríssimos. Eu era criança, estava na antiga quinta série (hoje sexto ano do Ensino Fundamental), tinha por volta de 11 anos. Lembro desse momento crítico porque, no final do ano letivo, não pude sair da escola com o meu boletim, pois aos alunos com mensalidades atrasadas não era permitido. A situação foi vexatória já que meus amigos sabiam

que se eu não estava com o boletim era decorrente da falta de pagamento. Fui muito zuado e não havia contra argumento.

Agravando a situação, meu status final foi: reprovado. Por conta da doença do papai, mamãe não conseguiu acompanhar minhas notas daquele ano. Eu sabia que a situação era grave, mas como todo aluno em situação de reprovação, acreditava no milagre do conselho de classe. Entretanto, o cenário era tão calamitoso que nem o conselho de classe poderia me defender de mim mesmo.

No retorno para casa estava triste e envergonhado. O trajeto foi imaginando as possíveis consequências para a reprovação. Imaginei uma bela surra e um castigo até completar dezoito anos. Surpreendendo a todos, minha mãe não levantou a mão. Fez um discurso duro, mas foi amável comigo, explicando a importância de aproveitar a oportunidade que eu tinha de estudar. Na conversa, ela proferiu pela primeira vez uma frase que repetiria em tantos outros momentos: “meu filho, estuda! Aproveita enquanto você tem a mim. O dia em que eu morrer, já era!” Pode parecer uma frase pesada para ser dita a uma criança de 11 anos, e é. Acontece que naquele nosso contexto familiar ela não só fazia sentido como era extremamente verdadeira.

Consigo lembrar como minha mãe ficou constrangida quando informei porque não cheguei a casa com boletim. Hoje consigo compreender que aquele olhar perdido não era só de decepção pela minha reprovação, tinha uma angústia de quem não conseguiria mais arcar com os custos de uma escola privada. Nossa saúde financeira estava em franca decadência.

Nesse contexto, minha mãe transformou seu medo em ação, buscando outras soluções possíveis para manter vivo o sonho de um filho formado. Assim, foi em busca familiares que pudessem ajudar a custear meus estudos. Importante frisar que até então nunca havíamos recebido qualquer tipo de ajuda. O horizonte de possibilidades era muito, muito próximo de zero. Apesar do cenário, minha mãe manteve uma fé inabalável.

Graças a minha mãe e sua amiga Geilda, Deus fez um milagre. Uma tia-avó que morava em Brasília, com pouquíssimo contato

conosco, soube da nossa situação e assumiu o compromisso de pagar a mensalidade da escola daquele momento até a conclusão do Ensino Médio. Já era incrível essa ajuda, mas não resolvia todos os outros custos. Então, meu padrinho assumiu a responsabilidade do dinheiro das passagens de ônibus e os livros didáticos seriam doados por uma amiga da minha mãe, cuja filha estudava na mesma escola, na série seguinte a minha. Não são poucas as memórias que tenho de mamãe sentada apagando as respostas do livro que foram doados. Foi assim que formou-se uma rede de apoio aos meus estudos.

Quando recomecei a quinta série, prometi a mim mesmo e à minha mãe que não perderia mais um ano. Principalmente porque tínhamos um compromisso com outras pessoas que estavam acreditando em mim, muito antes de eu entender a força disso.

A vida é cheia de mistérios e foi nesse recomeço, em 2002, que conheci alguém que alteraria significativamente o curso da minha história. Meu melhor amigo, meu irmão, Lucas. De lá pra cá, nunca mais nos separamos e já são 20 anos de amizade.

De maneira geral minha passagem pelo Ensino Fundamental II foi muito tranquila. Nunca fui o melhor aluno da turma e meu comportamento era alvo de repreensão constante. Sempre fui respeitoso com meus professores, caso contrário seria duramente repreendido em casa. Minha mãe jamais me permitiu responder um professor. Nas poucas vezes que recebi alguma repreensão por escrito, mamãe partia do pressuposto que eu estava errado e ponto final.

Quando estava na oitava série (atual nono ano), meu pai, depois de ter sofrido sucessivas isquemias, nos deixou. Nos processos burocráticos que se seguiram à morte, houve um erro no atestado de óbito que implicou na abertura de um processo para que minha mãe pudesse receber a pensão. Sem a única fonte de renda da família, minha mãe precisou sair de casa para trabalhar. Foi tomar conta do filho do meu padrinho que tinha acabado de nascer.

Parte II

A conclusão do Ensino Fundamental veio seguida da decisão dramática de escolher uma outra escola e recomeçar. Por mim ficaria na mesma escola, mas minha mãe discordava, muito influenciada pela decisão da sua amiga que havia transferido a filha de escola e estava muito satisfeita com o resultado. Ainda bem que as mães sabem o que fazem. O meu Ensino Médio foi um divisor de águas na minha vida. A escola, os professores e a coordenação foram cruciais nos rumos que tomei.

A minha nova escola estava ganhando fama na cidade do Rio de Janeiro por conta do número expressivo de alunos aprovados em vestibulares federais e no Instituto Militar de Engenharia (IME) e no Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA). A escola já tinha algumas unidades, mas a escolhida pela minha mãe foi a matriz que fica no bairro de Madureira, localizado na Zona Norte do Rio de Janeiro, conhecido por sua boemia, escolas de samba (Império Serrano e Portela) e pelo tradicional Mercado de Madureira.

Meu primeiro dia de aula foi assustador, não exclusivamente por ser um espaço novo e por isso estranho, mas em virtude das conversas provocadas por professores e coordenadores que entravam na sala de aula. Todos, sem exceção, falavam de vestibular, concursos civis e militares, provas e nos instigavam a falar sobre o que gostaríamos de ser na vida e o quanto deveríamos estudar para alcançar aquele objetivo, pois os vestibulares são extremamente concorridos, etc.

O meu quase colapso nesse primeiro dia foi quando me dei conta de que existia um futuro cheio de possibilidades que eu desconhecia. Até o Ensino Médio, minha profissão já estava escolhida. Isso porque apesar das boas intenções de minha mãe em relação aos estudos, havia nela uma limitação de entendimento em relação às possibilidades de carreiras que eu poderia seguir: médico ou advogado. Não havia nenhum elitismo nas opções, ela apenas acreditava que essas eram opções que me dariam um futuro

financeiramente estável. Inclusive, havia uma predileção pela advocacia, pois era a trilha seguida pelo meu padrinho.

Passei a minha vida até aquele momento achando que só poderia ser médico ou advogado, estudando com bolsa de 100% em uma faculdade privada. Foi nesse contexto educacional que eu entendi que poderia ser qualquer coisa, desde que estudasse - muito mais do que eu tinha estudado até então. Logo nas primeiras provas o tamanho do meu desafio ficou nítido, algumas notas abaixo da média e muita dificuldade, principalmente nas disciplinas de exatas.

Para conseguir manter a promessa de nunca mais repetir o ano, precisei estudar muito mais do que a maioria dos meus colegas. Isso significou passar grande parte do meu dia na escola, ora tirando dúvidas com os monitores (professores em formação que ficavam à disposição dos alunos para tirar dúvidas), ora estudando em grupo com os amigos.

Além da necessidade explícita de ficar na escola para estudar, outra questão me fazia querer ficar na escola: estar próximo a minha coordenadora, Danielle. Dani, como carinhosamente era conhecida, era também professora de Inglês. Qualquer momento com ela parecia uma terapia, regada com muito riso e muitas reflexões.

Com a ausência da minha mãe em casa, o espaço escolar ganhou um outro sentido pra mim: meus amigos viraram irmãos, a coordenação virou a sala de estar da minha casa, a coordenadora tornou-se minha confidente e meus professores tornaram-se gurus.

Parte III

Iniciei a terceira série do Ensino Médio em 2018, com decisões importantes para tomar: escolher qual curso e onde faria minha graduação, tudo isso regado a toques de ansiedade e pitadas de não posso fracassar. Àquela altura eu era um jovem com ambições diferentes de quando ingressei no Ensino Médio e grande parte

dessa mudança se deve ao universo de possibilidades, conselhos, amizades e orientações que a escola trouxe.

Meu pré-vestibular foi marcado por momentos dramáticos e muitas reviravoltas.

O ano letivo começou com novidades. Fiquei muito confuso com todas essas demandas. Não sabia lidar com elas. Então, optei por tratar o ano como meus amigos, da forma mais leve possível. Assistia às aulas e depois ia para casa estudar. Contudo, em casa as distrações eram inúmeras e o meu tempo destinado ao estudo era de apenas duas horas. DUAS HORAS! Acrescenta-se a isso, o fato de estudar apenas História, Geografia e Português. Por falta de experiência e dimensão do que era o vestibular, achava que estava fazendo o suficiente.

Meus resultados nos simulados não eram ruins e me garantiam uma classificação modesta na hora do ranqueamento dos alunos. Isso indicava uma direção segura e com possibilidade de êxito no vestibular, uma vez que o simulado tem a finalidade de simular a prova que iria realizar.

O primeiro grande marco daquele ano foi o resultado do primeiro exame de qualificação da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).

Essa prova seria a primeira de todas. Ou seja, traria uma noção de como estava a preparação. Não havia motivos para pânico, pois a prova foi em Junho e não tinha visto toda a matéria ainda. Os próprios professores diziam que essa prova era para alunos que estavam tentando vestibular pela segunda vez. Eles sim já tinham visto todo o conteúdo programático. Assim, em um clima de descontração, mas com seriedade, parti para o desafio.

Fiz a prova no mesmo local que meus amigos. O clima era de confiança e antes mesmo do início havíamos combinado de comemorar o resultado juntos, na casa de um amigo. A prova iria até o meio-dia e o gabarito seria liberado às 15h. Todos estávamos muito confiantes no resultado, pois nos simulados realizados na escola nenhum de nós havíamos tirado menos do que o conceito C (31 a 36 acertos).

Quando saí da prova meus amigos estavam me aguardando e como combinado, fomos para casa aguardar a liberação do gabarito. Um pouco antes do horário previsto o gabarito foi liberado e um dos amigos ficou responsável por narrá-lo enquanto os demais vibravam com “éééééééé” quando era um acerto e um silêncio quando era um erro. Finalizada a conferência, vamos à contagem dos acertos. Infelizmente fui o único dos amigos que não alcançou o conceito mínimo (“D”, 25 acertos) para fazer a segunda fase do vestibular.

Não havia mais clima para comemorações. Saí às pressas e fui direto para minha casa, aos prantos, pensando em como daria essa notícia à minha mãe. Consternado e banhado em lágrimas consegui dizer. Da minha mãe veio o silêncio e um abraço, seguido de um: “Deus sabe o que faz”.

Os dois dias após a liberação do gabarito foram esmagadores. Fiquei literalmente dentro do quarto chorando, pensando em como seria retornar à escola e contar aos colegas e professores que na primeira oportunidade eu havia fracassado. Fiz dezenas de promessas a mim mesmo e escrevi o seguinte trecho de uma música na parede do meu quarto: “mas eu sei que a visão se cumprirá, não falhará”. Era a frase de uma música evangélica que me acompanhou durante esses dois dias escuros e me deu esperança de que era possível virar o jogo. Eternizei a frase na parede para lembrar que não poderia fracassar novamente.

Voltei à escola decidido a cumprir as promessas. Esse ímpeto não durou muito e voltei a me comportar como antes. Até que minha mãe mudou, mais uma vez, o rumo da minha história.

Apesar de compreensiva, mamãe sempre foi muito rígida com os estudos. Ela confiava em mim e na responsabilidade que desenvolvi, mas desde a UERJ passou a ser mais frequente nas indagações acerca da minha rotina de estudos, chegando a monitorar meus passos, principalmente quando deixava a escola.

Um dia, após a aula, um amigo me convidou para jogar videogame na sua casa. Prontamente aceitei. Antes de irmos precisava ligar e avisar à minha mãe. Ainda no meio da ligação fui

interrompido por ela, muito brava, dizendo que eu deveria estar indo combinar de estudar e não de brincar. Ao final do sermão ela conclui dizendo: “estou decepcionada com você”. Essa frase foi o segundo momento dramático daquele ano.

Obviamente desisti de jogar e fui para casa chorando, pensando que minha mãe não merecia, depois de tantos esforços, se decepcionar comigo. Foi nesse dia que mudei definitivamente. Essa foi a frase que salvou o meu ano de vestibular.

Já estava próximo do segundo exame de qualificação da UERJ quando tudo isso aconteceu. Entendi que tinha pouco tempo, mas estava decidido a fazer o que fosse preciso para dar orgulho à minha mãe.

Meu plano era agressivo: chegava às 7h da manhã e saía às 22h, quando a escola fechava. Nesse tempo, assistia às aulas regulares pela manhã, almoçava e dedicava o restante do dia a estudar, tirando dúvidas com monitores ou com outros alunos que também estavam lá para estudar. Fiz dessa a minha rotina.

As dúvidas e o estudo diário no contraturno me trouxe novos amigos. A maturidade e a seriedade com que levavam os estudos, decorrente de uma primeira tentativa de aprovação mal sucedida no vestibular, foi primordial para o momento que eu vivia. Michelly, Raphael, Camilla, Edson, obrigado por tudo.

Chegou o dia do segundo exame da qualificação da UERJ. Fiz a prova no mesmo local do primeiro exame. Foi difícil lidar com o turbilhão de emoções e memórias. Dessa vez, não combinei de ir à casa de amigo nenhum. Contudo, acabei sendo convencido pelo meu melhor amigo que era melhor ficarmos juntos, pois independente do resultado poderíamos nos apoiar. Aceitei!

Assim que o gabarito saiu, começaram as conferências. Quando terminei de contar os acertos, um alívio me correu todo o corpo. Eu estava dentro. Tinha conseguido o mínimo de acertos (25 acertos) para seguir adiante. Não era o melhor resultado, mas significou que eu estava no jogo e mais, minha recente dedicação aos estudos surtiu efeito. Encarei como um sinal de que estava no caminho certo.

Parte IV

Conseguir passar para a segunda fase da UERJ deixou a minha cabeça livre para voltar a pensar sobre qual curso faria na graduação. Curioso pensar que essa pergunta inocente traz consigo inúmeras variáveis: mercado de trabalho, nível de dificuldade da prova, concorrência, dá dinheiro? tem futuro?

Na maioria das vezes que pensei em ser professor, alguém me desestimulou usando argumentos reais: não remunera bem, não tem prestígio, trabalha demais, os alunos são desrespeitosos...A televisão também fazia a sua parte reforçando o lugar do não (não respeitado, não valorizado...) em que o/a professor/professora estava condicionado/condicionada. Entretanto, na minha escola a realidade era outra. Os/As professores/professoras tinham bons carros, andavam bem vestidos/vestidas, faziam viagens internacionais, eram realizados/realizadas, tinha, na maioria dos casos, o respeito dos/das alunos/alunas.

Gostava da ideia de ser professor porque a minha trajetória escolar sempre foi marcada por um bom relacionamento com os/as professores/professoras. Lembro que no Ensino Fundamental achava lindo como o/a professor/professora poderia saber tantas coisas, principalmente quando respondiam, sem olhar o dicionário, o significado de alguma palavra.

Apesar de uma boa relação e da admiração, havia um certo distanciamento entre eu e meus/minhas professores/professoras. No Ensino Médio esse distanciamento foi diminuindo. Como já disse, essa época foi muito especial e importante na minha trajetória.

Esses/Essas professores/professoras mostraram que a sala de aula pode ser um ambiente muito diverso e muito maior do que apenas um universo de aprendizagem. Na sala de aula aprendíamos a matéria, conversávamos sobre os assuntos do momento, falávamos das nossas angústias e ainda conseguíamos corrigir os deveres de casa.

Os professores foram responsáveis por ampliar a minha visão de mundo e com isso me permitiram explorar possibilidades jamais consideradas, como por exemplo, estudar em uma universidade pública no Rio de Janeiro. Essa, sem dúvidas, foi a maior contribuição dos meus professores.

Essa visão do professor/professora que vai além do simplesmente entrar em sala e dar aula; do professor/professora que expande a visão de mundo dos alunos e assim permite o sonho; do professor/professora que pode transformar a vida de um aluno/a me encantava e até hoje emociona. Com a convicção de que ajudaria outros jovens, optei pelo magistério, com a missão de fazer por outros/outras jovens aquilo que meus/minhas professores/professoras haviam feito por mim.

Escolher ser professor de que foi a parte mais simples. Desde o final da 2ª série do Ensino Médio já tinha uma predileção pela disciplina História, muito por responsabilidade dos meus/minhas professores/professoras que ensinavam o conteúdo com um interesse genuíno em que os alunos/alunas aprendessem. Para isso não mediam esforços, música, peças de teatro, seminário, debates...Não havia como ter escolhido outra disciplina. Pronto, agora já sabia o que fazer, seria professor de História.

Meus/Minhas professores/professoras de História do colégio tinham perfis muito diferentes, havia quem fosse mais sério/[séria, quem fosse mais brincalhão/brincalhona, aquele/aquela que passava até o detalhe da roupa de Napoleão...Por semelhança de perfil, o mais querido por mim, na primeira e segunda série do Ensino Médio, era o professor que dava aula como se estivéssemos em um filme ou peça de teatro. Era encantador vê-lo representar. A aula passava rápido e todos os alunos ficaram imóveis prestando atenção a cada detalhe, ansiosos pelo próximo capítulo. Quando pensava na possibilidade de ser professor, era nesse tipo de professor.

Na terceira série do Ensino Médio a minha predileção mudou. Passei a admirar com mais fervor um professor com o perfil extremamente oposto: sério, sem piadinhas, sem muitas distrações - até porque elas não eram permitidas durante a explicação. Jefferson,

conhecido como Jeff, tornou-se minha nova referência de professor de História. O que ele fazia diferente dos demais? Abordava a História sob uma perspectiva crítica que nos levava à reflexão. Foi com o Jeff que a História se apresentou como um conhecimento poderoso, capaz de explicar o mundo tão injusto e complexo que eu vivia. Mais do que isso, a partir da sua compreensão eu também poderia buscar novos caminhos para o meu futuro.

Em uma das nossas aulas, Jeff estava corrigindo uma prova específica de História da UFRJ¹(Universidade Federal do Rio de Janeiro). Ao final da aula houve algumas comemorações pela quantidade de acertos na prova. Eis que o professor interrompe a comemoração e faz o seguinte alerta: “pessoal, tirar 7 ou 8 na prova de História específica da UFRJ é tranquilo. Difícil mesmo é tirar 7 ou 8 na prova de História específica da UFF (Universidade Federal Fluminense)”. Peguei essa frase como um desafio e transformei-a em um objetivo, tirar 8 ou 9 na prova específica de História da UFF. Além disso, como era a prova mais difícil, seria também o local de escolha da minha graduação.

Parte V

A segunda fase do vestibular da UFF foi no final de dezembro de 2018, a última de todos os vestibulares do Rio de Janeiro. Foi difícil continuar estudando até lá, por dois motivos principais: o primeiro, conforme as fases específicas dos outros vestibulares iam passando, meus amigos - que também tinham suas faculdades de preferência - iam reduzindo os estudos e já não compareciam com tanta frequência no contraturno das aulas. O segundo, quase não fui aprovado para a segunda fase, se não fosse por apenas uma questão de matemática.

¹ Na época em que prestei vestibular, cada Universidade fazia o seu processo seletivo de forma independente. Na maioria dos casos eles eram divididos em duas fases, uma geral, com todas as disciplinas e outra específica, com apenas as disciplinas consideradas essenciais para aquele curso mais uma redação. O ENEM não tinha o caráter de sistema único de seleção.

Posso explicar melhor, a primeira fase da UFF era dividida por disciplinas e não era permitido zerar nenhuma delas, sob pena de não prosseguir para a próxima fase, independente da quantidade de acertos nas demais disciplinas. Por ser muito ruim em matemática, sempre a temi. Não à toa, né? Por conta dela, meu sonho UFFiano quase fica pelo caminho.

No dia da divulgação da nota da segunda fase da UFF eu estava em casa, com a minha mãe. Fiquei em êxtase quando me deparei com o seguinte resultado: redação: 9,5; Geografia 5,0; História 7,0. Era um resultado muito bom, com baixas chances de Lembro exatamente de como contei a minha mãe, da sua reação e do cheiro de café que tinha em casa. Minha mãe, muito supersticiosa, me pediu segredo para evitar o mau olhado das pessoas. Sugeri que eu só comentasse sobre a possível aprovação após a confirmação do resultado.

Eu tinha conseguido alcançar o meu objetivo de tirar mais do que 7,0 na prova de História específica da UFF. O Jeff nunca soube, mas esse incentivo foi primordial para que eu não desistisse.

A UFF também foi a última universidade a liberar o resultado final. Isso significa dizer que na época todos os meus amigos já tinham seus resultados em mãos, a maioria deles estavam aprovados nos cursos e nas universidades desejadas. Isso aumentava ainda mais a minha ansiedade.

Eu e uns amigos estávamos reunidos para aguardar o meu resultado final. A última vez que me reuni com eles para averiguar o resultado do vestibular, sai chorando e trancado dois dias no quarto. Contudo, dessa vez, tudo indicava que seria diferente.

Ligamos o computador, acessei a área do candidato e lá estava a mensagem mais aguardada daquele ano: seja bem-vindo à UFF. A comemoração foi digna de um gol do Brasil contra a Argentina em uma final de Copa do Mundo. Eu e meus amigos nos abraçamos, choramos, gritamos e quebramos a porta de um armário, tamanha era a nossa felicidade.

Finalmente eu seria aluno de uma Federal. O primeiro da minha família. Uma honra.

Entrei na UFF com 18 anos. Escolhi o turno noturno, pois tinha a expectativa de conseguir um emprego pela manhã. Contudo, por morar longe da faculdade, precisava sair de casa por volta de 15:30 para conseguir estar na aula às 18h. Essa logística inviabilizou um emprego pela manhã.

Eu saía da faculdade às 21h30/22h e só chegava a casa por volta de 00:00 ou 00:30. Eu cruzava boa parte da Avenida Brasil até chegar em Guadalupe. Lá ainda era preciso andar uns 15 minutos para finalmente estar a salvo dentro da minha residência.

Esse contexto preocupou a minha mãe que fez um sacrifício financeiro imenso para que eu pudesse morar em uma república em Niterói. Ao todo foram três repúblicas, todas elas muito importantes para o meu amadurecimento como pessoa. Morei com um sociopata; uma proprietária que roubava nossos mijos; um homem agressivo...cheguei até a morar em uma república com 19 jovens. Obviamente minha mãe nunca visitou nenhum desses lugares pessoalmente, do contrário não teria permitido a minha permanência.

Esse capítulo da minha vida em que morei em república merece um destaque principalmente pelas experiências que construí com as pessoas que ali viveram comigo. Especialmente na minha última república. Nela convivi com jovens de cursos variados: História, Geografia, Direito, Ciência Sociais...Era uma casa de debates longevos sobre temas relevantes como saúde, educação, tropa de elite, etc. Essas trocas foram úteis e primordiais para a minha formação enquanto professor de História, pois me abriram o mundo, trouxeram novas perspectivas, novos autores e muita experiência de vida. Meu coração aperta de saudade daqueles momentos tão úteis.

Minha relação com a UFF quase sempre foi saudável, com exceção de uma crise que tive por volta do terceiro período em que pensei em largar tudo e sair correndo. Àquela altura ainda não tinha me encontrado nas disciplinas cursadas. Quase tudo era chato, cansativo e elitista. Constantemente refletia: “e diziam que na faculdade a gente estuda só aquilo que gosta”.

Quando conheci a professora Adriana Facina, tomei conhecimento de que o Funk era muito mais do que um ritmo que toca em festa de amigos, era uma manifestação cultural. O Funk ressignificou a minha relação com a faculdade de História e me mostrou como ela é capaz de dialogar com outras áreas do conhecimento como Antropologia e Sociologia.

Com uma bolsa de iniciação científica financiada pela FAPERJ (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro), me tornei pesquisador do movimento Funk em favelas do Rio de Janeiro. Esse momento também me permitiu conhecer mais sobre a história das favelas e a construção do discurso de criminalidade e ódio construído contra sua população e suas manifestações culturais.

Parte VI

No meu primeiro ano de faculdade voltei à escola onde estudei o Ensino Médio para ser aplicador das provas que ocorriam nos finais de semana. O dinheiro não era muito, mas o importante era estar em contato com a escola para futuramente conseguir uma vaga de estágio remunerado.

No final de 2009 participei do processo seletivo para ser monitor nessa escola. Foi o meu primeiro processo seletivo e havia muitos candidatos para pouquíssimas vagas. Fiquei assustado com o número de professores mais velhos que estavam pleiteando o mesmo posto que eu. Essa experiência foi meu primeiro choque com o mundo real e profissional de quem escolhe o magistério como carreira.

Felizmente fui aprovado em primeiro lugar para a vaga. Imagine só a felicidade de um jovem que aos 19 anos participa do seu primeiro processo seletivo, é aprovado em primeiro lugar e vai trabalhar na escola em que concluiu o Ensino Médio, dividindo a sala dos professores com aqueles que são a minha referência.

A experiência como monitor foi menos empolgante do que imaginei. Minha função era ficar em uma sala, aguardando os alunos

que tinham dúvida em História. Acontece que pouquíssimos alunos me abordavam, com exceção do período de provas. Esse tempo “livre” me permitia ler os textos da faculdade e estudar bastante o material didático utilizado pelos alunos, pois na falta de algum professor poderiam me solicitar para substituí-lo.

Apesar de todo o esforço para ocupar meu tempo “livre”, nem sempre consegui lograr êxito. Inúmeras foram as vezes que não tendo mais o que fazer fui procurar ocupação na sala da coordenação pedagógica. Na ânsia de que o tempo passasse mais depressa, me oferecia para ajudar os coordenadores em atividades que iam desde organizar listas de chamadas até recortar recados para colocar no mural. Dessa forma, fui criando vínculos com coordenadores que não conhecia e aprofundando o relacionamento com coordenadores já conhecidos, como a Danielle, a Dani, minha ex-coordenadora do Ensino Médio.

A escola passou por um processo de expansão pelo Rio de Janeiro, tornando-se uma das maiores redes de escolas no Estado. Esse crescimento demandou novos profissionais e em setembro de 2012 recebi o convite para ser auxiliar de coordenação na unidade de Bangu, zona oeste do Rio de Janeiro.

No mesmo período houve uma mudança na direção da unidade em que trabalhava. A nova diretora, Ana Paula, era aceleradíssima, um tanto quanto braba, bastante incisiva e apaixonada por Coca-Cola. Ela também tinha muita vontade de fazer as coisas darem certo. Inclusive, sua ida para a unidade de Bangu deu-se pelas inúmeras dificuldades que a escola tinha: alunos indisciplinados, notas faltando, pouco controle sobre faltas e atrasos dos professores, entre outras questões importantíssimas para o bom funcionamento de qualquer escola.

Felizmente conseguimos organizar as principais pendências que a escola tinha em 2012. Isso nos gerou confiança das famílias que rematricularam seus filhos para o ano de 2013. Além disso, fizemos uma campanha forte de matrículas para novos alunos. Essas estratégias nos renderam uma escola cheia em 2013.

Nessa importante transição de 2012 para 2013, duas coisas significativas aconteceram: recebi a proposta de ser oficialmente professor e consegui uma bolsa de estudos de 100% para meu primo (mais novo, mas que havia crescido comigo). Preciso destacar que proporcionar a meu primo o acesso a um ensino de qualidade que poderia levá-lo até a universidade pública foi motivo de muito orgulho para mim. Afinal de contas, toda a minha trajetória até ali só foi possível graças ao apoio de muitas pessoas. Era preciso continuar essa rede de solidariedade.

O convite para ser PROFESSOR de uma turma de sexto ano e uma turma de nono ano, no meu último ano de faculdade (uma breve greve atrasou a minha formação em um semestre), me deixou muito apreensivo com a quantidade de mudanças que estavam acontecendo, mas também muito entusiasmado em ter conseguido uma oportunidade de lecionar. Principalmente porque à medida que a faculdade vai terminando, o receio de não conseguir ingressar no mercado de trabalho era enorme.

Minha primeira experiência como professor titular foi cheia de aprendizagens, principalmente no sexto ano. É fácil de imaginar a tarefa árdua de manter quarenta alunos de onze/doze anos sentados, organizados e prestando atenção em conteúdos abstratos. Soma-se ao caldeirão, a minha falta de experiência, o que tornou tudo ainda mais tenebroso. Em uma das ocasiões, a bagunça era tanta que resolvi dar um daqueles sermões na turma e quando terminei, simplesmente abandonei a sala de aula e deixei os alunos lá. Tomei essa iniciativa achando que ela tocaria aqueles quarenta corações e eles passariam a ter pena de mim e por isso teriam respeito por mim.

Felizmente consegui entregar meu TCC e ser aprovado. Foi complexo demais conseguir concluir a graduação tendo que trabalhar como auxiliar de coordenação e aprendendo a ser professor. Hoje vejo beleza, mas à época era desgastante demais todas essas demandas. Estava tão cansado que cogitei não comparecer à minha formatura, pois a mesma seria realizada em Niterói e eu não tinha carro e um táxi ficaria caríssimo. Felizmente o

pai do meu melhor amigo (que também se tornou meu pai), decidiu participar desse momento e gentilmente levaria eu e minha mãe.

Quando terminou a solenidade, encontrei com meu amigo Lucas que disse estar muito preocupado com a “tia marina”, pois ela chorava muito durante todo o evento. Lembrei a ele que aquele momento era muito mais do que ver um filho formado em uma universidade federal. Aquele momento significava que se algo acontecesse a ela eu não estaria mais desamparado porque o meu estudo estava garantido. Aquela frase que ela passou a vida inteira me dizendo “estuda porque sem mim você está ferrado”, agora não precisava mais. Tudo estava em paz e em seu devido lugar. Eu cheguei, eu venci.

Memórias de um professor arrastado pela aprendizagem

Marcus Vinicius Rocha Vieira

Os primeiros contatos com a escola...

De segunda à sexta, às 11:30, era hora de tomar banho e almoçar para ir à escola. Era o momento de sentir as mais variadas dores: de cabeça, de barriga. Mas pouco adiantava, Dona Nelma, minha mãe e professora Primária¹, me arrastava pela Maria Rita, rua em São Gonçalo², para não perder as aulas no Jardim de Infância³. Quanta ironia: essa era a rotina de um futuro professor de História nos seus 3, 4 e 5 anos de idade.

Meu nome é Marcus Vinicius Rocha Vieira, nasci na cidade de Niterói⁴, no Rio de Janeiro, no dia 30 de agosto de 1984. Morei mais de 30 anos em São Gonçalo. Sou filho da professora Nelma Vieira e do contador Ledir Vieira. Pessoas com o coração enorme, a quem devo tudo que sou. Tenho duas irmãs: Tathiana tem dois anos a mais. Luana tem dez anos a menos, recebida de coração pela nossa família pouco depois do seu nascimento. Coisas que a escola da vida nos ensina e nos faz crescer. Faço parte de uma família com muitos professores: tias, prima e, claro, minha mãe.

¹ Primário era a denominação utilizada para o que chamamos hoje de Ensino Fundamental I ou Ensino Fundamental Anos Iniciais. Na ocasião, reunia as 1^a, 2^a, 3^a e 4^a séries. Hoje, o Ensino Fundamental I começa no 1^o ano (antiga alfabetização) e termina no 5^o ano (antiga 4^a série).

² São Gonçalo é um município da região metropolitana do Rio de Janeiro, banhado pela Baía de Guanabara. A cidade faz fronteira com Niterói, Maricá, Itaboraá.

³ Expressão relacionada, em geral, às escolas dedicadas ao ensino pré-escolar (para crianças menores de seis anos).

⁴ Niterói é um município da região metropolitana do Rio de Janeiro, banhado pela Baía de Guanabara. Faz fronteira com os municípios de São Gonçalo e Maricá.

Meus primeiros contatos com a escola não foram reveladores sobre o meu futuro: ninguém imaginava que aquela criança pirracenta da Educação Infantil um dia seria professor. Por outro lado, a probabilidade de uma escolha pelo magistério não estava descartada: filho de professora e com muitos parentes professores. Dona Nelma, minha mãe, fez curso normal: habilitada para dar aula no que chamamos hoje de Ensino Fundamental I ou Ensino Fundamental – Anos Iniciais. Não tem como iniciar esse depoimento sem falar nessa guerreira que é a minha grande referência no magistério. Como boa parte das mulheres da sua época, deixou de trabalhar fora de casa para cuidar dos filhos. Ao mesmo tempo, trabalhava como explicadora dentro de casa. Era uma forma de complementar a renda familiar sem deixar de fazer as tarefas que o senso comum atribuía às mulheres: cuidar da casa e cuidar dos filhos. Sempre acreditou no magistério.

Planos e reviravoltas, mas a escola sempre presente...

Por motivos que não sei explicar, tive um Ensino Fundamental e um Ensino Médio sem fazer pirraça. Era chamado de CDF⁵ pelos colegas e dificilmente faltava aula. Sempre estudei numa escola privada de classe média baixa. Ao chegar no Ensino Médio, meu pai ficou desempregado e minha mãe voltou a dar aula, justamente na escola que eu estudava em São Gonçalo. Uma forma de garantir uma bolsa, afinal os filhos dos funcionários tinham gratuidade na mensalidade. Ela trabalhava com a Educação Infantil e eu já estava no Ensino Médio, sonhando em ser jornalista. Essa era a meta! Fazer jornalismo! Nos trabalhos da escola, eu entrevistava, apresentava e sempre era escolhido para ser o “William Bonner”. Aliás, em casa e na rua, eu brincava de Jornal Nacional com meus colegas. Como era prazeroso expressar aquele *Boa Noite!*

Em pouco tempo, dois professores me libertaram desse sonho que construí ao longo do Ensino Fundamental e do Ensino Médio.

⁵ Expressão popular atribuída aos alunos estudiosos com boas notas.

Não sei se agradeço ou os condeno. Brincadeiras à parte, professores de História que me mostraram o lado oculto de um jornalismo parcial e nada autônomo: muitas produções poderiam ser editadas para seguir a linha editorial de uma empresa. Desisti! Ao mesmo tempo vi na História uma forma de trazer libertação, falar o que eu penso e conscientizar pessoas. Talvez um pouco utópico, mas era a cabeça de um adolescente nos seus 16 e 17 anos de idade. Lecionando, eu não teria o alcance que os veículos de comunicação como a TV e o rádio têm, mas falaria o que eu penso, não escreveria aquilo que o patrão mandasse. Apesar de hoje vivermos com a sombra de movimentos como o “Escola sem partido”⁶, ainda é possível atuar com autonomia, pelas brechas que o Jornalismo não possibilita.

Os professores que serviram de referência são: Adriana, professora de História do Ensino Médio, e Nilo, professor de História do Brasil no Pré-Vestibular. Que mestres! Aulas maravilhosas que nos libertavam das amarras dos livros didáticos e nos faziam pensar e refletir, propondo uma História livre dos tradicionais nomes e das recorrentes datas. O magistério, que talvez estivesse apenas adormecido dentro de mim, foi despertado. A opção veio no 3º ano do Ensino Médio: professor, claro, de História. Não de outro componente curricular!

Por falar em Pré-vestibular, meu pai, já empregado, porém ganhando menos, não podia continuar pagando o curso de Inglês que eu fazia. Optei pelo preparativo para a Universidade. Nessa época o Enem⁷ era utilizado no Rio de Janeiro apenas pela UNIRIO (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro) e as outras

⁶ O **Movimento Escola sem Partido** surgiu em 2004, através da iniciativa do então procurador do Estado de São Paulo, Miguel Nagib. O projeto surgiu como uma reação a um suposto fenômeno de doutrinação política sobre os alunos, liderado por professores. A grande polêmica é que o projeto apresenta um caráter autoritário que promove censura e perseguição política.

⁷ Exame Nacional do Ensino Médio. Com exceção da UERJ, que ainda mantém seu próprio exame de qualificação, todas as universidades públicas do Rio de Janeiro utilizam o ENEM como vestibular.

universidades públicas tinham seu próprio exame de qualificação. Passei para História na UFF (Universidade Federal Fluminense) e ingressei no segundo semestre de 2004. Também fui aprovado para Geografia na UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), mas a incompatibilidade de horários e a preferência pelo curso de História me fizeram optar pela Federal Fluminense.

Onde estou? Quem sou? O diálogo vertical e a crise existencial no Ensino de História para os jovens...

Entreí numa Universidade branca e privilegiada. Naquela época, somente a UERJ tinha o programa de cotas. Uma universidade pública que estava distante da coisa pública. Os primeiros semestres foram marcados por uma crise comigo mesmo. Parecia não ter escolhido o curso certo. Parecia não ser nada daquilo que eu imaginava. Isso parece ser muito comum entre as pessoas. Mas algo me incomodava muito: a academia parecia tão distante do mundo lá fora. Mas permaneci! Com dois anos de faculdade, coloquei meus primeiros currículos e comecei a trabalhar com monitoria naquela escola de São Gonçalo que estudei a minha vida toda. Depois, me tornei professor nessa escola e lá fiquei até 2013. Virei colega de trabalho da minha mãe e reencontrei professores que viraram meus colegas de trabalho: os diretores Maria Helena Vianna, Luiz Vianna, Patrícia Vianna (in memoriam) e Isabela Vianna, a coordenadora pedagógica Kátia Benjamin e a professora de História Adriana, uma das responsáveis pela minha escolha. Trabalhei também com a minha professora de Língua Portuguesa do Ensino Médio: Cláudia Paixão. Reencontrei e trabalhei com ex-professores primários: Jaqueline Santos, Gina, Elaine, entre outros. Fiz amizades que carrego para vida toda: professoras Aline e Dina.

O início foi bem difícil, não era fácil lidar com interesses de estudantes que divergiam dos nossos e, a partir daí, controlar aquilo que você entende como a disciplina de uma turma. A experiência de trabalhar na educação básica ao mesmo tempo que

fazia a graduação foi extremamente importante porque permitiu diálogo entre a academia e a escola, mas isso era uma satisfação pessoal que parecia ainda muito pequena dentro de um universo maior: a escola estava distante e muitas vezes o Gragoatá, campus da UFF, parecia uma ilha cercada pelas águas da Baía de Guanabara. Mas as distâncias eram reduzidas com as boas experiências vivenciadas através do diálogo com professores dos departamentos de História e da Educação. Como esquecer da Martha Abreu, professora de História da América II, e da Marisol Barenco, professora de Psicologia da Educação? Ou melhor, como desistir da educação com esses exemplos? Impossível! Educação com afeto resume essas duas professoras.

Fazer e Viver a História...

Um dos momentos mais marcantes da universidade aconteceu durante uma aula do professor Daniel Aarão Reis, na disciplina História Contemporânea I. Durante uma greve na UFF, aos berros no pátio, militantes do PSTU e PSOL o chamavam de *pelego*, enquanto o professor permanecia ministrando sua aula serenamente. Até o momento que os alunos que protestavam tentaram entrar na sala, enquanto os estudantes da disciplina empurravam a porta para evitar a invasão (ou ocupação). O professor, até então sereno, abriu a porta e começou um intenso embate com aqueles estudantes. Foi histórico! Foi a História! A História também acontecia na rua quando participei de várias greves na rede estadual. Era a aula na rua, que ultrapassava os muros da escola.

Vivências na universidade, na escola, em família! Aulas e aulas! O câncer que minha mãe teve foi um momento de muita tristeza e cumplicidade familiar. Aquelas tristes aulas práticas que nos engrandecem como ser humano. Felizmente superado, fica o exemplo da escola da vida: não somos absolutamente nada. São momentos que fazem da vida um aprendizado eterno.

Em 2008 fiz um concurso para a rede estadual do Rio de Janeiro, ainda cursando a graduação. Entre as opções no edital, Rio Bonito⁸ era a cidade mais próxima. Eu ainda morava em São Gonçalo. Passei em segundo lugar e fui logo convocado. O que naquele momento representava um problema. Estava no último período e muitos professores não tinham fechado suas notas. Eu precisava adiantar a colação de grau. Nesse momento encontrei o afeto e a empatia da maior parte dos professores da UFF, mas também encontrei a resistência de alguns, que não vale a pena citar. Foram momentos de tensão, solicitei adiamento de posse ao governo estadual, tive que procurar outros professores e contei com o empenho da coordenação do curso e do coordenador Mario Jorge para colar grau dentro dos prazos. Ufa! Deu certo! Me formei em 2008. No dia seguinte, tomei posse na rede estadual.

Deu certo? A educação para viver ou viver para educar?

Tomei posse e estou na rede estadual até hoje, setembro de 2022. Também passei a trabalhar em outras duas escolas privadas de São Gonçalo, já eram três. Convivi com o atraso no pagamento, um salário que pagava por volta de 7 reais a hora/aula. Esse era o piso de São Gonçalo. Na rede estadual, o governador do Rio era Sérgio Cabral. O salário, herdado da Era Garotinho, era pouco mais de 500 reais. Houve a incorporação de uma bonificação, o Nova Escola, que elevou o salário para pouco mais de 100 reais.

Fiz uma opção! Com 7 reais a hora-aula e com uma matrícula numa rede que paga pouco, precisei dar mais aula. Manhã, tarde e noite! Muitas vezes perdendo horas no ônibus, afinal permanecia trabalhando em Rio Bonito. Em 2010, passei para o concurso da prefeitura de Rio Bonito, aumentando meu vínculo com a cidade. Mas o salário era muito ruim e não pude renunciar às escolas particulares. Só aumentei minha carga horária e os meus desafios

⁸ Rio Bonito é um município do estado do Rio de Janeiro que faz fronteira com Cachoeira de Macacu, Saquarema, Tanguá, Itaboraí, Silva Jardim e Araruama.

de deslocamento. A Escola Municipal Kingston, no bairro Boa Esperança, localiza-se próximo à Via Lagos, caminho para Saquarema. O ônibus passava de hora em hora no centro de Rio Bonito. Descia na pista e ainda tinha que caminhar uns dois quilômetros. Fiquei apenas um ano, já que em 2011 fui aprovado no concurso para a prefeitura de São Gonçalo⁹. Permaneci com a matrícula estadual e acumulei com o município de São Gonçalo, que tinha um salário menos ruim e um plano de carreira bem melhor que a prefeitura de Rio Bonito. E, claro, permanecia com as escolas privadas. Precisava de dinheiro!

Por outro lado, eu me afastava cada vez mais da universidade, mesmo recebendo um puxão de orelha da professora Martha Abreu numa aula do curso de especialização em História do Brasil que fiz na UFF. O latu sensu era um retorno, mas não o retorno devido.

Sentido e prazer: deu certo! (?)

A experiência na escola estadual de Rio Bonito foi a melhor que eu tive: tivemos inúmeros resultados positivos. Trabalhos maravilhosos, destacando o que fiz com uma turma de 3º ano do Ensino Médio nos 50 anos do golpe civil-militar no Brasil. Muitos alunos aprovados para a Universidade pública. Alguns para História, Psicologia, Relações Internacionais, Medicina, entre outros. Lembra aquela Universidade branca em 2004? Estávamos contribuindo para colorir, torná-la mais pública. As cotas já eram realidade nas universidades federais. Momentos especiais que vivi até 2017. Foram nove anos no Colégio estadual José Matoso Maia Forte¹⁰, que com muita dor tive que largar. O salário estava defasado. Eu estava pagando para trabalhar. Ficou a saudade e a

⁹ Trabalhei no Ciep Municipalizado Armando Leão Ferreira, localizado no Engenho Pequeno, em São Gonçalo. A escola está localizada dentro de uma APA: Área de Proteção Ambiental.

¹⁰ A Escola estadual José Matoso Maia Forte localiza-se no bairro Praça Cruzeiro, em Rio Bonito.

satisfação proporcionada por uma construção de educação horizontal através do diálogo com os diferentes sujeitos da comunidade escolar. Construí vínculos e amizades que permanecem até hoje. Pedi remoção para São Gonçalo e trabalhei quase quatro anos no Colégio estadual Francisco Lima, no bairro Gradim, onde vivi ótimas experiências e guardo lindas lembranças.

Novas experiências, sem largar a Educação...

Em 2013, passei no concurso de 40h da Prefeitura do Rio e fui lotado na Escola Municipal Silvio Romero, em Honório Gurgel. Pedi exoneração na matrícula de São Gonçalo e pedi demissão nas escolas particulares. Hoje concilio essa matrícula de 40h com a matrícula de 16h na rede estadual. A partir de 2018, vivi a experiência de quatro anos de Coordenação Pedagógica na Escola Municipal José Emygdio de Oliveira, em Oswaldo Cruz, acrescentando positivamente na minha trajetória. Pude avaliar o Ensino de História numa perspectiva multidisciplinar e interdisciplinar, dialogando com os mais variados segmentos escolares. Foi puxado, mas sensacional! Na rede estadual, hoje estou em Realengo, na Escola Estadual Madre Teresa de Calcutá, assim estou mais próximo da minha residência. Moro na cidade do Rio de Janeiro.

Pandemia: desafios, exclusão e fragilidade humana...

Dentro de uma trajetória profissional não há como esquecer o peso de uma Pandemia, principalmente para os alunos da escola pública. São as maiores vítimas: perderam familiares e paixões. Foram segregados pela tecnologia. Nos reinventamos: canais nas redes sociais, vídeos, produções por áreas jamais transitadas. Hoje retornamos com um prejuízo geracional: os pobres não perderam dois anos de conteúdo: perderam boa parte do que tinham aprendido antes, seja na relação com o conteúdo curricular, seja com a sociabilidade. Analfabetismo e agressões diárias: desafios

para muitos e muitos anos. O vírus atingiu a todos, mas sem dúvida foi mais agressivo com os pobres e negros.

A satisfação nunca é definitiva, sempre é renovada, e isso que nos move...

Hoje estou atento às potencialidades de um bairro, aproximando o currículo da realidade do aluno, contando com a parceria de professores das diferentes disciplinas. Na rede municipal, trabalho no histórico bairro de Oswaldo Cruz e procuro cada vez mais desenvolver ações que estimulam o fortalecimento das identidades a partir do contato da comunidade escolar com seu patrimônio material e imaterial. O Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória/UFF) apareceu na minha vida para preencher essa lacuna que sempre critiquei entre a educação Superior e a educação Básica. Finalmente vejo e sinto o tão necessário diálogo horizontal entre a escola e a universidade, um aprendizado mútuo. E eu, como educador, me posiciono como elemento provocador do diálogo entre a escola e o bairro, fazendo da comunidade escolar ferramenta potente das legislações reparadoras, numa perspectiva de educação decolonial.

Não tenho a pretensão de assumir o protagonismo de tais ações. Mas como branco, sinto-me na obrigação de utilizar minha posição privilegiada para construir pontes e estimular o protagonismo da população local, em geral descendente dos povos historicamente subjugados. Para isso, me inspiro e menciono o trabalho de três mulheres negras empoderadas. Sandra Coleman, ex-vizinha em São Gonçalo, mestre pela Universidade do Estado de Nova Iorque e organizadora de livros protagonizados e escritos por negros, inovou ao levar uma exposição de mulheres negras brasileiras anônimas para dentro dos Estados Unidos. Júlia Dutra, ícone na superação e na luta contra o preconceito. Professora da rede municipal e atriz, promove um trabalho maravilhoso de protagonismo de mulheres, LGBTQIA+ e negros nas suas intervenções pedagógicas com seus alunos, proporcionando

espaços afrocentrados de arte dentro da nossa cidade. Jaqueline Azambuja, professora de Ciências da rede municipal, que possibilita o protagonismo de mulheres negras locais, fortalecendo o bairro dentro das suas ações pedagógicas, dialogando com as variadas disciplinas escolares.

Tudo parece fazer sentido! E hoje, dezoito de setembro de dois mil e vinte dois, os problemas seculares da Educação permanecem. Mas sinto-me estimulado e útil: o ProfHistória trouxe um ânimo para a minha carreira. Assim espero continuar, depois de 16 anos no magistério. Não existe narrativa acabada. Aquela criança, arrastada pelas ruas de São Gonçalo, hoje arrasta sonhos de crianças que encontram sentido dentro da sua escola.

Escritas da trajetória de professora em múltiplos tempos

Patrícia Teixeira de Sá

Vasculhando memórias

Quando a estudante pergunta à professora qual identidade está ganhando o conflito, ela responde: “Qualquer uma das identidades que você alimentar”
(Bell Hooks)

Niterói, 16 de agosto de 2022.

No recesso entre os semestres letivos do ano de 2022, revisitei e reorganizei arquivos de formação e trabalho. Há algum tempo, quando cursava o mestrado em Educação, conheci um livro que nomeou essa atividade para mim: “artesanato intelectual”. Carl W. Mills havia descrito a ação de revirar arquivos pessoais como potencialmente criadora e instigante intelectualmente. Mas não só. Precisamos falar também das sensibilidades que provoca, reelaborando memórias, somos levados para o universo de nossas possibilidades, limites e escolhas. Um problema para nossa identidade se coloca. Não é uma tarefa simples!

Entre cadernos com notas de aula, fichamentos, resenhas e provas comentadas pelos professores, textos fotocopiados, estudos de francês, jornais estudantis, letras de músicas cifradas, *set lists* de apresentações musicais, fotografias, fragmentos de diários, penso sobre possíveis descartes de papéis sem uso. Ao final do dia, exausta, observo uma pequena pilha de folhas amareladas em branco. Decido que tudo permanecerá nas caixas de arquivo, em nova caixas, reorganizados de forma a atender minhas necessidades presentes. Todos esses guardados sempre cumpriram um papel importante na minha vida, a lembrança de minhas

escolhas. Muitas vezes também já auxiliaram na descoberta de caminhos de ação diante de algum desafio profissional ou pessoal. Vasculhando, encontro respostas e mais perguntas.

A UFF, a música e inúmeros encontros me (trans)formaram na professora que sou. Ao ingressar no curso de História, em 1997, já me identificava como cantora e professora. Vinha de uma experiência como professora de língua espanhola em um pré-vestibular popular, o Corujão. Reencontrei alguns alunos daquele curso nas primeiras semanas de aulas na universidade, estávamos começando a partilhar experiências de formação universitária.

Minha identidade com a música se firmava entre meus colegas na UFF. Estava engajada em ensaios e apresentações de música e teatro, em vários momentos, afetando a disponibilidade para as leituras e aulas. Seria possível alimentar ambas identidades? Como fazer? A aprovação no processo seletivo para um projeto de iniciação científica em Educação ocorreu ao mesmo tempo em que aceitei a proposta de participar de um movimento musical chamado Pop Goiaba. Minha vida se dividia na rotina de aulas na graduação, reuniões de pesquisa, ensaios com a banda e shows. Aos poucos, a necessidade de foco e dedicação para a conclusão da licenciatura foi se tornando necessária. Depois da formatura, em novembro de 2002, decidi: agora quero viver a Educação. Hoje me pergunto: qual é o lugar da música na minha vida?

Narrativa de formação acadêmica para um concurso público

*O currículo tem que ser curto
mesmo que a vida seja longa.
Obrigatória a concisão e seleção dos fatos.
Trocamos as paisagens pelos endereços
e a memória vacilante pelas datas imóveis.*
(Wisława Szymborska)

Salvador, 3 de junho de 2017.

Sou historiadora, professora de História e pesquisadora em Educação. Formei-me na Universidade Federal Fluminense (Niterói-RJ), onde ingressei em 1997 e saí em 2002 como Bacharel e Licenciada em História. A entrada na Universidade inaugurou uma fase de profícuas experiências. Ter sido aluna de professores como Ciro Flamarion Cardoso, Virgínia Fontes, Ilmar Rohloff de Mattos, Ana Maria Mauad, Magali Engels, Martha Abreu, Maria Lúcia Oliveira, entre tantos outros, me trouxe aprendizados aos quais recorro até os dias atuais. Não é exagero afirmar que os arquivos e leituras que acumulei nesse período são referenciais fundamentais para diversas atividades da minha atuação como professora e historiadora até os dias atuais.

Em 1999, fui aprovada em 1º lugar em um processo seletivo para bolsista de iniciação científica na área de Educação. O projeto intitulado “Educação, saúde e transformação: o papel do professor frente aos atuais desafios curriculares na escola pública”, coordenado pela professora Maria Lúcia Cunha Lopes de Oliveira, tinha a proposta de investigar o cotidiano pedagógico de escolas públicas, com ênfase no papel do professor na promoção da saúde – entendendo saúde sob o prisma da multicausalidade, interdisciplinaridade e como resultado das condições de vida, estudo e trabalho. A metodologia qualitativa e a pesquisa como práxis nortearam as atividades de pesquisa, que se relacionavam também com atividades de extensão do projeto “Educação e saúde: articulando redes colaborativas nos espaços públicos”, também coordenado pela professora Maria Lúcia Cunha Lopes de Oliveira. Ao longo de dois anos, participei de reuniões semanais de pesquisa que envolviam bolsistas de iniciação científica, profissionais da saúde, bolsistas de extensão e professores universitários para debater temas pertinentes à temática Educação e Saúde. Essa foi a minha primeira aproximação com a pesquisa acadêmica

sistemática, resultando em apresentações orais em seminários¹ e na produção de um artigo publicado em uma revista da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense².

Em 2001, iniciei um trabalho de pesquisa na área de História, realizando levantamento arquivístico de fontes relativas à presença de grupos étnicos africanos na cidade do Rio de Janeiro no século XVIII. Identifiquei algumas referências em arquivos públicos, além de fazer revisão de transcrição de documentos³, catalogação de iconografia referente à escravidão na Biblioteca Nacional e realizar transcrições de documentos em arquivos eclesiásticos. Esse trabalho foi realizado junto à professora Mariza de Carvalho Soares, que coordenou o projeto “Escravidão e identidade étnica: os pretos minas e o comércio no Brasil colonial”, do qual novamente fui bolsista PIBIC-CNPq⁴.

¹ “Saudáveis revoluções educacionais no cotidiano de espaços públicos”, 10o Seminário de Iniciação Científica Vasconcellos Torres; Universidade Federal Fluminense, 2000.

“Educação e saúde nos Espaços Públicos: travessias, desafios e construções”, V Semana de Extensão da UFF; Universidade Federal Fluminense, 2000.

“A pesquisa como Práxis: Convivendo, Aprendendo, Construindo”, V Semana de Extensão da UFF; 2000.

“Educação e Saúde: um estudo do currículo e da prática pedagógica cotidiana na escola pública”, 11o Seminário de Iniciação Científica Vasconcellos Torres; Universidade Federal Fluminense 2001.

² “Construção do conhecimento em educação e saúde nos espaços públicos”. Artigo. Niterói: CES - Centro de Estudos Sociais Aplicados, 2001.

³ Entre os quais destaco a transcrição de testamentos de integrantes das irmandades negras – Santa Efigênia e São Elesbão e Nossa Senhora da Lampadoza - no Brasil colonial e de atas de assembleias dessas mesmas irmandades. O intuito era identificar e analisar trajetórias de negros pertencentes ao grupo étnico “mina”, no século XVIII, na cidade do Rio de Janeiro.

Trabalho apresentado: “Uma contribuição ao estudo das irmandades negras: os casos da Irmandade de São Elesbão e Santa Efigênia e da Irmandade da Nossa Senhora da Lampadoza”, 12o Seminário de Iniciação Científica Vasconcellos Torres; Universidade Federal Fluminense 2002.

⁴ Paralelo ao trabalho como bolsista de iniciação científica, envolvi-me com o projeto de uma rádio comunitária e com a gravação do cd *POP Goiaba*. Depois da gravação do cd, com faixas de diversas bandas da cidade de Niterói – eu era

À época da monografia, ano de 2001, tomei contato com um grupo de discussão sobre o profissional de História. Minha orientadora era a professora Magali Gouveia Engel e eu buscava analisar a obra de Lima Barreto, trabalhando os conceitos de cultura popular e identidade nacional através de referências à música nos livros “O triste fim de Policarpo Quaresma” e “Clara dos Anjos”. Na ocasião, a professora Magali Engel estava ministrando cursos instrumentais sobre Educação e coordenando o projeto de extensão “Oficina de Ensino de História”. O objetivo era contribuir para preencher uma lacuna na licenciatura em História no Departamento de História – o pouco investimento na reflexão sobre Ensino de História -, com intenção de promover troca de ideias e práticas pedagógicas e elaborar material didático em conjunto com professores da rede pública. Participei das reuniões e ações desse grupo ao longo do ano de 2002⁵. O campo do ensino de História se encontrava em notável expansão. No Rio de Janeiro, articulavam-se professores de diferentes universidades em torno do projeto interinstitucional “Oficinas de História”⁶ que, até os dias atuais, tem atuação significativa na produção de conhecimento sobre Ensino de História e na formação de futuros professores⁷.

Em 2004, ingressei no Mestrado em Educação Brasileira na PUC-Rio. Interessada em questões relativas à profissão docente, à

integrante da banda Iguanahara -, a rádio foi implantada em parceria com a Universidade Federal Fluminense.

⁵ Apresentação do trabalho “Oficina de Ensino de História”, VII Semana de Extensão da Universidade Federal Fluminense, 2002.

⁶ <http://www.oficinasdehistoria.com.br/>. Último acesso em 11/12/2016.

⁷ Importante explicitar a interessante trajetória de publicações, fruto do trabalho do grupo Oficinas: ROCHA, H.A.B., MAGALHÃES, M. S., GONTIJO, R. (orgs). *A escrita da história escolar: memória e historiografia*. Rio de Janeiro, FGV, 2009; GONÇALVES, M.A., ROCHA, H., REZNIK, L., MONTEIRO, A.M. (orgs). **Qual o valor da história hoje?** Rio de Janeiro, Editora FGV, 2012; MAGALHÃES, M., ROCHA, H., RIBEIRO, J.F., CIAMBARELLA, A. (orgs). *Ensino de história: usos do passado, memória e mídia*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2014; ROCHA, H.; MAGALHÃES, M.; GONTIJO, R. (org.). *O ensino de História em questão: cultura histórica, usos do passado*. Rio de Janeiro, FGV, 2015.

formação e ao ensino de História, produzi uma dissertação dentro da linha de pesquisa: “Formação de professores: tendências e dilemas”. Sob orientação da professora Menga Lüdke, a dissertação intitulada “A Socialização Profissional de Professores de História de duas gerações: os anos de 1970 e de 2000” abordou a socialização profissional de professores no contexto da profissão docente na história recente do Brasil. Foi um estudo comparativo entre os processos de socialização profissional de professores de História de dois períodos: a década de 1970 e os anos 2000. Foram focalizadas, de modo especial, duas dimensões básicas da socialização profissional de professores: a formação inicial ou pré-serviço e o componente exercício ou experiência profissional, sobretudo em seus anos iniciais. Foram entrevistados professores de História que vivenciaram a formação e o início da vida profissional nos anos de 1970 e de 2000. O estudo propõe conhecer o que professores de História de duas épocas distintas têm a dizer sobre seus processos de socialização profissional, analisando como cada geração se relacionou com as condições sociais de seu tempo e identificando aspectos relevantes e influentes na socialização profissional dos atores pesquisados. Para a realização do estudo, tive uma bolsa do CNPq durante o ano de 2004 e, no ano seguinte, fui contemplada com a Bolsa Nota Dez, da FAPERJ.

Vivi na cidade de São João Del Rei nos períodos de 2010/2011 e 2013/2014. Nessa época, meu companheiro atuava como professor do curso de Arquitetura da Universidade Federal de São Del-Rei. Nesses anos, estabeleci contato com professores da área de Ensino de História da UFSJ. A professora Cássia Rita Louro Palha, professora da referida instituição, coordenava projetos dentro do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) e me convidou a participar de algumas reuniões desse projeto. Ofereci aos bolsistas uma oficina de História Local, com propostas de aulas utilizando a música como recurso didático e proferi palestras sobre aspectos teórico-metodológicos da pesquisa em Educação e sobre linguagens no ensino de História. Em julho de 2011, fui aprovada em processo seletivo para área de Ensino de

História da UFSJ em 2º lugar. As atividades que desenvolvi como professora substituta na UFSJ (2013-2014) serão detalhadas no próximo item.

Nesse tempo, continuei investindo em formação realizando um curso de aperfeiçoamento em “História e Cultura Africana e Afro-Brasileira” e uma especialização em “Educação a Distância: concepção e planejamento”. Ambas atividades se mostrariam bastante importantes como fatores de ampliação das oportunidades profissionais e resultaram em novas e instigantes reflexões. Ampliação do olhar sobre uma temática que já estava se delineando como recorrente em minha trajetória: Ensino de História. Nessa fase, investi em uma reflexão sobre o mito da democracia racial e o papel da educação escolar na construção dos conceitos de racismo, discriminação e preconceito – por meio de uma proposta de intervenção pedagógica em seminário de encerramento do curso de aperfeiçoamento –, e estruturei um projeto de curso de aperfeiçoamento para professores da Educação Básica, modalidade Educação a Distância, voltado para a discussão de mídias e tecnologias no ensino de História e Ciências Sociais.

Ingressei no Doutorado em Educação na PUC-Rio em 2012 com um projeto que tratava da relação entre professores e estudantes com o conhecimento histórico no contexto de midiaticização e da cultura digital. A minha experiência profissional e pessoal me direcionou para a observação da importância da qualidade das relações interpessoais e da ampliação de linguagens para promoção de formação histórica numa perspectiva pluralista e democrática. Como professora e pesquisadora, tenho grande interesse no assunto. Na PUC-Rio⁸, sob orientação da professora Rosália Maria Duarte, defendi a tese “Conhecimento histórico e Mídia em uma escola da Rede Municipal de Ensino do Rio de Janeiro”. A tese teve o propósito de discutir a construção do conhecimento histórico escolar, no contexto de midiaticização. Um dos centros de atenção do estudo foi

⁸ Na linha de pesquisa “Processos Culturais, Instâncias de Socialização e a Educação”.

a análise de interações discursivas e de atividades de ensino, para pensar a respeito da aprendizagem histórica. Outro espectro de questões está relacionado mais precisamente aos atravessamentos entre a lógica da mídia e a lógica do conhecimento histórico escolar. Como se apresentam, em meio às narrativas históricas escolares, as narrativas midiáticas? Quais seriam as visões dos estudantes sobre a História ensinada? E sobre a História nas mídias? Foram realizadas observações de aulas de história em três turmas de 9º ano do Ensino Fundamental em uma escola pública da Rede Municipal de Ensino do Rio de Janeiro, aplicados questionários e realizadas entrevistas em grupos com estudantes. O corpus documental da pesquisa está composto por 1.381 minutos de audiografações de aulas, notas de campo, 93 questionários respondidos e 20 estudantes entrevistados. Os dados foram analisados com auxílio do software Atlas TI nas tarefas de armazenar, categorizar e estabelecer referências cruzadas no material empírico. Os conceitos de formação histórica, cultura histórica, multiletramento, midiatização e linguagens sociais foram articulados nas análises das seguintes categorias criadas: conceito histórico, diálogo professor-aluno, relações com o presente, negociação, mídia, tecnologia, produção de vídeo, uso do livro didático e visões da história ensinada. A pesquisa apontou a valorização pelos estudantes das interações discursivas para a promoção de aprendizagens históricas significativas e visões críticas das formas de aprender induzidas pela escola, centradas na palavra escrita. A mídia esteve presente nas aulas de história observadas e viabilizou uma flexibilização de narrativas históricas unidirecionais. Os estudantes, apesar de afirmarem que as mídias alimentam seus imaginários históricos, não conferem alto grau de confiabilidade nas narrativas midiáticas, valorizando a palavra escrita impressa e a fala do professor. Para a realização dessa pesquisa, obtive financiamento da CAPES (2012), CNPq (2013) e fui contemplada pela segunda vez pela Bolsa Nota Dez (FAPERJ, 2014-2015).

Fragmentos da vida profissional

Entre 2003 e 2011, atuei como professora de História na Educação Básica. Durante um período, trabalhei em uma escola particular, uma escola estadual e outra escola federal ao mesmo tempo. Assim, o cotidiano intenso de aulas – que ultrapassava 40 horas semanais – me fez ter a oportunidade de exercitar sistematicamente uma diversidade de estratégias pedagógicas e de formas de se relacionar em cada ambiente, e seu público específico. Análises de imagens, de literatura, do cinema e da produção midiática foram bastante frequentes em minhas práticas.

A partir de 2012, já cursando o doutorado, iniciei minha atividade como professora no Ensino Superior. Na Faculdade de Formação de Professores da UERJ assumi a disciplina de Estágio Supervisionado. Ainda nesse ano, estágio docente na PUC-Rio me levou à disciplina de “Oficinas de Práticas”, oferecida para estudantes do curso de Pedagogia da mesma instituição. No ano seguinte, fui convocada a assumir o cargo de professora substituta na Universidade Federal de São João del-Rei, para trabalhar com disciplinas no curso de História, no Departamento de Ciências Sociais. Ao longo de três semestres, ministrei as disciplinas de História do Brasil I, Elites na colônia, História da América III, História da América IV, Laboratório de Ensino de História e Usos do passado: memória, cultura histórica e ensino de História. Essa diversidade de programas e estudos foi profundamente enriquecedora, considero esse um período de muitas descobertas e crescimento profissional e intelectual. Sem meus arquivos da graduação, essa tarefa teria sido quase impossível!

A partir de 2014, de volta ao Rio de Janeiro, dediquei-me principalmente à pesquisa para a tese de doutorado. Já integrava o Grupo de Pesquisas em Educação e Mídia (GRUPEM / PUC-Rio) e me aprofundava nas discussões sobre mídia, educação e construção do conhecimento. Traço bastante característico desse grupo é a construção de metodologias para enfrentar problemas contemporâneos e, de certo modo, tão efêmeros, quando se trata de

tecnologia e cultura digital, além da discussão frequente de conceitos pertinentes ao campo da Mídia-Educação.

Ao longo do ano de 2015, atuei em um curso de especialização *lato sensu* em Educação Básica, promovido pela UERJ, em parceria com a Fundação Municipal de Educação de Niterói, destinado a professores e estudantes das áreas de Letras, História e Pedagogia. Ministrei a disciplina “Leitura, linguagens e criação”, em conjunto com a professora Helenice Aparecida Bastos Rocha. O curso abordou o problema das diversas linguagens que circulam na aula de história (escrita, oralidade, livros didáticos, mídias, imagens fixas, cinema e tevê e música) e teve por objetivo, além da reflexão sobre as conexões entre linguagens e aprendizagem histórica, a elaboração de exercícios práticos e projetos pedagógicos de intervenção tendo por base a bibliografia do curso e a experiência dos participantes. Ao final desse mesmo ano, fui aprovada em 2º lugar no Concurso Público de Provas e Títulos para o cargo de professora na área de Métodos e Técnicas do Ensino de História, na UERJ. Cheguei a ser convocada no em 2018, mas já estava atuando na Universidade Federal Fluminense, depois da aprovação em concurso realizado em setembro de 2017.

UFFIANA

Niterói, 28 de fevereiro de 2018.

Nessa semana, mais precisamente no dia 25 de fevereiro, participei pela primeira vez de uma banca de mestrado como arguidora. Vivi uma enorme alegria em retornar à PUC como professora universitária e ter a oportunidade de comentar um trabalho de pesquisa. No dia seguinte, fui ao banco abrir uma conta-salário como servidora pública federal. Muito da minha trajetória profissional está registrado naquele sistema bancário. Tive contas universitárias para receber bolsas de pesquisa – iniciação científica, mestrado e doutorado. Está registrado também meu histórico de mudanças, Niterói, São João del Rei, Rio de

Janeiro. A conversa com a funcionária do banco foi me lembrando fatos importantes e me fazendo reconhecer e ter orgulho de minhas escolhas e lutas. Assim como reconhecer o papel fundamental da Universidade pública e dos financiamentos de pesquisas para meu desenvolvimento profissional.

Na última terça-feira, tive minha primeira reunião como professora na UFF junto aos colegas do Laboratório de Ensino de História, Everardo, Nívea, Fernando, Rodrigo. Foi um momento muito especial. Ao final da reunião, já no trailer próximo ao prédio da Faculdade de Educação, tomando café, o professor Marcos Barreto se aproximou de nós. A conversa resultou em um convite para participar de uma aula no PROFHistória apresentando meu memorial. Marcos também se recordou de um trabalho realizado nos tempos de graduação, enquanto era sua aluna: a gravação da narração de um vídeo educativo sobre o Museu Arqueológico de Itaipu. Bela recordação! Foi uma gravação realizada no Instituto de Artes e Comunicação Social da UFF.

Trabalho invisível e pandemia

Niterói, 9 de março de 2021.

Ontem, no dia internacional da mulher, falei sobre disponibilidade afetiva e sexual e trabalho reprodutivo. Estão no espectro do “trabalho invisível”, segundo Silvia Federici, não-remunerado, não-formal, que inclui o CUIDADO. A socialização feminina está pautada pela habilidade de lidar com tarefas domésticas, trabalhar em espaços privados, estar disponível para o cuidado e para mediações de conflitos. Minha fala aconteceu na aula “Ensino de história: mitos, efemérides e resistências” para uma turma de 8º período de Pedagogia, dentro da disciplina de “Ciências Sociais: conteúdo e método”.

Lugares de onde falo

Sou nascida em Salvador – Bahia, filha de pais de Minas Gerais. Das rotas de viagens entre Bahia e Minas na primeira infância guardo poucas lembranças. Passei a maior parte da vida vivendo na cidade de Niterói, lugar onde fiz o Ensino Fundamental, Ensino Médio e a Licenciatura e Bacharelado em História. Meu pai é geofísico aposentado da Petrobrás, muito identificado com música e literatura. Minha mãe se dedicou aos cuidados de três filhos, distante de apoio familiar, fazendo o difícil e incessante trabalho da casa e da educação cotidiana. Ambos são filhos da classe trabalhadora, oriundos do interior de Minas Gerais. Moveram-se, viajaram, atuaram para incentivar a minha educação e de meus irmãos.

Sou professora da área de Ensino de História, hoje trabalhando com Estágio Supervisionado - que na Universidade Federal Fluminense chamamos de Pesquisa e Prática de Ensino – e no Mestrado Profissional em Ensino de História. Atuei na Educação Básica por 8 anos e minha formação e atuação sempre estive na fronteira entre a História e a Educação. Portanto, eu falo de um lugar, que é essa fronteira entre História e Educação, interpelada pelas mídias. Estou ligada ao Grupo de Pesquisa Oficinas de História e ao Laboratório de Ensino de História da UFF. 2022 é meu quinto ano como professora na UFF. O terceiro de pandemia da Covid-19. Uma sensação muito compartilhada entre professores é de uma aprendizagem intensa diante da necessidade de mediações tecnológicas digitais que foram se tornando cada vez mais rotineiras. Quais as mudanças que vieram para permanecer? Quais práticas queremos deixar para trás?

A partir das experiências vivenciadas em diversos espaços de reflexão e ação, em turmas de PPE, projetos de iniciação à docência, de pesquisa e extensão, me tocam reflexões sobre mediação e conhecimento histórico escolar a partir de um conceito da área da comunicação que faz uma interface interessante com a Educação e o Ensino de História. É o conceito de mediação. O artigo de Stig

Hjarvard traduzido no Brasil com o título “Midiatização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural” remete à onipresença das mídias na sociedade contemporânea, com poder de atravessar outras instituições e forçá-las a dar respostas às suas ações. Esse conceito permite pensar o problema da hibridização entre a mídia como instituição autônoma e outras instituições sociais, como a família e a escola. Hjarvard coloca que família e escola são ainda as instâncias mais importantes para a socialização das novas gerações, mas estão, ambas, midiaticizadas, isto é, atravessadas pela onipresença das mídias na vida cotidiana. Assim, precisamos buscar entender as maneiras pelas quais as instituições sociais e processos culturais mudaram de caráter, função e estrutura em resposta a essa onipresença.

A partir do conceito de midiatização, podemos inferir que a política, a religião, a família e a escola estão submetidas ou tornam-se dependentes da lógica da mídia, em grau cada vez maior. Os meios de comunicação passaram a estar integrados à dinâmica dessas instituições. Existiria, então, uma lógica da mídia, que se refere a um *modus operandi* institucional, estético e tecnológico dos meios mobiliza outras instituições a criarem respostas e interações. A partir dessa definição, cotidianamente observo se e como a escola e o trabalho docente estão afetados pelo contexto de midiatização e quais são as respostas elaboradas. E também sobre o que acontece com as práticas de ensino de História, na escola e na universidade. Essas são fortes inquietações para um programa de pesquisa a ser desenvolvido e aprofundado.

Minha história do ensino de história: história vivida, ensinada e contada

Pedro Henrique Ferreira Baptista Barud Casqueiro

A única conclusão que posso tirar lançando um olhar sobre os anos já vividos por mim é que: se nunca soube muito bem o que eu queria, soube ao contrário o que eu não queria. Deste fato, recusando a fazer o que eu não gostava, minha vida tomou, sem que me desse conta, uma certa forma.
(Pierre Verger)

Introdução

Falar em primeira pessoa é algo inédito, nunca tentado por mim e por isso é um exercício que me parece algo hercúleo, uma vez que me é pedido dentro de uma matéria no mestrado. A minha formação acadêmica sempre me ensinou que o distanciamento do texto é algo imprescindível ao historiador e agora, não só me colocar no texto, mas ser convidado a refletir sobre minha experiência como professor e como cheguei até onde estou hoje, não é uma prática das mais confortáveis.

O texto aqui presente e que desenvolvo não surge de forma fácil, mas sim de seguidas tentativas frustradas de me colocar em papel. A primeira versão foi a mais desastrosa de todas, porém foi um exercício que me fez refletir sobre minha carreira como professor, a segunda tentativa foi uma narrativa, a meu ver bem-sucedida onde apenas coloquei de forma sequencial todas as minhas experiências profissionais, mas em sua revisão me veio o incômodo. Seria eu como professor apenas o resultado de experiências profissionais? Por trás de cada um dos eventos colocados no texto havia motivações diversas para meus comportamentos e reflexões e essas motivações ali invisíveis é que

me pareciam as mais relevantes para o meu desenvolvimento não apenas profissional, mas também pessoal.

As minhas opções de vida são muito mais do que escolhas feitas a partir de gostos e motivações. Ao refletir sobre a minha história cheguei à conclusão de que todas essas escolhas não foram feitas simplesmente por mim, mas sim pela minha construção como indivíduo e da forma como me apropriei e signifiquei todas as experiências vividas por mim. Desta forma, a partir daqui tento organizar da forma mais clara possível como o Pedro que existe hoje nasceu e como que, para mim, o professor que sou também nasceu.

Parte um: nascido no subúrbio nos melhores dias

O primeiro espaço de socialização de qualquer ser humano é o seio familiar, então começo por aqui pois as condições do meu nascimento e primeiros anos de vida são cruciais na minha identificação.

Nasci em 03/04/1990, fruto de um grande desejo pela maternidade de minha mãe, porém em condições em que seu casamento já não se encontrava no melhor dos momentos, tanto que sua separação ocorreu em 12 de outubro do mesmo ano do meu nascimento. Filho de um pai, que acredito eu, sofria com seus próprios problemas e dilemas, em pouco tempo fui posto de lado pelo mesmo e nunca mais procurado por ele após meus 2 anos de vida. Minha mãe se viu quase sozinha nessa tarefa, porém contando com o apoio amoroso de seus pais e foi nesse ambiente em que vivi, nunca me questionando sobre a ausência de um pai uma vez que nunca me faltou amor por nenhum dos meus parentes.

Minha família tem sua história também, minha mãe foi a primeira a fazer faculdade, antes dela meus avós não tiveram essa oportunidade, mas concluíram seus estudos formais. Meu avô morreu muito cedo, quando eu tinha 8 anos e por isso nunca soube a fundo sua história pessoal, mas a minha avó se manteve viva até meus 31 anos e lúcida até meus 26 e dela eu soube mais.

Minha avó, Cacilda de Oliveira Baptista, teve uma vida dura, filha de um estivador do cais do porto do Rio de Janeiro, nunca teve uma vida fácil. Terceira de 4 filhos, sempre precisou se dedicar muito para se manter estudando, ainda que seu pai valorizasse a educação, o mundo machista em que ela vivia esperava outras habilidades, então concluir o ensino médio necessitou uma maior dedicação de sua parte. Apesar da educação formal concluída até onde ao máximo se esperava dela, sua maior virtude veio de seu pai, um homem simples analfabeto que apenas sabia escrever o próprio nome, porém muito crítico ao mundo que o cercava.

José Martins era de Alagoas, veio com 16 anos para o Rio de Janeiro fugindo de casa, pois seu pai, apesar de rico, se recusava a dar qualquer tipo de instrução formal aos seus filhos por medo de que eles o roubassem. Após a morte de sua irmã na Gripe Espanhola, nada mais o detinha em sua terra natal. Inconformado com a mentalidade do pai e vivendo uma realidade de muitas dificuldades no Rio de Janeiro, se aproxima do sindicato dos estivadores e acaba adentrando as fileiras do PCB, saindo apenas após a sua prisão durante o Estado Novo e pelas súplicas de sua esposa que não saberia o que fazer com os 4 filhos se o marido lhe faltasse. Contudo sua indignação se manteve e foi passada aos seus filhos, principalmente em relação à educação formal que nunca pode obter.

Meu relato não passa diretamente pela transformação que a educação causou na minha vida ou na minha família, pois quando nasci essa transformação já havia ocorrido. Meus avós, ainda que tivessem apenas o ensino médio, dedicaram sua vida para que sua única filha pudesse alcançar patamares nunca alcançados por eles e investiram o que puderam em sua educação. Minha mãe sim foi a responsável por essa transformação, sua primeira conquista foi entrar para o Colégio Pedro II, fato que surpreendeu a quase todos na família que não esperavam tal feito de minha mãe e ao terminar o ensino médio sua caminhada seguiu passando para o vestibular de medicina, sendo não apenas a primeira a entrar para uma faculdade, mas também para um curso tradicional por muitos valorizado.

Por conta desse histórico prévio, já nasci em uma realidade transformada pela educação e esse valor sempre me foi passado, a frase mais emblemática que me lembro da minha vida foi uma frase da autoria do meu avô que dizia para minha mãe: “Você pode perder tudo na sua vida, qualquer coisa que eu te deixar você pode perder ou podem roubar de você, menos uma, a educação”. Durante minha adolescência eu nunca soube o real significado dessas palavras, mas hoje eu acredito saber melhor o real poder que ela tem.

Refletindo ainda sobre as minhas experiências familiares, existem outros pontos que influenciaram minha formação, mas vou separá-los antes de poder chegar a uma conclusão de como eles me guiaram. Sou nascido em uma família a meu ver tradicional onde existe um machismo arraigado em seu comportamento, porém com uma tradição matriarcal. As mulheres da minha família sempre foram o grande exemplo de força e de união, me dando as maiores lições de vida que aprendi na infância e adolescência.

Minha tia-avó, irmã do meu avô paterno, Cília, foi esse exemplo. Após sofrer em um casamento abusivo, se separou em um período em que tal ato era um escândalo, por se recusar a aceitar as mentiras de seu marido, assumindo a criação de seu filho, meu padrinho, e sendo a irmã mais velha, unindo também a função de centro de suporte de apoio familiar para seus irmãos e posteriormente sobrinhas e netos. Foi ela que inspirou a minha mãe a não se sujeitar a situações, que na falta de um vocabulário mais rico de minha parte, vergonhosas e não suportar um casamento meramente por convenções sociais, mas também me ensinou muito sobre independência e a seguir minhas próprias convicções apesar do que qualquer um pudesse pensar sobre mim e minhas escolhas.

Outro fator muito importante para minha construção foi a minha vivência religiosa. Sou umbandista, nascido e criado em um terreiro de Umbanda e é impossível que essa vivência não tenha me afetado de alguma forma. O terreiro se localizava em minha casa, nos fundos do meu quintal, onde reuniões semanais eram realizadas, além de qualquer outra sessão necessária para o atendimento de alguém necessitado e que fosse considerada

necessária uma reunião à parte para solucionar o problema trazido por essa pessoa.

Apesar de ser exposto a esses eventos desde muito jovem, minha curiosidade sempre se fez muito presente e sempre participei de todos os eventos e trabalhos que fossem permitidos, assim como ajudava em tudo o que me fosse permitido ajudar, desde o preparo dos materiais a serem utilizados e oferendas até mesmo das sessões em si, apenas como assistência¹ ou como cambono². Apesar de toda a familiaridade que possuía com tais eventos, eu nunca naturalizei completamente tudo o que era feito, sempre questionando a todo o momento cada prática realizada, o porquê de ser feito de tal forma, ou porque utilizar material X ou invés do Y, na maioria das vezes eu não escolhia os momentos mais oportunos para tal, mas nunca fui destrutado e uma explicação nunca me foi negada, sendo sempre respondido com muito respeito, mais respeito do que eu via tratarem crianças em diferentes espaços.

Esse espaço religioso ajudou a me definir, não apenas pelas práticas defendidas em seu seio, como a máxima da caridade, algo que é o mais visível e repetido por todos os seus adeptos, mas principalmente pela forma como eu era tratado, como cada explicação me era dada e a impossibilidade de eu ser liberado por qualquer pessoa sem a minha afirmativa de que eu havia compreendido a resposta que me foi dada, ainda que algumas dessas respostas apenas se tornaram claras anos mais tarde. Aqui posso dizer com certeza que o maior ensinamento que eu tive dentro da minha religião não foram as lições morais, mas sim que todo espaço pode ser um espaço de aprendizado e que a melhor forma de se fazer isso ocorre através do respeito com que se tem para com as pessoas que buscam o aprendizado.

¹ Nome dado nos centros para quem participa das sessões apenas assistindo.

² Nome dado a pessoa que participa das cerimônias auxiliando as entidades no que for necessário e atendendo aos seus pedidos.

Parte dois: vivendo entre dois mundos

Passando para outras experiências, para além do meu mundo familiar e religioso, uma vez que ambas essas esferas se misturaram em minha vida e sempre vi o centro da minha avó como uma extensão da minha casa e seus médiuns como uma extensão da minha família, me cabe refletir as experiências externas a esses espaços e, obviamente, sua interação na minha cabeça.

Como já disse anteriormente, eu nasci em uma casa já transformada pela educação, principalmente no aspecto talvez mais validado, que é a ascensão econômica. Essa mudança me proporcionou então o acesso a espaços que nem minha mãe e muito menos meus avós tiveram a oportunidade de frequentar na minha idade. Morador do subúrbio carioca, devo dizer que é uma experiência um tanto curiosa, ainda mais partindo dos referenciais familiares que possuo. Estudei toda minha vida em escolas particulares, foram 3 ao longo da minha vida, a terceira escola foi a de mais longa duração pois fiquei da antiga quarta série, atual quinto ano do fundamental até meu terceiro ano do ensino médio e lá foi o maior espaço das minhas contradições pessoais.

Os anos 2000 foram um período de melhora nas condições financeiras da minha família, não que nós tivéssemos qualquer tipo de problema, mas foi nessa época que atingimos um maior conforto material, graças ao trabalho e dedicação da minha mãe que sempre trabalhou muito para me proporcionar todas as oportunidades que ela não teve. Até meus 9 anos de idade eu frequentei escolas onde a maioria dos alunos vinham de famílias de classe média ou classe média baixa, mas aos 10 anos passei a frequentar uma escola de classe média alta, ainda que uma classe média alta suburbana.

Antes de falar sobre as minhas experiências pessoais, eu considero importante falar um pouco sobre essa classe média suburbana, pois a meu ver eles são uma grande contradição ambulante. O subúrbio por si só é uma contradição social, pois existem espaços muito próximos onde podemos ver pessoas com muito poder aquisitivo e outras nem tanto, o que marca, para mim

a grande disputa nesses espaços é a forma como essas pessoas se entendem. O suburbano abastado busca sempre uma forma de se diferenciar dos mais pobres, ainda que mantenha e até tenha orgulho de algumas de suas práticas mais simples, mas é no seu conservadorismo e práticas de ostentação que ele se distingue, tendo em seus bens como seu carro e as roupas que usa a forma de se mostrar como superior àquela realidade que o cerca.

Explicada de forma breve a minha visão sobre essa diferença no subúrbio, foram com essas pessoas que eu passei a conviver, adolescentes que ostentavam a riqueza de seus pais e em determinado momento repetindo suas práticas conservadoras e preconceituosas. Numa ânsia de me relacionar e ser aceito por esses colegas, em determinado momento passei a copiar tais práticas, seja na minha imagem ou nas minhas opiniões, ainda que incomodado pois a realidade que eu conhecia não era bem aquela que eles narravam e inclusive passei a ser questionado pela minha família sobre minhas posições e opiniões, tão contrastantes com as deles e das que eu também possuía, que ainda muito orientada por eles, já possuíam em algum nível minha própria intervenção pessoal.

Com o tempo me tornei uma contradição ambulante, me mostrando conservador mas valorizando as rupturas que minha família já havia apresentado em seu âmago, proliferando um discurso meritocrático e preconceituoso ao mesmo tempo que compreendia as desigualdades existentes na nossa sociedade, me transformando em um adolescente de elite padrão ao mesmo tempo que ansiava por poder me expressar da forma que desejava, ou seja, expondo as diferentes influências culturais das quais eu tanto gostava e buscava entender ainda que de forma desordenada e sem qualquer base, possuindo práticas violentas ao diferente de mim ao mesmo tempo que consumia manifestações culturais consideradas por meus colegas como insignificantes.

Esse período de descoberta pessoal que é a adolescência é sempre penoso. Formar uma identidade pessoal não é algo simples, mas para mim, viver em mundos com realidades tão distintas era quase um sofrimento. Apesar de todos esses problemas eu construí

amizades importantes na escola, amizades que trago comigo até os dias de hoje, e amigos esses que a meu ver passaram por dilemas similares aos meus, frente a essa diferença tão grande de realidades. Assim, posso concluir que não foi uma fase ruim da minha vida, mas sim feliz e muito importante para as reflexões que neste momento busco fazer sobre minha vida como professor.

Pois bem, os anos passaram e como qualquer jovem da minha realidade comecei a ser questionado sobre o vestibular. Não havia qualquer possibilidade para a minha vida que não fosse seguir meus estudos no nível superior, a universidade, no meu espaço de vivência não era uma possibilidade e sim uma certeza do caminho a ser traçado, até porque, a escola em que eu estudava tinha esse enfoque e eu fui matriculado nela, mesmo com 10 anos, pensando no vestibular, mas aí vem a dúvida que aflige a muitos jovens, o que eu vou fazer?

Muitos conseguem se relacionar a história de quando você é criança e ter perguntam o que você quer fazer quando crescer, as respostas são sempre as mais divertidas, muitos querem ser bombeiros ou astronautas, crianças com animais de estimação pensam em veterinária, mas poucos levam esses desejos até a fase do vestibular, eu não fui diferente. Por ter uma mãe médica, eu pensei em um momento da minha vida em também fazer medicina, não durou muito. Em uma viagem feita com minha mãe quando eu tinha 14 anos a Vitória no Espírito Santo, visitamos a faculdade que ela estudou, conseguimos entrar no anatômico da faculdade após ela se identificar como ex-aluna e o responsável pelo laboratório nos levou para ver as peças, como eles chamam os corpos e partes do corpo humano conservadas em formol utilizadas nas aulas, nesse momento eu fui apresentado a um tanque de formol com 4 corpos inteiros utilizados pelos alunos, ainda me lembro bem do cheiro daquele tanque e segundo minha mãe, ela soube ali, pela minha cara, que medicina não seria meu caminho, o que foi confirmado no ano seguinte pelo meu desempenho um tanto medíocre em química, uma das matérias com maior peso no vestibular de medicina. Outras opções se mostraram no meu

caminho, diplomata era uma delas, ainda que eu não soubesse bem o que um diplomata fazia, mas a possibilidade de morar em outros países e poder viver a fundo suas diferentes culturas era algo que me interessava, mas o trabalho de um diplomata não é apenas conhecer a fundo essas diferentes realidades, na verdade é a parte menos importante dessa profissão. O que eu vou fazer?

Existe um pensamento muito comum sobre as habilidades que um aluno de ensino médio apresenta, no meu caso a lógica era a seguinte: se você é bom em humanas e está em dúvida, existem dois caminhos, se você é uma pessoa comunicativa e criativa você deve fazer comunicação pensando em jornalismo ou propaganda, se não, faça direito, direito é bom, abre caminhos e tem uma gama muito ampla de concursos públicos que você pode fazer. Vou fazer direito.

Então estaria tudo resolvido, faria direito, algo que deixou minha família muito satisfeita, afinal era um curso tradicional, me abriria portas e diversas opções na vida, além de ser um curso reconhecido com muita validação social. É, vou fazer direito...

Direito? Sério? Ok então.

Posso afirmar que isso me fez perder um na da minha vida. Por quê? Porque eu não queria fazer direito!

Ser obrigado a fazer uma escolha definitiva para o resto da sua vida aos 17 anos não é algo simples. O que alguém sabe da vida com 17 anos? Nada! E nós exigimos que esse adolescente, quase entrando na fase adulta, que não sabe bem quem é escolher uma profissão que ele deverá seguir para o resto de sua vida, no mínimo injusto para não dizer irresponsável até.

Mas o que fazer, então? Não tenho ideia.

Parte três: aprendendo quem você é

Não quero ter a pretensão de que sei me definir profundamente, esse exercício é difícil e poucas pessoas a meu ver seriam capazes de responder a essa questão, mas podemos tentar de alguma forma buscar algum tipo de definição para esse questionamento.

Direito não era o que eu queria, mas fui forçado, ao menos em parte de minha trajetória a pensar nessa possibilidade, mas não era isso que eu queria. Se não é isso que você quer, então o que você quer?! Não sei! Eu sei o que eu não quero, e Direito eu não quero.

Eu já estava na faculdade quando assisti ao documentário “Pierre Fatumbi Verger – Um mensageiro entre dois mundos”, me deparei com a obra do Verger muito cedo, mas não conhecia ninguém que possuísse um de seus livros, mas para quem segue religiões de matriz africana conhece pelo menos o seu nome e esse documentário apareceu pra mim e fui assisti-lo e me deparei com a frase que consta na epígrafe deste trabalho e com ela meu interesse por Verger cresceu, consegui me identificar ainda mais com ele, pois refletindo um pouco sobre mim eu concluí que fiz o mesmo que Verger em determinado momento. Eu não sabia o que eu queria, mas sabia bem o que não queria e foi me negando a fazer o que não queria que minha vida tomou um rumo, uma forma, sem que eu sequer pensasse muito sobre isso.

Fiz vestibular para Direito, passei, talvez não para a faculdade esperada pela minha família e até mesmo pela maioria dos meus colegas. Vamos abrir um parêntesis nessa história para explicar a realidade de uma escola de elite suburbana. Os pais pagam uma alta mensalidade em uma escola privada na esperança de seus filhos entrarem para uma universidade pública. Contraditório, não? Mas essa é a realidade, a mentalidade dessas pessoas sobre as escolas públicas é diferente das universidades públicas, as escolas são vistas como um espaço degradado, não possuindo a educação que eles desejam para seus filhos, muito menos possuindo o perfil de pessoas que eles desejam se relacionar, mas as universidades não, as universidades públicas são vistas por essas pessoas como um espaço de excelência, capaz de dar a formação esperada para seus filhos e também como um espaço para que eles construam as relações que eles tanto desejam. Assim, as universidades públicas eram o grande objetivo nessas escolas, as particulares até eram aceitas, apenas algumas e dependendo do curso, mas ainda assim, as universidade públicas eram o grande alvo.

A mudança foi complexa e dolorosa, eu não sabia o que fazer, sabia apenas o que eu não queria fazer, como explicar isso? Eu não poderia simplesmente largar os estudos, eu tinha que apresentar uma saída. Qual saída? Eu não sabia, mas precisava apresentá-la. Fui pensar e a conclusão não agradou ninguém, porque a saída era a História.

Sempre adorei História, gostava muito das matérias de humanas na escola, Geografia e Literatura eram outras preferidas. A Geografia política me interessava bastante e a Literatura me fascinava, sempre amei ler e nunca tive preconceito com livros e diferentes gêneros, por isso as aulas de Literatura eram prazerosas e eu era um dos poucos alunos que lia os livros paradidáticos e não buscava um resumo na internet, algo já comum nos anos 2000. Mas Letras e Geografia não me pareciam opções, a parte de gramática achava enfadonha enquanto Geografia física para mim era um saco, logo o que sobrou foi História. Não digo isso de forma que a História foi a última opção, não foi, apenas elenquei o motivo de não ter considerado as outras opções.

Desde muito pequeno sempre fui fascinado por museus, e nas aulas eu era absorvido pelas falas dos meus professores me desligando de todo o resto. Tive professores de História com estilos diversos e vejo muito de todos eles na forma como dou aula hoje. Professores sérios, professores brincalhões, professores muito conteudistas e professores que criavam narrativas fantásticas em sala de aula que além de ensinar me entretinham tal qual uma série que ficamos ansiosos pelo próximo capítulo e o que ela vai nos trazer. Além disso, eu já tinha algo que hoje entendo como um sinal do que estaria por vir, por adorar a matéria, meu desempenho sempre foi muito bom, dessa forma eu sempre ajudei meus amigos na matéria, em alguns momentos de forma nobre ao explicá-los a matéria que não entendiam e de outras não tão nobres assim através de colas, mas eu acredito que a essência do professor já estava presente naquele momento, ainda que de forma singela, porém presente.

Fiz vestibular novamente, agora para História, apesar da relutância inicial dos meus familiares, pois ser professor não era algo esperado de mim, mas ainda assim o fiz. A vida é minha, assim como minhas opções e se fosse para fazer algo pelo resto da minha vida, que fosse algo que eu sentisse prazer fazendo, deve ser muito ruim ser obrigado a trabalhar em algo que se detesta e se eu tenho privilégio de escolher, quero algo que ao menos eu goste de fazer.

Passei em todas as universidades para as quais prestei vestibular, pude me dar ao luxo de escolher e assim, optei pela UFF. A fama da UFF em História era grande, melhor avaliação no país (só depois fui ver que essa avaliação era da pós e não da graduação, mas ainda assim era algo bom), dois dos meus professores que mais me influenciaram estudaram lá, alguns dos seus professores eram nomes que eu conhecia da escola por conta da referência de sala de aula.

O primeiro contato foi uma das coisas mais incríveis que vivi, o espaço totalmente diferente, a liberdade, as pessoas, muitas delas com dilemas similares aos que eu viva naquele momento, era uma UFF nova por conta da política de cotas, eu tinha colegas de realidades diversas e a aceitação naquele espaço era incrível e fui aproveitando cada segundo dentro daquele espaço, buscando aproveitar cada momento e cada oportunidade que surgia na minha frente.

A primeira paixão foi a pesquisa, experimentada nos arquivos do Itamaraty no meu primeiro estágio. Parecia um sonho trabalhar no meio daqueles livros e papéis, próximo a diplomacia, uma carreira um dia pensada por mim e que naquele momento percebi que me interessava muito mais ler e pensar sobre do que de fato desenvolver o trabalho que eles desenvolviam, mas algo ali não estava certo, algo me faltava e eu não sabia bem o que era, mas segui.

Minha mãe sempre me achou inconstante, até mesmo volúvel em determinados momentos. Meus interesses mudam facilmente, embora nem sempre eu tenha a coragem de admitir tal fato, e me vi novamente repensando minha trajetória. Trabalhando no Itamaraty eu decidi que queria trabalhar com pesquisa, algo relacionado a diplomacia, inclusive com minha monografia sendo

sobre esse tema, mais especificamente o Mercosul, tema que sempre me interessou, mas esse trajeto demora, eu não sairia da universidade fazendo isso de cara, nossa realidade é outra, a maioria dos alunos formados em História vão passar pela sala de aula, poucos são os que não passam por essa etapa e para tal eu precisava de experiência e não tinha nenhuma. Preciso dar aula.

A UFF possuía um grande número de pré-vestibulares sociais, um programa maravilhoso que auxiliava jovens carentes a se prepararem para o vestibular, então era isso, iria buscar um para começar a dar aula. Comecei a dar aula no Motivação, um pré-vestibular social que funcionava no Valonguinho, eles abriram as portas e fui dar aulas de História Geral. O começo é sempre muito tenso, nervosismo, nunca havia dado aula antes, como fazer, como me portar, como lidar? Problemas pequenos e simples de serem resolvidos na verdade, o que de fato eu não estava pronto era para lidar com as mudanças e as questões que eu iria enfrentar lá dentro.

Fiquei três anos no Motivação e devo dizer que devo tudo a eles, sem eles eu não seria professor, sem eles eu não estaria escrevendo esse trabalho, sem eles eu não teria começado o mestrado. Devo dizer que sem eles eu seria incompleto, porque foi lá dentro que eu conheci uma das maiores felicidades da minha vida, algo que eu não consigo expressar, que é estar dentro de uma sala de aula.

No Motivação foi onde eu percebi que a lição dada pelo meu avô a minha era real e naquele espaço, ainda que sem elas saberem disso, estava repleto de pessoas buscando um bem que jamais poderia ser tirado deles, a educação. Tive alunos diversos, trabalhadores que me pediam para que eu não os deixasse dormir nas aulas que eram ministradas a noite, jovens ainda na escola ou pessoas mais maduras que buscavam a realização do sonho de fazer uma faculdade. Todas essas experiências me marcaram muito e me fizeram buscar sempre por dar a melhor aula que eu pudesse dar para que seus objetivos fossem alcançados, e muitos foram. Uma aluna do meu primeiro ano como professor passou para História na UFF e participar da sua calourada foi emocionante,

outro me apresentou a sua mãe, mulher batalhadora que o criou sozinho e estava emocionada fazendo a matrícula do seu filho no curso de Direito, também na UFF. Mas dois casos são os mais comoventes e importantes para mim, tão importantes que não os citar seria um desrespeito.

Eu tive dois alunos que me marcaram profundamente, mais do que todos ali me marcaram, Gabriel e Guilherme. O Gabriel perdeu o pai, um dos seus maiores apoiadores na sua luta no ano do seu vestibular, perto das provas, o desestabilizando e fazendo com que tivesse que tentar mais um ano, que ele insistiu em ser com a gente, o segundo era o Guilherme, cujo sonho era ser engenheiro, mas quase não teve professores de matemática nos 3 anos do ensino médio, o levando a ter que compensar essa perda em 3 anos de curso, os três anos que fiquei no Motivação. Ambos passaram para a UFF e hoje estão próximos de suas formaturas e trabalhando nas áreas que tanto desejavam.

O Motivação me fez buscar mais essa bendita droga que é dar aula, mas eu queria além, queria entender mais sobre o que era estar em sala de aula, queria ter experiências novas em outras realidades. Um pré-vestibular social, apesar de todos os problemas com os quais ele lida, é um espaço um tanto idealizado com alunos que estão com alguma motivação ou que pelo menos valorizam mais a importância da educação nas suas vidas. Eu precisava conhecer mais, saber mais e uma possibilidade nova surgiu, o PIBID entrou na minha vida.

Por ser um programa de iniciação a docência realizado em escolas públicas, o PIBID poderia me dar essas experiências tão desejadas. Ali eu poderia ter contato com outra realidade, outros desafios, mas mal sabia quais seriam os desafios que o PIBID iria me impor. Entrei no PIBID, a escola que escolhi foi o IEPIC, uma escola tradicional de Niterói, antiga e com formação de professores, apesar da minha escolha ter se dado pela sua proximidade com a UFF. Lá eu fui apresentado a uma realidade totalmente diferente do Motivação, alunos com uma mentalidade diferente, e não me leve a mal por esse linguajar, não faço com ele qualquer tipo de

juízo de valor, mas lá eu conheci a dura realidade de muitos jovens pobres, que não viam na educação uma forma de mudarem suas realidades, na verdade ali eles não viam qualquer tipo de uso para os conhecimentos que os professores desejavam passar. Assim, o problema não era, nem nunca foi, o aluno, como muitos colegas insistem em afirmar, mas a nossa sociedade e como ela massacra uma classe social que para ela sempre deve ser subalterna.

A experiência no IEPIC foi muito enriquecedora, realizamos a construção de um centro de memória para a escola, com participação dos alunos, que se motivaram e passaram a ter um maior sentimento de pertencimento daquele espaço, o que foi muito importante, pois ao final do meu período no PIBID houve a onda das ocupações das escolas e o IEPIC foi ocupado também, sendo os principais líderes os alunos que participaram de forma mais ativa desse projeto. Outras vivências foram marcantes como os seminários montados pelos alunos da formação de professores, palestras promovidas com pessoas de fora da escola e as atividades de aula desenvolvidas por nós bolsistas, sempre com muito estímulo por parte dos dois professores supervisores que passaram pelo projeto, sendo o primeiro o Benilson, que saiu para fazer parte da primeira turma do ProfHistória na UFF, e a Renata.

Contudo meu dilema não estava resolvido. Minha paixão pela sala de aula era real e me movia a cada dia, mas algo em minha cabeça não estava certo, algo não fechava. O problema era eu. Ao entrar na faculdade eu era bombardeado por uma ideia, uma ideia padrão de que o que importava era a pesquisa, a atuação acadêmica, uma posição de status como um produtor de conhecimento formal que era desejado e esperado de um aluno que quisesse sucesso em sua carreira. Esse pensamento preconceituoso nunca me abandonou, tanto que, apesar da minha paixão pela educação, eu não estava disposto a abandonar velhas ideias de um academicismo, ainda que esse caminho não se mostrasse como o caminho que meu coração e meus interesses se voltavam. Concluí minha graduação seguindo uma linha de pesquisa que, apesar de

me despertar interesse, não era mais o que de fato movia minha paixão pela História.

Ao concluir a faculdade me deparei com a realidade da maioria, a sala de aula, fui atuar numa escola privada e lá, sendo absorvido por uma realidade distinta das que tinha experimentado, me vi absorvido novamente. A ideia de seguir com um mestrado acadêmico se tornava cada vez menos interessante, enquanto a sala de aula me despertava mais interesse a cada dia. Montar as minhas aulas se tornava um processo desafiador muito positivo, eu tentava, e ainda tento, montar as minhas aulas de forma que eu consiga passar o máximo de conteúdos possível e da forma mais prazerosa e atraente para os alunos. Os interesses dos alunos me geravam um questionamento interno para buscar compreender suas referências, seus gostos, e os objetivos que eles esperavam daquelas aulas, ao mesmo tempo que procurava gerar desconfortos nas suas reflexões, criar questionamentos que eles apenas poderiam responder através de uma análise mais profunda de quem eles eram e como eles entendiam o mundo que os cercava, algo que não era tão esperado daqueles jovens. A vida acadêmica foi ficando de lado, o pesquisador, no sentido mais clássico do termo e da compreensão que eu tinha daquela função, foi esquecido. Sem perceber eu era o professor.

Conclusão

Refletindo sobre a minha jornada profissional a partir das experiências aqui narradas, a minha conclusão é de que o professor que sou hoje é muito além do que o resultado do que aprendi na universidade. A forma como me relaciono com meus alunos é o reflexo da criança criada por uma mãe solo, do neto que passou muito tempo com seus avós, do homem que conviveu com mulheres fortes de muita determinação e atitude, do umbandista curioso, do adolescente que viveu entre dois mundos distintos, do jovem com conflitos no vestibular, do universitário fruto de um período de muitas oportunidades educacionais com experiências

diversas que agregaram não só na minha formação mas também no que eu me interessei em levar para a sala de aula, um professor formado em programas sociais e no PIBID.

Todo esse somatório de experiências e de influências resultou no que sou hoje, dentro e fora de sala de aula, mas não acaba aqui. A gente nunca está pronto, finalizado, para mim nós estamos em constante formação, então o professor que sou hoje não será eterno, ele também mudará. Os alunos mudam, as gerações mudam e parte do trabalho do professor é estar atento a essas mudanças, compreendê-las e saber como usá-las. Esse mestrado é parte desse processo de constante mudança, na busca de ser melhor e de fazer mais e de poder viver a minha história do ensino de história que nunca terminará.

Entre histórias e memórias: a caminhada incessante de um educador

Ronilson Oliveira Paulino

*Grandes caminhadas começam com a
decisão do primeiro passo.*
(Platão)

A construção deste memorial me trouxe muito entusiasmo, uma vez que ainda é latente a discrepância entre escrita acadêmico-científica e ensino no que se refere ao Ensino de História, a escrita ficando a cargo do pesquisador e o ensino a cargo do professor da educação básica, entendido assim como um mero transmissor de conhecimento, romper com esse paradoxo é uma urgência, como bem salienta Guimarães (p. 38, 2007) “Pensar o ensino de história implica necessariamente, segundo meu juízo, articular escrita e ensino como parte do conhecimento histórico”.

Escrever este memorial me fez revirar minha vida familiar, colocar as cartas na mesa (entre choros e risos), e relembrar momentos de dificuldades e conquistas, a minha memória não me perdoou, ela permitiu que eu (re) lembrasse até os mais infinitos horizontes da minha existência. Na maioria das vezes quando vou narrar minha história de vida, muitos analisam como “fatalismo”, por eu ser negro, uma vez que o Brasil é endêmico em relação ao racismo estrutural, em virtude do seu passado colonial. Contudo, tenho muito orgulho da minha história, e a educação me ressignifica a todo momento!

A educação no meu seio familiar: o paradoxo estudar ou interromper os estudos

Sempre tive o sonho de cursar o ensino superior, mas não acreditava que esse momento iria se concretizar, em virtude de ser família de baixa renda, mãe pensionista e pai autônomo. No entanto, apesar desses empecilhos no seio familiar, minha mãe, mesmo tendo cursado até o 2º ano do ensino fundamental, nunca deixou de acreditar em mim, e sempre me cobrava bons retornos de notas na escola. Eu me lembro muito bem de que mesmo com pouco conhecimento, ela me ensinava todos os dias quando eu chegava da escola, com toda paciência, me ajudou na minha alfabetização. Meu pai nunca se importou com os rumos da minha vida escolar, pois segundo ele, trabalhar era melhor que estudar, nunca fui motivado, para ele, eu teria apenas terminado o ensino fundamental II, e abandonado as outras etapas de ensino.

Na sala de aula, eu era considerado um dos melhores alunos no que se refere a notas e comportamento, no entanto sempre tive a curiosidade e o entusiasmo em aprender.

O início: o “professorado” que existia em mim

O sonho de ser professor sempre esteve presente em minha existência. Quando era criança, com cerca de 5 anos de idade, na rua em que eu moro até hoje, brincávamos de escolinha, e eu era um dos professores, e tudo que era dado na pré-escola, repetíamos. Lembro-me que fazíamos nossa escolinha de madeira, e arrumávamos um pedaço de tábua de madeira para servir de quadro. Como era divertido, e ao mesmo tempo prazeroso, pois enquanto brincávamos, aprendíamos.

Conquanto, o meu desejo de ser professor, começou quando eu tinha 11 anos, e estava na antiga quinta série (atual 6º ano do Ensino Fundamental), era adorável está no chão da escola, e escutar as explicações dos professores. Contudo ainda não havia definido de fato qual disciplina iria escolher para seguir carreira. A única

coisa que eu sabia era que não queria ser professor de matemática, pois me perdia nos números.

A decisão de ser professor de História

O meu despertar pela disciplina de História, começou na oitava série (atual nono ano), passei a estudar com uma professora, que todos a elogiavam em relação ao ensino e aprendizagem. Eu gostava muito de suas aulas. No entanto era uma professora autoritária, e que os alunos não ousavam conversar na aula. Apesar de tudo ela tinha domínio de conteúdo, o que era primordial naquele momento. Mas quando ingressei na Universidade, percebi que o método de ensino dela era tradicional, e não correspondia aos anseios do século XXI.

Entretanto, o meu desejo de ser professor de História, se concretizou a partir da segunda série do ensino médio, no ano de 2008. Tive uma educadora, a professora Cristiane Azevedo de Aguiar, pela qual hoje tenho a honra de trabalhar junto, que além de possuir domínio de conteúdo, era muito dinâmica, dava voz aos seus alunos e procurava envolver sua prática pedagógica na realidade dos seus educandos, uma vez que eram alunos do turno noturno, em que muitos trabalhavam como boias-frias. A partir daí criei um verdadeiro fascínio pela História, eu me imaginava nos episódios históricos que eram narrados pela professora. Somou-se a isso a história de vida do meu saudoso avô paterno, com a qual os olhos me enchem de lágrimas quando me lembro, e que me contava da trajetória profissional como tropeiro, fazendo o transporte de café, isso também colaborou para que me apaixonasse pela História e seus desígnios. O que me aborrece às vezes, é perceber que meu avô contribuiu com o desenvolvimento econômico da região de Alegre, e as homenagens são feitas apenas para os senhores detentores do poder, como o nome das ruas e das praças.

Na verdade, comecei a ministrar aulas particulares com 13 anos, para duas alunas estudante das séries iniciais. E me lembro que recebia R\$5,00 mensais para ajudá-las nas atividades de casa.

Eu ficava muito feliz, me sentia um professor de fato, e usava o dinheiro que ganhava para comprar biscoitos ou hambúrguer, uma vez que era difícil ter esses produtos alimentícios em casa, em função da condição econômica que vivíamos.

Entre avanços e recuos: o término do ensino médio e o trabalho rural

Apesar dessa trajetória, cada vez mais me via distante de realizar meu sonho de se tornar professor, pois como morador da zona rural, e com condições financeiras desfavoráveis, parecia que tudo conspirava contra. No ano de 2009, terminei o ensino médio, tentei várias bolsas para ingressar na universidade, consegui na Universidade Federal de Alfenas, mas não tive condições financeiras para mudar de localidade. Na verdade, acrescentou a isso o medo do universo acadêmico e, de certa forma, não queria deixar o lugar onde construí minha trajetória de vida.

Contudo, de 2010 a 2012, fiquei trabalhando na zona rural, com minha mãe, na colheita do café. Ela levantada às 4:30 min da madrugada para fazer nosso almoço, pois às 6 horas saíamos de casa, em cima de um caminhão, onde a paisagem se cobria de neblina.

O ingresso na Universidade: o reconhecimento da minha negritude e o contato com a História do Brasil

No final de dezembro de 2012, prestei vestibular novamente e fui aprovado. Fiquei feliz e ao mesmo tempo ansioso com essa nova caminhada.

Lembro-me perfeitamente de que em um dia quente de verão uma ex-professora, aproximou-se de mim e disse “você é uma pessoa branca de pele negra”. No momento não entendi, pois a felicidade de ir ao encontro da universidade tomava conta de mim. Foi na universidade que entrei em contato com a minha negritude, pois apesar de ser negro, me via cercado por amigos brancos, e de

certa forma não entendia o que era de fato ser “negro”, no seu sentido original de ser.

Sou o primeiro da família, tanto materna quanto paterna, a terminar uma graduação. Iniciei o curso em fevereiro de 2013, e foi a minha melhor escolha. As disciplinas do curso me ajudaram muito, a concretizar meus pensamentos enquanto cidadão. O estágio me propiciou pisar no chão da escola, e viver dias como professor de ofício. Passava dias e noites preparando as aulas, para que tudo desse certo.

Durante a graduação, me apaixonei pelas disciplinas de Brasil Império e República, a professora era excelente, seus seminários eram riquíssimos espaços de debates acadêmicos, dos quais tenho muitas saudades. No entanto, entre o Império e a República acabei me aproximando do período republicano, o livro *Cidadania do Brasil: o longo caminho*, de José Murilo de Carvalho, me fez entrar em contato com a Era Vargas, me tornando amante de assuntos que envolviam tal temática, principalmente no que se refere aos avanços e recuos da cidadania no período de 1930-1945.

Assumindo a sala de aula pela primeira vez

Terminada a graduação, fiquei 6 meses desempregado, e só em setembro de 2016 assumi uma sala de aula, exatamente no dia 16 de setembro. Minhas primeiras turmas foram um sexto ano, um nono e uma turma da terceira série do ensino médio.

Um momento marcante no início do magistério, ocorreu na turma do sexto ano, lembro-me que quando cheguei na sala, cumprimentei os alunos, e logo sentei, rapidamente quando observei estava rodeado deles, e começaram a me interrogar, se eu era casado, se namorava, onde morava, que lugar é esse professor, todos querendo falar ao mesmo tempo. Achei bacana a atitude deles, pois senti o carinho deles me chamando de Tio (risos). E foi através das interrogações deles que iniciei minha aula. A coordenadora chegou na porta, viu a situação e gritou com eles,

fiquei sem reação, era meu primeiro dia. Depois fui na sala dela e expliquei o ocorrido. A recepção desta turma foi calorosa!

O jogo pela permanência: a conversa que me marcou

Recordo-me que, no primeiro dia que fui me apresentar na escola, a pedagoga me chamou em sua sala, e me falou que eu precisava ter domínio de sala, e que era para evitar chamar a coordenação e que não era para sorrir para os alunos. Fiquei com muito receio, era meu primeiro dia, e já fui recebido assim, e me passou um filme na minha cabeça, me trazendo lembranças de quando eu era aluno, e que era adotado a prática pedagógica tradicional. Além disso, fui orientado que era para evitar trabalhar conteúdos que envolviam gênero, pois a comunidade não gostava desse assunto, pois viam o tema como doutrinação.

Após conversa, fui para a sala de aula, e no primeiro mês segui as orientações: evitava sorrir, ficava sério. Entretanto, comecei a perceber que os alunos não ousavam conversar na minha aula, pois tinha adotado um método ditatorial e não democrático naquele momento. Foi então que eu comecei a observar que tudo aquilo que eu havia aprendido no espaço acadêmico, não poderia ser baseado nesta prática pedagógica, e eu precisava me aproximar de meus alunos. Mudei de postura, comecei a fazer seminários, a fazer rodas de conversas, a impulsionar meus alunos à formação de uma consciência histórica. Fui ganhando o respeito desses, e não receio e medo que tinham. Trabalhei nessa escola por 4 meses, e foi uma ótima experiência. Os conteúdos de gênero foram trabalhados de forma lenta, correspondendo aos conteúdos propostos.

O contato com a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “José Corrente”

Em 2017, assumi a escola na qual estou lotado até hoje, lá tive muitas dificuldades, pois a maioria dos educandos não veem nos estudos uma possibilidade de mudança. Tive muitos problemas

também em me deslocar para chegar a escola, que fui localizado, pois dependia de carona, e na maioria das vezes não tinha, eu não possuía carro, e nem moto. Desta forma, eu saía de casa às 6 horas da manhã para ficar pedindo carona no trevo que liga Alegre a Vila do Café, bairro onde atuo. Muitas vezes eu ia no caminhão que carregava leite entre as regiões agrícolas. Conseguir carona era difícil, uma vez que é uma estrada rural, que apesar de asfaltada, possui pouco movimento. Soma-se a isso a postura de uma diretora autoritária, que gritava com os alunos, e fazia de tudo para me prejudicar.

O conflito: autoritarismo em discussão

Lembro-me de uma vez, que realizei um projeto intitulado “Café iluminista”, em parceria com outros dois professores, de Matemática e de Língua Portuguesa. O mesmo foi um sucesso e circulou nos grupos das escolas da regional que faço parte. Então, escrevi uma matéria sobre o assunto, e logo em seguida pedi autorização da minha coordenadora de área e a pedagoga para enviar o projeto para ser publicado no site da Secretaria Estadual de Educação, ambas apreciaram e autorizaram.

Na semana seguinte, fui chamado à sala da diretora, mas ela deixou claro que queria conversar comigo em particular. Quando cheguei, ela começou a gritar comigo, a chutar o balde de lixo, eu não sabia o motivo, e em tom de ameaça, ela me disse que eu havia enviado um projeto sem ter a autorização dela, e que ela iria me dar uma ocorrência. Mas eu a enfrentei, falei que não assinaria, que vivíamos numa democracia e que o diálogo era a chave para o exercício da cidadania. A pedagoga e os demais docentes escutaram os gritos e foram para a sala onde estávamos, chegando lá me defenderam e criticaram a atitude dela.

Experiências e vivências

Na escola que exerço a docência, quando chove, muitos alunos faltam às aulas, ou, quando começa a fechar o tempo, os motoristas

chegam à escola e pedem para liberar os alunos. E ainda, na colheita do café, ocorre uma grande evasão, em virtude do trabalho na lavoura. O que acaba prejudicando a dinâmica das aulas. Além disso, percebo a baixa estima por parte dos educandos, o que me faz manter aberto ao diálogo. Em alguns casos, as aulas tomam outros rumos, em virtude das experiências trazidas por eles. Enfim, são angústias que a maioria dos professores da rede pública passam.

Como a maioria dos alunos são oriundos da zona rural, busco elencar os conteúdos trabalhados a realidade deles. Atualmente, venho desenvolvendo um projeto sobre História e memória, na Vila do Café, distrito do Município de Alegre/ES onde atuo. O objetivo é que eles conheçam a História da comunidade onde moram, sendo protagonistas desta. Os alunos trazem para a sala de aula o que querem aprender sobre a comunidade, que constituirá o produto final do projeto, a criação de um jornal da história da comunidade.

A caminhada incessante...

Mesmo com todas as adversidades, a cada dia me vejo mais motivado, pois vejo que muitos discentes mudam de postura, exercendo a sua cidadania de maneira crítica e consciente.

Em 2020, assumi a função de professor coordenador de área (PCA), função que exerço atualmente, sendo de minha responsabilidade orientar a área de ciências humanas, no que se refere a assuntos burocráticos até a realização de atividades pedagógicas dinamizadas. Essa função tem me ajudado muito a trabalhar e articular de forma interdisciplinar os conteúdos. No entanto, trabalhar de forma interdisciplinar tem sido uma tarefa árdua, em função da resistência de muitos docentes e da burocracia que existe no âmbito educacional. Na rede estadual do Espírito Santo, além de lecionar História, já fui professor de Geografia, Ensino Religioso e Sociologia. Atualmente leciono: História, Sociologia e Projeto de pesquisa, este último apenas para a terceira série do ensino médio.

O contato com o ProfHistória

Tentei o ProfHistória por três vezes. Em 2021, fui aprovado e classificado para o ano de 2022. O desejo de ingresso no programa se deu em virtude de minha proximidade com a sala de aula. Estou muito entusiasmado, pois as disciplinas têm me permitido rever minha prática pedagógica, na função de reforçar alguns aspectos e mudar outros. A própria vivência com os alunos me faz refletir sobre a minha postura enquanto educador.

Muitas histórias estão por vir, os desafios são muitos, a busca pelo conhecimento é incessante, a luta pela formação de uma consciência histórica é conflituosa, principalmente em tempos sombrios da qual estamos vivemos, onde o país está enraizado pelo paradoxo esquerda x direita. As vezes me vejo desmotivado em virtude da burocracia do sistema, vendo professores retirados da sala de aula, a perseguição e a falta de empatia e diálogo. Mas como professor, me vejo engajado a contribuir com a educação, no sentido de não só levar o conhecimento, mas construí-lo no ambiente educacional. Percebo a cada dia, o quanto meus alunos dependem de mim, e eu deles! As minhas reflexões aparecem depois das problematizações deles. Sou professor na minha “essência” e “existência”, e não sei fazer mais nada que fuja da minha profissão.

Ah, e o futuro, este ainda está por vir...Como diz a música de Charlie Brown Jr.

História, nossas histórias
Dias de luta, dias de glória...

Seguem abaixo alguns momentos realizados na educação por mim, enquanto educador.

Democracia e cidadania são temas de reflexão em escola de Alegre



Atividade foi realizada com alunos do 6º ano do Ensino Fundamental.

O professor de História, Ronilson Oliveira Paulino, da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio (EEEFM) José Corrente, em Alegre, promoveu um momento de reflexão sobre democracia e cidadania. O objetivo da atividade foi tornar a aula sobre “Grécia Antiga: Berço da democracia e cidadania” mais dinâmica e lúdica para os alunos de 6º ano do Ensino Fundamental.

O professor formou uma roda de conversa, possibilitando o diálogo direto entre os estudantes sobre o assunto. Além disso, foi oportunizado momentos de descontração com meditação e cantigas ao som de um violão.

A dinâmica envolveu também a influência dos gregos sobre o teatro, jogos esportivos, filosofia, ideal de beleza, bem como direitos civis, sociais e políticos. A estudante Ana Luize Rosa Ramos Almeida disse que “o momento foi único, pois ajudou a reforçar o que os alunos aprenderam em sala de aula”, disse.



Alunos aprendem sobre geopolítica durante atividades realizadas em escola de Alegre

Com o objetivo de exercitar o pensamento crítico e reflexivo sobre temas atuais, com foco na realidade dos alunos e tendo como base os conflitos mundiais, especialmente no que se refere ao Brasil, a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio (EEEFM) José Corrente, em Alegre, realizou com os alunos da 3ª série do Ensino Médio o projeto "Geopolítica: conflitos mundiais x valores".

Durante as atividades, foram desenvolvidas rodas de conversa sobre os conflitos mundiais (geopolítica); abordagem de assuntos ligados à realidade destes alunos (conflitos religiosos, políticos, liberdade de expressão e a busca pelo poder); momento de confraternização com os colegas, entre outras ações. Organizado pelo professor de Geografia Ronilson Oliveira Paulino e pela professora de Projeto de Vida Cristiane Azevedo de Aguiar, o projeto teve como proposta focar no conteúdo sobre geopolítica.

O professor Ronilson Paulino enfatizou que o momento foi de extrema importância para a formação intelectual dos discentes. "Na atual conjuntura política, econômica e social, se faz necessário despertar o nosso papel como cidadãos. Durante todo o processo, percebi a concentração e o envolvimento dos alunos por meio do diálogo e da argumentação, buscando, dessa forma, refletir sobre o assunto, com embasamento em temas pertinentes à realidade deles", disse.

A aluna Ingrid Batista Cardoso destacou que os pontos levantados na discussão levaram a refletir sobre a importância do ser cidadão, fazendo escolhas baseadas na razão e no diálogo. "Por meio deste debate, também avaliamos e discutimos como o ser humano é afetado internamente, mediante situações de conflitos, cabendo a nós agir com resiliência, razão e empatia", ressaltou.

História do Brasil é tema de seminário em escola de Alegre



O objetivo foi despertar o senso crítico e reflexivo dos alunos.

Exercitar o pensamento crítico e reflexivo, sobre temas atuais, com foco na realidade dos estudantes, tendo como eixo os avanços e recuos da cidadania durante a Era Vargas. Esses foram os

objetivos para a realização do seminário “Avanços e Recuos da Cidadania na Era Vargas (1930-1945)”. A ação foi realizada com os alunos da 3ª série do Ensino Médio, da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio (EEEFM) José Corrente, em Alegre.

Entre as atividades realizadas durante o seminário estavam: roda de conversa sobre os avanços e recuos da cidadania na Era Vargas, em paralelo com a realidade dos alunos. Toda ação foi direcionada pelo professor Ronilson Oliveira Paulino, da disciplina de História e Cristiane Azevedo de Aguiar, de Geografia, com a participação da diretora da escola Maria Cristina de Souza Silva e da pedagoga Andrea Ramanholi.

“O seminário teve como propósito fixar o conteúdo sobre a ‘Era Vargas’, perfazendo uma ligação do conteúdo com a realidade da qual estão inseridos. E sendo esta, a última série do Ensino Médio, foi importante frisar a importância do ‘ser cidadão’, para que eles possam exercer sua cidadania de forma crítica e reflexiva”, informou o professor Ronilson Oliveira.

Os assuntos abordados estavam ligados à realidade dos alunos (direitos civis, políticos e sociais), em que foi debatido sobre o voto feminino no Brasil, e em especial no Espírito Santo (primeira mulher a votar). E a importância dos direitos sociais conquistados naquele período. Já em relação aos direitos civis, os professores trataram sobre a importância da liberdade de expressão.

Segundo a aluna Natacha Pereira Roza, o momento foi enriquecedor, “percebemos a trajetória da cidadania no Brasil, em que alguns momentos avançaram e em outros recuou, como exemplo, o voto feminino. Contudo cabe a nós jovens, lutarmos para garantirmos a manutenção dos direitos já conquistados, exercendo desta forma, nosso papel como cidadãos”, disse. Já para a aluna Mariana Rodrigues Leal, “o seminário foi excelente, pois foi possível compartilharmos nossas ideias e refletirmos a importância do ser cidadão”, reforçou a estudante.

“O evento foi de extrema importância para a formação intelectual dos alunos. Pois, na atual conjuntura política, econômica e social, se faz necessário despertar o nosso papel como cidadãos.

Durante todo o processo percebemos a concentração e o envolvimento dos estudantes através do diálogo e argumentação, buscando desta forma refletir sobre o assunto, com embasamento em temas pertinentes a realidade deles”, destacou o professor Ronilson Oliveira.

Alunos de Alegre discutem atualidades sobre projeto interdisciplinar



O “Café Iluminista” reuniu as disciplinas de História, Matemática e Língua Portuguesa.

Por meio do projeto “Café Iluminista”, desenvolvido na Escola José Corrente, em Alegre, os professores trabalharam com os alunos a oralidade e a argumentação sobre temas atuais com base em ideias de pensadores iluministas como Voltaire, Montesquieu, Rousseau e John Locke.

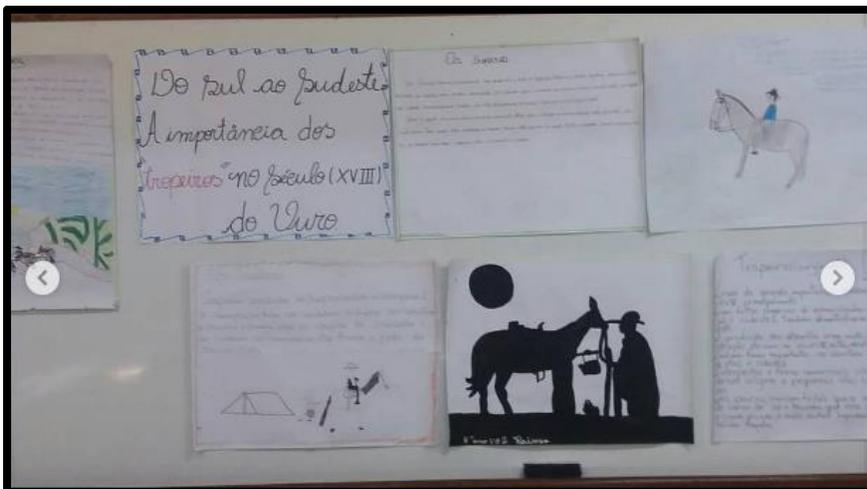
A ação foi organizada pelo professor de História, Ronilson Oliveira Paulino, que contou com a participação das professoras Joelma Bello, de Língua Portuguesa, e Rosilene Vimercati, de Matemática. “A atividade teve como propósito fixar o conteúdo dos alunos sobre o ‘Iluminismo’, fazendo uma ligação do conteúdo com a realidade na qual estão inseridos, tendo sempre como eixo central o uso da ‘razão’ e do ‘diálogo na tomada de decisões’”, contou Ronilson de Oliveira Paulino.

Participaram do projeto os estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental, em atividades como roda de conversa, momento de meditação e confraternização. “Foi possível trabalhar a interdisciplinaridade entre os professores de História, Matemática e Língua Portuguesa. A professora de Português utilizou a atividade para trabalhar textos argumentativos junto a sua disciplina. Já a professora de Matemática trabalhou a receita dos alimentos que os alunos trouxeram para a confraternização em forma de fração e números decimais”, relatou o professor organizador da atividade.

A aluna Ritsa de Lourdes Carcabrine elogiou a ação do professor. “Podemos parar e refletir como está a nossa sociedade e o que podemos e devemos fazer para contribuir para um mundo melhor, exercendo nosso papel como cidadãos ativos e conscientes. O professor Ronilson e a professora Joelma nos levaram a refletir sobre muitos assuntos através do diálogo e da argumentação. Para finalizar, tivemos um café compartilhado”, disse Ritsa.

A aluna Vany Sara dos Santos Paiva gostou da aula pela possibilidade de compartilhar as ideias. “Percebi uma grande concentração e participação de todos alunos. Também foi importante a parte de meditação mediada pela professora Joelma. Nos conectamos com o nosso consciente, refletimos sobre a nossa vida. Só tenho a agradecer pela ótima aula que tivemos e pela iniciativa do professor de História em nos proporcionar esse momento”, detalhou.

Texto: Soraia Camata



Do sul ao sudeste: a importância dos tropeiros na formação econômica da capitania de Minas Gerais

Referências

GUIMARÃES, Manoel Salgado. O presente do passado: as artes de Clio em tempos de memória. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel; GONTIJO, Rebeca (Orgs.). *Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 23-41.

Minha história do ensino de história: história vivida, ensinada e contada

Rubens da Silva Pinho

O professor é, naturalmente, um artista, mas ser um artista não significa que ele ou ela consiga formar o perfil, possa moldar os alunos. O que um educador faz no ensino é tornar possível que os estudantes se tornem eles mesmos.

(Paulo Freire)

O fim: até aqui

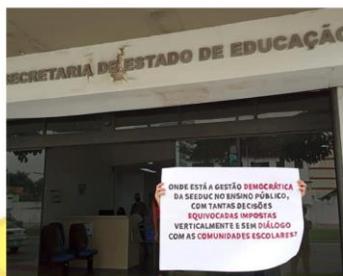
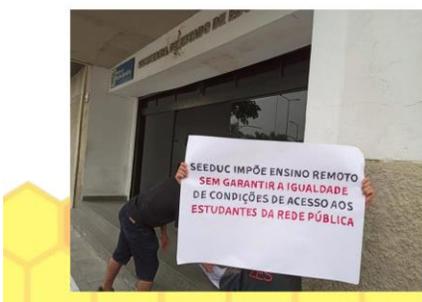
Eu poderia começar este memorial falando acerca de minha vida acadêmica, de como cheguei até aqui. Mas antes de tudo é preciso lembrar aos leitores e leitoras que existe toda uma jornada pessoal, uma história de vida que me trouxe até este momento. Não só a mim, mas a todos, todas e todes que aqui se encontram, em pleno 2022, estudando no Mestrado Profissional em História a disciplina História do Ensino de História com os professores Everardo Pereira e Patrícia de Sá.

Em um momento extremamente crítico, pois ainda vivenciamos a pandemia do novo coronavírus, sendo sincero e realista com minha vida de professor das redes públicas de ensino, eu já tinha desistido de ter uma vida acadêmica após tentativas frustradas de fazer mestrado. Por três vezes bati na trave, sendo reprovado em entrevistas e após ter sido aprovado naquilo que considero mais difícil: as provas discursivas. Esta sendo a realidade de um estudante que nunca quis se adaptar às pesquisas dos orientadores e orientadoras da banca, me desestimulou bastante até eu conseguir chegar aqui.

Mas, independente desta frustração, durante este momento crítico em que vivemos me vi, junto a outros companheiros e

companheiras (desde abril de 2020) nos organizando em torno de um coletivo, de uma Frente, que se estabeleceu para realizar uma análise crítica do modelo de ensino remoto emergencial que estava se implantando nas redes públicas de ensino do Rio de Janeiro. A Frente, que é contra o Ensino Remoto/EaD na Educação Básica (e que após um Seminário realizado por nós em fevereiro de 2021 também se estendeu ao Ensino Superior)¹, realizou uma série de atos, de eventos online, de plenárias autoconvocadas, de debates e, se auto-organizando a partir de abril de 2020, criou entre nós uma cumplicidade quanto aos perigos de um ensino remoto emergencial acrítico, sem inclusão digital dos estudantes, que antes de tudo, junto aos seus familiares, passavam pelos desígnios do desemprego, do adoecimento, da morte, da fome, da falta de perspectivas, necessitando naquele momento não estudar, mas ter para si estendida uma ou mais mãos num sentido não de uma caridade puramente cristã, carregada de culpa, mas de uma solidariedade ativa, de classe.

¹ Este é o link de nossa página: <https://www.facebook.com/Frente-contra-o-Ensino-RemotoEaD-na-Educa%C3%A7%C3%A3o-B%C3%A1sicaEnsino-Superior-102950284722936/>. Esta, que inicialmente se chamava EaD na Educação Básica é Exclusão e foi criada em abril de 2020, adota nova nomenclatura após a realização das nossas primeiras plenárias, a partir de maio de 2020. Consultado em 31 de Agosto de 2022.



Ações diretas realizadas pela Frente contra o Ensino Remoto na SEEDUC-RJ entre 2020 e 2021. Fonte: acervo pessoal.

Esta Frente, criada pelo coletivo do qual faço parte (Rede Autônoma de Luta pela Educação - R.A.L.É.),² se mantém ativa e nos dias atuais estamos enfrentando a Reforma do Ensino que, com a nova BNCC, tem causado estragos nas escolas públicas. Nossos planos, inclusive, estão em torno da realização de novas plenárias e modificação na nomenclatura, incluindo a luta contra a Reforma do Ensino, além de organizarmos encontros, atos e debates acerca do tema, tão essencial para que possamos resistir a este novo ataque contra a educação.

² Nossa Página no Facebook: <https://www.facebook.com/raleeducacao/>. Construída em 2016, a R.A.L.É. tem atuado na base do SEPE-RJ, mas também conta com membros do INES-RJ, do CEDERJ e estudantes da rede pública e ensino superior. Somos filiados à Associação de Trabalhadores de Base (A.T.B.-RJ) e nos reivindicamos autonomistas, tendo entre nós anarquistas e marxistas.

Mas, voltando ao período de ensino remoto emergencial, eu e demais companheiros e companheiras, percebendo o quanto era criminoso aquele ensino remoto excludente e entendendo que havia uma necessidade de se realizar campanhas de solidariedade, focamos nesses tipos de ações, criando comitês de apoio mútuo em nossas escolas, arrecadando cestas básicas, buscando contatos com psicólogos e psicólogas que poderiam fazer atendimentos on-line para os estudantes, chamando a atenção de nosso sindicato (o SEPE-RJ) para aquilo que era o mais emergencial em 2020-2021: boicotar o uso de tecnologias invasivas (as Big Techs)³ no ensino público sem um debate mais amplo, lutar pela inclusão digital dos estudantes e estimular campanhas de solidariedade ativa nas escolas.

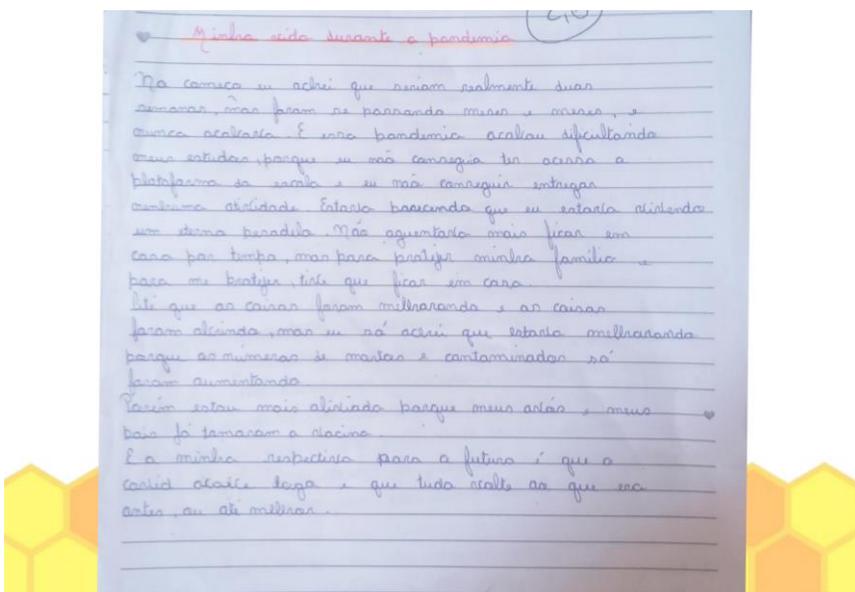
Nós, vistos como “radicais”, não fomos atendidos em nossas demandas nas Assembleias do SEPE-RJ, mas através da Frente contra o Ensino Remoto tocamos nossas políticas, de forma autonomista e à revelia do sindicato, realizando nossas plenárias, debates, seminário, publicando artigo⁴ e realizando atos.

O resultado dessa exclusão digital dos estudantes, de toda desigualdade educacional que se intensificou durante a pandemia, vemos refletida hoje nas escolas, com alunos e alunas chegando até

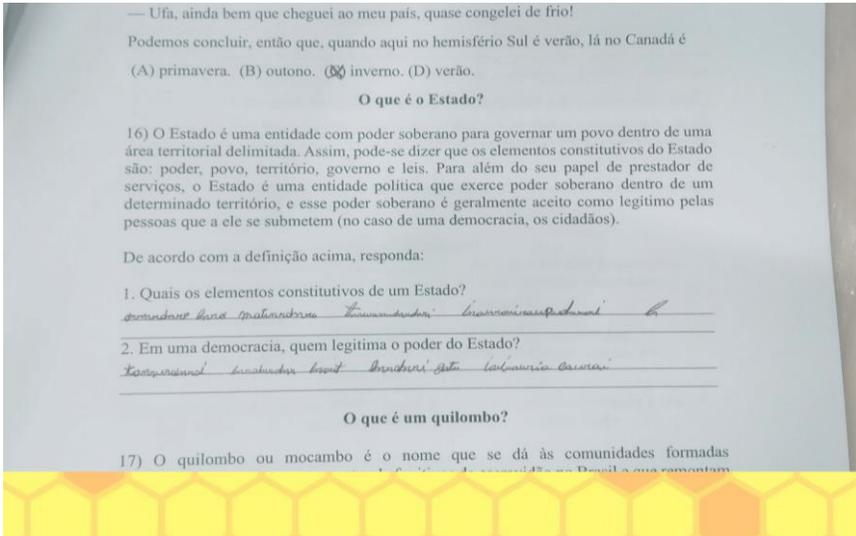
³ Para maiores informações acerca dos usos e abusos das Big Techs e sua influência nefasta na educação pública, recomendo a consulta: <https://educacaovigiada.org.br/>. O Educação Vigiada, abrangendo uma série de pesquisadores, pesquisadoras e organizações sociais, traz a seguinte descrição em sua página: “**Observatório Educação Vigiada** é uma iniciativa de divulgação científica de pesquisadores acadêmicos e de organizações sociais que tem como objetivo coletar e divulgar informações sobre a plataforma da educação pública no Brasil e na América do Sul e incentivar um debate na sociedade em relação aos seus impactos sociais e educacionais. É uma ação da Iniciativa Educação Aberta.” In: <https://educacaovigiada.org.br/pt/sobre.html>, consultado em 31 de agosto de 2022.

⁴ Frente contra o Ensino Remoto/EaD na Educação Básica. *Implementação do “Ensino Remoto” nas redes públicas de educação básica na pandemia*. IN: AFFONSO, Cláudia. FERNANDES, Claudio. FRIGOTTO, Gaudêncio... et al. (orgs.). Trabalho Docente sob Fogo Cruzado II. Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2021, pp. 118-134. Disponível em: https://www.rets.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/arquivos/biblioteca/ebook_-trabalho-docente-sob-fogo-cruzado-2-final.pdf.

nós, professores e professoras, com uma série de “deficiências” intelectuais, com atrasos substanciais no aprendizado, expondo a veia que apontamos durante todo o tempo de pandemia: de que não houve educação neste período, apenas um atendimento e apoio àqueles e àquelas que conseguiam ter um mínimo de acesso à internet, o que foi muito pouco. Eu mesmo não tive contato nem com 5% do meu alunado durante todo o período de ensino remoto emergencial.



Relato de uma estudante do primeiro ano do ensino médio acerca de sua vida durante a pandemia. Datada de 06/08/2021, representa um dos muitos relatos dos/as discentes que tenho comigo e que serão utilizados nesta pesquisa. Fonte: acervo pessoal.



Exemplo de prova diagnóstica aplicada no município do Rio em março de 2022 em uma turma de sexto ano. Note a escrita do estudante. A tarefa, considerada simples, exigia apenas o copiar e colar da resposta que se encontrava no texto de apoio. Infelizmente esta é uma das turmas que chegaram até nós com alunos/as quase que totalmente analfabetos/as e onde estamos adaptando nossas aulas à realidade dos/as discentes. Fonte: acervo pessoal.

E é aí que me encontro. Depois de tentativas frustradas de realizar um mestrado, no meio da pandemia, durante o período mais duro de isolamento social, foi onde percebi que esta temática, seus efeitos nefastos sobre a educação pública, deveriam ser estudados. Daí eu ter realizado a prova e, por bem, ter conseguido a aprovação. Será meu tema de estudo os efeitos da pandemia sobre o conhecimento histórico dos estudantes através de suas histórias de vida e de seus familiares. Sei que não apenas no mestrado este meu objetivo deve ser alcançado, mas será necessário ir além, pois vivenciamos ainda os duros resultados deste momento histórico que nos rodeia e que continuará, certamente, nos anos subsequentes.

O início: Formação

Pode parecer desorganizado, mas comecei pelo fim porque achei necessário aos leitores e leitoras entenderem antes como vim parar no Prof-História. Agora vem a parte de minha vida acadêmica, se é que tive uma, durante o período de graduação e minha introdução ao trabalho como educador nas escolas.

Filho de pai balconista de farmácia que depois se tornou trocador de ônibus, e de uma trabalhadora doméstica, que depois se tornou merendeira de escola municipal, desde muito cedo tive que trabalhar para ajudar em casa ou para ter acesso ao mínimo, como poder sair com os amigos, ou comprar gibis, vinis, CDs, fitas demo de bandas de Heavy Metal e ir ao cinema, sendo paixões que me acompanham até os dias de hoje.

Lembrando que não há nenhum orgulho em se iniciar no trabalho desde cedo, como querem fazer transparecer as ideologias capitalistas, pois um jovem de 13/14 anos de idade, num mundo ideal, sem desigualdades, deveria ter sua vida livre do trabalho e dedicada apenas aos estudos, às brincadeiras e na busca por um auto-conhecimento livre das amarras de um mundo do trabalho. Mas este não foi meu caso.

Durante meu ensino médio, que optei por estudar Técnico em Edificações, foi quando descobri que aquela não era a minha “praia”. Era aluno de uma escola técnica em Nova Iguaçu (na época chamada Escola Técnica João Luiz do Nascimento, hoje sendo uma FAETEC com o mesmo nome), que, até meados dos anos 90 do século XX, não tinha quase nenhum professor das áreas mais importantes para a nossa formação. Não tínhamos aulas de Física, muito menos de Química, Matemática ou Desenho Geométrico. Como eu poderia me tornar um Técnico em Edificações dessa forma, com tantas ausências?

Por sorte tive um grande professor de História nos três anos do ensino médio, o que me motivou a optar por este curso. Suas aulas, dinâmicas e que iam contra todo o conteúdo programático dos livros didáticos, me ajudaram a abrir a mente de uma forma

crítica quanto ao mundo em que vivíamos na época, que estava numa transição entre o governo Collor e Itamar Franco. Pois é, eu participei dos atos dos caras pintadas naqueles idos anos de 1992, muito motivado por este professor e também por colegas de escola que participavam já naquela época de movimentos estudantis.

Mesmo inexperiente politicamente, ainda buscando entender o mundo, ao terminar o ensino médio coloquei em minha cabeça que precisava fazer um curso superior. Sempre gostei muito de escrever e, inicialmente, pensei em cursar jornalismo. Mas era frustrante para um estudante oriundo da escola pública fazer os vestibulares (na época ainda não tínhamos o ENEM) para a UFRJ, UERJ e UFF e não conseguir passar por falta de preparo. Eu, que estagiei nos três anos de ensino médio em uma empresa de engenharia (onde não exercia completamente este trabalho, dada minha falta de preparo e experiência, sendo alocado para fazer entregas de orçamentos e pagamentos)⁵, ao terminá-lo trabalhei em vários empregos, desde *office boy* até caseiro de uma pousada em Búzios. O tempo que me sobrava para estudar e me preparar para o vestibular era quase nenhum até que, em 1997, retornei para o Rio na metade do ano (após a pousada em que eu trabalhava ter sido arrendada para argentinos). Novamente desempregado, consigo uma vaga para trabalhar no Bob's e na mesma rua desta lanchonete, no Méier, fiz durante a noite o MV-1 de forma intensiva (na época eu desconhecia a existência de Pré-Vestibulares Populares ou Comunitários). Trabalhava o dia todo e lá chegava eu, à noite, exausto, para estudar e no fim de tudo fazer mais uma vez o vestibular (seria meu terceiro ano seguido tentando).

No final de 1997 eis que sou aprovado na UFRJ, para o curso de História (bacharelado e licenciatura). Fui o primeiro da minha família a conseguir tal intento, já que meus pais estudaram até a

⁵ Nestas idas para o centro do Rio (a empresa se localizava no bairro de Inhaúma, subúrbio do Rio de Janeiro), eu aproveitava o tempo livre entre uma fila e outra de banco para conhecer a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, onde também minha paixão pela História foi tomando feições cada vez mais evidentes para mim.

quarta série do antigo primário e nunca tinham encontrado tempo ou oportunidade de continuar seus estudos. O curso de História fiz em sua maior parte à noite, pois continuava necessitando trabalhar. Pouco tempo tive para buscar estágios, iniciações científicas ou realizar pesquisas no campo acadêmico. Eram poucas as vagas que surgiam naquela época, sob o governo de Fernando Henrique Cardoso e sob a tutela de Paulo Renato no Ministério da Educação. Durante esta graduação eu larguei o trabalho formal de vez e, por volta de 2000/2001, comecei a fazer livretos de poesia e a vendê-los nas ruas e universidades para conseguir me manter estudando na graduação. Me inspirei, neste momento, em companheiros que haviam adotado essa mesma tática para fugir de uma vida enfadonha sendo explorados numa empresa ou escritório, num emprego formal, e para conseguir se manter estudando, minimamente. Foi o que me libertou, definitivamente, embora eu tenha perdido todo este material em um acidente na minha casa em Itaipu, que no ano de 2019 (fevereiro) foi destruída por um ciclone que circulou pela região, destelhando toda ela e me fazendo perder todos os bens materiais que eu possuía, além de quase me levar a óbito.

Mas, voltando ao tema de minha vida acadêmica, após o bacharelado fiz licenciatura na Praia Vermelha (UFRJ), conhecendo um novo mundo e compreendendo, ali, o quanto era importante a educação para a libertação da classe trabalhadora. Fiz meu estágio no CAP/UFRJ, sob orientação de Ana Maria Monteiro naquele espaço, pessoa com a qual me encontrei cerca de dez anos depois no CESPEB, realizado na Faculdade de Educação da UFRJ, onde tive orientação da professora Alessandra Nicodemos e pesquisei, sob sua orientação, o projeto de Aceleração de Ensino na rede municipal do Rio de Janeiro no que diz respeito aos seus efeitos nocivos sobre a educação pública.

Terminada minha licenciatura, fiz concursos públicos para o estado e município do Rio de Janeiro, sem deixar de divulgar meus livretos de poesia. Inicialmente trabalhei na rede privada, numa pequena escola de bairro em Inhaúma, subúrbio do Rio, bem

próximo da minha casa na época. Em 2008 fui convocado pelo estado para lecionar em uma escola da Baixada Fluminense, onde certamente começou minha paixão pela educação.

A escola, pequena e localizada num bairro extremamente precário de Nova Iguaçu, Austin, me fez identificar ali a importância do meu trabalho no magistério. Eu sempre tive uma infância e uma juventude pobres, mas sem a ausência dos meus pais (o que significou muito para minha vida). Naquela escola eu encontrava alunos/as negros/as, pobres, cujas mães trabalhavam em casas de família (assim como minha mãe trabalhou durante muitos anos), muitos/as sem a presença paterna, na maior parte das vezes criados/as pelas avós e que viam na escola um fio de esperança para conquistarem o mínimo em suas vidas.

Na época eu morava com meus pais em Inhaúma, acordava cedo toda segunda e terça, ia para Madureira, pegava o trem e me deslocava para esta escola na Baixada. Eu não faltava, embora tenha feito paralisações e a greve de 2011 na rede estadual e as de 2013/2014, muito significativas em minha vida. Era um compromisso que eu tinha com aquelas crianças e jovens. Me dedicava ao máximo e queria estar ali sempre presente com eles/as, não apenas como um professor, mas como um amigo e companheiro. Alguns/mas destes/as alunos/as eu eu tenho até hoje como amigos/as, sendo que alguns/mas deles/as hoje fazem ensino superior em universidades públicas. Não leciono mais na mesma, tendo me transferido em 2014 para uma escola estadual de Niterói por ter me juntado com minha antiga companheira e me mudado para esta região. Mas as marcas daquela escola na minha formação e as minhas nela ficaram e levarei comigo por toda a vida.

Em 2011, neste ínterim, fui convocado pela prefeitura do Rio. Tendo que abrir mão da rede privada, para onde não retornei mais depois disso. Comecei a lecionar na Escola Municipal onde trabalho até os dias de hoje, localizada no Complexo do Alemão. Esta mesma escola que desejo usar como instrumento de pesquisa para minha dissertação no Mestrado, tem um grande carinho de minha parte, pois sou nascido e criado naquela região do subúrbio

do Rio e, embora não encontre sempre apoio na direção, é uma escola que não pretendo largar de mão. A identificação com ela está em tudo que faço, assim como minha total dedicação a um ensino público, laico e de qualidade.

Tentando conciliar as duas escolas, fui aprovado em 2012 para uma Pós Stricto Sensu em Ensino de História do CESPEB, UFRJ. Essa pós ajudou, na época, a me alinhar com o pensamento acadêmico. Foi quando reencontrei a professora Ana Maria Monteiro e quando, nas aulas de Amílcar Pereira e de Alessandra Nicodemos, eu tive um *insight* quanto ao meu papel naquele espaço.

Sempre com uma visão crítica quanto ao gerencialismo da educação, decidi pesquisar na época o projeto de aceleração de ensino da prefeitura do Rio de Janeiro, que utilizava materiais fornecidos pela Fundação Roberto Marinho e com professores/as e alunos/as avaliados/as pela mesma. Uma pesquisa que, sob orientação da Professora Alessandra Nicodemos, creio ter ficado incompleta, faltando algo.

Em razão disso nos anos subsequentes tentei fazer Mestrado Lato Sensu, mas sempre batendo na porta. De 2013 até 2018, foram algumas tentativas infrutíferas. Mesmo mudando a temática, tentando adaptá-la ao campo de pesquisa do suposto orientador ou orientadora, nada consegui. Até que eu desisti. Achava que a academia não era lugar para mim, alguém que trabalhava e tentava conciliar a vida acadêmica. Aliás, esta frustração não é apenas minha. Encontro a mesma entre diversos companheiros e companheiras de trabalho e de militância.

Interlúdio: Militância Política

Quanto à militância na educação, fiz parte das diversas greves que tivemos no decorrer dos anos 2011 até 2021. Em 2011 foi minha primeira greve. Sob o governo de Sérgio Cabral, com a ocupação da Rua da Ajuda por parte dos/as militantes do SEPE, onde se localizava a Secretaria de Educação na época, conquistamos a incorporação do Nova Escola aos nossos salários e ali percebi que

a luta por uma educação pública e de qualidade fazia parte de minha formação como educador.

Em 2013, mais uma greve. Em anos a rede municipal não fazia a sua e eu, que me encontrava em estágio probatório na SME, resolvi aderir. Neste momento, em que também fazia a pós em Ensino de História do CESPEB, percebi o quanto era necessária aquela mobilização, na luta pelo direito básico a um plano de carreira e por uma educação pública e de qualidade. Foi um ano difícil, tivemos cortes salariais, sofremos assédios morais nas escolas e a unificação com a Rede Estadual foi fundamental para conseguirmos uma grande mobilização por quase todo o ano, tendo continuidade em 2014 (época de Copa do Mundo).

As pautas em 2013/2014 não eram apenas voltadas para as lutas classistas, mas também contra as remoções decorrentes das obras para os megaeventos (Copa do Mundo e Olimpíadas), contra a gentrificação de bairros periféricos do Rio de Janeiro, pela permanência da Aldeia Maracanã (ocupada desde 2006), contra a elitização do futebol (sim, também faço parte de um movimento de Torcida Antifascista). Em 2014 tivemos duros golpes contra nós, com mais cortes salariais nas redes municipal e estadual em decorrência da greve unificada e a prisão de 23 companheiros e companheiras na véspera da final da Copa do Mundo de 2014, sob a arquitetada acusação dos governos de que essas pessoas planejavam realizar um atentado no Maracanã durante a finalíssima entre Argentina e Alemanha. Como se não bastasse o 7 a 1, que eu intimamente vibrei por não considerar a seleção brasileira ou a CBF representantes de nosso futebol, tivemos que suportar a derrota desta greve, tendo por consequência perseguições de cunho político contra militantes políticos e novos descontos nas escolas. Foi um balde de água fria mas esta greve, junto com a de 2013, contribuiu mais ainda para a minha formação política, quando eu começo a me identificar com movimentos autonomistas e na busca por um modelo de educação cada vez mais libertário.

Em 2016 tivemos mais uma greve, desta vez na Rede Estadual. Sob inspiração dos/as estudantes de São Paulo, que ocuparam as escolas em 2015 (e que, por sua vez, haviam se inspirado nos/as estudantes chilenos), no Rio de Janeiro cerca de 80 escolas estaduais foram ocupadas e a participação dos alunos e alunas nelas foi preponderante para nossa luta neste ano. Numa greve longa, com duração de cerca de 5 meses, arrancamos algumas vitórias fundamentais, como a possibilidade de eleição para diretores/as de escolas (algo que não acontecia há anos e que a SEEDUC-RJ insiste em chamar de consulta, erroneamente, pelo cargo diretivo ser considerado de confiança do governo) e o fim do SAERJ, prova bimestral de avaliação do IDEB aplicada pela Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro. O alunado deu uma lição inesquecível para nós, educadores/as, demonstrando que as escolas poderiam ter um viés mais libertário, autonomista, que buscasse seus interesses e uma formação menos aleijada, forjada por interesses estatais burgueses, do mercado e do grande capital.

Em 2017, mesmo sem uma greve, conseguimos realizar uma dura e efusiva luta de rua contra a Reforma da Previdência no Estado do Rio de Janeiro. Amargamos uma derrota terrível, com a aprovação de aumento de 11 para 14% de nossa contribuição previdenciária, taxando inclusive aposentados/as. Neste momento, um ano após o *impeachment*, começou a cair para mim a ficha e percebi que viveríamos momentos muito mais nebulosos a partir daí.

Veio o ano de 2018, com este ano a eleição do profascista, miliciano das rachadinhas e das *fake news* (me recuso a citar seu nome), mais derrotas. A aprovação da Reforma Trabalhista sob o governo golpista de Temer e, posteriormente, sob o governo do inominável, a Reforma da Previdência, tornou nossa vida e militância cada vez mais difícil, não tendo mais uma perspectiva de futuro, com nosso presente em frangalhos. Aliado a isso vemos o enfraquecimento das lutas sindicais, que reféns da contribuição dos filiados e filiadas, viram esta diminuir gradualmente a partir de 2017.

E aí tivemos o fatídico ano de 2020, com o início da pandemia. Partimos para o final deste texto, que iniciei lá na primeira página. Com uma vida turbulenta, sem abandonar a militância que realizo em diversos grupos autonomistas, ocupações e com atuação sindical ativa no SEPE-RJ, sem contar meu trabalho como educador popular em um Pré-Universitário Comunitário na Biblioteca do Engenho do Mato (Biblioteca esta ocupada em março de 2013 pela comunidade local e que até hoje realiza uma série de atividades como aulas de capoeira, de kung fu, de percussão, de solidariedade de classe, além do Pré-Comunitário)⁶ e junto ao Fórum de Pré-Vestibulares Populares do Rio de Janeiro,⁷ sigo na luta e nos estudos, numa tentativa de levar para academia nossas angústias como profissionais de educação da rede pública e, em contrapartida, levar para as escolas possíveis experimentos para que consigamos realizar uma verdadeira educação libertadora, ombro a ombro com estudantes, responsáveis e toda comunidade escolar. Mesmo tendo sofrido um corte salarial vultoso em 2021 em razão da “Greve pela Vida” do SEPE-RJ, onde continuei trabalhando remotamente com meus poucos discentes com acesso enquanto não trabalhava presencialmente na Prefeitura do Rio, não esmoreci e continuo na luta, exigindo a devolução deste corte

⁶ Para maiores detalhes acerca da BEM, ver: <https://pt-br.facebook.com/bembibliotecacomunitaria> e <https://www.instagram.com/bembiblioteca/> . Consultados em 31 de Julho de 2022. Neste vídeo temos um pouco do histórico de como se deu a ocupação da Biblioteca, que fica ao lado da escola em que trabalho no bairro do Engenho do Mato: <https://www.youtube.com/watch?v=fx9epEQ0G7s>. Para saber como andam nossas ações nos dias de hoje, recomendo: <https://www.youtube.com/watch?v=svE8pMPVX3U> e <https://www.youtube.com/watch?v=XKiVmS6qJII> .

⁷ Para maiores detalhes acerca do FPVP-RJ: <https://www.facebook.com/forumdeprevestibularespopularesrj/> e <https://www.instagram.com/fpvprj/> . Durante a pandemia realizamos uma série de seminários, reuniões, aulões e que muito nos ajudaram a manter a saúde mental em dia, além do apoio mútuo em torno de campanhas de solidariedade classista e ações contra a aplicação do ENEM em tempos de pandemia.

salarial por parte de Eduardo Paes e contra a Reforma do Ensino. Sigamos na luta!

BEM Biblioteca Engenho do Mato

ATIVIDADES MAIO 2019

SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO
18:30h - 21:30h Pré-Universitário BEM! (Anexo BEM)	17h - 21:30h Pré-Universitário BEM! (Anexo BEM)	8h - 11h GT Meio Ambiente	19h - 21h Kung Fu Prof. Ivan e Estela	10h - 13h GT Biblioteca	15h - 17h Aula de percussão Viva Batuque
19h - 21h Kung Fu Prof. Ivan e Estela	18h - 20h Oficina de Percussão do Quilombo do Grotão Prof. Lucas Ratto	9h - 11h Advocacia popular (agend. pelo WhatsApp (21) 9-9789-9355) Cláudia	18:30h - 21:30h Pré-Universitário BEM! (Anexo BEM)	19h - 21h Capoeira Inst. Saci	
		17:30h - 22h Pré-Universitário BEM! (Anexo BEM)	17h - 18:30h Oficina de "Vivência do feminio no Teatro"		
		19h - 21h Capoeira Inst. Saci			

Visite a Biblioteca em nossas atividades!

Quer conhecer mais? Quer ser voluntário? Quer colaborar?

www.fb.com/bembibliotecacomunitaria
www.instagram.com/bembiblioteca
projotobem@outlook.com

Quadro de atividades da Biblioteca Engenho do Mato em 2019, antes da pandemia.

Fonte: <https://www.facebook.com/bembibliotecacomunitaria/posts>

E essa é minha história de vida até aqui. A continuidade da mesma está se desenrolando, eu tendo participado recentemente do XVIº Encontro de História Oral realizado no IFCS/UFRJ e FGV e encontrado ali com pesquisadores/as de todo o Brasil (inclusive tendo realizado conversa com minha provável orientadora, Marieta de Moraes), tive mais estímulo ainda para dar continuidade à minha pesquisa e espero em breve estar com a mesma em mãos, objetivando a compreensão dos efeitos da pandemia sobre a educação através das histórias de vida dos/as meus/minhas alunos/as e seus/suas familiares. Sigamos!

Histórias e trajetórias de uma professora

Silvia Oliveira Cardoso

Ser professora da educação básica tem impregnado minha vida de sentido. As trocas de ideias, de afetos, de aprendizagens nas salas de aula, com minhas turmas, são dos momentos que mais alegram minha vida.

Muitas pessoas, entre professoras e professores, alunos e alunas, colegas de trabalho, amigos e amigas e, claro, minha família, me tornaram a pessoa e a professora que sou hoje. E muitos espaços educacionais, formais e informais, me formaram até chegar aqui.

Começo minhas histórias falando de onde eu vim, e depois como minha vida foi se encaminhando até chegar aos dias de hoje. O texto tem uma certa sequência cronológica, com algumas descontinuidades.

Origens, infância, adolescência e vida escolar como aluna

*Eu apenas queria que você soubesse
Que aquela alegria ainda está comigo
E que a minha ternura não ficou na estrada
Não ficou no tempo, presa na poeira¹*

Nasci e morei até os 18 anos no interior do estado do Rio de Janeiro. Em Cantagalo, um município com cerca de 20 mil habitantes. Minha família e eu morávamos no centro da cidade, perto da praça, numa rua com muitas crianças da minha idade.

¹ Trecho da letra da canção “Eu apenas queria que você soubesse” (1981), de Gonzaguinha. Se eu fosse escolher uma música para ajudar a narrar minhas histórias, certamente esta canção do Gonzaguinha seria uma das primeiras na lista de escolha. Então, que ela embale esta minha narrativa autobiográfica, escrita ao longo do primeiro semestre de 2022.

Tive uma infância muito divertida, com muitas brincadeiras na rua de casa. Cresci mais próxima da família materna, que é bem grande e adora estar junto, falar todo mundo ao mesmo tempo e festejar. Diferente do meu pai e da família dele, que, de uma maneira mais geral, sempre foram mais reclusos e fechados em uma rígida moralidade católica. Quando criança, era muito extrovertida, amava dançar e participar de todos os eventos da escola: gincanas, apresentações de dança, peça de teatro, desfiles de 7 de setembro, excursões etc. Lembro de uma olimpíada estudantil que teve na minha cidade e eu me inscrevi em quase todas as modalidades. Quando cheguei em casa com os papéis das inscrições minha mãe levou um susto, porque não costumava me ver praticando muitas daquelas modalidades esportivas. Mas eu, de certo, não estava preocupada com as competições, e sim em inventar coisas para fazer, encontrar pessoas e ir a lugares.

Embora seja filha de uma professora da educação pública, sempre estudei em escola particular, assim como meu irmão, dois anos mais velho que eu. Minha mãe cursou o normal e deu aula de quase tudo. Um pouco mais tarde, ela fez licenciatura em História na Faculdade Santa Dorotéia (em Nova Friburgo), superando as dificuldades para conciliar trabalho em escolas distantes e estudo em outro município – num tempo em que transporte público era escasso no interior. Para ir trabalhar em outro distrito de Cantagalo, ela ia de carona no caminhão de leite, porque não havia ônibus. E muitas vezes ia para a beira da estrada para aguardar uma carona de volta. Os relatos de precariedade e perrengue da trajetória docente da minha mãe sempre me deram a noção de quantos privilégios eu tive e tenho. Minha mãe lecionou em muitas escolas. Depois, fez um curso de secretariado escolar, e trabalhou muitos anos na secretaria de uma escola estadual grande e bonita de Cantagalo, a E. E. Lameira de Andrade. Durante um tempo da minha infância, ia para o Lameira fazer companhia a minha mãe. Sempre fomos muito ligadas, e ela gostava quando eu ia para lá depois da escola. As colegas de trabalho dela também. E eu mais ainda, porque era sempre uma diversão. O Lameira era totalmente diferente da escola

onde eu estudava; era enorme, com muitas salas, corredores e escadas; um jardim lindo e muito bem cuidado; um cheiro e uma arquitetura de escola antiga; uma vista panorâmica do vale onde fica localizado o centro do município; além do movimento de uma infinidade de professoras(es) diferentes e de alunos(as) mais velhos(as) do que havia na minha escola.

Cursei o ensino infantil e o ensino fundamental 1 no *Céu Aberto*, e o ensino fundamental 2 e o Ensino Médio no *Colégio Euclides da Cunha*. As duas escolas pertenciam a um casal de professores e ficavam próximas uma da outra. Minha mãe conta que meu irmão, quando novo, teve dificuldade de se acostumar a ficar na escola, e que ela acabou decidindo deixar ele mais um ano em casa. Quando chegou a idade de me matricular, ela o matriculou novamente. Ela sempre conta que eu me adaptei com facilidade à escola, e que me ver animada com isso acabou estimulando meu irmão.

Mais tarde um pouco, a trajetória de boas notas e bom comportamento do meu irmão na escola gerava uma certa expectativa (na escola, na minha mãe e em mim mesma) sobre meu desempenho. Sempre que conhecia uma professora que já tinha dado aula pro meu irmão, ouvia: “Seu irmão é bom aluno, aposto que você também deve ser”. Mas não segui muito bem a cartilha esperada. Tinha dificuldade na escola, era rebelde para fazer os exercícios de casa (que me roubavam tempo de brincar), minhas notas não eram tão boas e fiquei algumas vezes de recuperação. Não era tímida como ele, gostava de falar, interagir e, às vezes, de participar de alguma bagunça. Com a adolescência, meu comportamento mudou muito, e tornei-me introspectiva. Principalmente, depois que usei por 3 anos um aparelho de correção de coluna. Era quase uma armadura de aço que ia da coluna cervical até a lombar. Aquilo me enrijeceu. Não dançava mais, não queria ver meu corpo no espelho. Não sofri nenhum tipo de bullying na escola, mas me fechei. E foi nessa época que me abri ainda mais para a leitura. Lia sem parar. Pegava livros emprestados nas bibliotecas do município e da escola. Li todos os livros do

Sidney Sheldon e vários outros títulos. Mas o que mais me encantou e que mexeu profundamente comigo foi “O mundo de Sofia” (do Jostein Gaarder). Isso já era no Ensino Médio, e nunca tinha lido nada sobre filosofia até ali. Eu me encontrei.

Durante a infância pensava em ser professora, mas também pensei em ser bailarina, química e algumas outras coisas. Amava a escola e, depois que aprendi a ler e a escrever, tentava “dar aula” para minha avó materna, que era analfabeta. Minha avó Zenair não teve muitas oportunidades para estudar. Ela cresceu na zona rural, era filha de colonos de uma grande fazenda de Cantagalo, e durante a infância trabalhava na casa da família proprietária da fazenda. Não tinha muito tempo para brincar, sua infância foi de trabalho e humilhação na casa da família rica que dava trabalho e terra para a família da minha avó morar e plantar. Apesar da distância dos bancos escolares, minha avó tornou-se uma mulher muito sábia, escrevia e lia pouco, mas fazia conta com facilidade. Ela e meu avô tiveram 7 filhos e passaram por muitas dificuldades financeiras, até a fase em que os filhos e filhas começaram a trabalhar. A necessidade de aprender a contar possivelmente veio daí, da realidade de pouca comida e muitas bocas para alimentar. Lembro-me que, desde que eu era pequena, era ela quem administrava a aposentadoria do meu avô. Minha avó era filha de parteira, e queria ter seguido a trajetória da minha bisavó, mas meu avô não foi muito favorável. Além de dona de casa, ela costurava para fora e, também, tornou-se rezadeira. Conhecia muitas simpatias para problemas do corpo e da alma, tinha uma vasta sabedoria sobre ervas medicinais, e cuidava das pessoas. Minha avó e toda família dela era católica, mas tinham uma crença popular muito ligada à natureza. O pai da minha avó, meu bisavô João (que não cheguei a conhecer) rezava temporal, para que ele chegasse mais brando e não provocasse destruição. Eu cresci fascinada por todas as histórias de magia e fé da minha avó.

E também pelas histórias de guerra narradas pelo meu avô materno, Alcides. Meu avô foi soldado da FEB na 2ª guerra mundial e sempre contava, a quem estivesse interessado em ouvir,

os momentos terríveis que passou na Itália, as memórias do medo, da explosão de bombas, da destruição de casas de italianos que acolhiam os soldados, do frio, das dores, das mortes de conhecidos e da tomada de Monte Castelo. Muitas pessoas da minha cidade achavam que meu avô era maluco, que a tal guerra nunca tinha existido e que as histórias dele eram fruto de alucinações. Mas eu desde pequena gostava de ouvir, era tudo muito violento e diferente de tudo que eu conhecia. Muitas histórias me assombravam, principalmente quando via vovô acordando de pesadelos durante o sono da tarde ou da noite. Somente depois de começar a estudar História na escola que comecei a compreender de onde vinham aquelas histórias que faziam parte do meu cotidiano desde muito nova. O dia em que meu avô foi convidado pela minha professora de História do Ensino Médio, Ana Shirley, para falar sobre as experiências dele como soldado na guerra para minha turma foi emocionante. Sentia orgulho dele, por ter sobrevivido a tantas batalhas e histórias terríveis, mas também sentia um desconforto, que só fui entender já na faculdade, quando comecei a ler Walter Benjamin.

Cresci rodeada por mulheres muito fortes e inspiradoras: minha avó, minha mãe e minhas três tias – duas delas tornaram-se professoras. Tia Luiza formou-se em Ciências Sociais na mesma faculdade que minha mãe, e durante minha adolescência gostava muito de conversar com ela, sobre política, história, literatura e educação. Ela tornou-se uma das primeiras professoras que me inspiraram. Foi a primeira pessoa a me falar de Paulo Freire. Lembro de um dia em que saí da casa dela com o livro “Brasil nunca mais” e um livro de poemas do Thiago de Mello (recomendado por ela para atenuar a leitura difícil do outro livro). Nunca assisti nenhuma aula dela, mas adorava ouvi-la contando sobre as atividades que desenvolvia com suas turmas, instigando a reflexão e o questionamento. Sempre animada, ela despertava minha curiosidade e minha vontade de conhecer vários assuntos. Eu, que já gostava de ler, passei a me interessar mais por assuntos relacionados à política. Principalmente, depois de ter uma aula

num final de semana com um professor de Nova Friburgo sobre “Atualidades”, no final do Ensino Médio. Ele tinha uma abordagem bastante crítica, e usava muitos trechos de noticiários da TV, mapas e recortes de jornal, coisas que não eram comuns nas aulas de História e Geografia da minha escola. E aquelas aulas mudaram minha vida para sempre. Passei a gostar ainda mais de estudar Geografia e História.

Durante a escola, nunca fui boa aluna de História. De Geografia até era. Mas História era complicado, porque nunca conseguia lembrar das datas e de tantas informações expostas nas aulas. Lembro da dificuldade enorme que tive na 5ª série (atual 6º ano), quando uma professora de História tentava explicar alguns conceitos como “modos de produção” e “força de trabalho”. Aquilo não entrava na minha cabeça de jeito nenhum. E para piorar, ela tentava imitar os hominídeos da História Primitiva de um jeito que só dava vontade de rir. Então, acabei sempre me identificando mais com Geografia.

Marise é a minha outra tia, que se formou como professora de Educação Física, pela UFRJ. Ela também influenciou em minha formação. Primeiro, porque sempre que encontrávamos com alunos(as) e ex-alunos(as) dela na rua, eu percebia o afeto e respeito que existia entre ela e eles. Além disso, ela sempre foi o meu exemplo mais próximo de mulher desconstruída, dirigia carro e moto, fazia churrasco e muitas outras coisas que eram mais comuns ver homens fazendo.

Saí de Cantagalo com o sonho de me formar em Jornalismo. Gostava muito de ler notícias no jornal e tinha muito interesse por política, artes e música. Meu gosto por ouvir música, principalmente a brasileira, foi algo aprendido com meu tio José Mario, que morava na casa do meu avô e da minha avó, no sobrado em cima da casa em que morava com minha família. Meu tio Zé sempre ouviu um pouco de tudo, mas sempre foi apaixonado por Caetano Veloso e Maria Bethânia. E eu aprendi a ser também, ouvindo-os quase todos os dias.

Fui morar em Niterói, com meu irmão, e estudar em um curso preparatório para vestibular. As aulas de História do curso eram tão maravilhosas que me despertaram a vontade de cursar História. Foi naquela época que comecei a pensar pelas primeiras vezes em ser professora de História e dar aulas interessantes e repletas de reflexões como a dos professores Conceição e Nilo, do curso Projeção. As aulas deles me despertavam paixão, curiosidade, vontade de estudar, conhecer mais. Nas provas de vestibular de 2003, consegui minha vaga na universidade pública. E, melhor, em Niterói, na UFF.

A graduação em História, o Teatro de Grupo e o início das pesquisas sobre música

*Eu apenas queria que você soubesse
Que esta menina hoje é uma mulher
E que esta mulher é uma menina
Que colheu seu fruto, flor do seu carinho.*

Comecei a graduação em História na UFF no primeiro semestre de 2004. E minha vida nunca mais foi a mesma. Na UFF, vivenciei experiências riquíssimas, que tornaram o ICHF minha segunda casa e me transformaram como pessoa. No início, tudo era muito novo e sofria com os textos longos e densos. Matriculada em 5 disciplinas, achei que não fosse dar conta. Tive experiências chatas com professoras e professores muito rigorosos. Eu, que já era tímida, passei a não perguntar mais nada depois que falei errado “pebleu” e não “plebeu” na aula de História Medieval, e recebi o olhar de desdém da professora. No segundo semestre, em História Moderna, me tornei uma das últimas da lista da chamada, não porque esta fosse feita por ordem alfabética, mas porque a listagem do professor era por ordem de CR. Isso despertou algo negativo na autoestima da minha turma, envaidecendo muitos colegas e desanimando outros, que se sentiram inferiorizados.

Mas também tive professoras que trouxeram muitas aberturas para facilitar minha adaptação. A professora Soninha Rebel, de História Antiga, que nos ensinou pacientemente como organizar um fichamento, que nos conscientizou sobre a importância do movimento estudantil, e que estimulava o prazer pela literatura. Lembro de uma aula em que ela falou que, em muitos casos, a literatura poderia ser mais importante para nossa formação do que alguns textos indicados pelos professores. Nunca mais esqueci disso, porque até ali pensava que teria que dar conta de todos os textos, e deixar tudo que não fosse relativo à faculdade para depois. Teve uma outra alegria em conhecer a professora Soninha, ao descobrir que ela tinha sido professora da minha mãe na Faculdade Santa Dorotéia, e que meu nome tinha sido escolhido muito por conta do nome da filha dela com outro professor de História que marcou a trajetória da minha mãe na faculdade, o professor João Raimundo.

Na Faculdade de História da UFF, tive aulas encantadoras com Marcos Alvito, Magali Engel, Adriana Facina, Ciro Flamarion, Marcos Barreto, Maria Lúcia Oliveira, Ivaldo Lima (de Geohistória), Maurício Vieira (de Sociologia), Martha D'Ângelo (de Filosofia da Educação) entre tantos e tantas mestres que me formaram, com o conteúdo que abordavam e suas práticas singulares, criativas e envolventes.

Também fiz muitas amizades. Vanessa Matheus, Priscilla Chaves, Raquel Sant'Ana, Drika (Adriana Oliveira), Leandro Silveira, Carolina Camargo, Silvia Cáceres, Antônio Terra, Pâmela Peregrino, Miriane Peregrino, entre tantas outras pessoas queridas. Muita gente que me formou, com suas vivências e perspectivas diferentes sobre a história e a vida.

Foi na época da graduação também que conheci meu companheiro e parceiro de vida, Vitor, que na época fazia mestrado em Comunicação. Ele se tornou a partir de então um dos meus principais interlocutores e motivadores para pesquisar.

Particpei do movimento estudantil, fiz parte do Centro Acadêmico, comecei a militar em uma organização política (*Liberdade Vermelha*), que pouco tempo depois ajudou a construir o

PSOL. Entre as experiências que mais gosto de recordar dos tempos da UFF está a participação em um grupo de teatro criado por estudantes de História da universidade, o *Teatro de Grupo*. Reuníamos-nos para discutir textos sobre arte e cultura. Tornamo-nos fãs das obras de Augusto Boal. Montamos várias esquetes e peças, e fazíamos intervenções artísticas na universidade, em atos públicos e em eventos. Chegamos a coordenar uma oficina no Fórum Social Mundial de 2005, e fazer parte de um projeto de extensão da UFF no bairro do Caju, no Rio de Janeiro. Nessa época, andávamos em bando, frequentávamos teatros e acompanhávamos de perto a programação do Centro do Teatro do Oprimido (CTO). Fizemos juntos um curso com o grupo de teatro de rua *Tá na Rua* e participamos da Mostra de Teatro de Rua de Paraty junto com o grupo e seu criador, Amir Haddad. Uma experiência encantadora e inesquecível.

Entre 2005 e 2006, uma das amigas da faculdade, Priscilla Chaves, me indicou para um estágio no CHDD (Centro de História e Documentação Diplomática) do Ministério das Relações Exteriores. Lá trabalhei com transcrições de manuscritos do século XIX. Foi um período de muitos aprendizados sobre acervo e relações internacionais, mas principalmente de encontros com pessoas com quem aprendi muito e construí relações de respeito, afeto e amizade. Além de me aproximar ainda mais da Priscilla, que até hoje é uma grande amiga, ganhei outras duas grandes amigas para a vida: Viviane Alcântara e Graciella Fabrício.

Saí do estágio no CHDD quando fui selecionada para ser bolsista Faperj no projeto de iniciação científica da professora Adriana Facina, intitulado “Mundo brega: relações entre indústria cultural e ‘gosto popular’ na sociedade brasileira contemporânea”. Foi uma alegria enorme conseguir essa bolsa, porque já me interessava pelas pesquisas da Adriana e tinha muita vontade de participar do grupo de estudos coordenado por ela. Para a pesquisa do “brega”, Adriana montou um grupo que teve um entrosamento maravilhoso: Adriana Oliveira (Drika), Raquel Sant’Ana, Pedro Henrique Nunes e eu. Foram inúmeras parcerias, conversas, textos

debatidos, descobertas, visitas de campo na Feira de São Cristóvão. As visitas de campo eram sempre a melhor parte e desenvolveram em mim uma percepção antropológica. Foi esta pesquisa que me levou ao mestrado e depois ao doutorado (não concluído), ambos em Comunicação.

O mestrado em Comunicação e a passagem pelo doutorado

*Eu apenas queria dizer a todo mundo que me gosta
Que hoje eu me gosto muito mais
Porque me entendo muito mais também*

Se na História não achei muita abertura para continuar pesquisando música, na Comunicação eu me encontrei. Aprofundei as leituras sobre estudos culturais, que me fizeram refletir muito sobre alteridade e identidade, entre tantas outras questões que na formação muito marxista da graduação eu não tinha tido muito contato. Com a orientação do professor Marildo Nercolini e a parceria da professora Ana Lúcia Enne eu me apaixonei ainda mais pela pesquisa na área da Comunicação.

Meu encontro com Marildo no mestrado foi muito proveitoso, além das afinidades entre nós, com a pesquisa sobre música e o interesse nos estudos culturais, ele foi um grande professor, que acompanhou paciente e generosamente o desenvolvimento da minha pesquisa, e também acompanhou meu estágio docente de perto. Dei aula junto com ele na matéria “Crítica cultural” para a graduação em Estudos de Mídia, participei do planejamento das aulas do início ao final, com muita predisposição dele em não me deixar apenas como observadora. Aprendi muito.

No mestrado, estudei as abordagens da crítica especializada do *Caderno B*, do final dos anos 1960 até meados dos anos 1970, sobre a música romântica nacional. Na minha pesquisa identifiquei que as avaliações da crítica estigmatizavam o gosto “popular”, e que isto estava ligado a toda uma intolerância ao estilo de vida e às maneiras de consumir e fruir das classes populares. Aprendi

demais com essa pesquisa, e de certa forma encontrei bastante das histórias da minha família nas histórias das músicas cafonas e no seu desprezo e apagamento da história.

O período do mestrado foi um período intenso, de muito estudo, pesquisa e participação em eventos. Porém, depois da banca da defesa eu não tinha mais nenhum vínculo de trabalho, de pesquisa, de nada. Vivenciei um período de limbo, que foi muito sofrido. Tinha passado pela época de maior produção profissional da minha vida e me vi desempregada logo depois. Com o tempo foram surgindo alguns trabalhos temporários, mas foi uma fase bem difícil, não fosse o apoio do meu companheiro e da minha mãe.

Em 2012, comecei a trabalhar como tutora presencial do curso de licenciatura semipresencial em História da UniRio, no polo de Piraiá. Foi um período de aprendizados, mas de muita frustração. A começar porque preparava as aulas cheia de motivação, e quando chegava no polo tinha poucos alunos(as), muitas vezes nenhum(a). O diretor do polo me disse que eu estava enganada, e que minha função não era dar aula, apenas tirar dúvidas sobre a apostila. Enfim, custei a entender no que seria útil naquele curso. Além do mais, a remuneração era baixa. Os tutores recebiam apenas uma bolsa, num valor que no final do mês não valia muito a pena, já que tinha gastos com deslocamento e alimentação.

Fiz algumas provas de concurso desde que estava na fase final da graduação. Mas, só fui chamada pela primeira vez em 2013, para trabalhar na rede estadual no município de Angra dos Reis. Eu não assumi. Ainda sem emprego fixo, tentei o doutorado. Talvez, quem sabe, pudesse conseguir uma bolsa e tentar uma vaga para professora na universidade após a titulação. Mas não consegui concluir o doutorado. Continuava desempregada, sem bolsa, e ao mesmo tempo trabalhando muito na pesquisa, dei até aula para graduação como atividade de estágio docente. Na fase final do doutorado eu comecei a dar aula no ensino básico. E aí, o contato com os(as) alunos(as) me fez perceber uma grande distância entre o que eu estava vivenciando na universidade e a realidade que eu estava vivendo na escola. E aí, optei por ficar na escola, por dar

aula, precisava de um trabalho, e via nesse trabalho um caminho para dar sentido a tanto conhecimento acumulado ao longo de tanto tempo de estudos.

Minhas primeiras experiências como professora

*E que a atitude de recomeçar é todo dia, toda hora
É se respeitar na sua força e fé
Se olhar bem fundo até o dedão do pé*

Antes de começar minha trajetória como professora do ensino básico, tive algumas experiências de curta duração em sala de aula. Primeiro, no pré-vestibular popular *Dom Orione* (Niterói), onde dei aula para uma turma de jovens e adultos. Depois, como tutora presencial do curso de Licenciatura semipresencial em História (UniRio/Cecierj), no polo de Pirai. Tive também duas oportunidades de realizar o estágio docente, durante o mestrado e o doutorado, em turmas de graduação do curso de Estudos de Mídia, na UFF, e de Comunicação, na UFRJ, respectivamente.

Comecei a lecionar História para o ensino fundamental há aproximadamente 6 anos, em uma escola da rede municipal de Araruama, após passar em um concurso público. No dia em que me apresentei na escola, em meados do ano letivo de 2016, várias situações me causaram estranhamento. Lembro de chegar em casa e querer anotar tudo, antes que meus olhos pudessem embaçar e eu acabar naturalizando todo estranhamento que me causou na primeira ida à escola. Em primeiro lugar, a forma como a maioria das professoras referia-se aos(às) alunos(as), chamando-os de “bandidinhos” e só relatando acontecimentos ruins. Incomodou também ver a pequena sala dos professores abarrotada na hora do recreio, um local de confinamento onde só havia espaço para reclamação dos alunos(as). Do lado de fora, no pátio, outro espaço de confinamento cercado por grades, para os(as) alunos(as) ficarem nos 20 minutos de recreio.

Em uma das turmas de 9º ano que eu daria aula, assim que os(as) estudantes souberam da minha chegada na escola, e que a professora de História deles seria substituída começaram a quebrar mesas, cadeiras e ventiladores da sala de aula. Era uma escola atravessada pela violência, e logo deu polícia e uma confusão danada. Foi um começo difícil. No período em que trabalhei lá, encontrei muitos outros obstáculos, mas também conheci alunas e alunos com quem consegui construir uma relação de respeito e afeto. No segundo ano nessa escola sofri episódios de violência e constrangimento em uma turma de 6º ano. Era neófita, não sabia muito bem como lidar com as turmas naquele contexto de violência cotidiana, e não recebi qualquer apoio da direção – que era extremamente autoritária e ficava vigiando as aulas de todas as professoras e professores pelas janelas das salas, que davam para o pátio da escola.

Foi um período de frustração e sofrimento. Nessa época, morava em Niterói, e saía de casa de madrugada para chegar em Araruama às 7h. Acordar cedo e viajar para um lugar em que não me sentia acolhida me fazia ter a sensação de estar indo para uma tortura. Cheguei a duvidar de que seria capaz de dar aula, de lidar com turmas, e cheguei a pensar que faltava na minha prática dar berros e ser autoritária – como outras professoras faziam para ter “domínio de turma”. Encontrei tantos percalços e entraves que acabei adoecendo, e pensei até em desistir do magistério. No processo de saída da escola percebi como aquele espaço não era saudável, e que quase todas as professoras estavam doentes de alguma forma, e completamente desestimuladas. Contei com a ajuda dos colegas do Sepe para conseguir trocar de escola, mas foi um processo demorado, com longas esperas na secretaria de educação e muito assédio moral. Foi tudo tão desgastante que cheguei desanimada na nova escola, e acabei trabalhando pouco tempo lá. Depois de 1 ano e meio em Araruama, decidi abandonar minha matrícula para preservar minha saúde.

Antes disso, já tinha sido convocada para outro concurso, de Saquarema. E no município vizinho tive a oportunidade de

conhecer um ambiente escolar diferente, mais saudável. De muitas maneiras, as salas de aula de Saquarema me curaram e me fizeram sonhar novamente com o magistério. Comecei a dar aula em fevereiro de 2017 no Centro Municipal de Ensino Padre Manuel (CMEPAM), em caráter provisório, porque não consegui fechar meus tempos na escola onde havia sido lotada. Tinha apenas uma turma de História, e outras 7 turmas de Estudos Turísticos, matéria do currículo do município – que podia ser lecionada por docentes de História e Geografia. Com um currículo mais reduzido do que o de História e com temáticas super interessantes – meio ambiente, patrimônio etc. – aprendi a me divertir nas aulas com as crianças e adolescentes, buscando desenvolver atividades mais criativas. Às vezes tinha um aborrecimento aqui e ali, mas encontrei acolhimento e respeito no ambiente da escola, que foram fundamentais para caminhar mais confiante. Fiquei apenas um ano no CMEPAM, mas guardo recordações maravilhosas desse período. A aconchegante sala dos professores, as conversas na hora do recreio com as/os colegas ou do chopp no fim do expediente, as deliciosas merendas do dia a dia e os banquetes dos Conselhos de Classe, as aulas desafiadoras em uma porção de turminhas de 6^o ano, os lindos desenhos que ganhava e que guardo até hoje, entre tantas outras horinhas de alegria em Saquarema.

Quando finalmente me tornei professora de História

*Eu apenas queria que você soubesse
Que essa criança brinca nessa roda
E não tendo o corte das novas feridas
Pois tem a saúde que aprendeu com a vida*

Em 2018, comecei o ano letivo na escola onde trabalho até hoje, a E. M. Edilson Vignoli de Marins (Emevim). Diferente da outra, a então nova escola estava localizada na periferia de Bacaxá, no Rio da Areia – um bairro que tem se tornado “mal falado” na cidade, e que só é lembrado nos noticiários locais pelas ações policiais. Não

há relatos positivos sobre o Rio da Areia nem sobre a escola que, mesmo “esquecida” pelo poder público, tem ótimos profissionais, uma convivência saudável entre o alunado, incluindo os estudantes com deficiência (que são muitos), e relações humanas cheias de afeto, confiança e solidariedade – com todas as contradições de uma realidade social complexa.

O Edilson fica em um local com características muito específicas, porque fica na fronteira entre as áreas urbana e rural. A comunidade escolar vive em meio a paisagens, culturas e realidades muito próximas e, ao mesmo tempo, diferentes. E isso é uma potência para as aulas de história, porque a formação cultural dos(as) alunos(as) é muito diversa. Eles e elas trazem sempre contribuições de seus cotidianos muito ricas para nossos encontros.

Acho que foi no Edilson que me tornei de fato professora de História. Fui muito bem recebida pela direção, pelas professoras(es), funcionárias(os) e alunos(as) desde o início. Nas primeiras semanas de aula lá, fiquei sabendo que a escola completaria 15 anos dali a poucos dias, e tive a ideia de elaborar um vídeo sobre a história da escola. Um sonho surgiu ali: contar as histórias daquele lugar, daquela comunidade, junto com os(as) estudantes. Fiz a proposta para minhas turmas do 9º ano e para a professora de Artes, Elci. Algumas alunas e alunos ficaram animados com a ideia, e Elci também. Começamos as filmagens de forma muito amadora. Não houve tempo de planejar muita coisa, nem de preparar as/os estudantes. Tivemos algumas poucas conversas, em que Elci e eu demos algumas orientações e elaboramos algumas perguntas para as entrevistas. Logo os(as) estudantes começaram a entrevistar funcionárias, professoras, professores e estudantes da escola. Com seus celulares, os(as) estudantes tomaram as rédeas das gravações. Elci caminhou pela escola com um grupo de alunos(as), que filmaram a fachada e toda a estrutura da escola. Eu filmei o ensaio da banda da escola. E, depois, contei com a ajuda do meu companheiro para juntar todos os pedaços e editar o vídeo. Foi um período de muitos aprendizados, descobertas e encontros com as histórias da E. M.

Edilson Vignoli de Marins – das pessoas, da instituição e do local – , e também com uma forma entusiasmante de estudar história.

Conforme o tempo foi passando, fui me sentindo mais confiante para planejar aulas diferentes da aula centrada na exposição de conteúdos. Não demorei a perceber que as aulas mais expositivas não geravam engajamento e nem aprendizados nas turmas. E passei a me incomodar também com a constatação de que eu acabava estudando e explicando muito, enquanto os(as) estudantes ficavam muito ociosos(as) e passivos(as). Comecei a apostar cada vez mais na experimentação de atividades que provocassem a fala e a escrita dos(as) estudantes, e que gerassem mais participação e reflexão. Também passei a dar mais valor às atividades feitas em grupo, com um explicando o que entendeu para o outro. Não há uma fórmula que repito do mesmo jeito sempre. Mas são experimentações, sempre em busca da reflexão crítica sobre o mundo e os seres que habitaram e ainda o habitam.

Nesses 5 anos no Edilson, vivenciei algumas experiências divertidas e prazerosas com as turmas: montamos uma peça teatral sobre os deuses gregos, criamos jogos de tabuleiro inspirados nos jogos do Egito e da Mesopotâmia antiga, desenhamos, escrevemos cartas, assistimos a filmes e vídeos, entre outras oportunidades mais corriqueiras em que encontramos juntos aprendizados, reflexões e afetos. De minha parte, sempre buscando um olhar empático com os(as) estudantes, e uma atitude de abertura para ouvir e tornar a sala de aula mais horizontal e democrática.

Em 2019, a escola organizou uma Feira de Ciências que foi muito proveitosa. Aquele dia causou uma emoção muito grande em mim: ver o portão da escola aberto para a comunidade, os estudantes circulando entre as salas, no pátio, apresentando seus trabalhos com entusiasmo e orgulho para seus parentes e seus professores. São lembranças muito boas de recordar, e que me instigam a imaginar um outro tipo de escola, com participação mais entusiasmada e criativa dos(as) alunos(as), baseada sempre na colaboração e na empatia.

A chegada ao curso de mestrado do ProfHistória

*Eu apenas queria que você soubesse
Que aquela alegria ainda está comigo
E que a minha ternura não ficou na estrada
Não ficou no tempo, presa na poeira*

Em 2022, iniciei o curso de mestrado do ProfHistória. Vim parar aqui depois de ouvir tantas vezes minha amiga Viviane Alcântara, egressa do ProfHistória, elogiar o curso e me estimular a fazer. E também depois que a Prefeitura de Saquarema recusou meu diploma de mestre em Comunicação no processo de enquadramento para mudança de nível.

Desde que saí do doutorado não me imaginava voltando para a universidade. Mas a experiência que estou tendo no ProfHistória está sendo totalmente diferente das outras experiências que tive na pós-graduação. Tenho aprendido muito com as oportunidades de reflexão e troca que estou tendo. Infelizmente, na escola, nós, professoras e professores, quase não temos oportunidades para refletir sobre o ensino. Muitas decisões e projetos chegam prontos, apenas para serem cumpridos, e a burocratização da escola vai afogando nossa criatividade. O ProfHistória tem criado possibilidades para refletir sobre a minha prática pedagógica, valorizando cada vez mais a escola como um lugar estratégico na construção de uma educação transformadora.

Os encontros e as trocas com as(os) colegas de turma estão sendo muito enriquecedores na minha formação. E ainda ganhei um presente especial, a orientação do querido professor Everardo Paiva de Andrade, tão atencioso, humano e generoso, que sempre me faz lembrar de grandes mestres como Paulo Freire e Milton Santos. As conversas com ele e com o seu grupo de orientação compartilhada estão sendo uma grata surpresa. Além de Everardo, até agora, conheci mais duas professoras que também se tornaram importantes nessa travessia: Patrícia Sá e Larissa Viana, educadoras inspiradoras.

Sobre as autoras e os autores

ALEXANDRE TARAN SOBRINHO – Marido da Mazinha e pai da Sophia, é paulistano de nascimento, carioca por criação e habitante da Região dos Lagos por capricho do destino – tendo como residência São Pedro da Aldeia (RJ). Professor efetivo das redes públicas do município de Cabo Frio e do Estado do Rio de Janeiro, na segunda matrícula está o objeto de pesquisa que tenta materializar na dissertação do mestrado sobre o Colégio Estadual Miguel Couto. Botafoguense (apesar do Botafogo), amante de uma boa música, de um bom livro, de viagens com a família e curioso por natureza, resume seu relato com a tradução do refrão da música Story of my life, do Social Distortion, composta por Mike Ness: A vida passa tão depressa / Você só quer fazer o que acha certo / Feche os olhos e então é passado / (esta é a) História da minha vida.

CAMILA AMORIM MARIANO – Graduada em História pelo Consórcio CEDERJ / UNIRIO, professora da rede privada e mestranda do Profhistória na UFF.

EVERARDO PAIVA DE ANDRADE – Graduado em História, doutor em Educação, foi professor da escola de Educação Básica e diretor de CIEP no II Programa Especial de Educação/RJ. Atualmente é professor da Faculdade de Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação, na UFF, e do ProfHistória, em atividades articuladas ao projeto de pesquisa: “Trajetórias Docentes: narrativas da profissão na formação (inicial, continuada) de professores”. E-mail: everardoandrade@id.uff.br.

FABIO ANDRÉ CORRÊA ALVES – Graduado em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2001), atuou como pesquisador no projeto da Getty Foundation, em análise histórica de fotografias do século XIX da Coleção Thereza Christina Maria,

no setor de iconografia, da Fundação Biblioteca Nacional. Atualmente é professor de ensino fundamental, ensino médio e cursos preparatórios para vestibular ministrando aulas de história, sociologia e filosofia.

FELIPE FRAZÃO DA SILVA – Tem 38 anos, nasceu na cidade do Rio de Janeiro, criado na zona norte carioca, é mestrando em Ensino de História pelo PROFHISTÓRIA (UFF). Especialista em Ensino de História da África pelo Colégio Pedro II (CP2), gestor e educador Ambiental e bacharel e licenciado em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Atualmente é docente nas Redes Municipais de Araruama e Silva Jardim.

FLÁVIA JOVELINO DA SILVA – Graduada em História pela UERJ/FFP, professora da rede pública municipal no Rio de Janeiro, foi supervisora do PIBID em projeto coordenado pela Prof^a Carina Martins, da UERJ / Maracanã.

HOSANA DO NASCIMENTO RAMÔA – Doutoranda e mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal Fluminense. Pós-Graduada na Especialização em Educação Básica no Ensino de História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ/FFP). Possui Bacharelado e Licenciatura em História pela UFF. Integrante do Grupo de Pesquisa Currículo, Docência e Cultura (CDC) e do Núcleo de Estudos em Educação Democrática (NEED) da Faculdade de Educação da UFF.

IVAN LUÍS MARQUES MAIA – Professor de História desde 2012. Trabalhou na rede particular no município de Valença (ensino fundamental e médio e cursos pré-vestibulares), atualmente é professor no município de Vassouras (ensino fundamental). Atuou na rede pública do estado de Minas Gerais, em Rio Preto, e atualmente também é professor em Santa Rita de Jacutinga no ensino médio e na educação de jovens e adultos (EJA). Está

concluindo a pós-graduação em Educação em Direitos Humanos no IFRJ (CPIN) e é mestrando do ProfHistória (UFF).

JEAN PIERRE BORGES DE SOUZA – Graduado em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estácio de Sá (2015), atualmente é Professor de História do Centro Educacional Professor Elias. Tem experiência na área de História.

JULIANA PACHECO DE OLIVEIRA – É Mestranda em Ensino Profissional de História na UFF e licenciada em História desde 2006 pela Universidade Veiga de Almeida. Atuou durante 11 anos na rede Estadual do Rio de Janeiro e atualmente é professora efetiva de História das redes municipais de Cabo Frio e São Pedro da Aldeia. Há um ano está como coordenadora de educação escolar quilombola na Prefeitura Municipal de São Pedro da Aldeia, atuando na Formação Continuada da E.M. Quilombola D. Rosa Geralda da Silveira e na Formação de Educação Antirracista para toda a rede.

KESSY DA SILVA COSTA NASCIMENTO - Nasceu em Niterói-RJ, onde morou nos primeiros quatro anos de vida. Mudou-se São Gonçalo, com a família, ali fez seus estudos até a graduação. Formou-se na Faculdade de Formação de Professores (FFP/UERJ), em 2007. Começou a lecionar em 2004, tem hoje 18 anos ininterruptos de sala de aula. Em 2001, trabalhou como bolsista no Arquivo Nacional e em 2006 trabalhei no Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Em 2009, mudou-se para Ubatuba, no litoral norte de São Paulo, onde trabalhou por 2 anos na prefeitura. Em 2010 desenvolveu com um grupo de professores o “Projeto conhecendo nossos bairros”, premiado pela Secretaria de Educação do Município. Em 2012, foi convocada no concurso da SEEDUC-RJ, no município de Paraty, divisa com Ubatuba. Leciona atualmente no CIEP 999 – D. Pedro I – Primeiro Imperador do Brasil, para turmas de Ensino Fundamental II e Médio. Filha de Walter e Hortência, irmã da Kelly, esposa do André Luiz e mãe da Anyke Louise, que completa o sentido da vida. Essas são as principais

bases para ter alcançado todos os seus objetivos até aqui. Por vocês desistir nunca foi uma opção.

LORENA SILVA TATO – Graduada em História pela Universidade Federal Fluminense com ênfase em estudos relacionados à Brasil Republicano, atuou em projeto de iniciação à docência (PIBID) financiado pela CAPES, desenvolvendo projeto no Colégio Estadual Raul Vidal, incorporando novas tecnologias no ensino de História.

LUÃ DA SILVA MARINS FELIPE – Filho da Dona Marina, formado em História pela Universidade Federal Fluminense, Psicopedagogo pela Uniamérica, Mestrando em Ensino de História na Universidade Federal Fluminense e professor há dez anos.

MARCUS VINICIUS ROCHA VIEIRA – Professor de História da rede pública estadual e municipal do Rio de Janeiro, com experiência na rede privada e nas redes públicas municipais de São Gonçalo e de Rio Bonito. Graduado em História e pós-graduado em História do Brasil pela Universidade Federal Fluminense. Atualmente é mestrando em Ensino de História pela mesma universidade (ProfHistória/UFF) com pesquisa em Ensino de História Local e de História dos povos africanos e afro-brasileiros.

PATRÍCIA TEIXEIRA DE SÁ – Professora da Faculdade de Educação e do ProfHistória na Universidade Federal Fluminense. Integrante do Laboratório de Ensino de História da UFF (LEH-UFF) e do Grupo Oficinas de História. Pesquisa e ensina temas de Formação de Professores, Ensino de História e Educação e Mídia. E-mail: patriciasa@id.uff.br.

PEDRO HENRIQUE FERREIRA BAPTISTA BARUD CASQUEIRO – Professor de História formado pela UFF e mestrando do ProfHistória, atua na rede privada do Rio de Janeiro e é apaixonado pela sala de aula.

RONILSON OLIVEIRA PAULINO - Licenciado em História, mestrando do programa ProfHistória (Mestrado Profissional em Ensino de História) pelo núcleo UFF (Universidade Federal Fluminense). Vem desenvolvendo sua pesquisa na linha de “Linguagens e Narrativas Históricas: Produção e Difusão”, com o título “O ensino de história e a representação da mulher nas páginas do periódico “Jornal das Moças” (1930-1945): a utilização do podcast como narrativa histórica”, sob a orientação da professora Dr. Patrícia Teixeira de Sá. Professor da rede pública estadual do Espírito Santo, nos anos finais do ensino fundamental, e nas séries finais do ensino médio, e Professor Coordenador de Área (PCA) na mesma rede. Atualmente leciona as disciplinas de História, Sociologia e Projeto de Pesquisa (sendo estas duas últimas para o ensino médio).

RUBENS DA SILVA PINHO – Professor de História da rede estadual e municipal do Rio de Janeiro, educador popular do Pré-Universitário da Biblioteca Engenho do Mato. Graduado pela UFRJ e mestrando do ProfHistória.

SILVIA OLIVEIRA CARDOSO – Professora de História da rede municipal de Saquarema/RJ há 5 anos e meio. Licenciada e bacharel em História pela UFF e mestre em Comunicação pela mesma universidade. Atualmente, cursa o mestrado profissional em Ensino de História, no ProfHistória-UFF, desenvolvendo pesquisa sobre a construção de conhecimento coletivo com os(as) estudantes nas aulas de História na escola pública onde leciona, a E. M. Edilson Vignoli de Marins.

Em um momento recente desse processo de construção de narrativas autobiográficas, professoras e professores inscritos na disciplina de História do Ensino de História, no núcleo do Profhistória da UFF – confrontadas/os com a sugestão de que seriam criadoras/es de um capítulo secreto da história da história escolar, isto é, aquele que escrevem no cotidiano de suas aulas – foram convidadas/os a narrar essa história.

Everardo Andrade e Patrícia de Sá

A escrita dos memoriais de formação, apesar de já termos algumas décadas de trabalho e de significativa produção acadêmica na área, segue como um desafio para quem escreve e para a pesquisa em educação. Sua escrita implicada nos convoca a outros modos de viver a pesquisa, assumindo que estamos dentro dos processos de formação e de pesquisa, como docentes pesquisadores, construímos não o distanciamento necessário, mas a boa proximidade.

Inês Bragança

